

TRABALHOS
DA
SOCIEDADE
PORTUGUESA
DE
ANTROPOLOGIA
E
ETNOLOGIA

V

1931-32





TRABALHOS

DA

Sociedade Portuguesa

DE

Antropologia e Etnologia

VOLUME V

SUBSIDIADO PELA JUNTA DE EDUCAÇÃO NACIONAL



PÓRTO

Séde da Sociedade: RUA DE SANTA CATARINA, 261-1.º

1931-1932



26878

3622

TRABALHOS DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA



39 (05)
799
BIBLIOTECA
PORTO

VOL. V—FASC. I

SUBSIDIADO PELA JUNTA DE EDUCAÇÃO NACIONAL

PÓRTO. 1931

NUCLEO DE PERIODICOS

FLUP-BIBLIOTECA ()



769676

Trabalhos da Sociedade Portuguesa
de Antropologia e Etnologia

O XV CONGRESSO INTERNACIONAL DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA PREHISTÓRICA

EM

Coimbra e Pôrto

Ultrapassou tôda a expectativa, pela sua importância, o XV Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pre-histórica, realizado, simultâneamente com a IV sessão do Instituto Internacional de Antropologia, em Coimbra e no Pôrto, de 21 a 28 de Setembro de 1930.

A essa assembleia científica concorreram cêrca de 250 congressistas de vários países, como o Brasil, a China, Cuba, Egito, Espanha, Finlândia, França, Holanda, Inglaterra, Itália, México, Noruega, Polónia, Portugal, Suíça, Tchecoslováquia e Turquia. Algumas nações, como a França, a Itália e a Polónia, fizeram-se mesmo representar por delegações numerosas, e muitas delas vieram munidas de poderes dos respectivos governos, de Universidades e sociedades científicas, etc. Assim, nomearam delegados seus os governos de Bélgica, Cuba, Estados- Unidos, França, Itália, México, Mónaco, Noruega, Suíça e Tchecoslovaquia. Como era natural, o nosso país, sede do Congresso, esteve largamente representado.

Assuntos duma alta importância científica foram versados nas sessões do Congresso, estabelecendo-sê discussões do maior interêsse. O nosso país teve uma colaboração activa nos trabalhos científicos.

Inauguração do Congresso

No dia 21 de Setembro, de manhã, realizou-se, numa das salas da Universidade de Coimbra, uma reunião preparatória para estabelecer a ordem dos trabalhos, eleger os presidentes das secções, etc. Seguiu-se a visita dos congressistas à Biblioteca da Universidade e ao Instituto de Antropologia, no qual se inaugurou uma nova sala, de Etnografia colonial.

Às 15 e 45, efectuava-se na magestosa Sala dos Capelos, com toda a solenidade, a sessão inaugural do Congresso. Presidiu o sr. Ministro da Instrução de Portugal, ladeado, à direita, pelo prof. Leite de Vasconcelos, presidente da Comissão Executiva do Congresso, e por M. Pralon, Ministro da França em Lisboa, e, à esquerda, pelo prof. Fezas Vital, Reitor da Universidade de Coimbra, e M. Louis Marin, antigo Ministro e presidente do Instituto Internacional de Antropologia. Nas doutorais sentavam-se os delegados oficiais das várias nações, os presidentes dos *Comités* de Coimbra e do Pôrto, profs. Eusébio Tamagnini e Mendes Corrêa, o secretário geral do Congresso, prof. Alberto Pessoa, os secretários do Instituto Internacional de Antropologia, conde Bégouen, drs. Papillault e Weissgerber, etc.

Usaram sucessivamente da palavra, dirigindo saudações e pondo em relêvo a importância do Congresso, os srs.: Ministro da Instrução, que pronunciou um largo discurso em francês inaugurando os trabalhos e recordando o Congresso de Lisboa em 1880; Reitor da Universidade, que saudou os congressistas em português; Louis Marin, que proferiu um entusiástico discurso de saudação a Portugal; prof. Leite de Vasconcelos, que falou em nome da Comissão Organizadora portuguesa, aludindo ao desenvolvimento dos estudos antropológicos em Portugal; o sr. Chung Shee Lin, representante da China; prof. K. Hilden, da Finlândia;

prof. R. Verneau, da França; prof. Sergio Sergi, da Itália; prof. Schreiner, da Noruega; prof. Kleiweg de Zwaan, dos Países Baixos; prof. Stolyhwo, da Polónia; prof. Pittard, da Suíça; prof. Matiegka, da Tchéco-Slováquia; dr. Chevket-Azis, da Turquia; e conde Bégouen, que propôs uma saudação, unânime e aprovada, ao Marquez de Baye e Cazalis de Fondouce, sobreviventes do Congresso de 80.

Por proposta de M. Louis Marin foi endereçado um telegrama de saudação ao sr. Presidente da República Portuguesa. M. Marin comunicou também ter o Governo daquele país agraciado vários compatriotas nossos com diferentes condecorações, por motivo do Congresso. O sr. Ministro da França fez imediatamente a entrega das respectivas insígnias, a saber: a comenda da Legião de Honra ao prof. Leite de Vasconcelos, presidente do Congresso, o oficialato da Legião de Honra ao prof. Fezas Vital, Reitor da Universidade de Coimbra, o oficialato da Instrução Pública de França aos professores Eusébio Tamagnini, presidente do *Comité* de Coimbra, Mendes Corrêa, presidente do *Comité* do Pôrto, e Alberto Pessoa, secretário geral do Congresso, e as palmas académicas ao dr. Henrique de Miranda.

A sessão, que teve a maior imponência e decorreu no meio de vivo entusiasmo, foi muito concorrida, apesar de realizada numa época de férias, durante a qual Coimbra quasi se despovoou de elementos universitários, principalmente de estudantes.

Todos os congressistas ostentavam, na lapela ou sobre o peito, o emblema do Congresso, um coração em filigrana do Pôrto, de prata dourada, com as iniciais, em azul, do Instituto Internacional de Antropologia. Esse emblema, inspirado num motivo do folk-lore nacional, foi desenhado pelo sr. dr. Alberto de Sousa, do Instituto de Anatomia do Pôrto. Ele sugeriu a M. Marin, no seu discurso, uma passagem calorosa em que disse ser esse

emblema o símbolo feliz de que os Portugueses recebiam os seus hóspedes «com o coração».

À noite, M.^{me} Fezas Vital e o Reitor da Universidade deram uma recepção aos congressistas nos belos salões da Reitoria. Foi uma festa de requintada distinção, em que se dançou e conversou animadamente, sendo servida uma magnífica ceia aos convidados.

Trabalhos das secções em Coimbra

Na manhã de 22, iniciaram-se os trabalhos das secções. Estas tinham sido previamente fixadas do modo seguinte: 1.^a—Antropologia morfológica e funcional—Etnologia—Etnogenia; 2.^a—Paleontologia humana—Arqueologia Prehistórica; 3.^a—Hereditariedade—Eugenia—Grupos sanguíneos—Psico-sociologia—Criminologia—Criminalística; 4.^a—Etnografia—Folclore—Linguística—Religiões—Geografia humana. Esses trabalhos prosseguiram na tarde desse mesmo dia, em 23 e 24 às 10 horas, e em 25 às 10 e às 14 horas.

Na 1.^a secção, presidiram às sessões os srs. prof. Barros e Cunha, dr. Mac Auliffe, prof. E. Pittard, prof. Verneau, prof. Sergio Sergi e prof. E. Tamagnini. Na 2.^a secção ocuparam a presidência os srs. prof. Miles Burkitt, prof. Reygasse e prof. U. Rellini. Na 3.^a secção a presidência coube aos srs. prof. Matiegka, dr. Van Loon, prof. Mendes Corrêa, dr. Frets e prof. Frassetto. Emfim a 4.^a secção teve como presidentes os srs. prof. Leite de Vasconcelos, Pierre Abraham, prof. Kleiweg de Zwaan, Louis Marin, dr. E. Frankowski, prof. Vergílio Corrêa.

Foram feitas as seguintes comunicações:

1.^a Secção

LUÍS DE PINA (Pôrto)—Estudo sobre crânios de Portugueses açorianos.

AMÂNDIO TAVARES (Pôrto)—Dois casos de parietal bipartido.

IDEM—Sobre a frequência das formações interparietais do crânio humano.

CHEVKET-AZIS (Constantinopla)—100 crânios neolíticos.

CWIRKO-GODYCKI (Poznan)—Estudo antropológico dos Eslavos meridionais.

A. PÉRIER (Genève)—Factores anátomo-fisiológicos prováveis da involução dos molares humanos.

EDUARDO SANTOS (Coimbra)—A multiplicidade das artérias renais.

E. TAMAGNINI (Coimbra)—Estado actual dos nossos conhecimentos acerca da antiga população das Canárias.

MAC-AULIFFE (Paris)—O ouvido externo nos grandes músicos.

E. LOTH (Varsóvia)—Films cinematográficos das variações musculares observadas no vivo.

LEITE DE VASCONCELOS (Lisboa)—Os Seurbos, povo pre-romano de aquêem e de além Minho.

BARROS E CUNHA e A. THEMIDO (Coimbra)—Ossadas duma sepultura romana de Condeixa-a-Velha (Conimbriga).

G. PAPILLAULT (Paris)—Métodos, morfogramas.

MENDES CORRÊA e GONÇALVES DE AZEVEDO (Pôrto) — A mancha azul congénita nos recém-nascidos Portugueses.

MENDES CORRÊA e ALFREDO ATHAYDE (Pôrto) — Contribuição para a antropologia da Guiné Portuguesa.

V. SUK (Brno) — Sôbre dois fémures com uma deformidade rara.

E. TAMAGNINI (Coimbra) — Sôbre a distribuição geográfica de alguns caracteres fundamentais da população portuguesa actual.

CHEVKET-AZIS (Constantinopla) — Crânios da Ásia Menor.

HERNANI MONTEIRO, A. RODRIGUES e SOUZA PEREIRA (Pôrto) — Antropologia dos nervos periféricos.

LUÍS DE PINA (Pôrto) — A «pata de ganço» no Homem e nos Primatas.

BARROS E CUNHA e A. VIANA DE LEMOS (Coimbra) — Contribuição à craniologia de Angola.

A. THEMIDO (Coimbra) — O índice orbitário nos Portugueses.

BARROS E CUNHA (Coimbra) — Sôbre alguns crânios dos Kioekkenmoeddings de Mûgem.

M.^{me} STOLYHWO (Varsóvia) — Prognatismo alveolar.

COTTEVIEILLE-GIRAUDET (Paris) — Uma classificação das raças.

COL. BALLESTA (Roma) — Relatório preliminar sôbre um inquérito antropométrico do ministério das forças armadas do Estado italiano.

J. CZEKANOWSKI (Lwow) — A cronologia das séries crâniológicas e o mendelismo.

IDEM — Contribuição à carta antropológica da Europa.

K. HILDEN (Helsingfors) — O tubérculo darwiniano deve ser considerado um carácter de raça?

PITTARD (Genebra) e COMAS (Madrid) — Sôbre a platimeria dos Bochimanes-Hotentotes.

PITTARD e DONICI (Genebra) — Ensaio de reconstituição da estatura pelas dimensões do crânio.

PITTARD e DELLENBACH (Genebra) — O índice esquelético segundo o sexo, a idade e a estatura, nas crianças.

SERGI e PASTORE (Roma) — As variações da forma da órbita nos Hominídeos.

K. STOLYHWO (Varsóvia) — O problema dos tipos antropológicos.

2.^a Secção

TENENTE AFONSO DO PAÇO (Lisboa) — Nova estação do asturiense.

VERGÍLIO CORRÊA (Coimbra) — O paleolítico de Monsanto.

ED. GIRAUD (Paris) — Uma estação musteriense em Arcueil (Sená).

COTTEVIEILLE-GIRAUDET (Paris) — Relações da Europa e da América na idade da rena.

PEREZ DE BARRADAS (Madrid) — Influências africanas no paleolítico de Madrid.

PERICOT GARCIA (Valência) — O solutrense e aurinhacense da caverna do Parpallo.

RAYGASSE (Alger) — Morfologia do capsense na África do Norte.

L. SIRET (Cueva del Almanzora) — Classificação do paleolítico no sudeste da Espanha.

ZUPANICH (Ljubljana) — Uma estação paleolítica recentemente descoberta na Jugoslávia.

J. COELHO (Viseu) — Pinturas megalíticas.

J. KOSTREZWSKI (Poznan) — Pequenos instrumentos de sílex da Polónia, aparecidos junto de vasos cordados do éneolítico.

MANUEL HELENO (Lisboa) — Machados de pedra de grandes dimensões. (O seu comprimento é de 1^m,02, 0^m,90 e 0^m,88).

SAMY GABRA (Cairo) — Resultado duma escavação prehistórica no Egito.

MARRO (Turim) — Uma necrópole pré-histórica no Alto Egito. (Escavações recentes da missão italiana Farina-Marro).

IDEM — A arte animalista rupestre em Itália.

L. SIRET (Cueva del Almanzora) — Caracteres industriais do neo- e do éneolítico no sudeste da Espanha.

J. PINHO (Amarante) — Várias pedras oscilantes devem ser consideradas verdadeiros megálitos.

IDEM — Algumas sementes encontradas na estação éneolítica de Pepim, explorada pelo autor e onde pela vez primeira apareceu a *fava cilíndrica*.

PELLATI (Roma) — Carta arqueológica de Luca.

M. KOELLER — Objectos de cavernas de Marrocos e duma sepultura neolítica duma dessas cavernas.

ABBÉ FAVRET (Epernay) — Foice de bronze de tipo inédito.

SYLVIA SEECLEY (Canadá) — O jazigo de Combe Capelle.

KLEIWEG DE ZWAAN (Amsterdam) — Dois crânios do Museu de Amsterdam, de indígenas de Java, com pinturas vermelhas.

NICOLAESCU (Craiova) — Arte rupestre carpato-balkanica. (Nela há semelhanças com as insculpturas portuguesas e espanholas, mas predominam a figura humana e símbolos solares).

E. JALHAY (Lisboa) — Figuras zoomorfas na arte rupestre do noroeste da Península. (Aí se encontra a serpente ligada a símbolos solares).

JULIAN LOPES (La Guardia) — Ligeiras considerações sobre o problema paleolítico do Baixo Minho (Galiza).

M.^{ME} E. STOLYHWOWA (Varsóvia) — O homem epipaleolítico da Europa Central e da Península Ibérica.

3.^a Secção

CWIRKO-GODYCHY (Poznan) e N. KOSSOVITCH (Paris) — Investigações antropológicas e sorológicas sobre os cancerosos.

G. P. FRETZ (Rotterdam) — A hereditariedade da cor dos olhos no homem.

MENDES CORRÊA (Pôrto) — Sobre alguns esquemas da hereditariedade dos grupos sanguíneos.

LOUIS MARIN (Paris) — Coeficiente étnico das diferentes raças.

CORONEL CONSTANTIN (Lyon) — Influência da última guerra na criminalidade juvenil.

BERILLON (Paris) — Os factores da sociabilidade no homem e nos animais.

PAUL-BONCOUR (Paris) — Inquérito recente sobre a criminalidade juvenil parisiense.

CHEVKET-AZIS (Constantinopla) — Crânios de criminosos.

SPIRUS-GAY (Paris) — Do papel primordial dos estudos antropotécnicos e sua aplicação à eugénica.

DUJARRIC DE LA RIVIÈRE e KOSSOVITCH (Paris) — Relações entre os grupos sanguíneos e os dados antropológicos nos Israelitas de França e nos Franceses de diferentes regiões da França.

N. KOSSOVITCH (Paris) — Os grupos sanguíneos nos Franceses e as regras da hereditariedade.

JOÃO B. GONÇALVES (Bragança) — Estigmas de degenerescência em menores delinquentes anormais.

VAN LOON (Haia) e THURNWALD (Berlim) — O questionário bio-psico-morfológico para o estudo das raças.

K. STOLYHWO (Varsóvia) — Hereditariedade de certos caracteres morfológicos e influência do meio (resultados de investigações recentes no Brasil).

G. PAPILLAULT (Paris) — Questionário de psico-sociologia.

FERREIRA DA FONSECA (Lisboa) — Estudos médico-sociais sobre menores anormais e delinquentes.

M.^{ME} ANDRÉ (Paris) — Sobre a delinquência feminina.

4.^a Secção

LOUIS MARIN (Paris) — Estudos étnicos e ensino moral.

CORONEL CONSTANTIN (Lyon) — Observação sobre o folclore matrimonial na Lorena.

FERNANDO C. PIRES DE LIMA (Pôrto) — A medicina popular em S. Simão de Novais.

LUÍS DE PINA (Pôrto) — Os remédios imundos na terapêutica popular.

KLEIWEG DE ZWAAN (Amsterdam) — Prognóstico do sexo segundo os métodos dos indígenas da Insulíndia.

J. BETHENCOURT FERREIRA e J. R. DOS SANTOS JÚNIOR (Pôrto) — Sobre o ofidismo em Portugal — Medicina popular das mordeduras de serpente.

JOSÉ DE PINHO (Amarante) — Sobrevivências do culto fálico e as festas religiosas a S. Gonçalo de Amarante.

LOUIS MARIN (Paris) — Cartas etnográficas.

VERGÍLIO CORRÊA (Coimbra) — A carta dos trajés regionais portugueses.

BARROS E CUNHA (Coimbra) — Nota sobre algumas crenças e fórmulas populares (flôr do feto real).

E. FRANKOWSKI (Poznan) — A Cabaça e sua importância para a cultura humana. (Esta comunicação será publicada na íntegra na nossa revista).

COTTEVIEILLE-GIRAUDET (Paris) — Os antecedentes da arte pele-vermelha.

J. DE MACEDO (Lisboa) — Etnografia económica.

L. SIRET (Cueva del Almanzora) — Os cavalos de Numância e os mitos gregos.

M.^{lde} FERNANDA MATOS CUNHA (Pôrto) — Cerâmica popular de Barcelos.

NICOLAESCU-PLOPSOR (Craiova) — A caça ao gavião na Roménia.

Excursões a Condeixa e Figueira

No dia 22, segundo dia do Congresso, realizou-se a excursão a Condeixa-a-Velha, a antiga *Conimbriga*, onde o prof. Vergílio Correia, da Faculdade de Letras de Coimbra, tem realizado importantes escavações, subsidiadas por aquela Faculdade e pela Junta de Educação Nacional. Pelas 15 e 30 os congressistas partiram em *auto-cars* para aquela estação luso-romana e ali, acompanhados por aquele professor, que forneceu largas explicações, examinaram detidamente a porta agora desentulhada, o pórtico dum templo, os restos das habitações, os restos da poderosa muralha, alguns belos mosaicos recentemente descobertos, etc. O povo da localidade fez um carinhoso acolhimento aos congressistas, havendo interessantes danças e descantes regionais, em que participaram alguns estudantes de Coimbra que tinham acompanhado a excursão.

O regresso a Coimbra fez-se ao fim da tarde, realizando-se ali, à noite, no teatro Avenida, um espectáculo cinematográfico oferecido aos congressistas, no qual foi exibida a interessante fita portuguesa «Maria do Mar», com sugestivos aspectos folclóricos.

A excursão à Figueira da Foz efectuou-se no dia 25, o último da estada em Coimbra. Partiram para ali os congressistas às 13 horas, sendo aguardados pelas autoridades e pessoas de re-

EXCURSÃO A CONDEIXA-A-VELHA



Aspecto da muralha de Conimbriga



Porta de Conimbriga ultimamente desobstruída

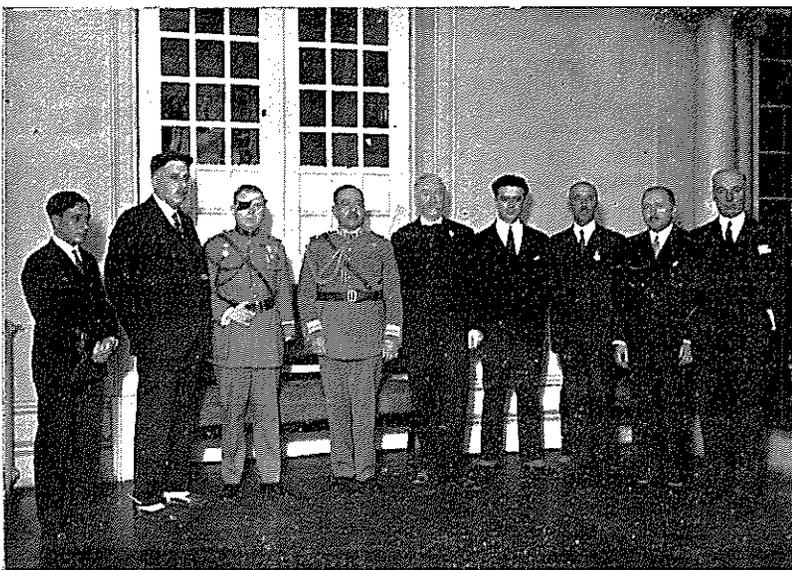
Os clichés que ilustram esta notícia são dos srs. drs. Luis de Pina, Alberto de Souza e Souza Feiteira, e dos srs. A. Ferreira e Platão Mendes. Os relativos a Muge são do sr. prof. Reygasse.

EXCURSÃO A CONDEIXA-A-VELHA



Nas recentes escavações em Conimbriga

VISITA DE M. MARIN AO PÔRTO



O presidente do Instituto Internacional de Antropologia com as autoridades e Comitê do Pôrto, antes do almoço no Club Portuense

apresentação daquela cidade em Santo Aleixo. Visitaram em primeiro lugar o dolmen de Carniçosas, sendo ali inaugurada uma lápide comemorativa da visita. Descerrou a lápide M. Louis Marin, que proferiu algumas palavras de agradecimento.

Danças populares, o «Malhão» e a «Caninha Verde», que rapazes e raparigas da região executaram naquele local, interessaram vivamente os congressistas.

Em seguida, estes foram recebidos solenemente na Câmara Municipal da Figueira, sendo saudados pelo presidente da Câmara, sr. José Fonseca, e pelo conservador do Museu Santos Rocha, sr. dr. José Calado. O sr. dr. Calado, que já acompanhara os congressistas na visita ao dolmen das Carniçosas, fornecendo-lhes tôdas as explicações necessárias, foi também o seu *cicerone* na visita, que se seguiu ao importante Museu Arqueológico Santos Rocha. Aqui, os congressistas interessaram-se particularmente pelas belas coleções de cerâmica de Santa Olaia e de ídolos-placas.

Ao fim da tarde foi servido um «Pôrto de Honra» no Casino Internacional da Figueira, regressando os congressistas à noite a Coimbra.

Festas em Coimbra

Além da recepção na Reitoria da Universidade e do espectáculo cinematográfico no teatro Avenida, recepção e espectáculo a que já nos referimos, houve outras festas em Coimbra em homenagem aos congressistas.

Assim, na noite de 23, realizou-se na Reitoria da Universidade um magnífico banquete, oferecido pelo Reitor aos delegados oficiais ao Congresso. O sr. prof. Fezas Vital dava a direita a M. Pralon, Ministro da França, e ao sr. Governador Civil de Coimbra, e a esquerda a M. Louis Marin, presidente do Instituto

Internacional de Antropologia, e prof. Monteiro de Barros, director geral da Instrução Superior, representante do ministro da Instrução. Noutros lugares sentavam-se diversas autoridades locais, cónsules, directores das Faculdades, membros das comissões organizadoras do Congresso, etc. Aos brindes, usaram da palavra, sucessivamente, os srs. reitor da Universidade, Marin, Monteiro de Barros, Governador Civil, Sergio Sergi, Stolyhwo, Casanova, representante da Associação Académica e Ministro da França. Trocaram-se as mais afectuosas saudações, manifestando os delegados estrangeiros presentes o maior reconhecimento pela esplêndida recepção na vetusta Universidade portuguesa, cuja magnificência muito impressionou os visitantes.

Os congressistas que não assistiram ao banquete, tiveram, na mesma noite, o ensejo de presenciar, no Parque da Cidade, um excelente festival, que foi muito concorrido. A Banda Aveirense, sob a regência do sr. dr. Vasco Rocha, executou um apreciado programa, queimou-se um belo fogo de artifício e o Parque estava profusamente iluminado.

Na tarde do dia 25 efectuou-se a recepção pela Municipalidade de Coimbra. Usaram da palavra o sr. dr. Santos Jacob, presidente da Câmara, que saudou os congressistas, e os professores Matiegka e Casanova que responderam, agradecendo o carinhoso acolhimento da cidade. Foi servido um Pôrto de Honra e dançou-se animadamente, havendo na sala muitas damas que imprimiam um grande realce à festa.

Pelas 10 horas da noite desse mesmo dia partiram os congressistas para o Pôrto em combóio especial, que chegou ali pela meia hora da noite. O ilustre prof. Kleiweg de Zwaan, de Amsterdam, um dos vice-presidentes do Instituto Internacional, não pôde, com sua espôsa, acompanhar os congressistas àquela cidade, porque adoecera, felizmente sem gravidade, já podendo seguir para Lisboa no dia 29.

Visita de M. Marin ao Pôrto

Também M. Louis Marin não pôde seguir com os congressistas para o Pôrto, porque tivera de retirar na véspera para França, onde o chamavam deveres oficiais impreteríveis. Quis, porém, o ilustre presidente do Instituto Internacional de Antropologia testemunhar ao Pôrto, à sua Universidade e ao *Comité* portuense do Congresso a sua consideração e simpatia, indo no dia 23, depois de iniciadas as sessões de trabalhos da manhã em Coimbra, à capital do norte. Fêz a viagem a esta em automóvel, na companhia do prof. Mendes Corrêa, presidente do *Comité* do Pôrto.

Este *Comité* ofereceu ao presidente do Instituto Internacional de Antropologia um almôço no Club Portuense. M. Marin era aí aguardado pelos srs. tenente-coronel Nunes da Ponte, governador civil do Pôrto, prof. Sousa Pinto, reitor da Universidade, Ricardo Spratley, presidente da Associação Comercial, representantes do comandante da 1.ª Região Militar, do cónsul de França e da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, membros do *Comité* portuense do Congresso, jornalistas, etc.

Antes do almôço, o sr. Marin fêz a imposição das insígnias do oficialato da Legião de Honra, ao sr. prof. Sousa Pinto, Reitor da Universidade do Pôrto.

O almôço, em que tomaram parte as personalidades acima indicadas, decorreu com a maior cordialidade, brindando o presidente do *Comité* do Pôrto a M. Marin, que, com a sua costumada eloquência, agradeceu, recordando uma sua anterior visita a esta cidade. Fizeram também saudações os srs. Reitor da Universidade, Governador Civil, Presidente da Associação Comercial e Cónsul da França.

Após o almôço, M. Marin visitou a Agência da Liga dos

Combatentes, onde deixou a dádiva de 1.000 francos para o cofre das pensões, a Universidade, o Instituto de Antropologia e a Associação Comercial, retirando, pelas 5 horas da tarde, para Coimbra.

De Medina del Campo, regressando a França, M. Marin enviou telegramas de agradecimento e despedida aos governadores civis de Coimbra e Pôrto, aos reitores das Universidades e aos presidentes dos *Comités* do Congresso.

Recepção dos congressistas na Universidade do Pôrto

No dia 26, pelas 10 horas da manhã, eram os congressistas recebidos na Universidade do Pôrto, realizando-se uma sessão de boas-vindas no salão da Biblioteca da Faculdade de Ciências. O sr. Reitor da Universidade, tendo à direita o prof. E. Pittard, de Genebra, e à esquerda o prof. Leite de Vasconcelos, dirigiu uma saudação aos congressistas, lembrando a actividade por-tuense no domínio dos estudos antropológicos. Respondeu, agradecendo e exaltando essa actividade, o prof. Pittard.

Em seguida, os congressistas espalharam-se pelo edificio, visitando especialmente o Instituto de Antropologia, onde examinaram com particular interesse as colecções do paleolítico de Elvas, do asturiense minhoto, de Alvão e Alpiarça, de arte rupes-tre, e a colecção do mesolítico irlandês, cedida por Mr. Blake Whelan.

A visita oficial ao Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina realizou-se na manhã seguinte, depois das sessões de trabalhos. Os congressistas foram ali recebidos pelo pessoal científico respectivo, tendo o director do Instituto, sr. prof. Joaquim Pires de Lima, dirigido uma alocução aos visitantes, que recolheram a mais grata impressão.

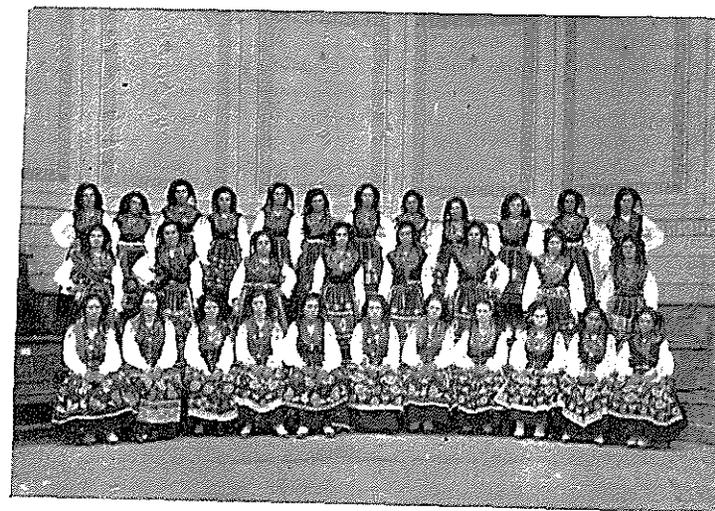
Tanto este Instituto como o de Antropologia da Faculdade de Ciências distribuíram pelos congressistas brochuras sôbre a

NA UNIVERSIDADE DO PÔRTO



Alguns congressistas no Instituto de Anatomia

FESTA FOLKLÓRICA NO PALÁCIO DE CRISTAL



Grupo de camponesas de Viana do Castelo

EXCURSÃO A GUIMARÃES



Em frente da Sociedade Martins Sarmento



A visita dos congressistas ao jardim da Sociedade

sua actividade científica, sendo a do primeiro elaborada pelo sr. prof. Hernâni Monteiro. Também na Secretaria do *Comité* português foram distribuídas belas *plaquettes* ilustradas contendo uma notícia em francês, do sr. dr. Ruy de Serpa Pinto, sobre o Pôrto e seus monumentos, com várias estampas e uma carta da cidade.

Sessões plenárias de trabalhos no Pôrto

Acordara-se previamente entre os *comités* de Coimbra e do Pôrto que naquela cidade seriam efectuadas as reuniões das secções, ao passo que no Pôrto se realizariam as sessões plenárias de trabalhos. Assim sucedeu, tendo sido, porém, necessário repartir a apresentação destes últimos pela sala «Gomes Teixeira» e pelo anfiteatro de Física da Faculdade de Ciências, consoante eram desnecessárias ou necessárias projecções luminosas.

As sessões referidas realizaram-se nas manhãs de 26 e 27, e na tarde de 26, tendo presidido os srs. professores Paul-Boncour, conde Bégouen, René Verneau, Pittard, Hernâni Monteiro e rev. Jalhay.

Nas sessões efectuadas na sala «Gomes Teixeira» foram apresentados os seguintes trabalhos:

FABIO FRASSETTO (Bolonha) — Seriações binomiais simétricas.

G. HERVÉ (Paris) — Da existência dum tipo humano de caracteres verosimilmente negróides nos concheiros mesolíticos do vale do Tejo.

S. PONIATOWSKI (Varsóvia) — Origem da incineração dos mortos.

J. PIRES DE LIMA e CONSTÂNCIO MASCARENHAS (Pôrto) — Contribuição para o estudo da antropologia da Guiné Portuguesa.

MAC-AULIFFE (Paris) — Determinismo dos sexos. Estudos estatísticos.

J. BETHENCOURT FERREIRA (Pôrto) — Nova contribuição sobre o índice crânio-mandibular.

VAN LOON (Haia) — Observações e experiências sobre o papel dos instintos na criança.

ROQUETTE PINTO (Rio de Janeiro) — Os tipos antropológicos no Brasil.

F. FRASSETTO (Bolonha) — Determinação matemática das formas do crânio humano.

A. ATHAYDE (Pôrto) — Um índice para a diagnose sexual do crânio.

IDEM — Sobre algumas ossadas pré-históricas da gruta do Carvalhal.

J. BETHENCOURT FERREIRA (Pôrto) — Os sinais serpentiformes na arte rupestre.

R. SERPA PINTO (Pôrto) — Cartas de Portugal pré-históricas.

C. FERREIRA (Praia, Cabo Verde) — Crítica à reacção de Manoiloff para a separação etno-antropológica e para a investigação da paternidade.

MENDES CORRÊA (Pôrto) — Arte rupestre no NO. da Península Ibérica.

IDEM — Nota sobre o mobiliário cerâmico de sepulturas da idade do ferro de Alpiarça.

H. PINTO DE LIMA (Lisboa) — A agricultura no Egito primitivo.

FROIS DE ABREU (Rio de Janeiro) — Os conhecimentos actuais da pré-história no Brasil e muito particularmente sobre os Sambaquis.

Na sala das projecções foram apresentados os seguintes trabalhos:

SERGIO SERGI (Roma) — O homem de Neandertal em Itália.

PIERRE ABRAHAM (Paris) — A dissimetria lateral do rosto humano.

M.^{lde} E. CABRÉ HEREROS (Madrid) — O problema da cerâmica com incrustações de cobre e âmbar de Las Cogotas e da Península Ibérica.

J. CABRÉ (Madrid) — A cerâmica pintada de Azaila.

LEITE DE VASCONCELOS (Lisboa) — Superstições de rios encarradas genéticamente.

ALBERTO SOUTO (Aveiro) — Vestígios pré-históricos da Serra do Arestal.

IDEM — As insculpturas dos Fornos dos Moiros.

REYGASSE (Argel) — Gravuras rupestres do Saará Central (Hoggar).

L. SIRET (Cueva del Almanzora) — Origem e significação da decoração espiral.

PEREZ DE BARRADAS (Madrid) — Trabalhos realizados pelo Serviço de Investigações Pré-históricas do Ayuntamiento de Madrid em 1929 e 1930.

MANUEL HELENO (Lisboa) — Tampas sepulcrais insculptadas da idade do bronze.

RIBOT (Blidah) — Novas gravuras rupestres do círculo de Gercyville.

J. R. SANTOS JÚNIOR (Pôrto) — As serpentes gravadas do castro de Baldoeiro (Moncôrvo).

CONDE BÉGOUEN (Toulouse) — A técnica das gravuras e das pinturas das grutas pirenaicas.

Festas no Pôrto

Pelas 3 horas da tarde do dia 26, após os trabalhos desse dia, realizou-se no Palácio da Bôlsa uma recepção dos congressistas pela Associação Comercial do Pôrto, à qual assistiram também muitas senhoras da melhor sociedade portuense.

No esplêndido Salão Árabe da Bôlsa, completamente cheio, tomou a presidência da mesa o presidente da Associação, sr. Ricardo Spratley, ladeado pelo prof. Matiegka, de Praga, pelos presidentes das comissões organizadoras do Congresso e pelas autoridades locais. O sr. R. Spratley dirigiu uma saudação aos congressistas, à qual respondeu, agradecendo, o prof. Matiegka. Foi, em seguida à sessão, servido um primoroso chá, dançando-se animadamente.

À noite, efectuou-se nos jardins do Palácio de Cristal, agradavelmente iluminados, uma brilhante festa folclórica, organizada pelo *Comité* portuense.

O *Orfeão Lusitano*, sob a regência do maestro sr. Afonso Valentim, cantou, entre outras peças, uma colectânea de canções populares portuguesas e o câro religioso popular da Póvoa de Lanhoso, *Misericórdia, Senhor!* recolhido pelo prof. Gonçalo Sampaio.

Um grupo de 8 camponeses de Miranda do Douro, com os seus trajes tradicionais, executou a interessante *dança dos paulitos*,

acompanhada a gaita de foles, tamboril e bombo, e batendo ritmicamente os paulitos uns nos outros. Foram vários os bailados ou *laços* executados: *Las calles de Roma, Enramada, a Bêrde, o Vinte e Cinco, o acto de Contrição, os Ofícios, a Lebre, as Pombas, o Canário, o Bilhano, o Touro, o Mirandum, a Erva*, etc. Estas danças estão hoje circunscritas à região de Miranda.

Três grupos de camponeses e camponesas dos arredores de Viana do Castelo (Santa Marta, Areosa e Carreço), envergando elas os seus trajes policrómicos, dançaram o *Vira*, o *Malhão* e o *Pretinho*, que suscitaram o entusiasmo dos estrangeiros presentes.

Em seguida queimou-se no lago um magnífico fogo aquático e, por fim, no parque, um deslumbrante fogo do ar, sendo, tanto aquele como êste, dum pirotécnico de Viana do Castelo.

Na tarde do dia 27 efectuou-se a visita dos congressistas aos armazens da Real Companhia Vinícola do Norte de Portugal, em Vila Nova de Gaia. A direcção da Companhia recebeu galhardamente os visitantes, patenteando-lhes as suas importantes instalações e oferecendo-lhes um bem servido Pôrto de Honra, em que os congressistas saborearam espécimenes de autêntico e excelente «Pôrto» velho. O sr. José Lelo, pela direcção da Companhia, brindou aos congressistas, retribuindo a saudação os srs. conde Bégouen e prof. Mendes Corrêa.

Ao banquete final do Congresso, oferecido pela Municipalidade do Pôrto, será adiante feita referência especial.

Resoluções finais e encerramento do Congresso

Depois de várias reuniões preparatórias, realizou-se pelas 14 horas do dia 27 no salão da Biblioteca da Faculdade de Ciências do Pôrto a assembleia geral, não apenas dos membros do Instituto Internacional, mas de todos os congressistas.

Por designação do Conselho presidiu o sr. prof. Mendes Corrêa,

secretariado pelos srs. prof. Papillault, conde Bégouen, dr. Mac-Auliffe e prof. Weissgerber, secretários e tesoureiro do Instituto Internacional.

Foi aprovada por unanimidade uma moção, assinada por muitos antropologistas, no sentido de que o estudo da Antropologia seja incluído no ensino médico.

Foi aprovado um voto da 3.^a secção para a constituição duma comissão que proceda ao estudo das relações do cancro com os grupos sanguíneos. Foram designados para essa comissão os srs. Godicki (Poznan), Kossovitch (Paris), Lattes (Modena), Mac-Auliffe (Paris), Mendes Corrêa (Pôrto), Niceforo (Roma) e Pittard (Genebra).

Tornado conhecido o resultado da votação feita pelo júri respectivo, foi proclamado o P.^o Teilhard de Chardin, como o laureado com o «Prémio Holandês» do Instituto (10.000 francos), e, do mesmo modo, o «Prémio d'Àult-du-Mesnil» (1.800 francos) foi conferido a M. Octobon.

Tendo-se, no decurso do Congresso, estabelecido discussões sôbre o modo como se fizera o restabelecimento, pelo Instituto, dos antigos Congressos Internacionais de Antropologia e Arqueologia Prehistórica, a assembleia votou, apenas com algumas abstenções, que o Congresso de Portugal era, sem dúvida, o XV dessa série e que, em consequência dum convite do Marechal Lyautey, se realizaria em 1931, em Paris, por ocasião da Exposição Colonial, uma sessão extraordinária do Instituto Internacional de Antropologia que seria a 5.^a da respectiva série e, concomitantemente, um prolongamento do Congresso de Portugal. Foi designada uma comissão constituída pelos membros do Conselho dos antigos Congressos, pelo presidente do Instituto e por M. Myers, do Real Instituto Antropológico de Inglaterra, para levar à reunião de Paris uma proposta sôbre a organização dos futuros Congressos. Resolveu-se ainda que na reunião de Paris

EXCURSÃO A GUIMARÃES

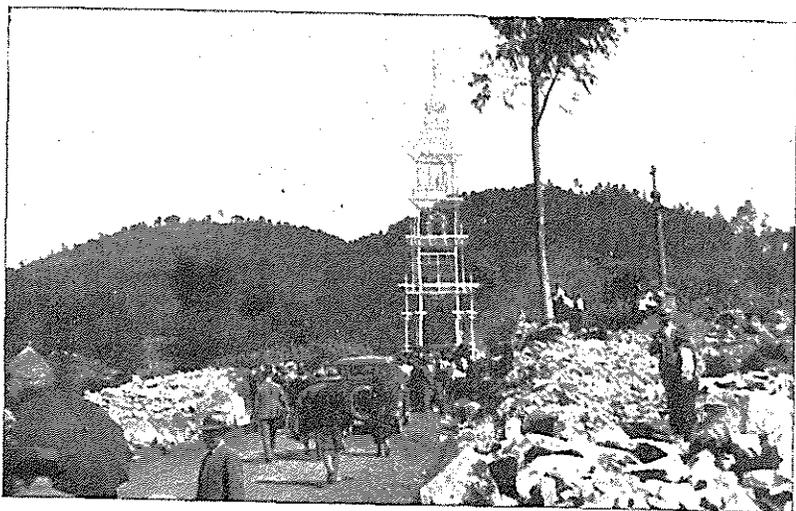


A multidão aguardando os congressistas à chegada à Sociedade Martins Sarmento



No jardim da Sociedade Martins Sarmento

EXCURSÃO A BRITEIROS



Recepção popular em Briteiros
(Ao fundo e à direita, ergue-se o monte da Citânia)



Nas ruínas da Citânia

fôsem admitidos, como na de Portugal, além dos membros do Instituto, congressistas não filiados neste.

Por proposta da presidência, foi votada uma saudação aos srs. prof. Alfredo Bensaúde e José Caldas, membros activos do Congresso de Lisboa de 1880, ainda felizmente vivos.

Também por proposta do presidente, a assembleia se conservou um minuto em silêncio, como manifestação de pesar pelo falecimento, na véspera, do professor da Universidade do Pôrto, sr. dr. Augusto Ferreira Nobre.

Porfim, por proposta do prof. Sergio Sergi, foi aprovado um voto de pesar pelo falecimento, em 1926, do saudoso antropologista português, prof. Aurélio da Costa Ferreira.

Terminada a assembleia geral, realizou-se, na mesma sala, a sessão solene de encerramento. Assumiu a presidência o sr. dr. Antunes Guimarães, Ministro do Comércio, ladeado pelos professores R. Verneau e Leite de Vasconcelos, Monteiro de Barros, director geral do Ensino Superior, Reitor da Universidade do Pôrto, Governador Civil, Comandante da Região, mesa do Instituto Internacional, e outras individualidades oficiais.

Usaram da palavra, congratulando-se com o êxito do Congresso, os srs. Ministro do Comércio, prof. Sousa Pinto (reitor da Universidade), conde de Bobone (em nome de S. A. o Príncipe de Mônaco), prof. René Verneau e porfim o prof. Leite de Vasconcelos que expôs, numa breve súpula, os trabalhos realizados, declarando encerrada a sessão de Coimbra e Pôrto do Instituto e do XV Congresso.

Conferência na Sociedade de Antropologia

À noite, na Faculdade de Ciências, em sessão científica da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, realizou o prof. K. Stolyhwo, de Varsóvia, uma conferência sobre «A aná-

lise dos tipos antropológicos pelo método dos cortes». Este trabalho, de muito interesse, será publicado na nossa revista.

A conferência do prof. Stolyhwo atraiu a esta sessão da Sociedade muitos ilustres congressistas estrangeiros, alguns dos quais seus sócios correspondentes. Por êsse motivo o presidente, prof. Mendes Corrêa, além das palavras de saudação e agradecimento dirigidas ao conferente, teve-as ainda para com aqueles congressistas, congratulando-se com a sua presença no seio da nossa colectividade, que com ela muito se honrou.

Excursão a Guimarães e Briteiros

Pelas 8 horas da manhã de domingo 28, partiram os congressistas, em *auto-cars*, do Pôrto para Guimarães. O percurso passou-se em animada troca de impressões e comentários à paisagem, apenas interrompidos por uma paragem em Santo Tirso, onde os doces regionais tiveram farta procura.

Guimarães em festa recebeu os seus hóspedes com um cunho de franqueza e simpatia que os encantou, ao som de bandas de música e festivos repiques de sinos. E foi por entre alas compactas de vimaranenses que os congressistas, cobertos de flores, atravessaram do Toural para o edificio da Sociedade Martins Sarmiento. Ai o dr. Eduardo de Almeida, presidente da Sociedade, apresentou as boas-vindas, retribuídas pelo prof. Frankowski, recordando a visita dos membros do Congresso de 1880, ainda em vida do egrégio epónimo dr. Francisco Martins Sarmiento.

O exame das ricas colecções epigráficas e arqueológicas do Museu ocupou estrangeiros e nacionais por largo espaço. Prenderam especialmente a atenção: o *Colosso de Pedralva*; a *Pedra formosa* e outras esculturas de Briteiros, e de Sabroso; as estátuas de guerreiros calaicos e algumas aras de deuses indígenas. A colecção de machados de bronze, estudados pelo eng. L. Siret,

EXCURSÃO A BRITEIROS



A nova «Pedra Formosa» descoberta na Citânia dias antes da visita



A casa de Martins Sarmiento em Briteiros
(À esquerda da porta vê-se a lápide comemorativa da visita do Congresso)

EXCURSÃO A BRITEIROS



Grupos de camponeses que entram, dançando, no terreiro do solar de Sarmento



Um congressista estrangeiro entre camponesas de Briteiros

que fazia parte da excursão; as excelentes séries de cerâmica eneolítica da Penha, e castreja de Sabroso e Briteiros; os instrumentos de bronze destas duas últimas estações, e muitos outros exemplares, passaram rapidamente aos olhos de todos.

De caminho para Briteiros, onde as mesmas manifestações acolhedoras se repetiram, os congressistas folheavam um perfeito guia ilustrado da *Citânia* de Briteiros e de Sabroso, organizado pelo sr. Capitão Mário Cardoso e oferecido pela Sociedade Martins Sarmento.

Após a visita ao túmulo do dr. Martins Sarmento, subiu-se ao monte da *Citânia* pela estrada agora construída, mercê da boa vontade do sr. Ministro do Comércio, que em Guimarães esperava também os congressistas.

A meio da encosta via-se um notável monumento, descoberto pouco antes pelo dr. Freitas Ribeiro. Apresenta um frontão do mesmo tipo da *Pedra formosa*, esclarecendo o debatido problema da sua posição. Continuou-se a subida, agora pela calçada primitiva, marginada por um caneiro vindo da fonte da *Citânia*, cujo rebôrdô mostra o desgaste proveniente do enchimento dos cântaros.

Com a ajuda da planta e a esclarecida informação dos membros da Sociedade, percorrem-se os bairros da *Citânia*, onde o architecto Baltazar de Castro procedera a obras de conservação. Nota-se aqui uma casa circular, além uma inscrição indígena, ou admira-se a muralha.

Regressando ao sopé do monte, no terreiro da Casa da Ponte, onde há 50 anos Martins Sarmento recebeu os congressistas de então, descerra-se uma lápide comemorativa da visita dos dois Congressos Internacionais a Briteiros.

Em seguida tem lugar o almoço, durante o qual se assiste a um arraial minhoto. Ouvem-se descantes, extasiam-se todos na pureza das danças regionais e é queimado fogo de bonecos. Um

grupo de camponeses entrava no terreiro do solar dançando a «Descançada». O mesmo grupo dançou também o «Vira», a «Tricana» e a «Chula», sendo as danças acompanhadas com descantes, ao som de violas, violões, cavaquinho, rabecas, clarinete, flauta e os «macacos», conjunto orquestral a que chamam «festada».

Sobre estas danças, escreveu a ilustre escritora M.^{me} Noelle Rojer, congressista: «Dire que j'aurai pu vivre et mourir sans être venue à Briteiros, sans avoir vu ces danses qui atteignent à l'art plus noble et le plus émouvant — à force de pure simplicité...»

Um artista francês, o sr. V. Lhuer, que assistiu às danças de Guimarães, declarou ter vivido ali uma das horas mais belas da sua vida. «E no entanto, acrescentou, vira muitas coisas».

Alguns congressistas, interessados pelo que viram na Citânia, empreendem nova ascensão. Pela tardinha, regressa-se ao Pôrto.

Banquete final, no Pôrto

Após o regresso de Guimarães e Briteiros, realizou-se no Grande Hotel do Pôrto um excelente banquete oferecido a todos os congressistas pela Municipalidade portuense.

A sala apresentava um aspecto magnífico, vendo-se muitas damas. Na mesa de honra sentavam-se, dum e doutro lado do sr. capitão Fernando Brandão, representante da Câmara Municipal, os srs. Ministro do Comércio, prof. Monteiro de Barros (representando o sr. Ministro da Instrução), prof. René Verneau, M.^{me} Pittard, Governador Civil do Pôrto, Comandante da 1.^a região militar, Reitor da Universidade do Pôrto e prof. E. Pittard.

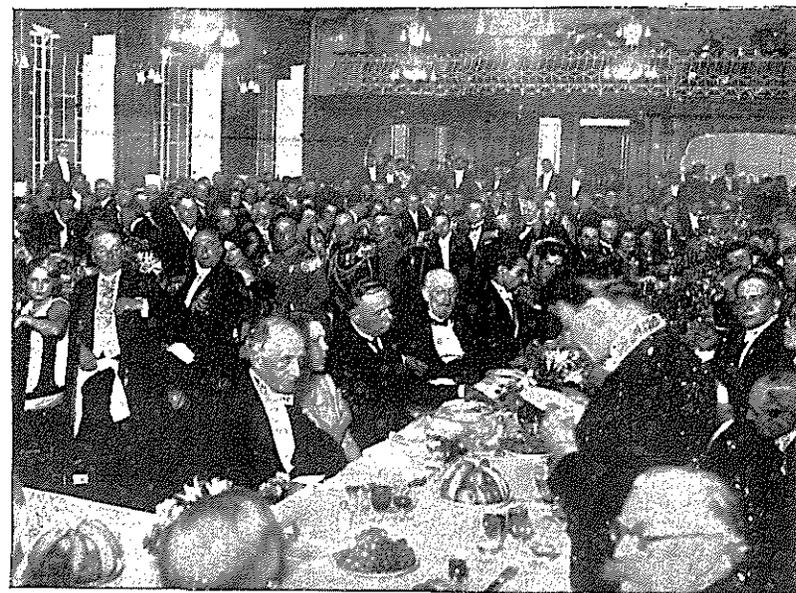
Proferiram brindes, exprimindo a sua congratulação pelo êxito do Congresso, formulando saudações de despedida e votos pela solidariedade dos investigadores da Antropologia, os srs. representante da Municipalidade do Pôrto, Ministro do Comércio,

EXCURSÃO A BRITEIROS



As danças populares em Briteiros

BANQUETE FINAL, NO PÔRTO



Um aspecto da sala

BANQUETE FINAL, NO PÓRTO



A mesa da presidência

NO PÓRTO



Grupo de congressistas prestando homenagem aos Mortos da Guerra

representante do Ministro da Instrução, Mendes Corrêa, Pittard, Casanova, Miss Sceeley, Sérgio Sergi, Hilden, Czekanowski, Renato Locchi, Luís de Pina, José de Pinho, etc.

Foi uma bela festa de confraternização, em que tomaram parte cêrca de 200 convivas e após a qual, no *hall* do Hotel, se dançou animadamente.

Em Lisboa

A 29 partiram para Lisboa os congressistas, onde visitaram os vários Museus, especialmente o Etnológico de Leite de Vasconcelos, o dos Serviços Geológicos e o do Carmo, sendo recebidos no dia 30 no Palácio de Belem pelo sr. Presidente da República, ao qual foram apresentados individualmente, dirigindo-se em seguida à Câmara Municipal de Lisboa, onde lhes foi feita uma carinhosa recepção, na qual se trocaram calorosas saudações.

Excursão a Muge

Um numeroso grupo de congressistas aceitou o convite que o prof. Mendes Corrêa lhes dirigiu, em nome do *Comité* portuense, numa reunião da secção de Prehistória do Congresso, para visitarem as novas escavações que o referido professor está realizando nos concheiros mesolíticos de Muge, com subsídio da Junta de Educação Nacional.

Essa visita efectuou-se no dia 1 de Outubro. Tendo chegado de manhã a Santarém, os congressistas visitaram as Portas do Sol e alguns monumentos da cidade, almoçando em seguida no Hotel Central. Findo o almoço, o grupo dirigiu-se em *auto-car* para Muge, visitando, em primeiro lugar, na margem direita da ribeira, o concheiro do Cabeço da Arruda, e, depois, na margem

esquerda, o concheiro do Cabeço da Amoreira, onde se estão efectuando as actuais escavações. De passagem, viram a Fonte do Padre Pedro e a Moita do Sebastião. No Cabeço da Amoreira detiveram-se longamente, assistindo aos trabalhos, examinando os cortes efectuados e as condições do terreno, e analisando algumas peças descobertas pouco antes, especialmente um esqueleto humano, descoberto precisamente nessa manhã, e que o sr. dr. Joaquim dos Santos Júnior, assistente do Instituto de Antropologia do Pôrto e colaborador nas escavações, isolara cuidadosamente, conservando-o, porém, ainda *in situ*, na ocasião da visita. O prof. Mendes Corrêa forneceu sôbre os concheiros e sôbre os trabalhos realizados vários esclarecimentos, mostrando os congressistas o maior interesse por aquelas nossas jazidas prehistóricas e pelas explorações em curso.

Do alto do Cabeço, graças à gentileza do sr. Armindo de Jesus, administrador da Casa Cadaval, proprietária dos terrenos, puderam os congressistas assistir ao empolgante espectáculo da lide, por campinos a cavalo, duma manada de gado bravo, da qual foi separado um touro, depois reconduzido à manada. Já em 1880, por ocasião da visita dos membros do Congresso de Lisboa a Muge, idêntico espectáculo fôra proporcionado aos congressistas de então.

O grupo regressou em seguida a Muge, visitando as dependências da Casa Ducal de Cadaval, e sendo-lhe oferecido pelo sr. dr. Ferreira Deusdado e Espôsa um magnífico chá na sua casa da localidade. Os congressistas muito apreciaram a hospitaleira recepção, trocando-se afectuosas saudações.

Ao anoitecer, o grupo excursionista voltou para Santarém, jantando no Hotel Central e recolhendo depois a Lisboa, sob a mais grata impressão desta jornada final do Congresso.

EXCURSÃO A MUGE



Grupo de congressistas no concheiro do Cabeço da Amoreira

EXCURSÃO A MUGE



Examinando os cortes do terreno das últimas escavações do Cabeço da Amoreira

Durante o Congresso

Tanto em Coimbra como no Pôrto, os congressistas de países que foram nossos aliados na Grande Guerra, realizaram várias homenagens aos portugueses mortos nos campos de batalha. Depuzeram, tanto na Universidade de Coimbra como na do Pôrto, ramos de flores junto das lápides comemorativas dos estudantes mortos na guerra, e um grupo de franceses foi à Batalha render a sua homenagem junto da sepultura do Soldado Desconhecido.

No Pôrto, delegações francesa, italiana e polaca foram juntar de flores o pedestal do monumento aos Mortos da guerra, na Praça de Carlos Alberto.

Os congressistas italianos visitaram, no Palácio de Cristal, a capela de Carlos Alberto, Rei da Sardenha.

Em síntese

O Congresso foi uma manifestação incontestada da hospitalidade lusitana e do perfeito espírito de cordialidade entre antropologistas estrangeiros e portugueses. O volume que arquivará os trabalhos apresentados e que brevemente será publicado, fornecerá o testemunho da importância científica da assembleia.

Nesta breve notícia não demos mais do que uma lista incompleta dos títulos dos trabalhos, que fôram em número superior a 125. Mas não se trata dum «Compte-rendu» do Congresso. Êste será o volume em questão.

Êle mostrará que a actividade do Congresso se não manifestou notável apenas pela quantidade dos trabalhos. Muitos dêstes são de grande valor científico, como o do prof. Sergi sôbre o homem de Neandertal em Itália.

A Antropologia portuguesa deu ao Congresso uma contri-

buição que não inferioriza o nosso país perante outros que teem altas tradições de cultura, antes mesmo o engrandece, como afirmaram, em diversas oportunidades, sábios eminentes como Pittard, Czekanowski, Frankowski, etc.

Investigadores portugueses levaram ao Congresso cêrca de 50 comunicações, versando assuntos de antropologia física (geral e étnica), arqueologia pré-histórica e paleontologia humana, antropologia criminal, hereditariedade, hematologia, etnografia, folklôre, etc.

Pesadas eram as responsabilidades que o papel dos Portugueses no Congresso de Lisboa em 1880 impunha aos organizadores de idêntico Congresso meio século depois. Podemos congratular-nos, porque o esforço agora desenvolvido não deslustra a tradição creada pelos gloriosos iniciadores que foram Carlos Ribeiro, Martins Sarmiento, Paula e Oliveira, Nery Delgado e outros homens eminentes da ciência portuguesa.

A Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, que, desde 1918, vêm procurando estimular o desenvolvimento dos estudos antropológicos em Portugal, reivindica com desvanecimento uma quota parte do êxito do último Congresso.

À maioria dos organizadores portugueses dêste e quási todos os portugueses autores de trabalhos apresentados são seus associados. Ela congratula-se também vivamente com a vinda a Portugal de ilustres individualidades da Ciência Antropológica. Entre elas, figuravam vários sócios correspondentes da nossa colectividade: srs. conde Bégouen, prof. E. Loth, prof. E. Frankowski, prof. Fábio Frassetto, prof. H. Vallois, prof. K. Stolyhwo, prof. Paul-Boncour, prof. J. Matiegka, prof. J. P. Kleiweg de Zwaan, prof. René Verneau e prof. Sérgio Sergi. Evidentemente a presença dêstes consócios foi-nos de-veras grata, mas não o foi menos a de muitos outros excelentes colegas e amigos que deram ao nosso país a honra da sua visita em Setembro último.

Sabemos que todos levaram de Portugal a melhor impressão, o que é motivo de satisfação para o nosso sentimento patriótico. Mas não é menor a satisfação que nos causa; na nossa qualidade de cultores da Antropologia, o pleno êxito do Congresso como afirmação do labor científico de numerosas nações nesse campo de estudo.

A PROPÓSITO DUMA VELHA JÓIA IBÉRICA

POR

JOSÉ DE PINHO

Há precisamente 40 anos que na freguesia de Moreira, do concelho de Celorico de Basto, apareceu, sem nunca se terem podido apurar as condições do achado, uma interessantíssima peça arqueológica de bronze, de feição *sui-generis*, que ainda hoje não tem paralelo nos museus nacionais nem tão pouco nos estrangeiros.

Dela se ocupou o sr. dr. Leite de Vasconcelos, primeiro em 1895 no «Archeólogo Português», vol. I, pág. 35, depois numa notícia lida na «Sociedade dos Antiquários de França», em Junho de 1900, e por último nas *Religiões da Lusitania*, vol. II, págs. 289 a 293.

O sr. dr. Ricardo Severo, em Agosto de 1900, sobre ela igualmente fez um desenvolvido estudo no vol. I da «Portugália», págs. 325 a 331.

E, que eu saiba, ninguém mais a discutiu, por completo. Apenas procurou fazê-lo o erudito arqueólogo vimaranense, dr. Martins Sarmiento, mas a morte impediu-o de levar a cabo a tarefa.

Já lá vão 30 longos anos...

Poucos são os estudiosos da actualidade que tiveram o prazer de a ver, e, como faz parte duma colecção particular, encerrada num solar de província — a nobre casa dos Negrões de Mosteirô, — que nem todos teem possibilidade de visitar, a peça vai esquecendo e quem precisar de se lhe referir ou a pretenda

estudar, tem, dum modo quasi geral, de pôr de parte o exame directo, para lançar mão apenas dos trabalhos citados e das gravuras que os ilustram (1).

Ora a verdade é que estas são deficientes umas, pouco claras outras, e aqueles trabalhos, cujos autores são sem dúvida da maior competência, foram possivelmente delineados, à falta do tempo preciso para o estudo ser feito do natural, por fotografias que só apanharam a peça em duas posições, sem pôr em relêvo todos os seus detalhes, e disso se ressentem.

Assim, um autor viu o que a outro ficou despercebido, do que resulta um descrever a peça duma forma, outro doutra; e, se ambos, em conjunto, da mesma maneira a interpretam e os pontos em que discordam são à primeira vista insignificantes, estes podem ter para qualquer uma fundamental importância, que leve mesmo a pôr de parte as hipóteses até aqui formuladas.

E a peça, a que, sem favor, se pode chamar uma verdadeira jóia arqueológica, pelo valor dos ensinamentos que dentro da sua pequenez nos fornece, bem merece que alguns de nós lhe dediquemos o melhor da nossa atenção.

Torna-se preciso, pelo menos, sujeitá-la de novo a um mais rigoroso exame directo, a fim de que, daqui em diante, todos fiquem habilitados a podê-la discutir.

Foi isso o que procurei fazer, e é o resultado da minha investigação o que passo a expor.

Não se imagine, porém, que me move o baixo intuito de depreciar o trabalho de dois dos nossos mais ilustres arqueólogos, por quem aliás tenho a maior consideração.

(1) Entre outros, destes dados se serviram os ilustres arqueólogos galegos D. Florentino Cuevillas e D. Fermin Bouza Brey, ao referirem-se à peça em discussão, apenas sob o ponto de vista ofiolátrico, no seu interessante trabalho *Os Oestrinnios, os Saefes e a Ofiolatria en Galiza*, págs. 133 a 135. A Cruña, 1929.

Longe de mim tal idea.

O que, especialmente, pretendo é dar a conhecer a peça segundo os seus mais insignificantes detalhes, e, já que a solução daquele intrincado problema se debate ainda dentro do campo das hipóteses, ao mesmo tempo que procuro trazer êste quasi esquecido assunto para a teia da discussão, sobre êle apresento também o meu pessoal modo de vêr.

Precisando, todavia, de estar constantemente a referir-me, em separado e em grupo, à distribuição dos elementos que a ornem, acho mais conveniente, antes de expor o meu ponto de vista, descrever a peça tal qual os citados autores o fizeram e, em resumo, apresentar a forma como os mesmos a interpretaram.

E, em vez de fazer uma completa descrição ratificada, que se tornaria fastidiosa, fá-la ei por partes, à medida que fôr discutindo a nova hipótese.

Nas *Religiões da Lusitania*, lê-se:

«Compõe-se (a peça) duma base, ou eixo, em que pousam várias figuras. A base é constituída por uma trança complexa, que termina, num lado, por uma cabeça de boi ou vaca, e no outro por uma argola que se liga à trança por dois sulcos circulares.

«Se collocarmos o objecto com a argola para a nossa esquerda, veremos aí ainda: na parte superior uma série de animais (um porco, dois carneiros e uma cabra) em attitude de caminhar para o lado da cabeça que se figura numa das extremidades da trança; na parte anterior, para o lado da referida cabeça, um vaso, um reptil e um homem com dois objectos na mão.

.....
«O homem segura na mão direita um objecto indecifrável; com a esquerda agarra um machado que tem às costas».

Segundo a «Portugália»: «É constituído (o objecto) por uma trança de quatro cordões e de forma quadrilátera, ter-

minando numa das extremidades por uma cabeça cornuda de bovino, a oposta acabando em anel de suspensão, com nervuras circundantes que bem poderiam indicar os dedos de mão fechada.

«Sôbre o dorso desta peça de original arranjo pousam ou caminham quatro animais: um porco, uma cabra, dois carneiros, um dos quais se detem superiormente à cabeça terminal; na face normal a esta, está um busto de homem, colocado sôbre a beira, com o braço direito segurando o cabo do machado que lhe assenta sôbre o ombro, o outro braço dobrando-se para a parte inferior sôbre a cabeça duma cobra, de que apenas existe uma parte com a cabeça, pois falta o restante pedaço da cauda; ao lado e abaixo da figura que representa a cabra, está uma cesta ou vaso, espécie de balde com duas asas, que cobre com o seu diâmetro exterior tôda a largura da peça ».

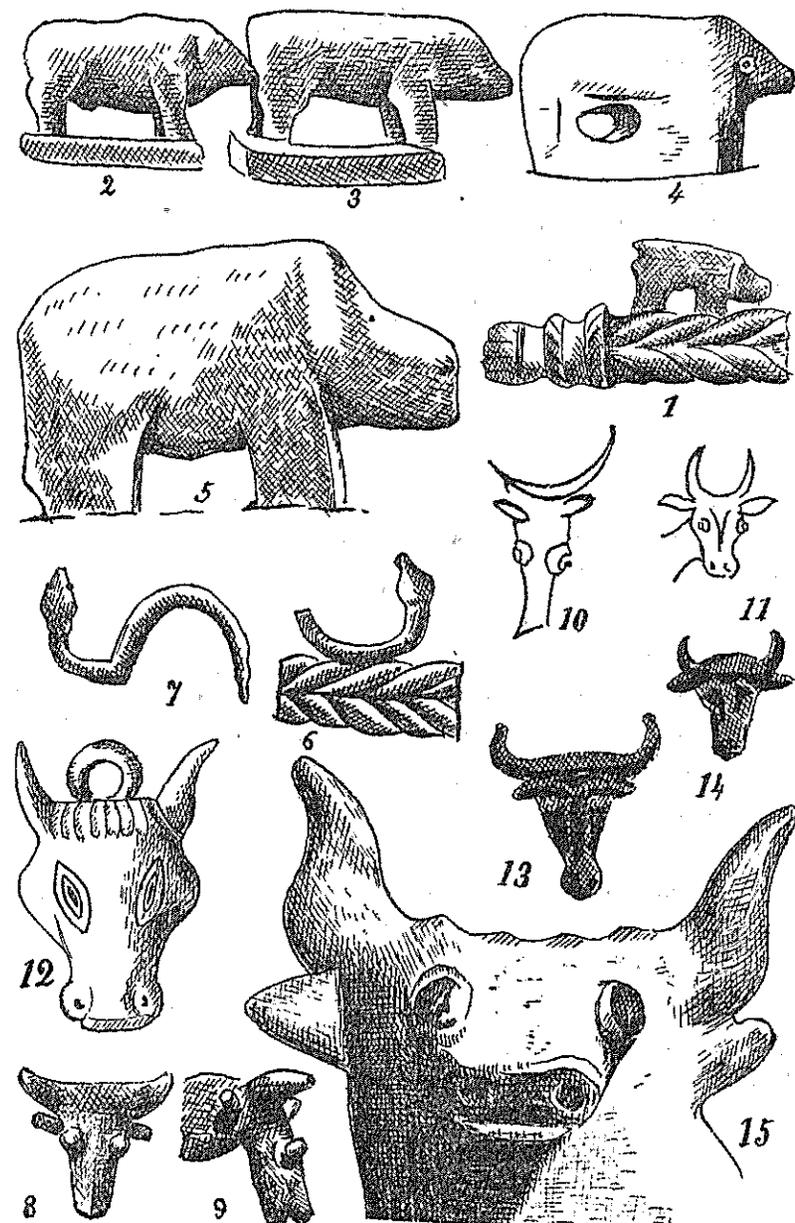
Para os dois autores o objecto representa um *ex-voto*, simulando um sacrifício, em que os quatro primeiros animais são as vítimas que vão a imolar, o homem, com o machado e o vaso, o sacrificador com os aprestos para o sacrifício, e a serpente a divindade que a êste preside, sendo a cabeça bovina considerada por um como o deus ou deusa a quem o sacrifício é feito, e pelo outro uma divindade apenas que ao acto assiste.

Quanto ao destino a atribuir à peça, ambos estão ainda de acôrdo em que devia figurar, pendurada pelo anel de suspensão, num templo ou oratório.

Divergem, porém, na época que lhe atribuem, considerando-a um pertencente ao período lusitano-romano, tomando-a outro por mais velha, não lhe repugnando mesmo fazê-la recuar até à primeira idade do ferro.

Pôsto isto, e dadas as discordâncias a que aludi, o que primeiro me cumpria fazer era procurar examinar a peça.

Assim procedi.



EST. I

J. Pinho

E, por intermédio do meu prezado amigo e velho discípulo, dr. Mário Monterroso, abalisado facultativo amarantino e primo do actual proprietário da referida jóia arqueológica, o Ex.^{mo} Sr. Luís Negrão, aos quais desde já aqui me confesso sumamente agradecido, foi-me esta facultada, para, à minha vontade, lhe fazer a mais minuciosa análise.

O que logo à primeira vista me impressionou, foi o inestético arranjo do todo, a falta de vida nas figuras que o compõem, o desprezo quasi completo pelas proporções das mesmas, o grosseiro da sua factura, enfim a ausência absoluta de verdadeiro sentimento artístico.

Depois começou a aguilhoar-me a curiosidade, o desejo de saber se o objecto que tinha sob os meus olhos seria obra saída duma oficina indígena ou se eu estaria, pelo contrário, em presença dum produto de importação.

Faltando, porém, objectos semelhantes com que, em conjunto, o pudesse comparar, vi-me na necessidade de estudar isoladamente os seus elementos componentes, com o fim de ver se poderia descobrir a razão que, sem dúvida, os uniria.

Assim, o porco (Est. I, n.º 1) é de contôrno atarracado, corpo espalmado a terminar em lâmina de faca no fio do lombo, focinho e membros excessivamente grossos, sem olhos, e as orelhas apenas indicadas por uma leve saliência obtida pela martelagem circundante. É evidente o ar de família que o liga aos clássicos cerdos de Avila (n.ºs 2 e 3) (1) e berrões transmontanos (n.ºs 4 e 5) (2), sendo mesmo flagrante a semelhança do seu perfil com o da tão conhecida porca de Murça (n.º 5).

Passo em seguida à cobra (n.º 6), de cabeça acentuada-

(1) Desenhos tirados da obra de Pierre Paris, *Essai sur l'art et l'industrie de l'Espagne primitive*.

(2) Idem das *Religiões da Lusitânia*, de Leite de Vasconcelos.

mente piriforme e vou encontrar-lhe a réplica quasi perfeita, embora melhor tratada numa fíbula de Briteiros (n.º 7) (1).

Dirijo a minha atenção para a cabeça bovina (vista de frente e de perfil nos n.ºs 8 e 9, e que pela magreza e demasiada altura da face mais parece de cavalo que de boi), e, ao ver-lhe as orelhas, feitas de pontas de arame, cravadas no pescoço como um tórno, sem nada que indique o canal auditivo externo, os cornos de base extremamente larga, terminando bruscamente em ponta romba, e especialmente os olhos em forma de excrescência mamilar, como se estivessem a saltar fora das órbitas, descubro-lhe as mais claras afinidades, muito embora sem tão grosseira factura, nas cabeças bovinas de Costig e outras do Museu de Madrid (n.ºs 12, 13, 14 e 15) (2) e até nas cabeças cornudas, citadas pelo conde de la Marmora no seu *Voyage en Sardaigne* (n.ºs 10 e 11) (3).

Reparo ainda no cordão entrançado que forma o corpo principal da peça (Est. IV, n.º 1) e sou forçado a confessar a mim mesmo que daquele motivo em trança se usa e abusa nas decorações architectónicas das nossas citânias e do país vizinho, que êle é um dos mais vulgares enfeites das esculturas do Cerro de los Santos, como claramente se nota na, já citada, magistral obra de Pierre Paris, *Essai sur l'art et l'industrie de l'Espagne primitive* (n.ºs 7 e 8).

Isto é: na peça arqueológica, objecto do meu estudo, há, pelo menos, quatro elementos de valor que indubitavelmente se podem relacionar com a cultura indígena da Península, com a cultura ibérica (empregando êste termo na sua acepção mais lata) porque nela e só nela deparamos com tipos semelhantes. E, ten-

(1) Idem de Mário Cardoso, *Citânia e Sabroso*, fig. 35. Guimarães. 1930.

(2) Idem Pierre Paris, *ob. cit.*

(3) Idem, idem.

do-se encontrado o objecto em discussão no território da antiga Calécia, tão próximo dos jazigos estaníferos de Amarante e Ribeira de Pena, de longa data explorados, pelo menos aquele, não repugna admitir que o artista que o fundiu, devia ser também um rude calaico da primitiva escola pre-romana, sabido como já na idade do bronze o ibero, em larga escala, praticava a metalurgia (1).

Pois, muito embora nalguns dos berrões com que pretendo relacionar o porco que na peça figura, lhes tivessem sido gravadas inscrições tumulares em latim, estas não são obra do primitivo artista, são muito posteriores.

Como diz Pierre Paris, — «Il n'y a donc pas à tenir compte de ces épitaphes, qui ne font en rien préjuger l'âge des sculptures où elles sont venues s'ajouter» (2).

Não valem mais que o ridículo brasão aberto no escudo do guerreiro lusitano de Viana do Castelo ou o fato de entremez, que, para vergonha de nós todos, ainda hoje mascara o guerreiro idêntico de Cabeceiras de Basto...

Tratemos agora de ver se a hipótese se confirma.

Ora o indígena peninsular começa a individualizar-se bem, logo desde a primeira idade do bronze, e o seu domínio vai até à última idade do ferro.

Ou melhor, o povo ibero *lato-sensu* manifesta-se durante toda a protohistória e chega mesmo a adquirir uma cultura típica, embora mais ou menos influenciada pela dos povos primitivos com quem de longa data esteve em contacto: — fenícios, gregos, celtas, cartagineses e até possivelmente egípcios.

A peça arqueológica de que estou a ocupar-me, é sem dúvida alguma de natureza cultural.

(1) J. Déchelette in «Manuel d'Archéologie» *Age du bronze*, pág. 27.

(2) Pierre Paris, *ob. cit.*, vol. 1, pág. 61.

Logo, se assim é, deve estar intimamente relacionada com as manifestações culturais dessa época e, por mais sedutora que se nos apresente a ideia de vermos nela a representação dum sacrifício, que, diga-se de passagem, só o busto humano com o machado nos permite admitir, tal ideia tem de ser completamente posta de parte, porque os sacrifícios, semelhantes àquele que aqui se quer ver, pertenciam, por natureza, segundo a autorizada opinião de Cagnat e Chapot (1), às tradições religiosas de Roma.

E a nossa interessante peçazinha devia ter sido fundida muitos séculos antes do início da conquista, época a partir da qual o povo romano principiou a ser conhecido no ocidente da Ibéria...

Vejamos então quais são as características religiosas das populações protohistóricas.

Diz Déchelette (2) que, entre numerosas práticas de magia e feitiçaria, elas consistiam sobretudo na adoração das forças da natureza — no culto heliolátrico, no culto do touro e dos cornos sagrados, no culto do machado.

Isto é: características que, quanto a mim, não são mais que modalidades dum culto único — o culto da potência geradora, o culto fálico.

Portanto, sendo o objecto sujeito ao meu estudo de natureza cultural, o que parece que ninguém contesta, e admitida a hipótese por mim formulada, e que os factos justificam, de ser um produto da cultura ibérica, a sua razão de ser e a dos elementos que o constituem devem estar intimamente ligados com o referido culto. Encetemos a análise, principiando, para evitar confusões, pelo seu eixo ou base:

A tal argola ou anel de suspensão duma das extremidades

(1) Cagnat et Chapot in «Manuel d'Archéologie Romaine», pág. 178.

(2) J. Déchelette in *ob. cit.*, pag. 410.

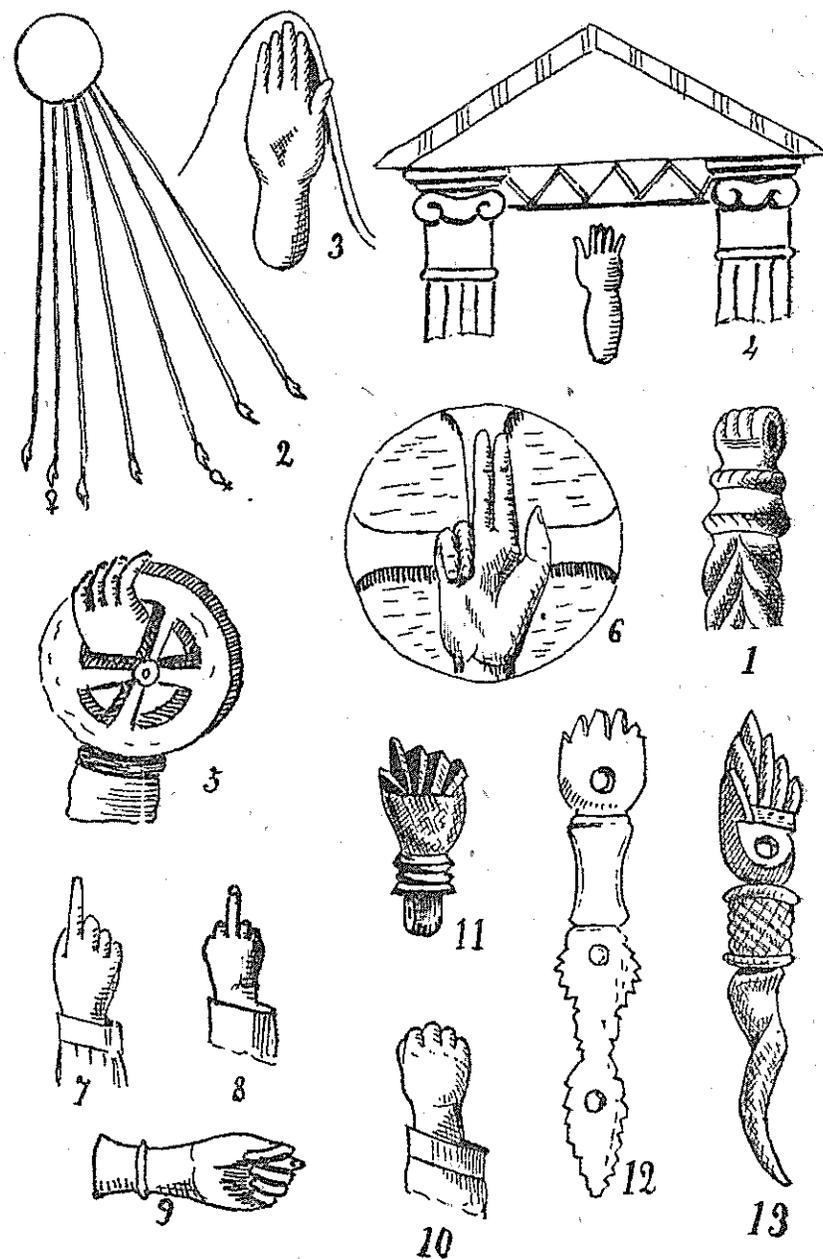
tem uma particularidade digna de registo, a que o sr. dr. Ricardo Severo se referiu, mas de que se não aproveitou.

São os três sulcos, não circundantes, mas semi-circundantes, que a transformam numa verdadeira mão fechada, sem polegar, um pouco grosseira, é certo, como todo o resto, mas, indubitavelmente, uma mão, em que claramente se nota o estrangulamento do pulso, uma linha a indicar a origem dos dedos e três outras juntas e paralelas a marcar-lhes o *terminus*.

Mas não é só isso: é uma pura mão itifálica a que nem sequer falta o característico punho ou *manguito*, delimitado por dois cordões e que na interessante obra do sr. dr. Leite de Vasconcelos, *A Figa*, se repete até à saciedade; mas da qual só basta apontar as figs. 54, 37 e 24. (Est. II, n.ºs 11, 12 e 13) para se ver a razão que me assiste, comparando-as com o (n.º 1).

E êste elemento, do mais alto valor para o meu caso, a que ainda hoje são aproveitadas as virtudes profiláticas, desde velhos tempos se encontra ligado ao culto fálico.

Já no Egipto antigo, 16 séculos antes de Cristo, se representava a trindade por um disco solar, donde saíam raios terminados por mãos que seguravam a cruz ansata, símbolo do falus (n.º 2) (1); vêmo-lo na Fenícia, como emblema solar, em padrões dedicados à deusa fálica Tanit (n.ºs 3 e 4); (2) encontrámo-lo ligado à roda solar gaulesa (n.º 5) (3) e à cruz (n.º 6) (4), emblema êste mais tarde usado vulgarmente nos primeiros séculos do cristianismo; com a forma de figa, sabe-se ter aparecido entre amuletos egípcios, etruscos e cartagineses; e conhecemo-lo ainda



(1) Desenhos tirados da obra de Malvert *Sciência e Religião*, trad. de H. Salgado.

(2) Idem, idem.

(3) Idem, idem.

(4) Idem, idem.

J. P. Pinho

na etnografia moderna em várias posições e sempre com o mesmo carácter fálico, (n.ºs 7, 8, 9 e 10).

Porém, já desde a mais remota antiguidade, o amuleto formado pela mão itifálica, embora de per si só, segundo a posição dos dedos, possa indicar os órgãos sexuais masculino e feminino, muitas vezes se patenteia de carácter mixto, incorporando-se na mesma peça, e em reforço das virtudes do primeiro, um ou mais amuletos da mesma natureza, mas de forma diversa.

E, como o corno é um antiquíssimo símbolo fálico, que até na actualidade muitas vezes se topa ligado à figa (Est. II, n.º 13 e Est III, n.ºs 6, 7, 8 e 9) (1), a cabeça bovina, da outra extremidade oposta à mão (Est. III, n.º 1), pode ali representar, como no Egipto, o símbolo da fecundidade, e nos museus da Península não faltam cabeças semelhantes a servirem de amuletos (Est. I, n.º 12) (2), ou então pura e simplesmente uma cabeça cornuda, reforçando pelos cornos a acção da mão.

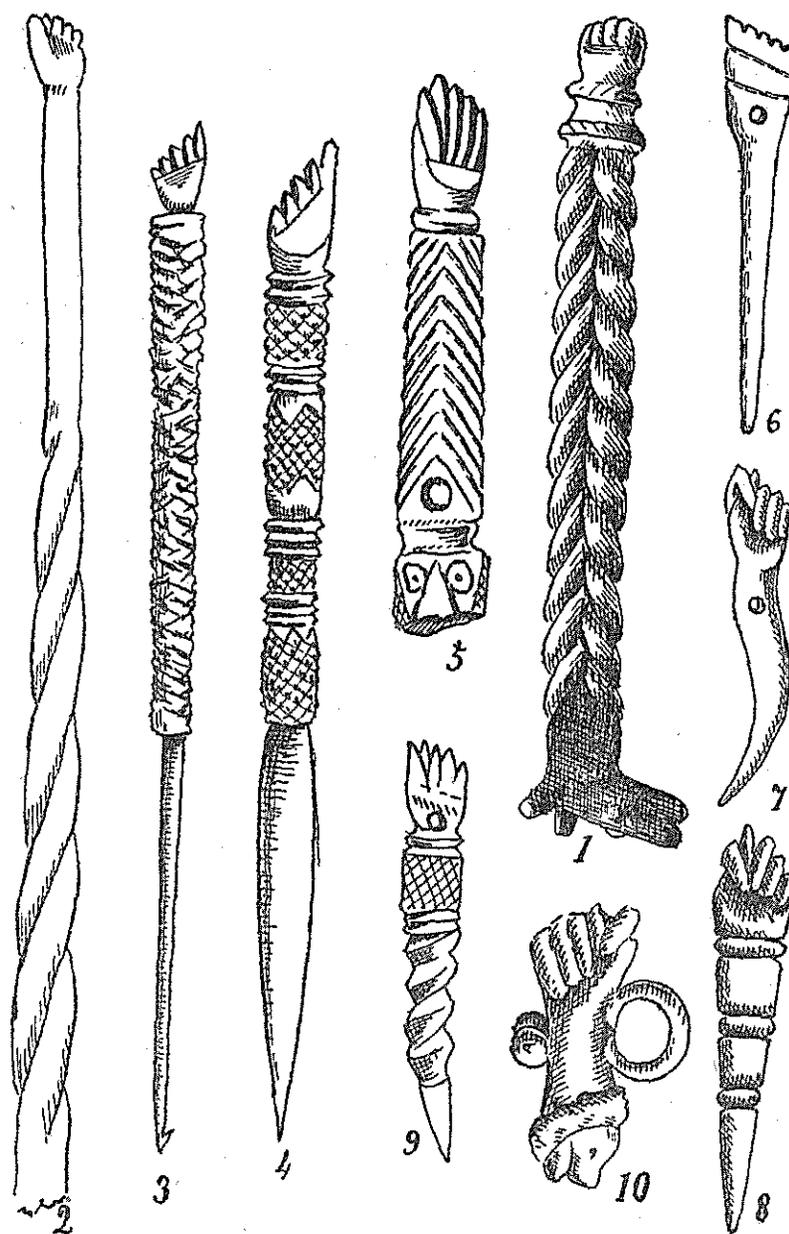
E de factos semelhantes de várias épocas e da actualidade se pode tomar conhecimentos por amuletos existentes nos nossos museus (Est. III, n.ºs 5 e 10) (3).

O cordão entrançado de quatro faces, (n.º 1) que forma o eixo da peça, decalcado num vulgaríssimo motivo ibérico, de forma alguma é feito de quatro fios, como se julga, tem mais a aparência de quatro cordões de dois fios unidos entre si; mas, tal qual se apresenta, é apenas a imitação dos bem conhecidos cordões dum fio só, feitos nos pequenos teares em forma de U ou mesmo nos dedos, e outro significado ali não tem, a meu ver, mais do que representar a manga ou antebraço historiado de que sai a mão.

(1) Idem de Leite de Vasconcelos in *A Figa*.

(2) Idem de Pierre Paris, *ob. cit.*

(3) Idem, dr. Leite de Vasconcelos, *ob. cit.*



Não tenho, é certo, na arqueologia dados precisos em que fundamente a minha suposição: encontro-os, porém, e de sobra, na etnografia moderna. Fornece-mos, flagrantes de semelhança, o já citado livro do sr. dr. Leite de Vasconcelos, donde tiro as figs. da Est. III, n.ºs 2, 3, 4 e 5.

E os fenómenos de analogia devem tomar-se sempre em conta tanto na linha ascendente como na descendente.

Até aqui estamos em frente dum puro amuleto fálico, de carácter mixto, inteiramente semelhante a outros conhecidos. A minha primitiva hipótese em nada foi prejudicada ainda e, se outros motivos não houvesse, bastava só este, para ser arredada, por desconexa e ilógica, a ideia de sacrifício.

Resta interpretar os outros elementos que ornamentam três das quatro faces do cordão. Para não destoarem da parte já estudada, devem desempenhar também um papel profilático, têm de ser outros tantos amuletos, que venham reforçar, se possível fôr, o valor dos primeiros.

No porco está bem acentuado o seu carácter fálico, com a representação tão nítida dos órgãos sexuais numa figurinha que mede apenas dois centímetros de comprimento (Est. IV, n.º 1).

Foi essa característica, sem dúvida, a que o artista mais procurou evidenciar; e, como isto não é facto único, pois, no nosso país se repete pelo menos duas vezes, na berroazinha da Açoreira e na berroa das Cabanas de Moncorvo, ambas existentes no Museu Etnológico, podemos concluir que, no ocidente da Ibéria, ao porco se deviam atribuir importantes propriedades fálicas.

Na Fenícia era êle considerado a encarnação de Baal-Moloch, na Trácia foi consagrado a Cotito, na Grécia e Roma, a Apolo, Adonis e Diana, divindades tôdas estas de pura natureza fálica.

E entre nós mesmo não as possui êle ainda hoje?

Então por ocasião da matança não guardam os nossos camponeses, e põem ao fumo, o órgão sexual, do porco, para dêle se servirem contra as dores reumáticas?

Não se vai talhar a farfola às crianças sôbre a pia onde come um porco macho, e não se pretende curar a bretoeja, mandando espolhar o doente no ninho dum porco?

Não se recomenda às raparigas que não chuchem o trava-doiro do porco (ôssô da bacia), porque isso lhes pode ocasionar maus partos ou mesmo a esterilidade?

Não envolve, finalmente, um sentido fálico o conhecido provérbio: «Honrada como a porca de Murça», dirigido a uma mulher de reputação duvidosa?

Demais, ainda é facto corrente usarem-se amuletos com a forma dum porco, para livrar do mau olhado ou como *porte-bonheur*.

Os dois carneiros, (Est. IV, n.º 1), que também podem representar um carneiro e uma ovelha — o mais pequeno tem os cornos pouco desenvolvidos, talvez por estarem esborcinados — mas mais naturalmente carneiros de raças ou idades diferentes, tão evidente é o cuidado que o artista teve em lhes diferenciar os tipos, fazendo a cabeça dum incomparavelmente maior e mais cuidada que a do outro, mas ambas mais desenvolvidas que o resto do corpo, bastava-lhes sômente o serem animais cornudos para não destoarem do conjunto.

A-pesar-disso, porém, é manifesto o valor que os carneiros tiveram entre os Iberos, que a miúdo os representaram em bronze e pedra como *ex-votos* e como amuletos, bastando citar apenas as estatuetas do Cerro de los Santos, do Museu de Madrid, em que figuram ora ao pescoço de várias divindades ora mesmo sôbre o vaso místico, no lugar em que outras ostentam verdadeiros símbolos fálicos (Est. IV, n.º 8), para poder concluir que uns e outros tinham propriedades idênticas.

Na antiguidade clássica sabemos nós que o carneiro foi consagrado a várias divindades fálicas: — Amon, Diana, Atis, Mem, Cibele, etc. —; e na actualidade ainda não tem de todo perdidas as suas antigas virtudes.

Assim: cura-se a bafeira a uma criança, fazendo-a beijar um carneiro negro e ainda não há melhor amuleto para livrar uma casa, a côrte do gado, o tear ou até a sementeira de mau olhado ou coisa ruim, do que um corno do mesmo, e sendo esquerdo melhor. Do bode ou cabra pode-se dizer outro tanto, sabendo-se ainda que era um animal consagrado à deusa ibérica Ategina, identificada com Liber, irmã de Baco e Proserpina, deusa da fecundidade agrária.

Num *ex-voto* àquela divindade ibérica, encontrado em Cáceres, êste animal patenteia-se mesmo em atitude fálica (1).

Demais Proserpina era também por sua vez identificada a Ceres, sua mãe, e é bem conhecido o carácter fálico das festas que na antiga Grécia se celebravam em honra desta divindade.

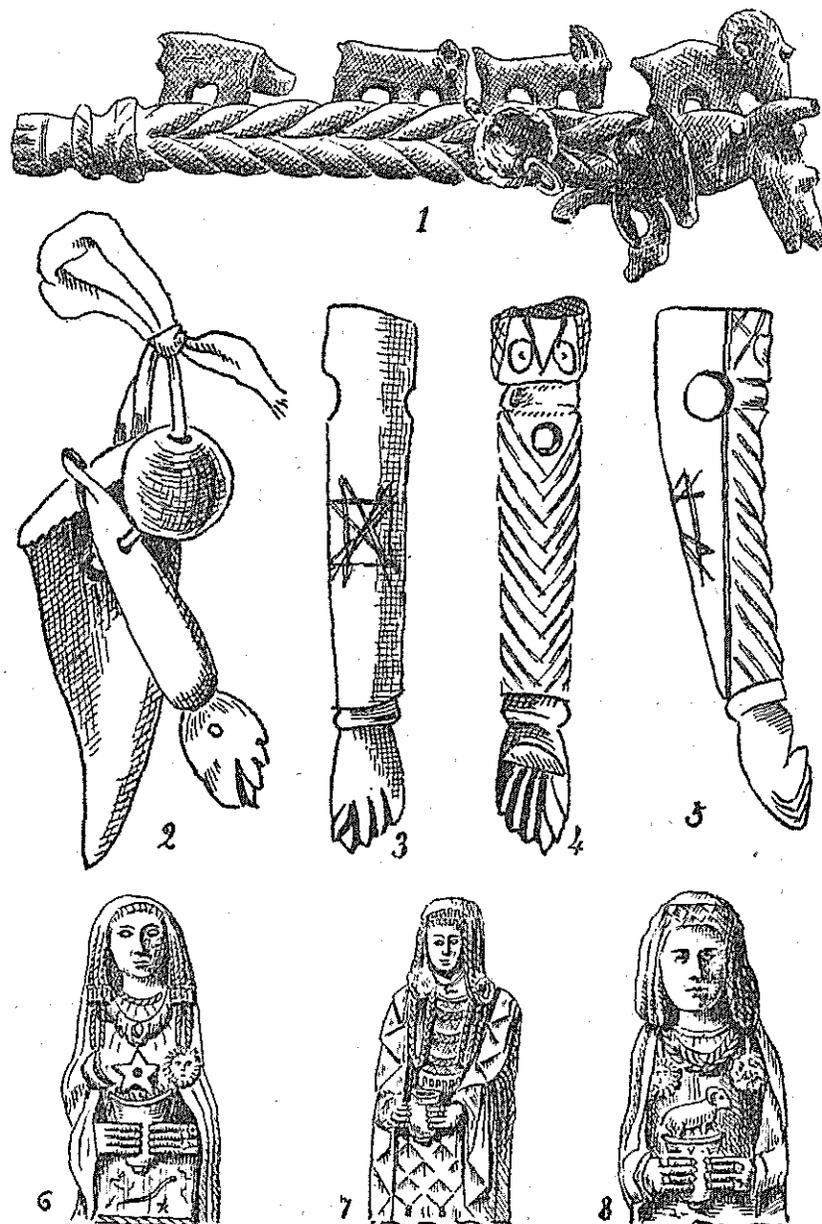
Por isso o bode ali chegou a desempenhar o papel do próprio falo. E as propriedades fálicas dêste animal ainda hoje em dia se revelam: representando-se com pés de cabra o demo tentador das raparigas, e apelidando-se de cabrão o homem que não se revolta com a manifesta infidelidade da mulher.

Em face disto, facilmente se depreende que nenhum dos quatro animais de que me venho a ocupar, por qualquer forma destoa do conjunto; e foram até bem escolhidos, para com as suas propriedades reforçarem ainda o amuleto fálico que decoram.

Passo agora a analisar as figuras que ornarn a face anterior do cordão:

Temos em primeiro lugar, quási a meio, um baixo vaso de aparência cilíndrica, mas de parêdes levemente côncavas, o que

(1) Dr. Leite de Vasconcelos in *Religiões da Lusitânia*, vol. II, pág. 170.



EST. IV

J. P. N.

lhe faz dar ao interior a forma acentuadamente afunilada, delimitado por duas virolas circulares a que se não procurou dar o aspecto de cordão.

Fôra primitivamente munido de quatro grandes asas ou argolas, também circulares, dispostas em cruz, que atravessavam as paredes do vaso logo por baixo do rebôrdo e das quais uma só está inteira, tendo sido duas quebradas ou partidas cerce (Est. IV, n.º 1).

Este vaso, que não chega a exceder um centímetro de diâmetro e, por ser assim de tão diminutas dimensões, não deixa perceber a matéria de que seria feito aquele que se procurou imitar, é também de feição *sui-generis* para a qual não encontro paralelo, devido à existência das asas, à sua posição e ao seu desproporcionado tamanho — tendo cada uma, a avaliar pela restante, mais de metade do diâmetro do vaso.

Julgo ter já provado que na peça não pode estar representado um sacrificio, segundo o rito romano; mas, embora isso se pudesse admitir, aquele vaso que lá figura não tinha, a meu vêr, cabimento em tal cerimónia religiosa, por ser diferente de todos aqueles empregados, por vezes, nesses actos.

Ora nas festas religiosas às divindades fálicas da antiguidade era de uso figurar sempre um vaso místico, como a joeira, a cista, o *canum*, etc, a que se atribuíam propriedades semelhantes às do órgão sexual feminino, de que desempenhavam o papel de verdadeiro símbolo.

Assim a trindade indiana — Brama, Vicnu e Siva — é simbolizada por um pedestal, que representa o primeiro, onde assenta um vaso, emblema dos órgãos sexuais femininos, indicando o segundo, e dêste se eleva uma coluna, considerada como órgão sexual masculino, imagem do terceiro.

Nas *pamílias* egípcias, junto dos sacerdotes de Osiris que ostentavam a Tau ou cruz ansata, as sacerdotisas de Isis con-

duziam a joeira mística e as *cistóforas* levavam à cabeça a *cista*, dentro da qual iam sempre, um falo e um bolo furado no meio, bolo e vasos que, por analogia, eram símbolos semelhantes (1).

Nas festas a Dionísio celebradas em Tebas era uma sacerdotisa, chamada *Incófora*, que levava à cabeça o vaso místico, etc.

Além disso sabido é que os iberos tinham também os seus vasos místicos e nas estatuetas, aqui já por vezes citadas, do Cerro de los Santos, o mais interessante, variado e conhecido grupo de esculturas da arte indígena peninsular, muitas figuras femininas os apertam de encontro ao peito, em gesto hierático, saindo de dentro dalguns chamas e símbolos fálicos, como símbolos desta natureza os rodeiam também (Est. IV, n.ºs 6, 7 e 8).

São de diferentes modelos: cilíndricos, cónicos, hemisféricos e ainda de formas intermédias, mas todos sem asas.

Conheço-lhos, porém, em barro, com duas e quatro asas, que ao serem imitados em bronze podiam dar o grosseiro e desageitado vaso que ornamenta o amuleto estudado.

Não será, portanto, hipótese demasiado ousada se, em face dos elementos que o rodeiam, o considerar desempenhando ali um papel semelhante ao da joeira ou da cista, de que acabo de falar.

Temos finalmente o busto humano, que mal se divisa na figura do n.º 1, da Est. IV, segurando com a mão esquerda o machado que tem ao ombro e dirigindo a direita estendida para a cabeça duma cobra, de que resta só uma pequena parte, a qual assenta na face do cordão oposta àquela onde estão os quatro animais primeiro descritos e que para êle levemente se inclina, sem lhe chegar a tocar.

(1) Dr. Asdrubal A. d'Aguiar in «Sciência Sexual» (Virgindade), págs. 27 e segs.

Foi esta figura, a meu vêr, a que sugeriu a ideia do sacrificio, para o qual se escolheram como vítimas o porco, os carneiros e a cabra, ficando para assistir ao acto a cobra e o boi, embora este fôsse representado apenas pela cabeça.

Mas, se tal se desse, o *victimarius* devia empunhar uma faca para degolar as vítimas e não um machado que só era empregado, e nem sempre, (como nos sacrificios dos touros mitridates) (1) quando havia touros a imolar.

Demais era bem estranho que, indo êle sacrificar os quatro animais referidos, os deixasse em liberdade, voltando-lhes as costas, e se nos apresentasse como a procurar segurar a cobra que, como génio protector, ao acto ia voluntariamente assistir.

E ainda mais desconcertante, a meu ver, se nos tornava o caso do sacrificador, a figura mais importante da cerimonia, visto nela não intervir nenhuma outra, estar representado apenas de meio corpo, sem razão justificada.

Porém, como já vimos que tal se não pode dar, a presença da figura humana deve ter, e tem com certeza, outra mais lógica explicação.

O que, quanto a mim, ali se desejava pôr em evidência, era especialmente o machado, símbolo sexual feminino a que nessa época se prestava verdadeiro culto.

Portanto, como pela pequenez da peça, que não mede mais de 0^m,11 de comprimento, êle ficava de tão reduzidas dimensões em relação com as dos restantes elementos, que mal se divisaria e podia mesmo não se reconhecer, pôs-se ao ombro dum busto humano, onde assim em grupo de forma alguma passaria despercebido. E tal razão explica perfeitamente o motivo, porque essa figura é de tôdas a mais mal tratada e falha até de propor-

(1) Cagnat et Chapot in « Manuel d'Archéologie Romaine », t. 1, pág. 451.

ções — a cabeça sendo quási do tamanho da da cobra e a face esboçada apenas com três marteladas, o suficiente para lhe fazer destacar o nariz e indicar, de forma bem grosseira por sinal, as cavidades orbitárias e o mento.

Nem um ponto ou um cravo a indicar os olhos, nem um simples golpe a rasgar a bôca!...

A serpente (Est. I, n.º 6) essa é um tão conhecido e tão antigo símbolo fálico, de longa data já ligada ao culto solar nos velhos mitos (patenteando até na alegoria bíblica do pecado original essa função, que na etnografia moderna ainda em larga escala é chamada a desempenhar), que causaria admiração se o artista a não fizesse intervir na composição dum amuleto, o qual podemos considerar o mais interessante até hoje conhecido.

E, dêste modo, até bem preenchido ficou o lugar de destaque no meio da peça, com o harmónico grupo formado pelo homem do machado, junto do vaso e da serpente, símbolos estes que por vezes se confundem...

Ora, sendo assim, como estou convencido, a factura do objecto que acabo de analisar, está de harmonia com a rudeza do povo a quem o atribuo e com a cultura que lhe era própria.

É, pois, uma peça cultural que em nada destoa, dentro das concepções religiosas da época a que tal povo pertence.

É, creio bem, um amuleto de carácter mixto, do género daqueles a que hoje é costume chamar-se *de cambulhada*, (Est. IV, n.ºs 2 e 3), o qual, sem esforço, se pode comparar a outro da mesma natureza, visto em três posições nos n.ºs 3, 4 e 5 da mesma Est. IV, e nunca um *ex-voto*, como até aqui vinha sendo considerado.

Falta indicar a forma como devia ter sido usado, pois não é admissível que o fôsse como o entendem todos aqueles que o julgam *ex-voto*.

Tendo o cordão entrançado quatro faces, três das quais são ornamentadas com as figuras atrás descritas e a meio delas cra-

vadas, é evidente que o amuleto foi construído de modo a poderem ser observados todos os elementos que o formam, o que só se pode dar, estando encostado, com a face despida de figuras, a um plano qualquer, ou melhor, ficando voltada para o observador a face em que estão o vaso e o homem com o machado.

Mas êste resultado pode obter-se de duas maneiras: ficando o amuleto pendurado pela mão, tomando o cordão a direcção do fio de prumo, parecendo assim que as figuras se despenham umas sôbre as outras, numa forma ilógica e inconcebível, ou então, dando ao cordão a posição horizontal, única admissível, e até mesmo a escolhida por aqueles autores na ilustração dos seus artigos.

E, neste caso, só vejo, de harmonia com o observado na suspensão dos amuletos nas estatuetas do Cerro de los Santos, que êle devia pender dum cordão ou trança, trazida ao pescoço, enfiado dum lado na mão, a parecer que esta o segurava, e do outro fixo por uma azelha na cabeça bovina, ou prender, de forma idêntica, nos cordões que nalgumas delas descem dos enfeites laterais da cabeça até meio do peito.

Dêste modo explicada também fica a razão do corte na barbela do boi e o sinal de atrito que lá se nota, assim como nos bordos do orifício que atravessa a mão.

Ora tanto numa hipótese como noutra, ambas admissíveis, devia o amuleto tender a deslocar-se com certos movimentos dados ao corpo, e por isso é de presumir que de qualquer modo se procurasse evitar isso.

Podia, pois, (e é bem possível que tal se desse, tornando mesmo a peça muito mais harmónica) o prolongamento da cobra formar fibula, servindo esta sômente para ajustar a jóia ao vestuário, à imitação do que ainda hoje fazem as nossas lavradeiras minhotas, quando em dias de festa transformam o peito em tableta de ourives.

A terceira malha da trança, à esquerda do vaso, tem até uma mordiscadela que muito bem podia ser o sítio onde soldava a cauda da cobra, visto que esta, quando completa, devia possivelmente ter mais algum ponto de apoio e outro se não percebe.

Resta, enfim, atribuir-lhe uma época; mas esta é de certo modo temerário precisá-la, sendo, como é, desconhecida a sua situação de jazida, não havendo outros elementos de comparação.

Dum modo geral, e, a meu vêr, seguro, classificá-lo ei de pre-romano; porém, devido especialmente à rudeza da sua técnica e à matéria de que é feito, não me repugna fazê-lo recuar ainda até à última idade do bronze, perto do alvorecer da primeira idade do ferro (esta última admitida pelo sr. dr. Leite de Vasconcelos), isto é, ao terminar do primeiro milénio antes da nossa era.

E esta hipótese não pode ser prejudicada pelos cortes de talhadeira ou buril com que no amuleto foram indicados os dedos da mão, aberta a bôca ao porco, ao carneiro mais pequeno e ao boi, e cortada ainda quási em ângulo recto a barbela a êste, únicos traços ou golpes que a peça apresenta, pois, é facto, hoje perfeitamente averiguado, que com instrumentos de bronze ou cobre se podem obter efeitos semelhantes.

Em face do exposto, fica o meu ponto de vista com algum fundamento. Não são, pelo menos, de todo falhas de lógica as razões que aduzi.

Dezembro de 1930.

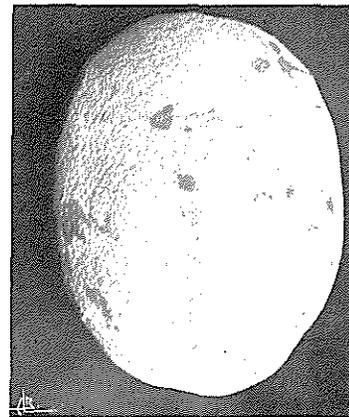
CRÂNIOS PRE-ROMANOS DE ALCÁCER DO SAL



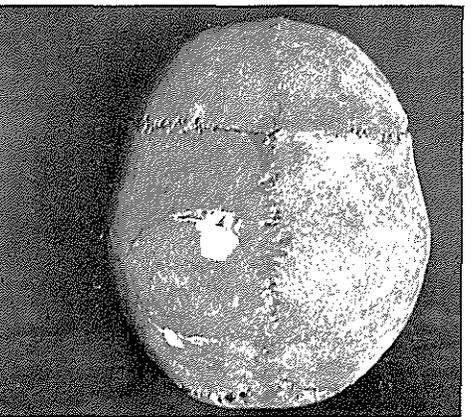
N.º 1 ♀
(Norma lateral)



N.º 4 ♂
(Norma lateral)



N.º 1 ♀
(Norma superior)



N.º 4 ♂
(Norma superior)



Mandibula do crânio n.º 4

INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA DA UNIVERSIDADE DO PORTO

**CONTRIBUIÇÃO PARA A ANTROPOLOGIA
DA IDADE DO FERRO EM PORTUGAL**

POR

A. A. MENDES CORRÊA

Professor-director do Instituto

As explorações do prof. Vergílio Correia na necrópole pre-romana de Alcácer do Sal forneceram, além dum importante espólio arqueológico de que o ilustre investigador se tem ocupado em vários trabalhos (1), alguns restos esqueléticos humanos. Tratando-se duma necrópole de cremação, os aludidos restos resultam ou de cadáveres incompletamente incinerados ou de escravos sacrificados e inumados sôbre as sepulturas dos respectivos senhores. De acôrdo com o proprietário do terreno, sr. prof. Francisco Gentil, enviou-me o meu querido amigo e talentoso colega, em sucessivas remessas, os documentos osteológicos em questão e amavelmente os confiou ao meu estudo.

São os resultados dêste estudo que, em breve resenha, exporei na presente notícia. O interêsse especial do trabalho está

(1) *Uma conferência sôbre a necrópole de Alcácer do Sal*, «Biblos», Coimbra, 1925; *Fechos de cinturão da necrópole de Alcácer do Sal*, id., id.; *Um amuleto egípcio da necrópole de Alcácer do Sal*, «Terra Portuguesa», Lisboa, 1925; *Escavações realizadas na necrópole pre-romana de Alcácer do Sal em 1926 e 1927*, «Instituto», Coimbra, 1928; *Alcácer do Sal (Esbôço duma monografia)*, «Biblos», Coimbra, 1930; *Fibulas da necrópole de Alcácer do Sal*, id., id.

em que, até à data, ainda se não haviam recolhido e estudado quaisquer peças esqueléticas humanas provenientes de estações da idade do ferro do país. Ao passo que o epipaleolítico e o neo-eneolítico teem facultado materiais dessa ordem numa abundância relativa, a antropologia dos habitantes do território nas idades do bronze e do ferro não era senão hipotética, fundando-se apenas no conhecimento dos tipos humanos do país antes e depois dessa fase arqueológica, na antropologia doutras regiões na mesma época, e em precários e rudes documentos iconográficos, como esculturas, petroglifos e efígies monetárias, que com resultados muito vagos procurei utilizar há anos para uma primeira tentativa de reconstituição antropológica da população da idade do ferro em Portugal (1).

São escassos e fragmentares, como se vai ver, os materiais submetidos à minha análise. Mais não apareceram. Entretanto, êsses mesmos fornecem base para algumas conclusões e para certas conjecturas legítimas. Começaremos, todavia, pela descrição até certo ponto detalhada dos documentos estudados. Deixaremos para depois algumas considerações de ordem geral, que o estudo feito nos impõe.

*

* *

Crânio n.º 1 — Foi encontrado, segundo informe do prof. Vergílio Correia, a 30 cm. de profundidade, com outros restos esqueléticos, no meio de cinzeiro, entre a sepultura n.º 9 e a n.º 10, e ainda, em parte, sôbre esta, mas dela separado por uma camada de terra limpa. Vítima de sacrifício — pergunta o meu illustre infor-

(1) Mendes Corrêa, *Os povos primitivos da Lusitânia*, Porto, 1924, pág. 303 e segs.

mador — ou pobretão enterrado sem cerimónias? Perto, sob pedras soltas, encontrou aquele professor alguns ossos queimados depositos num pocico aberto no terriço.

É dos exemplares melhor conservados. No entanto, falta-lhe quasi tôda a face e quasi tôda a base. Leve, de capacidade pouco elevada, de fronte quasi vertical, de saliências pouco acentuadas à excepção das arcadas supraciliares e da glabela, e com um desenvolvimento parietal no sentido ântero-posterior, poderia ser um exemplar do sexo feminino, a-pesar dêsses caracteres serem contraditórios. Tratar-se-ia dum adulto novo, talvez de 25 a 30 anos.

Estudando a sua norma superior, registei os seguintes caracteres: contôrno elipsóide, com certa plagiocéfalia; sutura coronal bastante complicada e com um grande osso wormiano à direita; sutura sagital quasi sinostosada na parte anterior, complicada no terço médio, simples na região obélica; nítidos buracos parietais; sutura lambdóide um tanto complicada.

A norma lateral acusa: glabela e arcadas supraciliares bem marcadas; bossas frontais pouco salientes; perfil da fronte primeiramente quasi vertical e depois inflectindo-se em arco regular até ao bregma; porção superior do perfil quasi rectilínea e horizontal; ligeiro achatamento lambdático; queda pouco brusca do perfil até ao inion; protuberância occipital externa pouco saliente; inflexão consecutiva para a base sem ir até à horizontalidade; falta da porção basilar do occipital; linhas curvas temporais indistintas; apófises mastóides volumosas, mas curtas. Não é possível determinar o tipo do pterion, embora à esquerda subsista parte do esfenóide e da escama temporal, mas há grandes perdas de substância dêsses ossos e do frontal.

Na norma anterior, observei que o contôrno da abóbada era em arco regular que intumescia lateralmente, para se estreitar depois para a parte inferior, dos dois lados. À esquerda, há buraco

supraorbitário, o qual é substituído à direita por um sulco. Como foi dito, falta uma grande parte da face, notando-se apenas uma porção grande do malar direito, que forma uma parte do contorno da órbita respectiva.

Na norma posterior, o crânio aparece-nos numa altura regular, e, como a protuberância occipital externa, as linhas curvas occipitais são pouco acentuadas.

A ausência de quase toda a base do crânio, do maxilar superior e dos palatinos impossibilita o estudo da norma inferior. Nota-se apenas a robustez das apófises estilóides, e vêm-se os dois rochedos quase completos e parte do esfenoide esquerdo.

A mandíbula, encontrada juntamente com esta caveira, é pequena e leve. Encontra-se fracturada à direita da sínfise, faltando-lhe um dente incisivo nesse lado. Do lado direito, faltam ainda a região goníaca e a parte posterior do ramo montante. À esquerda, faltam também a região goníaca, a parte inferior do bordo posterior do ramo montante e a parte superior da apófise coronóide. Subsistem o côndilo e quase toda a chanfradura sigmóide.

A fórmula dentária era completa. Não há diastema post-molar. O mento é muito saliente, triangular; as apófises geni muito desenvolvidas, notando-se 2 superiores e 1 inferior. A apófise coronóide é mais alta do que o côndilo e em forma de lanceta. O bordo alveolar é parabólico, e, no bordo inferior, regista-se um pequeno desenvolvimento da fossa digástrica.

Os dentes são pequenos, sobretudo o primeiro pre-molar e o terceiro molar. Estão ligeiramente desgastados. O terceiro molar é muito menor do que os outros.

Eis os caracteres métricos que determinei no crânio, mandíbula e dentes:

Diâmetro antero-posterior máximo	176mm
» transverso max.	135mm
» vertical auricular	110mm

Diâmetro antero-posterior infaco	168mm,5
» frontal mínimo	92mm,5
» frontal máximo	124mm
» biestefânico	115mm
» bimastoideu	121mm
» biastérico	103mm
Circunferência horizontal total	495mm
Curva nasion-inion	308mm
» transversal	300mm
» sagital, parte frontal	123mm
» » » parietal	124mm
Corda do arco frontal	109mm
» » » parietal	109mm
Ângulo de convexidade frontal	129°
» da parte cerebral	137°
» de inclinação do frontal, seg.º o plano glabella-lambda	42°
» do perfil do frontal, seg.º o mesmo plano	73°
» de inclinação do frontal (32-1 de Martin)	59°
» glabella-bregma (32-2 de Martin)	58°
» de perfil do frontal (32-a de Martin)	89°
» lambda-inion (33-1-b de Martin)	86°
Capacidade calculada (método de Pearson)	1276cc,5
Índice cetálico	76,7
» aurículo-vertical, de comprimento	63,6
» » » , de largura	81,5
» fronto-transversal	74,6
» estefânico	80,5
» transversal fronto-parietal	68,5

Mandíbula (1):

Altura sínfisiana	24mm
» do corpo	27mm
Espessura máxima do corpo	12mm
Comprimento do côndilo esquerdo	18mm,5
Largura do mesmo	7mm
Índice do côndilo	37,8

(1) Não foi possível determinar o ângulo sínfisiano, em vista da falta dos gonions que não permitia uma ideia justa do plano do bordo inferior do osso. Mas devia ser muito baixo.

Dentes:	PM ₂		M ₁		M ₂		
	Dir.	Esq.	Dir.	Esq.	Dir.	Esq.	
Diâmetro médio-distal	6mm,5	5mm,5	9mm,5	10mm	9mm	9mm	
» lábio-lingual	6mm,5	7mm	9mm,5	10mm	8mm,5	9mm	
Índice	100,0	127,3	100,0	100,0	94,4	100,0	
Módulo	-	-	9,5	10	8,75	9	
Índice de comprimento de PM ₂ e M ₁						Dir. 68,4	Esq. 55,0
» » largura » » »						Dir. 68,4	Esq. 70,0

Pelos seus caracteres métricos, este exemplar é subdolico-céfalo, hipsicrânio (quasi ortocrânio), métrio-crânio, metriométrico, euricéfalo (na classificação de Virchow), etc.

Em relação às médias portuguesas actuais o crânio apresenta, dum modo geral, dimensões lineares mais pequenas do que as médias masculinas fornecidas por Ferraz de Macedo (1), o que confirma a suposição de se tratar dum crânio feminino. Os diâmetros transversos máximo e frontal mínimo quasi se identificam com as médias femininas correspondentes determinadas por Eduardo Valença em Portugueses actuais num trabalho do nosso Instituto (133,23 e 92,76) (2). O mesmo autor encontrou, porém, para os diâmetros frontal máximo e bitemporal médias femininas que as medidas correspondentes do crânio saliciano excedem, sobretudo quanto ao primeiro diâmetro. Mas os valores relativos aos ângulos da frente são muito próximos dos de Portugueses actuais, obtidos por Valença. Quanto às porções frontal e parietal da curva sagital, o crânio de Alcácer apresenta valores inferiores — sobretudo quanto à segunda — às médias femininas portuguesas, determinadas por A. João da Cunha, também

(1) *Crime et Criminel*, Lisboa, 1892.

(2) *A frente nos Portugueses*, Pôrto, 1925.

em trabalho do Instituto (1). O índice do côndilo da mandíbula é inferior às médias portuguesas de J. Anciães Proença (2), mas está dentro dos limites de variação nos Portugueses. O índice céfalico é um pouco superior, o índice frontal bastante maior, o estefânico um pouco mais baixo. É de registar que o índice fronto-parietal quasi coincide com a média feminina dos Parisienses modernos estabelecida por Manouvrier (68,6). Coincidência sem significado de maior. Mais expressiva é a proximidade da média portuguesa de E. Valença (69,7).

Não determinei muitos índices que as mensurações efectuadas me proporcionariam, nem me detive na análise de muitas das mensurações obtidas. Registo-as apenas para quem tenha curiosidade de as analisar, mas não me parece que para a minha investigação seja indispensável tanta minúcia. Não se trata de exemplares fósseis em que um tal detalhe se imponha para confrontos com os Primatas e com o homem moderno, nem há mesmo em estudos de craniologia dos Portugueses actuais alguns elementos de comparação que conviria possuir (3).

*

* *

Crânio n.º 2 — Escavando na barreira sul do terreno, onde encontrou duas sepulturas romanas, o prof. Vergílio Correia des-

(1) *Notas de Comptométrie nos crânios portugueses*, Pôrto, 1926.

(2) Também em trabalho do Instituto: *Notas de morfologia mandibular*, Pôrto, 1919.

(3) Sobre os índices e módulos dos dentes há elementos de comparação nos meus trabalhos: *Homo*, 2.ª ed., Coimbra, 1926, págs. 106 e 107; e *A sepultura neolítica do Vale das Lages e os "edlitos" de Ota*, «Bull. de la Assoc. Catalana de Antropologia, Etnologia i Prehistoria», Barcelona, 1925, págs. 20 e 21 da separata. Aí são citados também os trabalhos de Sera e Hrdlicka sobre esses índices e módulos, acentuando eu, porém, que, em geral, esses elementos parecem de reduzido valor em antropologia étnica.

cobriu este crânio a 0^m,60 de profundidade no meio de cinzeiro pouco espesso. Estava desacompanhado de qualquer objecto. Aquele investigador não se fixou sobre a data, pre-romana ou romana, deste crânio, por falta de elementos e por haver sepulturas duma e doutra épocas no local.

É um exemplar robusto, espessíssimo, volumoso, porcelanado. Com os numerosos fragmentos foi possível reconstituir uma parte do frontal (porção média e parte do lado direito), uma parte da escama do occipital e grande parte da região parietal. Ficaram soltos dois fragmentos de ossos da abóbada (um menos espesso do que o outro) e existem quasi todo o malar direito e grande parte do maxilar superior do mesmo lado.

Pelo conjunto dos ossos da abóbada, fortes, amplos, espessos, de eminências acentuadas (como a glabella e arcadas supra-orbitárias), pela inclinação da frente, etc., devia tratar-se dum indivíduo masculino. O parietal esquerdo mostra vestígios de calcinação.

Tentando reconstituir conjecturalmente a norma superior deste exemplar, que era evidentemente volumoso e largo, e estreitava para a parte anterior, inclino-me a dá-lo como de tendência braqui-esfenóide.

Cnmo dissemos, a glabella e as arcadas supraciliares são salientes. A sutura metópica é ainda visível na região glabellar, os seios frontais volumosos, o perfil da frente em arco de grande raio, bastante inclinado. Faltam as bossas frontais, que talvez fôsem pouco marcadas, a ajuizar pela tendência ao estreitamento anterior, que se manifesta na região parietal. Internamente, a crista frontal e a goteira do seio longitudinal superior apresentam grande desenvolvimento. A espessura máxima do frontal é, lateralmente, de 7^{mm},5. A curva da parte subcerebral (glabellar) é de 25^{mm}, a corda respectiva de 22^{mm},5, o que dá um índice de 90.

Quanto à região parietal, faltam a parte anterior do parietal

esquerdo e grande porção de ambos os parietais no meio da parte anterior e, à esquerda, ainda na proximidade do bordo temporal. Atrás, os dois parietais chegam ao contacto na sutura sagital. Há achatamento obélico. As bossas parietais são bem distintas. O parietal esquerdo foi seccionado à frente na linha média (traumatismo no vivo ou corte *post mortem*?). Em parte do mesmo parietal e do direito, falta a tábua externa e o primeiro apresenta, nalguma extensão, a côr negra resultante da acção do fogo. Examinada pela norma posterior, a região occipital apresenta uma curva em arco contínuo e regular. Internamente, vêem-se nos ossos os sulcos da artéria meníngea média, as eminências mamilares, as depressões digitais. A goteira longitudinal superior é também perfeitamente distinta, bem como à esquerda a goteira do seio lateral. Não se vêem externamente os buracos parietais. A parte que se nota da sutura sagital está completamente sinostosada. À direita, vê-se uma parte da sutura coronal, um tanto complicada. A sutura lambdóide era ainda mais complicada. Junto das bossas, os parietais tem as espessuras de 8^{mm} e 8^{mm},5, respectivamente à direita e à esquerda.

O fragmento do occipital que nos resta, permite o reconhecimento da parte inferior da crista occipital externa e de parte das linhas curvas occipitais inferiores. A ajuizar pelo desenvolvimento dessas rugosidades, a protuberância iníaca deveria ser bem saliente, mas falta tôda a parte superior do osso e há mesmo apenas um pouco do rebôrdo do buraco occipital, na região opistíaca. Internamente, vê-se a parte inferior da crista occipital interna e parte da goteira lateral esquerda. O osso é relativamente espesso. O fragmento é demasiadamente pequeno para se reconstituir o perfil inio-opistíaco.

Do malar direito, robusto e pouco saliente, faltam um pouco da apófise temporal e os extremos das apófises frontal e maxilar. Em virtude deste facto, não é possível definir com rigor a forma

geral do osso, mas parece ser *em esquadria*, o tipo que, segundo Aurélio da Costa Ferreira (1), é mais freqüente nos crânios pre-históricos. Há dois canais malares.

No maxilar superior, que é do mesmo lado, faltam quasi tôda a apófise palatina e o extremo posterior da apófise alveolar, vendo-se ainda uma parte do alvéolo do terceiro grande molar e, à frente, uma parte da região da espinha nasal. Conservada tôda a apófise ascendente. A fossa canina não é muito escavada. Um pouco do rebôrdo inferior da abertura nasal permite crer que êsse rebôrdo seria bem marcado, excluindo assim a presença de clivo naso-alveolar e mesmo a de grandes fossetas. Vê-se o seio maxilar. A arcada alveolar é pequena em relação ao crânio (face reduzida?), e os dentes muito pequenos. Estão ainda implantados o primeiro premolar (partido), e o primeiro e segundo grandes moçares cujas medidas são as seguintes:

	M ¹	M ²
Diâmetro lábio-lingual da corôa	9mm,5	10mm,0
» médio-distal » »	6mm,5	6mm,0
Índice	68,4	60,0
Módulo	8,0	8,0

Há um diastema entre os dois grandes molares, cujas corôas são sub-rectangulares ou paralelogrâmicas, com a superfície rugosa, devendo, porém, notar-se em M¹ a existência de prováveis efracções. Pelo aspecto do osso, o maxilar parece do mesmo crânio, mas é evidentemente muito reduzido em relação a êste. Parece prognata.

Emfim, êstes restos eram acompanhados dum pequeno fragmento de osso longo, de-certo da tibia, na parte intermediária

(1) *Sobre a configuração do malar*, «Trabalhos da Soc. Portug. de Antr. e Etnol.», Porto, 1920.

entre os terços médio e superior. O fragmento tem o mesmo aspecto de mineralização e a mesma côr dos ossos cranianos encontrados conjuntamente.

Tratava-se, em suma, dum individuo adulto, grande, robusto, verosimilmente masculino, com provável tendência braqui-esfenoide no seu contôrno craniano. Se o maxilar superior lhe pertence, apresentaria redução alveolar e dentária, relativamente ao desenvolvimento do crânio cerebral, e possível prognatismo.

*

* *

Crânio n.º 3—Os seus fragmentos foram encontrados a 0^m,25 de profundidade, na sepultura n.º 37, depositos na parte inferior dum vaso-ossuário partido.

Foi possível a reconstituição, em parte hipotética, duma porção dêste crânio, faltando, porém, tôda a face, parte das regiões temporais (apenas do lado esquerdo se conservam parte do rochedo, a região mastoidea e pequena parte da região escamosa), parte dos parietais e do occipital, e grande parte da base. Tratava-se certamente dum individuo masculino, em vista do desenvolvimento da glabella e outras rugosidades e eminências, inclinação da frente, volume craniano, etc., e embora a soldadura das suturas esteja atrasada, era crívelmente um adulto.

Ao exame da norma superior apareceu-nos êste exemplar com o contôrno elipsóide regular, bossas frontais e parietais pouco distintas e com bastante complicação das suturas visíveis.

Na norma lateral observa-se: glabella e arcadas supraciliares acentuadas, frente de inclinação marcada e em curva regular que se prolonga até um pouco atrás do bregma; occiput em curva regular com ligeiro *meplat* obélico; protuberância occipital bem distinta; a curva do perfil desce do ínion para a frente até ao opistion, não chegando à horizontalidade.

A norma inferior pouco dá. Conserva-se ainda um pouco do contôrno do buraco occipital, que devia ser largo. Os seios frontais, visíveis em consequência de fractura, são espaçosos.

Norma anterior: Fronte estreita; vê-se uma parte das arcadas orbitárias; as órbitas seriam talvez baixas.

Norma posterior: Occiput rugoso; linhas curvas occipitais distintas; a abóbada em arco aberto, regular.

O crânio é pouco espesso. Na superfície endocraniana são bem visíveis os sulcos da artéria meníngea média e as perfurações de Pacchioni. Na face interna do frontal, do lado esquerdo, há uma lesão óssea profunda (osteíte?). A crista frontal interna é muito desenvolvida.

Eis algumas medidas que foi possível obter neste exemplar:

Diâmetro antero-posterior máximo	172mm
» » » infaco	156mm
» transverso máximo	135mm (?)
» frontal mínimo	90mm
» » máximo	115mm (?)
Curva horizontal aproximada	470mm (?)
» sagital nasion-opistion	389mm
Parte frontal desta curva	121mm
» parietal	143mm (?)
» occipital	125mm (?)
Corda do arco frontal	105mm
» da parte cerebral	92mm
» » » glabelar	16mm
Curva da parte cerebral do frontal	97mm
» » » glabelar	16mm
Ângulo da convexidade frontal	138°
» » parte cerebral	137°5
Índice cefálico	78,5 (?)
» fronto-transversal	78,3 (?)
» transversal fronto-parietal	66,7 (?)

Pelos seus caracteres métricos, este crânio é mesaticéfalo e metriométrico, as suas dimensões lineares são, em geral, mais

baixas do que as médias obtidas por Ferraz de Macedo em Portugueses contemporâneos. Apenas a porção parietal da curva sagital e, menos acentuadamente, a porção occipital excedem essas médias. O índice fronto-transversal é inferior à media obtida por E. Valença em Portugueses do nosso tempo, dando-se o contrário com o índice fronto-parietal. O ângulo de convexidade frontal é superior à média obtida por Valença (130,7), o que atesta menor convexidade e maior inclinação. As observações feitas sobre as curvas cranianas, em confronto com as médias de F. de Macedo, são confirmadas pela comparação com as médias de A. J. da Cunha (1).

As diferenças registadas não implicam que os valores do crânio de Alcácer estejam fora dos limites da variação individual nos crânios portugueses de hoje.

É ocioso renovar as considerações expendidas, a propósito do crânio n.º 1, sobre o facto de nos termos dispensado de apreciar algumas medidas e extrair alguns índices.

*

* *

Crânio n.º 4 — Encontrado com outros ossos no cinzeiro espesso da sepultura n.º 83, não estava queimado. O indivíduo teria sido sacrificado sobre a pira.

Pôde restaurar-se quasi toda a parte cerebral do crânio. Faltam parte da base e quasi toda a parte facial, superior e média.

Hesito na diagnose do sexo, embora inclinando-me a que se trate dum exemplar masculino. O seu volume, as suas dimensões gerais, a sua robustez, assim mo levam a supor. A fronte, as bossas marcadas, porém, são antes indicadoras do sexo feminino.

(1) Vd. atrás os trabalhos citados não só deste autor como de Ferraz de Macedo e E. Valença.

A norma vertical acusa contôrno subpentagonóide, fracturas recentes no parietal esquerdo, bossas frontais e parietais muito acusadas, persistência da sutura metópica, suturas da abóbada não sinostosadas e de complicação variável (pequena junto do bregma e na escama do temporal, grande no resto), ossos vomianos fontanelares e suturais lambdóides, grandes.

Na norma lateral nota-se a verticalidade da frente, uma inflexão metópica um pouco brusca subindo o perfil até um pouco à frente do bregma, a quasi horizontalidade da porção superior do perfil, que antes do obélion se inflecte para baixo e para trás um tanto bruscamente. Esbôço de *chignon* occipital, acentuada protuberância iníaca e linhas curvas occipitais marcadas, apófises mastóides desenvolvidas.

Norma occipital: abóbada em arco contínuo e aberto, com inflexão brusca nas bossas parietais e ligeiro estreitamento para a base.

Na norma anterior, constata-se: o contôrno superior um pouco em telhado, a glabella quasi lisa, as arcadas supraciliares sensíveis na porção interna, metopismo, chanfraduras supraorbitárias bem rasgadas, um certo estreitamento frontal.

Examinando o crânio inferiormente, vê-se a parte posterior do contôrno do buraco occipital e a superfície endocraniana com as suas goteiras e sulcos vasculares e uma depressão na parte ântero-superior do parietal direito.

A espessura óssea no meio do frontal é de 6^{mm},5, ao nível do ínion 8^{mm}.

Outras medidas:

Diâmetro ântero-posterior max.	177mm
» transverso max.	148mm
» vertical auricular	109mm
» ântero-posterior iníaco	159mm
» frontal mínimo	91mm,5
» » max.	128mm (?)

Diâmetro biestefânico	121mm
» biauricular	117mm
» biastérico	112mm
» bimastoideu max.	116mm
Circunferência horizontal	520mm
Curva sagital nasion-ínion	333mm
» transversal	312mm (?)
» sagital total.	379mm
» » , parte frontal	127mm
» » , » parietal	127mm
» » , » occipital	125mm
Corda do arco frontal	109mm
» » » parietal	109mm
Ângulo de convexidade frontal	129°
» » » da parte cerebral	135°
» » inclinação do frontal (32-1)	62°
» glabella-bregma (32-2)	58°
» de inclinação da parte cerebral do frontal (32-4)	56°
» » » do occipital (33-a)	118°
» » inflexão occipital (33-4)	118°
Capacidade calculada (Pearson)	1401cc,5
Índice cefálico	83,6
» aurículo-vertical, de comprimento	61,6
» » » , » largura	73,6
» frontal transversal	71,5
» estefânico	73,2
» transversal fronto-parietal	61,8

Pelos seus caracteres métricos êste crânio é sub-braquicéfalo, ortocrânio, tapeinocrânio, estenométopo, metriocéfalo (seg. a class. de Sergi da capacidade craniana), etc.

O alto índice cefálico dêste crânio, em relação ao tipo médio português, torna quasi ociosos certos confrontos com êste tipo, do qual se distingue por aquele motivo. Apenas acentuarei que as curvas sagitais frontal e parietal se aproximam muito das médias obtidas por A. J. da Cunha, ao passo que a occipital e a horizontal as excedem bastante. Comparando com os elementos obtidos por E. Valença no estudo da frente nos Portugueses, verifica-se também que esta região estreita à frente mas alarga

atrás e que a sua convexidade é um pouco mais acentuada do que, em média, nos crânios ♂ estudados por aquele autor.

Um sumário confronto das medidas do exemplar de Alcácer com as dos braquióides portugueses que estudei noutro trabalho (1), mostra grande afastamento das médias destes últimos em relação aos índices frontal mínimo ou transversal e estefânico; e a tendência platicéfala acusada pelos índices aurículo-verticais distingue também o espécime salaciano da tendência hipsicéfala média dos braquióides portugueses actuais. Quanto às curvas sagitais, não consegui isolar um só braquióide português do nosso Instituto que pudesse aproximar-se francamente do exemplar em questão. A verdade, porém, é que o estado de conservação deste nos não proporciona outros elementos de comparação que deveriam ser ponderados, como seriam, por exemplo, vários da face.

Quatro fragmentos do maxilar superior acompanhavam os restos já descritos. Dois fragmentos, das partes laterais, são grandes. A fórmula dentária é completa, tendo apenas caído o canino direito e o último molar esquerdo, de-certo *post mortem*. A abóbada palatina era escavada. Os dentes não se apresentam muito desgastados e são grandes. A arcada dentária era parabólica. Nota-se um nítido prognatismo sub-nasal, alveolar e dentário.

Eis algumas medidas tomadas neste maxilar e nos dentes:

Comprimento da fiada de molares e pre-molares à direita 42mm

	PM ²		M1		M ²		M ³
	Dir.	Esq.	Dir.	Esq.	Dir.	Esq.	Dir.
Diâm. lábio-lingual da corôa	9mm	9mm	10mm,5	11mm	11mm	11mm	9mm
» médio-distal » »	7,5	7	11,5	11	8,5	9	8
Índice	120,0	135,7	91,3	100,0	129,4	122,2	112,5
Módulo	8,25	8,25	11,0	11,0	9,75	10,0	8,5

(1) *Estudos da etnogenia portuguesa (Crânios braquicéfalos)*, « Anais da Fac. de Med. do Pôrto », Pôrto, 1918.

Nos dois molares anteriores, de ambos os lados, é bem visível a crista oblíqua protocone-metacone. Os dois últimos molares estão comprimidos obliquamente.

A mandíbula que acompanhava este crânio, pôde reconstituir-se, excepto uma porção interna do côndilo direito. Era robusta. A fórmula dentária era completa, tendo-se, porém, dado a queda dum canino, seguida da reabsorção alveolar. Os dentes apresentam desgaste de grau muito desigual.

Há extroversão goniaca, com apófises lemurianas. A mandíbula assenta sobre o plano horizontal pelos 2 gonions e por um ponto do bordo inferior ao nível dos premolares esquerdos. As apófises geni estão reduzidas a uma pequena tuberosidade. As fossetas digástricas são profundas. As apófises coronoideias são em arco gótico, de base larga, atingindo quasi a altura do côndilo à esquerda, mais alta à direita. A chanfradura sigmóide é pouco profunda. O mento é muito saliente, triangular, com pequenas cristas laterais basilares.

Algumas medidas da mandíbula:

Altura sinfisiana	28mm
» do corpo	27
Largura bicondílina	116
» bigoniaca	100
Linha bimentoniana	56,5
Altura do ramo esquerdo	65,5
Largura do ramo esquerdo	28
» » » direito	28
Distância côndilo-coronoideia	36
Flecha da chanfradura sigmóide	11
Comprimento do côndilo esquerdo	20
Largura » »	6
Ângulo sinfisiano	74°
» mandibular	115°
Índice do ramo esquerdo	42,7
» do côndilo esquerdo	30,0

	PM ₂		M ₁		M ₂		M ₃	
	Dir.	Esq.	Dir.	Esq.	Dir.	Esq.	Dir.	Esq.
Diâm. médio-distal .	7mm	7mm	11mm	11mm	10mm	10mm	10mm	10mm
» lábio-lingual .	8,5	8,5	10	10	9	9,5	9	9
Índice	121,4	121,4	90,9	90,9	90,0	95,0	90,0	90,0
Módulo	-	-	10,5	10,5	9,5	9,75	9,5	9,5

Índice de comprimento de PM ₂ e M ₁	{ Dir. 63,6
	{ Esq. 63,6
» » largura » » » »	{ Dir. 85,0
	{ Esq. 85,0

Em relação às médias portuguesas de Ferraz de Macedo, esta mandíbula apresenta muito pequenas diferenças na altura do corpo e na largura bicondilar, mas é mais desenvolvida na largura bigoníaca, e sobretudo na linha bimentoniana e na altura do ramo. Neste, porém, a largura é menor do que na mandíbula média portuguesa, o que dá um índice do ramo muito inferior à média respectiva, que é de 52,71, isto é, superior dez unidades. Quanto ao índice do côndilo, é menor do que as médias portuguesas obtidas por Anciães Proença. Está mesmo fora dos limites de variação, indicados pelo mesmo autor, embora próximo da média humana dada por Sappey (33). Quanto aos módulos e índices dos molares inferiores, não facultam conclusões etnológicas, comparados com os de Hrdlicka.

*

* *

Com este último crânio foram-me enviados vários fragmentos de ossos longos: duas diáfises femurais, um fragmento de diáfise radial esquerda, três pequenos fragmentos de cúbitos, duas metades inferiores de diáfises humerais. Destas últimas, uma vinha muito arqueada (pela acção do fogo?). Dum modo geral, estes

ossos parecem demasiado franzinos e pequenos para pertencerem ao portador do crânio. O prof. Vergílio Correia, a quem expus o facto, com as minhas dúvidas sobre a possibilidade de atribuir êsses ossos ao mesmo indivíduo a que pertenceu o crânio n.º 4, respondeu-nos que «não podia duvidar de que êste indivíduo tivesse sido sacrificado sobre a pira, por não estar queimado, jazendo embora no espesso cinzeiro» mas admite que os ossos que lhe não são atribuíveis, tivessem pertencido ao outro indivíduo sepultado.

Apenas os restos femurais fornecem alguns elementos morfológicos. A linha áspera era muito saliente. A meio da diáfise, tomei as seguintes medidas respectivamente nos exemplares direito e esquerdo: Diâmetro ântero-posterior, 27^{mm},5 e 28^{mm}; transversal, 23^{mm},5 e 23^{mm}; perímetro da diáfise, 81^{mm} e 79^{mm}; índice pilástrico, 117,0 e 121,7. Estes índices são muito elevados em relação às médias que determinei em Portugueses contemporâneos (1), avizinhandose de algumas médias de populações inferiores (2). O perímetro da diáfise é pequeno.

O fémur, reconstituído com probabilidade em face das medidas obtidas, corresponderia a um actual de 418^{mm} de comprimento em posição e de 421^{mm} de comprimento máximo. Estes números dariam uma estatura aproximada de 1^m,60 a 1^m,62, sendo masculino o fémur, e de 1^m,55 sendo feminino. Embora tais resultados sejam muito problemáticos, a verdade é que as dimensões do fémur não estão em relação com as do crânio. Êste pertenceria porcerto a um indivíduo mais robusto do que o possuidor dos ossos longos em questão.

(1) *Povos primitivos*, op. cit., pág. 353.(2) Dadas por Martin, *Lehrbuch der Anthropologie*, 2.^a ed., t. II, Iena, 1928, págs. 1135 e 1136.

*

* *

Ossos da sepultura com o amuleto de Psamético — Tratava-se duma sepultura do tipo n.º 4, ou seja, com «o depósito funerário composto de ossos carbonizados, carvões e cinzas, dentro do qual jaziam vazilhas pequenas, armas, jóias e outros objectos (que todos sofreram a acção do fogo), resguardado superiormente por uma camada de pedras aglutinadas, e inferior e lateralmente por um verdadeiro sarcófago, caixa ou caixão cavado na rocha do fundo» (1). Havia poucos ossos nessa sepultura, à qual pertence o n.º 84, e estavam misturados com cinzas. O amuleto de Psamético I do Egito (515-609 a. C.) foi o mais importante achado desta sepultura e de-certo um dos mais importantes da necrópole.

Verifiquei que os ossos estavam reduzidos a pequeníssimos fragmentos. Apresentavam-se, todos, porcelanados, pesados, alguns torcidos e estalados, manifestando a acção do fogo. Apenas pude distinguir um fragmento de acetábulo e alguns de ossos longos diversos, mas todos insusceptíveis de estudo concludente, devendo notar-se, porém, que alguns não parecem humanos, o que está de acôrdo com o informe do dr. Vergílio Correia de que havia, por cima, nestes depósitos funerários, restos ósseos de animais sacrificados. Alguns fragmentos de ossos longos são grossos, permitindo crer que se tratava dum ser grande e robusto.

*

* *

Ossos da sepultura n.º 93 — Foram encontrados dentro da vazilha. Trata-se de fragmentos numerosos que sofreram evidente-

(1) Vergílio Correia, *Escavações*, etc., op. cit., pág. 8 do extr.

mente a acção do fogo. Alguns são pesados, porcelanados, mais ou menos torcidos.

Pelas dimensões, parece tratar-se de restos duma criança. Foi possível determinar um fragmento muito deteriorado da parte anterior do maxilar superior esquerdo. Parece que a abóbada palatina era escavada. Notam-se ainda alguns alvéolos e mesmo um dente. Reconhecem-se também uma rótula direita e alguns fragmentos de vértebras (por exemplo, a parte anterior dum axis, pequeno, e uma vértebra lombar incompleta), de costelas, de ilíacos, de ossos longos. Entre estes últimos, destaques: a epífise superior dum rádio esquerdo, mais pequena do que a duma menina de 16 anos com que a comparei, e a cabeça e o colo dum fémur direito, também mais pequeno. As medidas da cabeça femural são: diâmetro vertical, 31^{mm}; transversal, 34^{mm}, correspondendo a um índice de secção de 109,7, bastante superior à média que obtive em Portugueses adultos de hoje.

À rótula, muito pequena, correspondem as medidas seguintes:

Espessura máxima	13 ^{mm}
Altura >	34
Largura >	31
Índice de altura-largura	109,7

*

* *

Resultados gerais — Outros ossos enviados não ofereciam elementos antropológicos do menor interesse, porque estavam reduzidos a fragmentos insignificantes.

Cingindo-me, assim, aos resultados do exame dos crânios e dos outros documentos osteológicos cuja descrição fica feita com um certo detalhe, porei em relêvo apenas alguns factos mais im-

portantes, tanto mais que se trata duma série insuficiente para conclusões latas e formais.

Feitas estas reservas indispensáveis, notarei: que o índice cefálico em todos os exemplares excede a média portuguesa actual; que, em um ou dois exemplares em que a proeminência facial se pôde apreciar, havia prognatismo; e, enfim, que, sobre um grande número de caracteres de menos concludente significado etnológico (ângulos e índices da frente, curvas cranianas, etc.) não era possível aproximar êsses documentos, com segurança, de quaisquer tipos conhecidos da antropologia prehistórica ou actual do território português, antes nalguns se notam divergências impressivas. Quando muito, seria lícito colocar com muita probabilidade o portador do crânio n.º 1 dentro dos limites de flutuação do tipo dolicoide ibero-insular a que correspondem as médias portuguesas actuais. Os restantes exemplares divergem acentuadamente dêsse dolicoide, não só na tendência braquicéfala como no prognatismo acusado em um ou dois maxilares superiores. Enfim, embora alguns exemplares sejam robustos, os restos de ossos longos deixam a impressão de que a estatura seria mediana ou inferior à mediana.

No epipaleolítico de Muge, na época neo-eneolítica, na época romana, na época bárbara, na actualidade, registam-se espécimes braquioides (1). Mas tôdas as tentativas que fiz no sentido duma aproximação estreita dos exemplares de Alcácer com qualquer dêsses espécimes não surtiram êxito.

Evidentemente, tenho da amplitude das variações individuais em Antropologia a noção necessária para reconhecer que êsse facto não basta para excluir a hipótese de relações entre os braquioides de Alcácer e os doutras épocas e regiões do país. Mas

(1) V. meus *Estudos da etnogenia portuguesa (Crânios braquicéfalos)*, op. cit.

predomina quási sempre, neste, a dolicocefalia com a qual, aliás, não são impossíveis certas aproximações (1), e, por outro lado, os braquioides actuais e primitivos do país mostram uma tendência hipsicéfala, que é oposta à tendência platicéfala registada no crânio n.º 4, tendo-me permitido até aventar, entre outras hipóteses, a duma sua origem armenóide.

Assim, o braquióide salaciano parece ter mais afinidade com o braqui-platicéfalo europeu (celto-bretão? ligúrico?) da raça alpina, tão bem estudada por Broca, Pittard, Reicher, etc., do que com os braqui-hipsicéfalos da bacia do Adriático ou da Ásia Anterior.

Mas não será racional procurar antes a sua aproximação com o braquicéfalo pequeno, norte-africano, que Bertholon e Chantre isolaram na ilha de Gerba e nas costas orientais da Tunísia? (2) Alguns autores relacionam êste elemento com os braquicéfalos de Muge ou antes com os «Prospectors» de Fleure ou «Armenóides marítimos» de Elliot Smith. Notemos, porém, que os «Prospectores» são descritos como de alta estatura, como de glabella e arcadas supraciliares não salientes, etc. (3).

Segundo Giuffrida-Ruggeri, uma braquicefalia moderada estaria relacionada com a repartição dos dolmens nas costas europeias (4). Os «Prospectores» são dados efectivamente por Fleure como um dos grupos ligados com a distribuição costeira dos megalitos e ocupados no tráfico, também costeiro, do cobre; do

(1) Não é impossível que alguns braquioides resultem de flutuações individuais de tipos dolicocefalos (Vd. minha nota *La minorité brachycéphale chez les Portugais et l'origine de la brachycéphalie*, «C.-R. des séances de la Soc. de Biologie», t. C, pág. 526, 1928).

(2) Bertholon & Chantre, *Recherches anthropologiques dans la Berbérie Orientale, Tripolitaine, Tunisie, Algérie*, «Bull. de la Soc. de Géogr.», Paris, 1918, pág. 375.

(3) A. C. Haddon, *The races of man*, Cambridge, 1924, págs. 28 e 33.

(4) V. Giuffrida-Ruggeri, *Antropologia e archeologia in taluni riguardi della preistoria europea*, «Arch. per l'Antr. e l'Etnol.», t. XLVI, Firenze, 1917.

estanho e do oiro. Mas há que procurá-los entre os poucos braquioides neo-eneolíticos do território, quando muito entre os que surjam, referíveis à época do bronze. Na segunda idade do ferro, a não admitir uma funda solução de continuidade entre a dolicocefalia predominante neo-eneolítica e a actual do país, está mais indicado talvez procurar numa influência estranha coeva a origem da tendência mesati-braquicéfala constatada em Alcácer.

O prognatismo observado num ou dois maxilares superiores de Alcácer não é, de-certo, um facto que não tivesse precedentes no *H. tagnus* de Muge ou em alguns espécimes neo-eneolíticos do território. Mas nem porisso deixa de sugerir uma aproximação negróide, que é excepcional na população portuguesa contemporânea.

Dêste modo, sabido que a necrópole de Alcácer do Sal, segundo as investigações de Vergílio Correia, corresponde a uma população «indígena em contacto directo com os navegadores mediterrâneos», é de admitir a hipótese de que os documentos osteológicos agora estudados não seriam, em geral, de verdadeiros indígenas ou revivescências mais ou menos modificadas dos antigos capsenses peninsulares de origem africana, mas antes de recémchegados estranhos, de nautas ou mercantes, sobretudo púnicos, ou de escravos sacrificados, nalguns dos quais não faltariam mesmo feições negróides (como o prognatismo), sendo duvidoso que se tratasse de verdadeiros tipos nigríticos, por não ter até agora aparecido ali a tendência dolicoide tão marcada em geral nestes tipos.

Note-se, entretanto, que no Algarve, na época romana, crânios de escravos, estudados por Álvaro Basto e Ferraz de Macedo (1) oferecem ao lado de dolicocefalos e mesaticéfalos, alguns

(1) Citados em meus *Estudos da Etnogenia Portuguesa*, op. cit., pág. 14 do extr.

sub-braquicéfalos e braquicéfalos. Já, em crânios da época romana, de Viana do Alentejo, há apenas dolicocefalos ou mestiços destes com braquicéfalos: braquicéfalos propriamente, não se encontraram (1).

Na minha tentativa, já referida, de reconstituição da etnologia do território na idade do ferro, sobre documentos iconográficos, mencionei uma estatueta precisamente de Alcácer do Sal, descrita por Leite de Vasconcelos, como possivelmente coeva da necrópole. Mas nada de seguro tal peça nos diz para a antropologia. Teria, segundo aquele ilustre professor, a cabeça cônica, o pescoço grosso e grande, as pernas curtas, etc. (2).

As moedas, também de Salácia, com caracteres ibéricos forneceram a essa tentativa effigies, que defini «caucasóides com os cabelos um pouco ondedos» (3). Nada de prognatismo, de plattirrinia, dos cabelos crespos a que Marcial e Tácito aludiram, em relação aos Hispanos.

Mas é da maior importância recordar o facto, citado por Leite de Vasconcelos (4) de que, na actualidade, existem no concelho de Alcácer do Sal famílias numerosas de mulatos. Logo se pensa em que se trate de revivescências dos negróides pre-romanos, de que se teria encontrado o rasto remoto no escasso espólio osteológico da necrópole. Simplesmente sugere dúvidas à hipótese de tão longínqua ascendência local o facto averiguado de importações, bem mais recentes, de sangue nigrítico se terem diluído na massa dominante, caucasóide, da população portuguesa (5).

Não me parece que se possam tirar quaisquer indicações em

(1) Costa Ferreira, *Contribution anthropologique à l'étude de quelques cimetières anciens du Portugal*, «Bull. et Mém. de la Soc. d'Anthr. de Paris», Paris, 1914.

(2) *Religiões da Lusitânia*, III, Lisboa, pág. 68.

(3) *Povos primitivos*, etc., op. cit., pág. 310.

(4) «Arqueólogo Português», t. I, pág. 67.

(5) *Povos primitivos*, op. cit., pág. 329.

favor da permanência dos tipos salacianos pre-romanos no sul de Portugal, do facto de o índice cefálico médio do Algarve ser hoje dos mais elevados do país e do índice nasal da mesma província ser também dos mais altos. Alcácer está nos limites da Extremadura e do Alentejo. Ora o facto não se verifica para estas províncias, mas para o Algarve que está mais longe ⁽¹⁾.

Emfim, quer tenham ou não subsistido na região os elementos salacianos referidos, inclino-me a atribuir menos à persistência de certos tipos primitivos do que a penetrações de extranhos no pôrto interior do Sado, as tendências braqui-platicéfalas e prognatas de que dei notícia. Os visitantes cartagineses especialmente não deixariam apenas aos indígenas os anéis de ouro, os ovos pintados de avestruz, as placas de marfim, as candeias típicas e outras peças de que Vergílio Correia faz menção. Entre eles vinham também indivíduos de caracteres antropológicos diversos do tipo dominante indígena. Alguns ficariam por cá, como colonos ou mais provavelmente como escravos cedidos pelos mercantes púnicos aos compradores locais. Daí, provavelmente, o que há de antropológicamente aberrante, em relação ao crível tipo indígena, nos restos exumados em Alcácer.

Julgo menos presumíveis outras hipóteses, como a de se tratar de elementos braquióides vindos com os invasores celtas ⁽²⁾,

(1) Fonseca Cardoso, *Antropologia portuguesa* «Notas sobre Portugal», vol. I, Lisboa.

(2) Bosch Gimpera incluía Alcácer do Sal no domínio cultural a que pertencem as necrópoles post-hallstáticas de Castela (Vd. apêndice à *Hispania*, de Schulten, trad. espanhola, Barcelona, 1920, págs. 189 e 205; e, também de Bosch, *Los Celtas y la Civilización céltica en la Península Ibérica*, «Bol. de la Soc. Españ. de Excursiones», Madrid, 1921, págs. 33 e 54 do extr.). Sobre o tipo ou tipos físicos dos Celtas vd. *Povos primitivos*, pág. 312. Bosch considera o escaravelho egípcio de Psamético I (615-609) encontrado numa sepultura de Alcácer do Sal por Vergílio Correia como um importante achado, e dos raros achados peninsulares demonstrativos duma colonização fenício-cartaginesa no séc. VII (P. Bosch

ou de braquióides provenientes da Ásia anterior e cujos antepassados teriam vindo nas navegações dos Fenícios ⁽¹⁾). Esta última hipótese justificar-se-ia também, até certo ponto, pelo achado do escaravelho egípcio de Psamético (séc. VII a. C.), cuja aparição Bosch Gimpera atribui à vinda dos Fenícios ao Ocidente naquela data, sensivelmente anterior, aliás, à da necrópole (sécs. V a III a. C.). O papel atribuído por Vergílio Correia aos Cartagineses na difusão de certos elementos culturais até Alcácer do Sal, a existência de braquióides nas costas tunisianas, o provável negroidismo testemunhado por um ou dois exemplares prognatas da necrópole, são, entre outras, as razões que me levam a preferir a atribuição de vários caracteres antropológicos dos ossos estudados a penetrações exóticas determinadas pelas navegações púnicas.

Mas longe do meu espírito dar tal hipótese como assente. Os materiais são demasiado precários e os métodos impotentes para conclusões de tanta monta. Contentemo-nos com o registo sóbrio dalguns documentos.

No meu livro «Os povos primitivos da Lusitânia» escrevi em 1924: «A Antropologia não possui documentos directos e seguros para o estudo da etnologia da idade do ferro em Portugal. A prática da incineração e a destruição dos ossos inumados são as causas duma enorme lacuna na antropologia dessa fase. A descoberta duma necrópole de inumação correspondente a essa época e na qual surgissem bem conservados alguns esqueletos, seria duma alta importância e traria porcerto alguns esclarecimentos de vulto...»

Gimpera, *Fragen der Chronologie der Phönizischen Kolonisation in Spania*, «Klio», vol. XXII, Leipzig, 1928, pág. 351). Nesse mesmo trabalho Bosch considera a necrópole de Alcácer como *céltica* e dos sécs. V-III a. C. (pág. 352).

(1) É a conhecida braquicefalia de espécimes árabes e sírios de que me ocupei nos *Estudos da etnogenia portuguesa*, op. cit.

Ora, em Alcácer a incineração era a regra. De-veras reduzidos são, pois, os documentos osteológicos que ali escaparam à acção do fogo ou à destruição através dos tempos. Mas, como não há ainda mais e melhor, a sua descrição impunha-se como uma simples contribuição para a antropologia da idade do ferro no nosso território. É, de resto, a primeira baseada directamente em documentos osteológicos coevos, e não apenas em textos, estátuas ou efígies monetárias (1). Ela foi consequência das meritorias escavações de Vergílio Correia, a quem agradeço ter-me proporcionado o estudo do precioso material (2).

(1) Entre as figurações humanas referidas na minha tentativa iconográfica já citada (*Povos primitivos*, etc., pág. 303) encontram-se as estátuas de guerreiros galaico-lusitanos. Um curioso petroglifo dum guerreiro pre-romano, descoberto já depois dessa publicação no Monte do Castelo em Penafiel, foi por mim noticiado e descrito em vários trabalhos (Vd. sobretudo: «Águia», n.ºs 37 a 48, 3.ª série, Pôrto, 1926; «Broteria», fasc. 1, t. IV, Caminha, 1927, e *A Lusitânia pre-romana*, na «História de Portugal» dirigida pelo prof. Damião Peres, Barcelos, t. 1, pág. 193). Mas, se o petroglifo tem alto interesse arqueológico, nenhum possui antropológico, idênticamente ao que sucede com as referidas estátuas calálicas. É uma representação rude e quasi esquemática.

(2) Agradeço também ao antigo assistente da Faculdade de Letras do Pôrto, sr. dr. H. Pinto Lima, o auxílio que me prestou na laboriosa reconstrução dalgumas peças ósseas, estudadas neste artigo.

VÁRIA

Caracteres rúnicos e caracteres ibéricos

Estácio da Veiga, que entre nós (que sabemos) foi o primeiro a aproximar caracteres rúnicos e ibéricos, idea mais tarde desenvolvida por Ricardo Severo no seu artigo da revista «Portugália» sobre os dolmens de Alvão, teve um precursor espanhol do século XVIII (1738), que, embora deixando para outros o problema do parentesco, apresenta para comparação um quadro de 16 letras rúnicas primitivas, bem como o alfabeto ulfiliano. Vem êsse quadro a páginas VIII do Prólogo da «Bibliotheca Universal de la Polygraphia Española», composta por D. Cristobal Rodriguez, e publicada, por ordem de Felipe V, pelo seu «Bibliothecario Mayor», D. Blas Antonio Nassarre y Ferri. Esta obra pode ver-se na Biblioteca Municipal do Pôrto, em cujo catálogo tem a cota H-11-42. O Prólogo é da pena erudita de Nassarre, autor de vários trabalhos bastante apreciados, e tãda a obra, esplêndidamente editada, e ocupando-se, no seu corpo, da paleografia espanhola a partir do século X, é ornada de magnificas gravuras.

Nassarre, depois de passar em revista os mais antigos documentos epigráficos e numismáticos de Espanha, chega à conclusão de que bastantes não podem ser nem fenícios, nem púnicos, gregos, hebraicos, caldeus, romanos, godos ou árabes: logo, diz êle, são puramente espanhóis, não se lhes encontrando iguais em qualquer outro país. Nota que nas medalhas se vê, na maioria dos casos, um cavaleiro com uma lança enristada, «marca própria das cidades da Espanha Citerior, e ainda da Celtibéria», trazendo outras vezes o cavaleiro, em vez de lança, uma palma, ou então uma ave, que parece um falcão.

Enumera também os eruditos de várias nações que por essa época se estavam ocupando do problema, citando igualmente o nosso Contador de Argote, e conclui, como dissemos, aguardando os seus resultados, embora se incline para que esta primeira escrita fôsse a dos Turdetanos. Reproduz ainda a passagem de Estrabão relativa à existência na Península duma civilização antiquíssima, com documentos literários abrangendo seis mil anos.

LUÍS CARDIM.

As fíbulas do Museu Regional de Bragança

Nesta ligeira nota pretendemos apenas registar o inventário das fíbulas do Museu Regional de Bragança, sem pretensões de organizar o seu catálogo, baseando-nos em apontamentos colhidos numa visita feita em 9 de Março de 1931 com o ilustre director P. Francisco Manuel Alves, Rev. Abade de Baçal.

A-pesar-de estarem parcialmente descritas pelo dr. José Fortes e Albino Pereira Lopo, não deve ser inútil a sua recapitulação ordenada, por se tratar do mais perfeito núcleo regional dos nossos museus.

O exemplar inédito de ouro encontrado em *Vinhas*, notável pelo seu pêso e trabalho, pode sem favor considerar-se precioso, pois só estão registadas dêste metal nobre em Portugal outra fíbula alentejana (1) e uma fivela de *Agarês* (Vila Real) desaparecida (2). Denotando a riqueza arqueológica do distrito na época luso-romana conheciam-se uma fíbula de charneira, de prata, do concelho de *Mogadouro* (3), e, na extrema, o torques de prata de *Cortinhas* (4); e ainda de *Lagares* (Grijó de Vale-bemfeito) um anel espiraliforme de ouro, provávelmente da idade do bronze (5).

Tratando-se dum estudo em começo na Península, pretendemos chamar a atenção para o facto das fíbulas transmontanas representarem a transição das castrejas do noroeste para as castelhanas, do interior.

As fíbulas hispánicas apresentam-se com caracteres próprios, nos quais se podem reconhecer algumas variedades regionais. O grupo transmontano, de transição da idade do ferro para a época luso-romana, pela sua ornamentação aproxima-se do tipo castelhano, mas pela forma pertence ao tipo castrejo.

(1) J. Henriques, *Objectos romanos do Alentejo*, «O Arch. Português», IV, pág. 288, fig. 4. 1898; J. L. de Vasconcellos, «O Arch. Português», XIII, pág. 356. 1908.

(2) H. Botelho, *Moedas romanas achadas em Agarez*, «O Arch. Português», III, pág. 120. 1897.

(3) José Fortes, *Fíbulas e fivelas. I. Fíbula romana*, «O Arch. Port.», IX, pág. 1, fig. A. 1904. Considera «aquisição de muito interesse e valia».

(4) José Fortes, *Museu municipal "Azuaga"*, «Portugalia», II, pág. 117, fig. 1. 1905; J. L. de V., «O Arch. Port.», XI, pág. 355. 1906; Mário Cardozo, *Jóias arcaicas encontradas em Portugal*. Sep. de «Nos», fig. 4. A Cruña. 1930.

(5) Desaparecido, segundo informação obsequiosa do Rev. Ab. de Baçal. Apareceu numa cista. Tinha o formato duma cobra, e dava três voltas a um dedo. (Do tipo dos de Barro, Breia, Casal de Pardo e Gondeiro?).

No Museu de Bragança expõem-se nove fíbulas de bronze dos castros de *Argoselo*, *Cocolha*, *Santa Juzenda* e *Picote*; de *Donai* e *Estevais*; e uma de ouro de *Vinhas* (1). Exceptuando duas fíbulas de charneira e botão de Donai, tôdas as outras são castrejas, de mola bilateral do modêlo de bésta (*en arbalète*), com dois tipos: de três peças independentes (aro, mola e fusilhão) e de uma só peça (Picote). Faltam duas fíbulas do castro de Cocolha (Nogueira de Vimioso) mencionadas pelo dr. José Fortes no estudo fundamental sôbre *As fíbulas do noroeste da Peninsula* (2), e outra de Coelhooso (3).

Por uma ordem tipológica que se nos assemelha razoável, é a seguinte a sua descrição:

1. *Fraga do Seixo* (Estevais de Mogadouro). Fíbula completa com linda pátina, formada de três peças independentes. O pé, do tipo de roca como o de alguns *acus crinalia*, e o aro são ornamentados. A mola bilateral deve ter perdido os tambores ou discos terminais (4). Semelhante a fíbulas do castro de Pragança (5), e de Numância e acampamentos circunvizinhos (6).

2. *Castro de Argoselo* (Vimioso). O aro tem uma nervura média, alta e fina, lunular, e, tanto nêle como no pé, inserem-se argolas de que porventura penderiam enfeites (7). Tambores terminais no eixo de ferro da mola, como em exemplares de Belinho,

(1) No Museu encontram-se ainda: cinco fivelas de bronze, do tipo chamado em omega (como outras de Rio Torto, Sacoiás, Vimioso, Vinhais, etc.); e entre outros utensílios metálicos: um machado de bronze de talão e um anel, e outro com dois anéis; seis machados chatos de bronze; lucerna de bronze de Frezulfre (Vinhais); armela de sítula de Carrocedo; carneiro de bronze do Olival de Miranda (Vila-Flor); lança de Picote; etc. A colecção epigráfica será brevemente publicada pelo Rev. Ab. de Baçal.

(2) «Portugalia», II, págs. 20-21, figs. 23-24. 1905. Uma delas ainda em 1929 foi examinada pelos meus presados amigos os arqueólogos galegos Florentino L. Cuevillas e dr. F. Bouza Brey.

(3) A. Pereira Lopo, «O Arch. Port.», V, pág. 250. 1900.

(4) Albino Pereira Lopo, *Estevais de Mogadouro*, «O Arch. Port.», V, pág. 250. 1900; J. Fortes, «Portugalia», II, pág. 21, fig. 20. 1905; J. Déchelette, *Essai sur la chronologie préhistorique de la péninsule ibérique*, «Revue Archéologique», 4.ª série, XII, 1908-II, págs. 397-398, fig. 7-J-K. Paris. 1908.

(5) J. L. de Vasconcellos, *Religiões da Lusitânia*, III, pág. 127, fig. 54. Lisboa. 1913; e *História do Museu Etnológico Português*, est. VII, Lisboa. 1915.

(6) A. Schulten, *Numantia*, III, est. XLVI, n.º 13, etc., e IV, est. LI, n.º 8. Muenchen. 1929.

(7) Como exemplo de fíbulas com pingentes ver um exemplar de Herculanium em: Cagnat e Chapot, *Manuel d'archéologie romaine*, II, pág. 406, fig. 599. Paris, 1920, segundo Saglio. *Dict. des Ant.*, fig. 3026.

Briteiros, Terroso, etc. (1). Falta o fusilhão (2). Aproxima-se no tipo e ornamentação das fíbulas do castro de Vilarinho de Cotas (3) e de Castelo Branco (4).

Dêste exemplar diz Déchelette: «C'est une fibule à queue relevée et à arbalète, qui, par son profil général, présente une certaine similitude avec la fibule étrusque dite de la Certosa ou encore avec la fibule gauloise de La Tène I. La présence de l'axe transversal à boule ou à disques terminaux rappelle, d'autre part, un type étrusque où se retrouve cette particularité. Ce qui est propre au modèle hispanique, c'est la disposition du ressort en fer (na realidade é de bronze e o eixo de ferro) enroulé sur l'axe de chaque côté de l'épingle». Por outro lado aproxima-se do tipo dos tumulos de Avezac (Altos Pirineus), pertencentes ao fim da primeira idade do ferro (5).

3. *Distrito de Bragança*. Igual à anterior, mas de menores dimensões e perfeitamente conservada (Inédita?).

4. *Castro de Santa Juzenda* (Vale de Prados, freguesia de Múrias, Mirandela). Fragmento dum aro com a nervura do tipo anterior, atravessado por três cravos ornamentais de cobre (6).

5. *Castro de S. Juzenda*. Pé de roca encostado ao aro. Mola bilateral independente e sem fusilhão (7). Modêlo vulgar em Numância, onde evoluciona para o tipo de La Tène com o pé soldado ao aro (8).

6. *Estrada* (Limite de Vinhas, concelho de Macedo de Cavaleiros). Fibula de ouro (pêso 45 grs.) encontrada ao arrancar um

(1) R. de Serpa Pinto, *A Cividade de Terroso e os castros do N. de Portugal*. IV Congr. Internacional de Arqueologia. Barcelona. 1929.

(2) Albino Pereira Lopo, *Museu Municipal de Bragança*, «O Arch. Port.», v, pág. 336, 2. 1900; P. Paris, *Essai sur l'art et l'industrie de l'Espagne primitive*, II, pág. 264, fig. 393. Paris. 1904; J. Fortes, «Portugalia», II, pág. 21, fig. 19. 1905; J. Déchelette, *Les petits bronzes ibériques*, «L'Anthropologie», XVI, pág. 37, fig. 3-B. Paris. 1905, e *Essai etc.*, «Rev. Arch.», 1908-2, fig. 7-L. 1908.

(3) R. Severo, *O Castro de Vilarinho de Cotas*, «Portugalia», II, pág. 266, figs. 4-5. 1906.

(4) J. L. de V., *Fibula de bronze do Museu de Castelo Branco*, «O Arch. Port.», XXIV, pág. 107, est. XXIX, figs. 24-25. 1920.

(5) J. Déchelette, «L'Anthropologie», *loc. cit.*

(6) J. Fortes, «Portugalia», II, pág. 25, fig. 21. 1905.

(7) J. Fortes, «Portugalia», II, pág. 21, fig. 18. 1905.

(8) A. Schulten, *Numantia*, II, ests. XLVII e XLVIII. Muenchen. 1931.

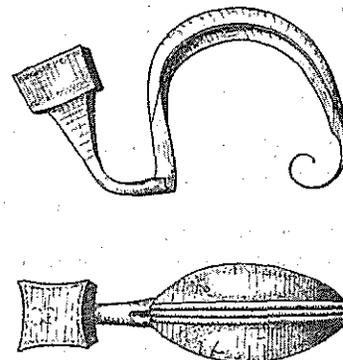
castanheiro, em 13 de Novembro de 1930, pelo trabalhador João Manuel Gazalho (figs. 1 e 2). Tôda a superfície é rugosa. Por martelagem foi espalmado e dobrado o aro, como o atestam as fracturas transversais pouco profundas da superfície convexa, a de maior desenvolvimento.

O apêndice caudal, do tipo de mesa ou de prato, é prismático (9 mm. de altura) e tem por base um quadrilátero curvilíneo (13 mm. na menor dimensão) orlado de golpes de punção, esboçando-se no centro um ornato em forma de 8. As faces teem a concavidade ornamentada a punção por duas faixas, de 1 mm. de largura, formadas por três pontos. Apêndice muito semelhante tem uma fibula espanhola do Museu de St. Germain, apresentando o mesmo ornato em forma de 8 (1).

O pé é de feitio piramidal, como nas fíbulas castrejas (Belinho, Santa Luzia, Terroso, etc.), e na curva de ligação ao aro apresenta a goteira de descanso do fusilhão.

O aro, de grande simetria, tem de cada lado duma tripla nervura média (3 a 6 mm.) duas abas que lhe dão aspecto naviforme ou de escudo (fig. 2) como numa fibula hispânica, anular, de Alcácer do Sal (2). A face inferior é rude. A superior apresenta ornatos puntiformes, do mesmo género dos do apêndice caudal, com disposição lanceolada, tendo as extremidades preenchidas com pequenas marcas de punção circular.

O aro, junto à cabeça, adelgaça-se até se transformar numa lâmina muito fina, recurvando-se em arco de círculo no mesmo plano. Pela deminuta espessura da sua extremidade surge a dúvida se a fibula teria a mola independente, como nos exemplares descritos, pois difficilmente se poderia continuar numa peça só a mola, à qual faltaria também a necessária flexibilidade. Infeliz-



Figs. 1 e 2
Fibula de ouro de Vinhas. 2/3

(1) Cartailhac, *Les ages préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, pág. 298, fig. 428. Paris. 1886; P. Paris, *Essai, etc.*, II, págs. 265-266, fig. 399.

(2) Vergilio Correia, *As fíbulas da necrópole de Alcácer do Sal*, «Biblos», VI, n.ºs 7 e 8, pág. 508, fig. 4. Coimbra, 1930.

mente faltam a mola e o alfinete para esclarecerem devidamente este ponto.

Comparável com uma fíbula espanhola duma só peça, de bronze, no Museu do Louvre (1).

As fíbulas, tanto halstáticas como de La Tène, são em geral de bronze ou ferro, e, segundo Déchelette (2), só muito raramente de ouro.

Produto único da metalurgia local, quem sabe se do ouro das minas de França (Montezinho), é mais uma prova da riqueza e da originalidade da indústria castreja transmontana.

7. *Castro de Cocolha* (Vimioso). Pé tronco-cónico aderente ao aro (3). Faltam a mola e fusilhão que deviam ser independentes. Pelo tipo especial e ornamentação assemelha-se a fíbulas do Castro de Vinhais (4), no Museu Etnológico Dr. Leite de Vasconcellos; exemplares hispânicos do Museu do Louvre (5); exemplares de Arcóbriga e Luzaga expostos na colecção Cerralbo, do Museu Arqueológico Nacional de Madrid; e fíbulas de Numância e dos acampamentos circundantes (6).

8. *Castro de Picote* (Miranda do Douro). Fíbula formada primitivamente duma só peça (?). Aro de sanguessuga liso, com pé curto e singelo encostado ao aro. A mola apresenta apenas duas espiras e uma curta corda. Está separada do aro, e, talvez devido a uma fractura antiga, foi ligada por uma cravação, que se observava noutra fíbula do Castro de Cocolha desaparecida.

Foi encontrada com moedas romanas e objectos de cobre num dos mais notáveis castros luso-romanos do distrito, onde era bem necessário proceder a escavações (7).

9-10. *Sagrado* (Donai). Duas fíbulas romanas de charneira e botão, com o aro ornamentado (Inéditas?). Deste tipo, muito

(1) P. Paris, *Essai etc.*, II, pl. VIII, n.º 1, pág. 265.

(2) J. Déchelette, *Manuel etc.*, IV, pág. 1245. Paris, 1914. Sobre os exemplares de ouro do Museu do Louvre consultar: André de Ridder, *Catalogue sommaire des bijoux antiques*, págs. 75-77, pls. XV-XVI, Paris, 1924.

(3) J. Fortes, «Portugalia», II, pág. 21, fig. 22.

(4) Celestino Beça, *Antiquallas transmontanas*, «O Arch. Port.», X, pág. 106, fig. I, 1905.

(5) P. Paris, *Essai etc.*, II, pl. III, pág. 265.

(6) A. Schulten, *Numantia*, II, est. XLIX. Muenchen. 1931; Id. IV, est. LI, n.ºs 3-4. Muenchen. 1929.

(7) A. P. Lopo, «O Arch. Port.», V, pág. 336, n.º 1. 1900; P. Paris, *Essai*, pág. 265, fig. 395; J. Fortes, «Portugalia», II, pág. 20, fig. 17.

freqüente, existe uma fíbula do Castro de Sacoias no Museu de Martins Sarmento, e outra de prata, já citada, de Mogadouro, no Museu Etnológico Dr. Leite de Vasconcellos.

Pôrto. Março de 1931.

R. DE SERPA PINTO.

Instituto de Anatomia do Pôrto

Uma das visitas a fazer pelos Congressistas estrangeiros a Institutos científicos, registadas no programa do Congresso Internacional de Antropologia, foi a realizada ao Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina do Pôrto. Aí se reuniram algumas das mais distintas individualidades científicas nacionais e estrangeiras, como os professores Frassetto (Bolonha), Verneau (Paris), Loth (Varsóvia), Vallois (Toulouse), Sergi (Roma), Chevket-Aziz (Constantinopla), Muller (Nancy), Grzybowski (Varsóvia), dr. R. Locchi (S. Paulo), Dr. Frets, etc., etc., professores Pires de Lima, Mendes Corrêa e Hernâni Monteiro. Entre os visitantes contavam-se também os drs. Mário de Almeida (vereador do Município portuense), Alberto Costa (Coimbra) e Cardoso Marta (Lisboa).

Antes da visita, o director, prof. Pires de Lima, pronunciou um discurso de boas-vindas e cumprimentos aos visitantes, o qual se traslada:

Mesdames:
Messieurs:

C'est pour nous une honneur suprême de recevoir dans l'Institut d'Anatomie de Porto l'élite des anthropologistes, des archéologues et des ethnologistes.

Nous n'avons pas de traditions anatomiques. Ce fût seulement il y a cent ans environ, deux siècles après Vésale, que la morphologie humaine a commencé à être cultivée dans cette ancienne ville de commerçants.

Ce fût Vicente José de Carvalho le premier qui a enseigné l'anatomie chez nous. Nous sommes fiers de conserver dans la Bibliothèque de cet Institut le cœur du fondateur de l'enseignement anatomique à Porto. Celui-ci, ainsi que son successeur Bernardo J. Pinto, ont été des professeurs et dissecteurs excellents et ils ont fondé un musée qui a entré en décadance après leur mort.

Ce fût seulement en 1911 que nous avons initié à Porto des recherches anatomiques. Le gouvernement portugais a consacré nos efforts créant, en 1920, l'Institut d'Anatomie.

Il y a quatre ans, l'ancien ministre de l'instruction publique, Alfredo de Magalhães, professeur à cette Faculté, nous a accordé des fonds pour construire l'édifice de cet Institut, bâtiment modeste, mais qui nous permettra de travailler avec assez de confort, quand il sera complété.

Vous pouvez voir dans une brochure qui a été écrite en votre intention par le professeur Hernâni Monteiro, le résumé des travaux qui, depuis vingt ans environ, ont été poursuivis chez nous. Ils sont bien modestes mais vous pouvez reconnaître la bonne volonté de tous ceux qui travaillent à ce Laboratoire.

Le Comte Henri de Keyserling, qui nous a visité il y a quelques mois, a dit que l'âme portugaise est une des plus compliquées du monde. Elle serait caractérisée, d'après le philosophe si discuté, par une ténacité comprimée et par une explosivité consécutive.

L'explosion de l'âme portugaise a donné autrefois les grandes découvertes géographiques et dernièrement, hélas! elle a déclenché seulement des émeutes stériles.

Si un jour les Portugais s'adonneront de tout cœur à la recherche scientifique, ils retrouveront sa glorieuse finalité historique et notre Pays redeviendra grand, en collaborant largement avec les savants des nations les plus avancées.

La science n'a pas de patrie, dit Ramón y Cajal, mais les savants en ont une. Dans la science que nous cultivons, nous pouvons être nationalistes, en étudiant l'anatomie et l'anthropologie des Portugais de l'Europe et bien aussi des Portugais des races si variées, répandues par notre Empire colonial, encore très vaste, des côtes d'Afrique, de l'Inde, et des établissements portugais de Chine et d'Océanie.

C'est une grande tâche que nous avons à faire.

Mesdames et Messieurs:

À l'entrée de cet Institut vous verrez un jeune arbre; c'est un châtaignier que j'ai arraché de la terre bénie où je suis né et où j'ai passé mon enfance. Je ferai venir aussi un chêne. Et ces deux arbres si caractéristiques de la flore de ma chère Province de Minho, plantés à la porte de cet Institut, auront un rôle symbolique. Leurs branches s'épanouiront en entière liberté; ils ne seront jamais taillés.

À l'ombre paisible de ces arbres, nous continuerons notre tâche, qui est encore en ébauche.

En saluant vivement les membres de l'Institut International

d'Anthropologie et tous les illustres savants qui ont pris part au Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie préhistorique, je vous prie d'excuser mon idéalisme bien lusitanien, et de bien vouloir m'accompagner dans ce voeu, que j'adresse à l'Institut auquel j'ai dédié toute ma vie et à chacun des arbres que, pour l'ombrager, j'ai transplanté de la terre chérie qui m'a vu naître: Qu'ils vivent, qu'ils croissent, qu'ils fleurissent!

Em seguida foram visitadas tôdas as dependências do Instituto, Museu, Laboratórios de Anatomia, Medicina Operatória, Antropologia, Biblioteca, Gabinete de Desenho, Salas de aulas, Gabinetes de Assistentes e Preparadores, Teatro Anatómico, Sala de conservação de cadáveres, Frigorífero e Maceradores.

A todos foi distribuïda uma monografia sôbre o Instituto de Anatomia do Pôrto, organizada pelo professor Hernâni Monteiro. Por ela se conhece a história da Anatomia nesta cidade e o seu brilhante desenvolvimento dos últimos anos, em todos os ramos da mesma: Osteologia, Miologia, Esplancnologia, Vasos e nervos, Medicina experimental, e bem assim Antropologia, Etnografia, etc.

Os trabalhos científicos até hoje realizados neste Instituto, mencionados pelo referido Professor naquela monografia, são perto de 300. As colecções do Museu são ricas, especialmente a craniológica, de anatomia comparada, sistema nervoso (simpático, etc.), linfáticos, artérias e veias, etc., bem como muito preciosos os albuns que guardam numerosos e variados documentos iconográficos respeitantes a certas peças anatómicas: desenhos, aguarelas, fotografias. Algumas das secções do Museu, sobretudo as de Antropologia e Etnografia, teem sido muito ajudadas no seu desenvolvimento por ofertas de dedicados filhos desta Escola e individualidades amigas ou entidades como, entre muitas: Câmara Municipal do Pôrto, Administração do Palácio de Cristal, prof. Mello Breyner (Conde de Mafra), prof. Froilano de Melo, prof. Ricardo Palma, prof. Francisco Gentil, Direcção do Colégio Almeida Garrett, drs. Manuel dos Santos, Carlos Lopes, Armindo Júlio de Sousa, Maurício Bravo, Paiva Gomes, Monteiro Filipe, Manuel Bragança, Fernandes Torres, Fausto Lage, Gouveia Pinto, Santana Barreto, Eurico de Almeida, srs. Mário Fernandes, António Nogueira, Denis Aroso, Armando e Abel Correia, Adelino de Almeida, D. Ana Campos Monteiro, e mais.

Estas colecções compõem-se de importantes exemplares do continente e colónias, os quais já têm servido a investigações de vários cientistas, como se pode verificar na citada obra do prof. Hernâni Monteiro.

Finda a visita, o Instituto de Anatomia ofereceu um almôço no terraço do Palácio de Cristal aos professores Leite de Vasconcelos, Eduard Loth, Henri Vallois e dr. Renato Locchi. A êle assistiram, além dos homenageados, as espôsas dos professores Loth e Vallois, prof. Pires de Lima, espôsa e filha, prof. Hernâni Monteiro, prof. Amândio Tavares, prof. Grzybowski, Fernando Pires de Lima (quartanista de Medicina) e os assistentes do Instituto drs. Álvaro Rodrigues e espôsa, Luís de Pina e espôsa, Sousa Pereira e irmã, e Alberto de Sousa, assistente e desenhador do mesmo Instituto. O almôço, que decorreu na melhor confraternização, foi motivo para os professores portugueses manifestarem o seu muito aprêço ao ilustre filho da Escola do Pôrto prof. Leite de Vasconcelos e aos professores estrangeiros com os quais está nas melhores relações o Instituto de Anatomia do Pôrto.

Trocaram-se vários brindes, tendo falado os professores Pires de Lima, Hernâni Monteiro, Leite de Vasconcelos, Loth, Vallois e dr. Locchi. Êste último, representante da Faculdade de S. Paulo, assistente do prof. Bovero, estava ali marcando a amizade científica que tão estreita e devotadamente liga Portugal e Brasil.

LUÍS DE PINA.

Homenagem ao Prof. Mendes Corrêa

Apesar-de alguns meses decorridos, não se desvaneceu ainda da nossa memória o que foi o *XV Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Prehistórica*: uma parada magnífica de valores mentais, que encheu de prestígio a ciência e o nosso país, que boa figura fêz entre os representantes dos mais diversos povos.

A história do Congresso já está feita, e isso, mesmo, não é o nosso objectivo.

Pretendemos sômente destacar o nome de quem, pelo seu prestígio, esforço e vontade, conseguiu encaminhar para a nossa Terra a caravana de sábios arqueólogos e antropologistas. Isto, além da posição que marcou, durante a realização do Congresso, digno de tôda a admiração e louvor, pela sua competência, orientação e diplomacia.

Êsse alguém é o Prof. Mendes Corrêa, ilustre Director da Faculdade de Ciências e Instituto de Antropologia da Universidade do Pôrto, e Presidente da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia.

Ainda o Congresso vivia os seus últimos momentos, durante o banquete que a Câmara Municipal do Pôrto ofereceu a todos os seus participantes, numa mesa em que o acaso reünira um grande número de congressistas do norte do país, surgiu a idea de prestar uma simples mas significativa homenagem ao ilustre Professor, que tanto contribuiu para alevantar bem alto o nome de Portugal.

Essa idea, imediatamente abraçada por todos, teve a sua efectivação no dia 13 de Dezembro do ano findo, em que se realizou no Restaurante Comercial, um jantar em sua honra, que foi presidido, a convite da comissão promotora, e pela ausência do senhor Reitor da Universidade, pelo Professor dr. Hernâni Monteiro, ilustre vice-presidente da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia.

Todos os convivas, na quási totalidade congressistas, puderam assim patentear ao senhor dr. Mendes Corrêa o seu aprêço e estima, e significar-lhe que lhe fôra extremamente grata a acção bem patriótica desenvolvida por sua excelência.

Quási todos os homenageantes endereçaram ao Prof. Mendes Corrêa palavras de louvor.

A todos, por último, e no final da simples mas eloquente festa, o ilustre Professor agradeceu em sinceras e despretenciosas palavras.

Pela nossa parte, mais uma vez expressamos a sua excelência a nossa mais viva admiração.

ARMANDO DE MATTOS.

Prof. Adolfo Schulten

Por iniciativa da Junta de Educação Nacional o prof. Adolfo Schulten, da Universidade de Erlangen, realizou conferências sôbre «Tartessos» e «Ora marítima» nas nossas cidades universitárias, em Outubro de 1930.

Tendo percorrido o país, em viagem de estudo, convidou o prof. Mendes Corrêa a acompanhá-lo a Viseu, onde, numa escavação sumária, foi verificada a esterilidade arqueológica da camada de terra intacta no interior da *Cava de Viriato*. Antes de se dirigirem para o Pôrto visitaram a Serra da Estrela, a anta de Rio Torto e o Castro de S. Romão.

Bem conhecido entre nós por cêrca de oitenta estudos sôbre antiguidades peninsulares, das quais se destacam a monumental

reconstituição arqueológico-histórica «Numantia» e as «Fontes Hispaniae Antiquae», o prof. Schulten estivera nesta cidade em 1906, com o dr. Koenen, sendo então recebido pelo dr. José Fortes e eng. Ricardo Severo. Desta vez foi acompanhado pelo prof. M. Corrêa, dr. Alfredo Ataíde, autor da versão portuguesa de «Viriato», e pelo sinátario, na visita às colecções arqueológicas do Instituto de Antropologia e Museu Municipal do Pôrto, que o interessaram vivamente, colhendo muitos apontamentos sôbre a cultura castreja.

Um almoço oferecido pelo sr. Reitor da Universidade do Pôrto, ao qual assistiram os representantes da J. E. N., e um passeio pelos subúrbios, serviram para estreitar as cordiais relações mantidas pelo prof. Schulten com os investigadores portugueses, que o faziam escrever da Galiza, alguns dias depois: «Os dezóito dias passados em Portugal são das melhores impressões da minha vida».

R. S. P.

Crónica arqueológica

Formando um complemento da *Bibliografia da Pre-história Portuguesa*, publicada sob os auspícios do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências do Pôrto, sairá periódicamente nos «Trabalhos» uma *Crónica Arqueológica* procurando dar aos investigadores nacionais e estrangeiros uma resenha dos estudos publicados e das escavações efectuadas em Portugal.

Por esta razão serão agradecidas tôdas as publicações e informes que obsequiosamente nos queiram dirigir.

R. S. P.

REVISTA BIBLIOGRÁFICA

ALES HRDLICKA — *The skeletal remains of Early Man* — «Smithsonian Miscellaneous Collections», vol. LXXXIII. Washington, 1930.

É um belo volume de cerca de 400 páginas, admiravelmente ilustrado, em que o sábio antropólogo de Washington estuda os restos osteológicos do homem primitivo, sem esquecer a análise das condições de jazida. Já em 1914 o Dr. Hrdlicka publicara um trabalho sôbre o mesmo assunto, mas desde essa data novos achados e novos pontos de vista surgiram. Em relação ao volume de 1914, o presente livro apresenta-se imensamente ampliado.

Trata-se dum livro fundamental, em que nenhum detalhe é esquecido e em que a observação directa realizada pelo autor substitui em geral informes de segunda mão. Este facto valoriza consideravelmente o volume.

Merecem especial menção os capítulos sôbre o *Pithecanthropus*, sôbre o *Eoanthropus* e sôbre o homem da Rodésia. Os crânios de Roma, de Tabgha e do *Sinanthropus* já são estudados neste trabalho, embora o primeiro muito sumariamente. O autor resume, num dos últimos capítulos do livro, os caracteres físicos da fase neandertaliana da evolução humana, acompanhando essa exposição de considerações críticas.

MENDES CORRÊA.

FRANCISCO DE LAS BARRAS DE ARAGÓN — *Estudios de los cráneos antiguos de Canarias existentes en el Museo Antropológico Nacional* — Mem. da «Soc. Esp. de Antrop. Etnogr. e Preh.». Madrid, 1930, 153 págs. e 15 figs.

Excelente trabalho de síntese sôbre antropologia dos guanches, habitantes das Canárias ao tempo da conquista europeia.

Refere a princípio o material antropológico e arqueológico (63 crânios e várias múmias) sôbre o qual foi elaborado este estudo. Há ainda a acrescentar as notas pelo A. colhidas noutros

crânios e em duas mandíbulas guanches existentes no Museu de História Natural da Universidade de Sevilha.

Passam-se em revista as opiniões de vários antropólogos espanhóis e estrangeiros que tem abordado o assunto e emitido opinião sobre o problema étnico das Canárias. Ali figuram as opiniões dos professores portugueses drs. Mendes Corrêa e Eusébio Tamagnini.

O sr. prof. Barras faz para cada crânio a descrição sucinta do mesmo, apresentando as medidas respectivas. Compara os índices obtidos com os valores dados por Quatrefages e Hamy para a raça de Cro-Magnon.

E é assim que, a pág. 136, conclui o seu estudo deste modo: «Como resultado general de las medidas e índices que hemos obtenido y de su comparación, sacamos la consecuencia de hallar confirmada una vez más la presencia de la raza de Cro-Magnon en el archipiélago canario y confirmado también el enorme mestizaje sufrido por ella desde una remota antigüedad, habiéndose mezclado con las otras razas blancas del Norte de Africa y también con elementos negros, aunque escasos, según las últimas afirmaciones del dr. Verneau, pero sobresaliendo la influencia berebere sobre las otras, que siempre se prestan más a dudas y a discusión, y es porque, aun cuando existan, su acción ha sido mucho menor, y no siempre, ni mucho menos, aparecen».

As últimas páginas da memória do distinto antropólogo e catedrático da Universidade de Madrid, são transcritas da obra de D. Juan Vilanova y Piera y D. Juan de Dios de la Rada y Delgado, intitulada *Geología y Protohistoria Ibéricas*. Esta transcrição refere-se à antiga civilização canária comparada com a da Península Ibérica, dá notícia de alguns objectos de pedra polida, cerâmica de vária natureza e outras notas de interesse arqueológico manifesto. São particularmente interessantes os sinais gravados em rocha e que constituirão, como ali se lê, *inscripciones y letreros*.

SANTOS JÚNIOR.

J. R. SANTOS JÚNIOR — *Pinturas megalíticas no concelho de Carraceda de Anciães* — 38 págs., 7 figs. e 4 ests. (Publicação do Instituto de Antropologia da Univ. do Porto, subsidiada pela Junta de Educação Nacional), Porto, 1930.

Os dolmens em que o sr. dr. Santos Júnior descobriu as pinturas descritas neste trabalho, já eram conhecidos dos arqueó-

logos, mas as pinturas ali existentes tinham passado despercebidas até que o sr. dr. Santos Júnior as encontrou e estudou.

Na *Casa da Moura*, de Vilarinho da Castanheira, registou o autor pinturas a vermelho que deveriam ser os restos de composições pictográficas mais extensas. Havia ali SS deitados, um 8, um 8 prolongado superiormente por uma recta terminado por um círculo, e um sinal isolado com um semi-círculo de que partia um traço em forma de gancho.

Na *Casa da Moura*, de Zêdes, encontrou o autor em três esteios pinturas mais numerosas e variadas, entre as quais figuram uma serpente, várias linhas sinuosas, um 8 incompleto e várias representações esquemáticas da figura humana. Há um sinal mais complexo que lembra uma ave, mas que ao autor não repugna considerar também um esquema da figura humana.

O sr. dr. Santos Júnior, que, em estampas fora do texto, dá uma carta da região com a localização dos dolmens e boas fotografias destes, fornece também uma boa fotografia duma serpente gravada no *Penêdo do Cobreiro*, do castro do Baldoeiro, Moncorvo. Este e outros petroglifos de serpentes foram ali descobertos pelo autor.

A exposição dos importantes achados é acompanhada de confrontos com outros e de considerações cronológicas que naturalmente veem a propósito.

M. C.

EUGÉNIO JALHAY — *O tesouro de Álamo (Moura, Alentejo)* — 12 págs., 3 figs. Separata da «Brotéria». XII. Lisboa, 1931.

O tesouro de Álamo (concelho de Moura), descoberto casualmente em Maio de 1930, consta de três colares ou torques e dois braceletes, tudo de ouro. O primeiro colar, se não fôsse ôco, apresentaria afinidade com os de Penela e Portel (Evora), conquanto a sua decoração seja menos rica. O segundo, que é triplo, lembra o de Roch. Guyon (Morbihan), um bracelete de Larnaud (Jura) e uma xorca de prata do Museu de Castelo Branco com idêntico género de ornamentação unida por soldadura. Um terceiro colar, laminiforme, não tem paralelos senão talvez na Suécia quanto à forma, mas na ornamentação é o que mais se assemelha aos torques de Penela e Portel. Os braceletes tem afinidades com outros do nosso país. A decoração mais curiosa é uma figura antropomorfa do colar laminiforme.

Depois de expôr proficientemente estes factos e as condições

do achado, o rev. Eugénio Jalhay procura fixar os elementos para a cronologia daquelas joias, cujo toque é baixo em relação a várias outras peças portuguesas. Não se decide, porém, dum modo definitivo, acentuando embora que o facto de serem ôcos os colares lhes indica uma data posterior aos de Sintra, Penela e Portel, maciços e considerados anteriores a 1000 a. C. Segundo S. Reinach, já na época de Hallstatt há joias de oiro ôcas. Assim, os objectos de Álamo, sendo provavelmente pre-romanos, não são anteriores a Hallstatt, podendo mesmo alguns dêles atribuir-se a um período mais recente, porventura até ao período da romanização. Segundo o autor, é possível, de facto, que se trate de joias de épocas diferentes.

O trabalho do ilustre arqueólogo é consciencioso e erudito.

M. C.

MANUEL GÓMEZ-MORENO — *Provincia de Zamora* — Catálogo monumental de España. Ministerio de Instrucción Pública y Bellas Artes. I. Texto 375 págs. II. Láminas. 1 mapa e 356 ests. Madrid, 1927.

De grande interesse para o estudo arqueológico da confinante província de Bragança, a obra magnífica de Gomez-Moreno dispensa vãos comentários e não permite curtos resumos — impõe-se a sua leitura.

Do numeroso material minuciosamente descrito, apontaremos o referido nos capítulos: *Megalitos; Castros; Despoblados antero-romanos; Ciudades; Vias romanas.*

A sua consulta corrobora as palavras de G.-M. relativas à raiana *Terra de Aliste* «que sólo convencionalismos políticos separam de la tierra portuguesa de Braganza».

R. S. P.

FLORENTINO LÓPEZ CUEVILLAS e XOAQUIN LOURENZO FERNÁNDEZ — *Vila de Calvos de Randín* — (Notas etnográficas e folclóricas). Publ. «Seminário de Estudos Galegos», Santiago de Compostela, 1930, 76 págs., XVII lam. e 45 figs.

Nesta interessante monografia da vila de Calvos, sem dúvida o mais importante núcleo populacional do vale do Sales, situado

em terras da Galiza que enfrentam com o concelho transmontano de Montalegre, faz-se o estudo daquela povoação debaixo de vários aspectos.

Assim, no primeiro capítulo os AA. descrevem-nos a paisagem agreste da montanha com suas fortes nevadas inverniais e ventos agrestes de geadas que queimam as searas de centeio e fustigam a arborização escassa daquelas serranias.

Depois no capítulo «Etnografia prehistórica» o *coto de penas altas, a necropole con antas* (7 mamôas algumas com câmaras dolménicas derrubadas e já remexidas), e o *acobillo de machados de alvado* merecem uma série de judiciosas considerações que os AA. vão relacionando com os achados do norte de Portugal. Na parte que diz respeito ao grupo de sepulturas de incineração encontradas ao rasgar uma estrada próximo de Calvos, nas quais apareceram curiosos vasos de cerâmica campaniforme, reedita-se, aumentado com novas considerações e material, o que sobre êsses interessantes vasos eneolíticos nos disse o ilustre publicista galego D. Florentino L. Cuevillas no seu estudo «Novas cerâmicas das antas galegas» publicado no vol. IV dos «Trabalhos» da nossa Sociedade.

A parte etnográfica tem grande desenvolvimento alargando-se os AA. em considerações sobre diferentes tipos arquitectónicos que na construção das casas se observam, sobre o nascimento, a morte e o casamento, alimentação e vestuário, trabalhos agrícolas, criação de gado, medicina popular, etc.

É rica a colheita folclórica, que compreende uma bela colectânea de contos populares, romances, adivinhas e uma longa série de quadras.

S. J.

UGO RELLINI — *Le origini della civiltà italiana* — Biblioteca di Scienze e Filosofia, n.º 4, 117 págs., 21 figs. e 2 est., 1 quadro e 1 mapa desdobráveis. Roma, 1929.

Dedicado ao prof. Boule, êste livro é a ampliação da lição inaugural de paleoetnologia na Universidade de Roma (1928) sobre «Svolgimento e lacune della preistoria d'Italia».

Síntese muito oportuna e útil dos vastos conhecimentos do A., sucessor de Pigorini, encontram-se nela pontos de vista pessoais sobre o miolítico e eneolítico, que suscitam a discussão e revisão de numeroso material arqueológico.

Muito interessantes as cabanas circulares sardas, de Serra

d'Alto, etc. e a reconstrução do templo de S. Vittoria (Serri), pelos dados comparativos de construção que fornecem.

R. S. P.

A. CHILDE — Guia das collecções de archeologia classica — Museu Nacional do Rio de Janeiro (IV secção). 109 págs., figs. inums. Rio de Janeiro, 1919.

A descrição dos objectos é acompanhada dum comentário erudito explicando a sua utilização.

É extremamente curiosa uma conta de vidro policrómico (n.º 2116) encontrada com outra dentro duma urna funerária, em Linha Grande (Rio Grande do Sul). Pertence sem dúvida a um tipo vulgar na bacia mediterrânea, representando, por isso, um problema a sua introdução no Brasil.

Como a sepultura é apenas « considerada como muito antiga » (pág. 57), não nos custa a crer que tivesse passado da mão dos portugueses para os indígenas, pois ainda hoje é relativamente freqüente o achado destas contas no sul de Portugal. Já Estácio da Veiga as comparou a contas semelhantes que adornavam os nichos dos conventos de Chelas e Marvila (Antiguidades etc., IV, pág. 264, est. XXXII).

Outra prova da atracção exercida pelo belo aspecto destes adornos está numa conta igual, depositada no Museu Antropológico do Porto, pois era usada como conta lactal por uma mulher que a trouxera do sul do país. A mesma origem supomos ter outra conta deste tipo encontrada no Ribeiro de Valongo (Barroso).

R. S. P.

VINCENZO-CASTRILLI — La Scelta professionale attraverso le statistiche universitarie — (Estratto dagli Anuali del Seminario Giuridico Economico della R. Università di Bari, ano I, fasc. I, Bari, 1927).

Uma das conseqüências imprevistas do após a guerra foi o excessivo número de doutoramentos, que significavam a procura duma situação pelas carreiras liberais.

Já antes da grande guerra, as estatísticas mostravam o aumento sucessivo do número de mancebos que seguiam os estudos universitários, o que foi atribuído ao aumento demográfico e ao

desenvolvimento das condições económicas. Depois da guerra as Universidades foram invadidas por verdadeiro fluxo de estudantes, em comparação com o lento acesso antes da guerra (1915). Em 1919-20 a estatística verificou o aumento de 70 %, depois do que se operou a redução no número de matrículas, continuando a afirmar-se a mesma tendência para os estudos universitários.

Hoje pode dizer-se que é só na Faculdade de Medicina que semelhante acréscimo se acusa. Isto parece ser devido ao incremento de medidas sanitárias e profiláticas desenvolvidas pela guerra, em cujo período a deficiência de serviços de higiene e profilaxia tanto se fêz sentir.

Embora o regresso à paz tornasse lógica a deminuição de interesse neste sentido e o conseqüente desvio de actividades para outros campos, o desnivelamento entre a oferta e a procura mantém-se. Por vezes e em diversas épocas se repetiu o fenómeno, vindo todavia mais tarde a desaparecer.

Que factores impelem a mocidade das escolas? Geralmente o económico — aquele que maiores vantagens imediatas parece apresentar — é o que tende a prevalecer. A chamada vocação (inconfundível apenas em pouquíssimas e excepcionais organizações), vulgarmente apenas talento e sufocada por circunstâncias ocasionais de época e de ambiente, poucas vezes consegue vir luminosamente ao de cima e impor-se.

Pelas estatísticas chega-se a estabelecer que na Itália a linha de transmissão hereditária, com respeito à carreira escolhida, representa uma percentagem exígua de cerca de 20 %. O que inegavelmente se impõe, na Prússia como na Itália, é o constante aumento de estudantes das classes mais modestas, indício seguro de movimento ininterrupto ascensional, que produz a renovação das camadas superiores.

Seria curioso indagar se a tal percentagem se mantém por todos os cursos, tanto nas escolas primárias como nas secundárias. Pode-se todavia chegar à conclusão de que esta corrente ascensional atinge as classes universitárias com bastante redução, em virtude da selecção operada através de cursos e de obstáculos sucessivos. A não ser porém por motivo de acréscimo de velocidade improvável, este *roulement* não se afigura ameaçador para a futura constituição social. Vista a inferioridade reprodutora das classes intelectuais, havia de vir o momento forçosamente em que a procura excederia a oferta. Momentaneamente a oferta continúa excessiva em relação à procura, no campo da actividade intelectual. Este desequilíbrio tornou-se sensível a todo o mundo, mesmo nas classes que se poderiam chamar dos colaboradores intelectuais da indústria — a dos engenheiros e a dos químicos.

A crise não foi só de quantidade. A crise de qualidade afirma-se com um acréscimo não de todo o ponto explicável.

O autor refere-se especialmente ao que se passa na Itália, quanto a esta manifestação da vida intelectual universitária. A predominância das matrículas existe, sobretudo, nas escolas do Sul em relação às do Norte.

Nas províncias do Norte as matrículas nas Faculdades de Ciências (ciências físicas, matemáticas e naturais), sem esquecer a engenharia, conservam a predominância em comparação com qualquer outra corrente escolar, representando 90 % da totalidade dos estabelecimentos de ensino.

É na província da Apúlia onde, desde os últimos 40 anos, em comparação com a época após a guerra, se manifesta a actividade universitária com maior acréscimo. A fundação da Universidade de Bari satisfaz a aspiração regional, desde muito revelada. A região só poderá lucrar com isto, se conseguir afirmar-se, entrando com maior número de valores nas classes dirigentes e confirmando as nobres tradições que, desde remotas eras, as gentes da Apúlia tem sabido honrar.

BETHENCOURT FERREIRA.

L. MAC-AULIFFE — *Nouveaux documents statistiques sur le déterminisme du sexe chez les français* — Comunicação feita ao XV Congresso Internacional de Antropologia. Pôrto, 1930.

A primeira parte deste trabalho é destinada à verificação da lei aproximativa de Hoffaker-Sadler a qual expressa *que o sexo do progenitor mais velho prevalece nos descendentes*.

No estudo do prof. Mac-Auliffe a confirmação desta lei acha-se inteiramente feita, exceptuando os filhos de pais que excedam 1 dia até 5 anos a idade da mãe, devida a circunstâncias de maturidade sexual estudadas noutro ponto.

Pela publicação do trabalho do dr. M. Auliffe, vê-se que a idade dos progenitores tem influência directa sobre o sexo dos descendentes.

Esta influência da idade sobre o sexo é considerada em períodos sucessivos, em que domina ora um ora outro, conforme a idade de cada progenitor. Assim, para o 1.º período que se estende até à idade de 22 anos, para os pais, a geração traz maior número de indivíduos masculino, dado que neste caso as espôsas são muito jovens. Entre 23 e 26 anos o homem é dominado pela mulher no ponto de vista da produção dos sexos (424 rapazes

para 467 raparigas). Quando o pai orça pelos 26 a 30 anos, nota-se igualdade na aparição dos sexos (402 rapazes para 403 raparigas).

Pode-se afirmar que na idade de 31 anos e para cima, o número de nascimentos entre rapazes e raparigas tende a fazer equilíbrio até aos 39 anos (663 rapazes e 698 raparigas).

As mulheres em França dão o máximo de raparigas entre os 23 e 24 anos; os pais produzem o máximo de rapazes aos 31 anos. O prof. M. Auliffe reconhece, de acôrdo com Orchansky, que desde que a idade do progenitor excede a da mãe para mais de 15 anos e meio, há maioria de nascimentos do sexo masculino (127 rapazes para 100 raparigas).

Também o autor teve ocasião de verificar os algarismos de Orchansky sobre as famílias numerosas (mais de 8 filhos), nas quais, em geral, o número de rapazes é excedente, quando o primeiro filho é deste sexo.

Esta lei pode porém sofrer infracções, como nota o próprio autor nas famílias francesas, de 8 filhos pelo menos.

Em conclusão: o máximo de geração de rapazes está em relação com o máximo de desenvolvimento físico e sexual do progenitor masculino, assim como o máximo de nascimentos de raparigas se relaciona com o máximo desenvolvimento físico-sexual da mãe ou melhor:

Cada progenitor tende a transmitir (como quem diz a impor) o seu sexo, na época da sua própria maturidade. Assim também, conforme as conclusões do mesmo autor, *o declínio funcional nos animais bisexuados faz aparecer os produtos do sexo oposto ao do progenitor exausto.*

Estes corolários são confirmados por observações seguidas sobre diversos animais por diferentes observadores.

Admite-se geralmente a influência de doenças infecciosas, intoxicações e outras causas, sobre o determinismo do sexo; mas tais estudos acham-se ainda atrasados para se poder chegar a qualquer conclusão científica.

Este assunto tem importância demográfica muito apreciável e as leis deduzidas dos factos numéricos reunidos na estatística explicam certos fenómenos que se passam nas populações, relativamente à desigual distribuição de machos e fêmeas.

O trabalho do prof. M. Auliffe é instituído sobre a população francesa, porém êle interessa a todos os países e bom seria que se repetísse em todos. Sem dúvida, o prof. M. Auliffe com os seus porfiados estudos conseguiu obter a verificação de factos e leis de hereditariedade sexual muito interessantes.

B. F.

A. A. MENDES CORRÊA — *A nova Antropologia criminal* — 1 vol. de 330 págs., publicação do Instituto de Antropologia da Universidade do Pôrto. Pôrto, 1931.

O A. principia por definir a Antropologia e mostrar a relação desta ciência com outras, e ao mesmo tempo a sua independência daquelas que lhe são afins por estudarem também o homem ou os agrupamentos humanos; expõe, depois, os métodos antropológicos e salienta a importância e necessidade de se intensificar o estudo da Antropologia, passando em seguida a descrever os diferentes tipos da morfologia médica e o valor dos estigmas da degenerescência.

Foca os factores individuais do crime e a sua importância, para podermos ajuizar com segurança da temibilidade do delinquente. Estuda o normal delinquente e o criminoso por hábito adquirido.

Analisa depois o criminoso constitucional, aquele que aparece em consequência das condições orgânicas e ingénitas, no qual as influências externas desempenham um papel etiológico quasi insignificante e que, portanto, é de regeneração duvidosa.

Depois de examinar o crime político, apresenta uma colectânea de termos da *gíria* dos delinquentes mostrando o interesse que tem o calão, as tatuagens e as alcunhas no seu aspecto moral.

Estabelece depois o paralelismo entre o criminoso e o mendigo; mostra como são análogas as causas que produzem um e outro e como a mendicidade se pode considerar uma fase preliminar, equivalente ou de preparação para o crime, indicando por fim os meios racionais e eficazes de a combater.

Aborda, agora, o problema eugénico em Portugal que, em face dos números apresentados, é de grande importância, pois a nossa população apresenta, em média, uma robustez deficiente que, se não fôr corrigida, conduzirá fatalmente à degeneração do nosso povo.

Passa a estudar o criminoso através das tradições populares, analisando as penalidades nas diferentes épocas da nossa história, e publica uma vasta colecção de adágios em que se espelham a índole e as qualidades do povo português e as concepções deste sobre os delinquentes.

Termina expondo as directrizes da nova Antropologia criminal, que é sobretudo psicologia individual do delinquente, não esquecendo as circunstâncias da vida vegetativa, as secreções internas, as condições mesológicas da existência, preconizando a acção moral como o principal meio de combate à criminalidade,

apelando emfim para «os homens de boa vontade e de são entendimento para uma grandiosa tarefa de aperfeiçoamento moral e de solidariedade humana, que se mantenha através das gerações, para o bem comum e para honra da espécie».

A. ATHAYDE.

G. H. LUQUET — *Le rire dans les légendes océaniques* — Extr. de «*Journal de Psychologie normale et pathologique*», Paris, 1930, págs. 268-288.

Tentativa de explicação do riso à luz dos ensinamentos colhidos em numerosas lendas da Oceania, nomeadamente do continente australiano e da Nova Zelândia.

Muitas das lendas referidas são documentos etnográficos curiosos pelo que nos dizem dos povos onde foram colhidas. Nas lendas transcritas são de várias naturezas as determinantes do riso. Nuns casos a etiologia do riso assenta em factores exclusivamente fisiológicos, enquanto que noutros podemos dizer que predominam os factores psicológicos. E assim é que em algumas das lendas o riso é provocado por danças grotescas, noutras por uma impressão agradável, ou por um incidente inesperado. Outras vezes o riso da lenda constitui uma punição ou castigo, e até mesmo uma ofensa. O riso de escárnio ou zombaria aparece em alguns casos. O sentimento de cumplicidade entre aqueles que riem, é ainda um caso a considerar. Outras vezes ainda o riso aparece como manifestação de simpatia.

O A. considera o riso em si como um conjunto de fenómenos fisiológicos traduzindo variados estados psíquicos. E tanto assim é, que na linguagem corrente se diz a cada passo, riso amarelo, riso franco, riso amargo, riso parvo, etc.

Interpretando e criticando as variadas lendas transcritas, o A. diz-nos: «l'explication du rire tirée de la psychologie individuelle est objectivement au moins aussi plausible que l'explication religieuse ou sociale».

Na série de considerações que vai dobando, pergunta qual a razão porque o rir era considerado uma instituição social, e depois de várias considerações termina assim:

«Le rire n'aurait pu acquérir une fonction sociale si les membres de la société n'avaient pas eu déjà l'expérience personnelle du rire, s'ils ne l'avaient auparavant chacun à part soi, associé à des états affectifs variés résultant de diverses circonstances du

milieu, où les conditions sociales tenaient assurément une place, mais non exclusive».

S. J.

FRANCISCO DE LAS BARRAS DE ARAGÓN — *La Règia Sociedad de Medicina y Ciencias de Sevilla y el Doctor Cervi* — Sep. do Boletín de la Universidad de Madrid. Madrid, 1930, 26 págs. e 4 figs.

Estudo sôbre a personalidade do italiano Dr. José Cervi, e da influência por êle exercida na vida e progresso da Regia Soc. de Med. e Cienc. de Sevilla, de que foi sócio e mais tarde presidente. Ao esforço de Cervi se deve o não ter desaparecido aquela sociedade no seu comêço.

Barras de Aragón historia a fundação da sociedade, dá a lista dos primeiros sócios inscritos em 1700 e publica os estatutos sancionados pelo rei Carlos II, depois confirmados por Filipe V. Êste último rei concedeu àquela sociedade privilégios honrosos. Ê interessante o papel que aquela agremiação científica sob a influência de Cervi exerceu no ensino da anatomia. Num capítulo final transcreve-se a lista de publicações feitas pela Sociedade.

O presente trabalho do prof. Barras de Aragón, ilustre catedrático de Antropologia na Faculdade de Sciencias de Madrid, muito interessa ao estudo da história de medicina espanhola.

S. J.

Presença, I vol., n.ºs 1-27, Coimbra, 1927-30.

Dirigida por Branquinho da Fonseca, J. Gaspar Simões e José Régio, — *Presença* —, fôlha de Arte Crítica, apresenta novos com ideias novas, não excluindo estudos tradicionalistas, como: *Subsídios de arte popular portuguesa* (n.º 12), e *Os cantos populares do Natal e o Sentimento religioso popular* (n.º 23), por Afonso Duarte.

Estão relacionados com estes artigos os seguintes: Álvaro V. Lemos, *Uma tentativa no sentido da nacionalização do ensino*, «Portucale», III, pág. 7. Pôrto, 1930, e Afonso Duarte, *Folklore e Os cantos do Natal e o Teatro Religioso em Portugal* (Seara Nova, 1929).

R. S. P.

Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia

RUA DE SANTA CATARINA, 261-1.º

PORTO

SUMÁRIO:

O XV Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pre-histórica (Pág. 5).

JOSÉ DE PINHO:

A propósito duma velha jóia ibérica (Pág. 37).

A. A. MENDES CORRÊA:

Contribuição para a antropologia da idade do ferro em Portugal (Pág. 61).

Vária:—Caracteres rúnicos e caracteres ibéricos (LUIS CARDIM); As fíbulas do Museu Regional de Bragança (R. DE SERPA PINTO); Instituto de Anatomia do Porto (LUIS DE PINA); Homenagem ao Prof. Mendes Corrêa (ARMANDO DE MATTOS); Prof. Adolfo Schalten (R. S. P.); Crónica arqueológica (R. S. P.) (Pág. 89).

Revista bibliográfica:—HRDLICKA (101); BARRAS DE ARAGÓN (101 e 112); SANTOS JÚNIOR (102); JALHAY (103); GÓMEZ-MORENO (104); CUEVILLAS (104); RELLINI (105); CHILDE (106); CASTRILLI (106); MAC-AULIPPE (108); MENDES CORRÊA (110); LUQUET (111); PRESENÇA (112).

26878 3023

TRABALHOS DA
SOCIEDADE PORTUGUESA DE
ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA



VOL. V—FASC. II

SUBSIDIADO PELA JUNTA DE EDUCAÇÃO NACIONAL

PORTO. 1931

A CABAÇA

PELO

Dr. EUGENJUSZ FRANKOWSKI

Prof. da Universidade de Poznan (Polónia)

Sócio correspondente da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia

PLANO DO TRABALHO:—Prólogo — 1; Característica botânica — 1; Distribuição geográfica — 2; A forma do fruto — 3; A utilização — 4; Na alimentação — 4; Vasilhas naturais — 4; Formação artificial da cabaça — 5; O acabamento técnico das vasilhas — 6; A ornamentação — 6; A pintura — 6; O « batik » — 6; A entalhação — 6; A gravura a fogo — 6; A incrustação — 6; O encordamento — 7; Os motivos da ornamentação — 7; A influência da forma das vasilhas de cabaça sobre as das vasilhas de argila, madeira e metal — 7; Instrumentos de música de cabaça — 8; Idiofones — 8; Membramofones — 9; Cordofones — 9; Aerofones — 12; Vestuário de cabaça — 15; Máscaras — 15; Utilização ritual da cabaça — 16; Epílogo — 16.

PRÓLOGO.—Durante os últimos oito anos logrei estudar o material etnográfico, que se refere à cabaça, acumulado em museus da Inglaterra, França, Bélgica, Holanda, Bulgária, Jugoslavia, Egito, Grécia, Itália, Espanha, Portugal e Polónia. Mais de quatro mil desenhos, feitos por mim, me permitem demonstrar monograficamente a diversa utilização da cabaça. O comunicado presente é o resumo duma obra mais ampla.

A CARACTERÍSTICA BOTANICA.—Na história da cultura humana tem um papel importantíssimo as plantas cujo fruto é de casca dura e de bastante volume interno. A estas plantas, em pri-

meiro lugar, pertence a *Lagenaria vulgaris* Ser. Esta pertence à família *Cucurbitaceae*. É uma planta herbácea, anual. Tem caule anguloso de vários metros de comprimento.

O fruto é de várias formas e tamanho. A casca é dura, primeiramente esverdeada, depois esbranquiçada e finalmente amarelada.

É conhecida principalmente sob o nome de: *cabaça*, *calebassa*, *curbis*, *gourd*, *tykwa* e outros. Possui, além disso, ainda dezenas de nomes dados pelos diversos povos.

Além dela, frutos semelhantes fornece a árvore *Crescentia cujete*, pertencente à família de *Bignoniaceae*. *C. cujete*, chamada em alemão *Calebassenbaum*, em francês *calebassier*, é originária da Índia Ocidental. Muito comum no sul do México, Flórida, Antilhas, istmo do Panamá, costa de Pacífico da América central e do sul. Esta árvore alcança 10 metros de altura e 20 cm. de diâmetro. Tem o fruto geralmente oval, de 15 a 30 cm. de comprimento. A casca dura faz lembrar muito o fruto da *Lagenaria vulgaris*. Não alcança, porém, o tamanho desta e não tem tanta variedade de formas.

Os nomes populares são em muitas partes parecidos com os nomes dados a *Lagenaria vulgaris*. Há relativamente pouco tempo que de sua pátria passou para a África.

Frutos semelhantes fornece a *Adansonia digitata* (Baobab), natural da África, Madagascar e Austrália septentrional. Esta é gigante, alcançando 18 metros de altura e 9 m. de circunferência. Os seus frutos, em forma de pepino, de casca dura, são usados em lugar da cabaça para fazer as vasilhas e também como boias de rêdes.

Ainda é preciso mencionar o coqueiro. Coqueiro é uma palmeira de países tropicais. O seu fruto é do tamanho dum melão pequeno. Com a casca exterior, muito dura, se fabrica toda a classe de vasilhas.

Nenhum destes frutos pode igualar o da *Lagenaria vulgaris* pela sua difusão e larga utilização.

A DIFUSÃO DA «LAGENARIA VULGARIS». — A pátria da *Lagenaria vulgaris* parece ser a Ásia meridional e a África subtropical. Hoje, ainda se encontra a *Lagenaria v.* crescendo selvagem nas florestas húmidas do Malabar. Assim também em estado selvagem cresce nas Molucas, em Abissínia e na África Oriental, em regiões pedregosas. Foi conhecida na América antes da chegada de Europeus. Testemunham isto notícias de vários autores espanhóis e portugueses, como também os dados da linguística. Naudin supõe que esta planta podia chegar à América com os navios perdidos ou as correntes oceânicas. Em todo o caso, não se pode dizer que a sua procedência natural seja a América.

Na América do Norte a sua cultura começou muito mais tarde do que na do Sul.

As vasilhas do fruto da *Lagenaria vulgaris* foram de uso comum de antigos Peruanos e, muitas vezes, foram achadas em túmulos destes.

Agora é cultivada em todos os países de clima quente do mundo, onde se encontra muitas vezes já semiselvagem.

Já em sanscrito se distinguem as formas cultivadas *alabu* das selvagens *kututumbiou katutumbi*. No Egito foi cultivada comumente já 2.400 anos antes de Jesus Cristo. Provam isto muitas cabaças achadas em sepulcros.

Segundo o botânico Engler, *Lagenaria vulgaris*, Ser., é conhecida na região de trânsito de Macronésia, na região de desertos da África do Norte, na Índia, nas regiões africanas de florestas e campos, na província florestal de Oeste da África, nas províncias de campos sul e leste africanos, na região de Madagascar, na região da Índia Oriental, na região de Mansum; em Java está cultivada até 2.000 metros acima do nível do mar, não apare-

cendo porém em estado selvagem, nem semiselvagem; na província australomalaia, na Austrália setentrional, na província papua, na Nova Guiné, na terra do Kaiser Guilherme, na nova Mecklenburgo, Carolinas de este, Ponapé, nas Marianas, Guam, na província polinésica, na Tahiti e nas Ilhas do Cook; na região de xerófitas do Mediterrâneo, em Texas, na América subtropical, na província subtropical da América central no México, Guatemala, na província da Índia Ocidental, no Bahama, Cuba, Pôrto Rico, Jamaica, Haiti, Saint Thomaz, Saint Croix, Antigua, Guadalupe, Martinica, S. Vicente, Barbados; na província subequatorial dos Andes, em Nicarágua, Costa Rica, Colômbia, Bolívia; na província cisequatorial das savanas, na Guiana francesa e Trindade; na província sul brasileira no Brasil e Paraguay; na região dos Andes em Chile. Cultiva-se em toda a região do Mediterrâneo. Na Europa central a sua cultura alcança a fronteira do sul da Polónia.

Estrictamente amadurece ainda mais ao norte até o grau 52, mas o fruto maduro não tem já a casca dura e não se presta para ser trabalhado.

Lagenaria vulgaris exige para o seu desenvolvimento normal a temperatura média acima de 10 graus durante quatro meses no ano, bastante humidade e terra fértil.

A FORMA DO FRUTO.—As formas do fruto de *Lagenaria vulgaris* são muito variadas. Em geral distingue-se a cabaça dos peregrinos, cabaça chata, cabaça-maçã e cabaça-garrafa. Diversas formas de cabaça foram conhecidas e distinguidas por muitos botânicos antecessores de Lineu, como, por exemplo, Dodonaeus, Bauhin e outros. Lamarck distingue três formas: cabaça dos peregrinos, cabaça comum e cabaça-tromba. Seringe conhece cinco formas de fruto.

Naudin conta nove espécies, em que considera não só a forma

do fruto, como também a da semente. Estas são: 1) *Grande calabasse d'Afrique*, levemente mais apertada no meio, de casca dura e com espessura de 6 a 8 mm.; 2) *Gourde pelerine, gourde bouteille*, muito apertada no meio, usada no sul da França como garrafa para o vinho; 3) *Congourde*, parecida com a anterior, a não ser na parte inferior em que em vez duma base larga, apresenta uma ponta em forma de pêra; 4) *Gourde maque, gourde trompette*, alongada, cilíndrica, alcança o comprimento de 1,50 m. Esplêndidos exemplares de Tyrol se acham no Museu de Lübeck. Nos exemplares dos arredores de Piza, cabem até 30 litros de água; 5) *Gourde Hahre-Hawam*. Forma de ovo, tamanho dum melão médio, cor verde clara-esbranquiçada. A casca não é mui dura. Procedente de Cairo. No Egipto é, parece, cultivada como legume; 6) *Gourde plate de Corse*, muito achatada, muitas vezes em forma duma tangerina comprimida, raramente esférica. Exemplares pequenos e chatos, são usados como caixas de rapé; 6) *Petite gourde du Brésil*, de 8 a 10 cent. de comprimento, apertada no meio. Casca muito forte; 8) *Petite gourde de Guiné*, em forma da *gourde pelerine*, mais pequena, até 8 cent.; 9) Formas selvagens, pouco conhecidas, distintas pelo amargor do fruto e ligadas a êste propriedades venenosas.

Tôdas estas classificações tem somente importância relativa, pois tôdas se baseiam unicamente em certa quantidade de formas conhecidas.

A UTILIZAÇÃO DO FRUTO.—A *Lagenaria v.* é cultivada principalmente por causa da casca do fruto, pois fornece prontas e sólidas vasilhas.

NA ALIMENTAÇÃO.—Algumas espécies de fruto prestam-se para alimento, principalmente exemplares novos. A essas pertencem as cabaças da África oriental, chamadas *munguni*. Mas só

algumas espécies são gostosas e aproveitadas, sós ou como condimentos de outras iguarias.

AS VASILHAS. — O principal interesse para o homem está na casca do fruto. As vasilhas de cabaça são fortes, duráveis, leves e de diversas formas e tamanhos. Um simples corte no vértice e a remoção do conteúdo transformam o fruto em vasilha. Qualquer corte pelo plano de eixo vertical ou horizontal fornece uma porção de formas novas. A cabaça dos peregrinos, servindo vulgarmente como reservatório para líquidos, recebe o corte horizontal no vértice do fruto. A cabaça chata, cortada horizontalmente, fornece tigelas, pratos e peneiras. Às vezes ambas as partes estão ligadas por meio de cordas, com os bordos dentados para que fechem melhor, formando dêste modo um novo grupo de vasilhas-caixas.

Um furo na cabaça chata no plano vertical transforma-a em vasilha chata-cantil. As cabaças-maças cortadas na sua base fornecem as vasilhas para viagem. Cortadas em ambas as pontas usam-se para o fabrico de instrumentos de música. A cabaça-garrafa com os cortes acima mencionados, é transformada em vasilhas para líquido, mas tem ainda muitos e variados destinos. O corte pelo eixo principal do fruto forma as colheres, chegado mais para a beira fornece conchas. O corte horizontal, na parte de baixo, forma os copos para bebidas, à maneira dos chifres de animais. Os cortes em ambas as extremidades fornecem sifões, funis, etc.

Combinados os cortes no vértice e oblíquos laterais nas cabaças de peregrinos, fornecem as vasilhas para cachimbos do tipo *narguilé*. Estes cachimbos são largamente difundidos na África central, como também na Ásia, no Turquestão.

Conservam a forma de cabaça em tôda a região, onde aparecem os narguilés feitos em argila, porcelana e metais.

Uma atenção especialíssima merecem as argolas-suportes, cortadas de grandes cabaças. Servem elas como suportes para as cabaças, que não podem ser postas em pé sem apoio. Estas argolas são frequentemente ornadas com cortes e furos que as atravessam. Modelados depois em argila, apareciam em tempos pre-históricos na grande região de difusão e influência de cabaça. Algumas zonas criaram tipos próprios de vasilhas de cabaça, que tem somente difusão local. Mencionemos aqui as cabaças para o pó de cal, para betel na Oceânia, e cuias para herba mate na América do sul.

Os Bubis em Fernando Pó usam as cabaças como portemonés. Estas cabaças tem de lado umas janelinhas para abrir. Os Sérvios fazem de cabaça as bainhas para as pedras de afiar os gadanhos.

Vulgarmente são usadas as cabaças como boias para rêdes de pesca.

No sul da África a cabaça, com pequenos furos no pescoço, é usada pelas negras casadas como irrigador. Também se usa como vasilha para clisteres e aplicação de remédios *per anum*.

MODELAÇÃO ARTIFICIAL DA CABAÇA. — Além do corte comum com o fim de fazer da cabaça uma vasilha, o homem recorre também à modelação artificial do fruto. Suspendendo êste e eliminando assim a pressão local, podem-se obter os exemplares de formas impecavelmente harmoniosas. Suspendendo um pêso amarrado ao fruto novo, podemos obter notável alongamento do gargalo. Amarrando êste com uma corda obtemos mais acentuado tipo de cabaça dos peregrinos. Efectuando mais algumas ataduras assim, longitudinais e transversais, obtemos na fruta madura uma divisão em gomos salientes da sua parte esferoidal. De igual modo podemos obter um achatamento artificial.

Na China e no Turquestão fabricam as formas ornamentais

de vasilhas, introduzindo o fruto novo dentro dum molde fechado-esculpido. O fruto, crescendo, enche todo o interior do molde e recebe a sua forma nos mínimos detalhes.

O ACABAMENTO TÉCNICO DE VASILHAS. — As vasilhas de cabaça possuem um fundo esférico, oval, ou, às vezes em forma de limão. Nem tôdas as formas podem ser postas em pé. Por natureza das cousas apareceu a necessidade de tornar mais cómodo o aproveitamento destas vasilhas. Daí se originaram várias soluções para se poder pôr a vasilha em pé, tapar bem o orifício, manejar e dependurar. Para êste fim o homem serve-se da técnica de encestamento e encordoamento. De material servem o couro, as fibras vegetais e animais.

A ORNAMENTAÇÃO. — Um comum processo utilitário constitui origem da ornamentação. A ornamentação de cabaças aparece já na aurora da cultura humana e dura até aos dias presentes em tôda a enorme região de difusão e utilização desta planta. Mencionemos as diversas técnicas de ornamentação.

A PINTURA. — Pelo uso freqüente, a cabaça ganha uma particular pátina. Fica mais escura e luzidia. Da côr amarela passa ao chocolate claro. As cabaças novas, friccionadas com gordura, recebem um brilho semelhante. A superfície da cabaça deixa-se tingir fâcilmente com várias matérias corantes naturais e também com ácidos.

O BATIK. — Ligada com a pintura está a técnica do *batik*, empregada principalmente na Oceânia, nas ilhas Hawai. O ornamento é desenhado com cera ou outra matéria protectora. Depois de submergir a cabaça na tinta, a cera é removida, deixando um desenho claro nos lugares não tingidos.

A GRAVURA. — Um traço claro na superfície da cabaça torna-se o ponto de partida para uma ornamentação lineal muito típica. Êle é o início duma nova técnica de ornamentação. O traço claro cresce em seguida em mais largos planos raspados, abrindo novas possibilidades de ornamentação em côres e diferenças de nível. Por sua vez, o afundamento de planos raspados leva aos trabalhos *a jour*.

A GRAVURA A FOGO. — Um traço, friccionado com tinta, distingue-se mais nítido no fundo claro da vasilha. Feito com a ponta da faca em braza dá uma linha escura e duradoura. A ornamentação com a gravura a fogo é muito conhecida.

A INCRUSTAÇÃO. — Umas finas lâminas de metal, chumbo, prata e outros, embutidas dentro dum traço fundo fornecem um novo tipo de ornamentação largamente difundido na Ásia central, Turquestão e Cáucaso: A incrustação com madreperola existe, entre outras, na América entre os Maticos, em Gran Chaco.

ENCORDOAMENTO. — O modo mais simples de prender é atar a cabaça dos peregrinos com uma corda na parte mais apertada. Um modo também geral é ligar a argola de corda do meio, com a entrada da base por intermédio de cordas laterais. Às vezes usa-se a combinação destas duas argolas com a do meio, colocada na parte mais bojuda da cabaça. Muito generalizado é o modo de fechar a cabaça dentro duma rêde regular. Nesta rêde, perto do pescoço, está presa uma corda, que serve para dependurar a vasilha, e outra para segurar a tampa, para que não se perca. Tôdas estas partes suplementares, a rêde envolvente, de corda de fibras vegetais ou de couro, presilha ou alça trançada, a argola da base e a tampa trançada ou esculpida em madeira, sendo resultados da necessidade natural, em busca da forma mais

conveniente e mais prática, tornam-se a causa de reaparecimento da ornamentação.

MOTIVOS DE ORNAMENTAÇÃO. — Quando analisamos os motivos de ornamentação nas cabaças, executados com as mais variadas técnicas, sendo entalhados, raspados, gravados a fogo, tingidos a *batik*, pintados e incrustados, chama a nossa atenção o carácter comum da sua origem. O ponto de partida é a imitação do encordoamento.

As particulares componentes do processo técnico do encordoamento, os nós, as malhas da rede e as suas combinações rítmicas na superfície da vasilha, tornam-se depois, na técnica que os imita, motivos independentes. Podemos seguir em vários centros do mundo as modificações que aparecem nessa imitação em ornamento e também veremos como ficam independentes da sua primitiva significação. Todos estes motivos encontramos depois em vasilhas de argila, de madeira e de metal, que conservaram a forma de cabaça.

A análise de motivos primitivos de ornamentação na técnica de aplicação prática, até às livres combinações artísticas na superfície de vasilha de barro ou de metal, mostra as mesmas lentas e conseqüentes transformações, que vemos em tôdas as outras técnicas sem distinção de material.

A influência de forma da vasilha de cabaça exerce-se sobre as vasilhas de argila, madeira e metal. As vasilhas naturais de cabaça possuem certos caracteres particulares. O fundo delas é hemisférico, oval ou em forma de limão, mais raramente em forma de pêra, o que, na maior parte dos casos, torna impossível pôr estas vasilhas firmes, em pé. A cabaça dos peregrinos possui a parte do meio apertada dum modo característico.

Analisando as formas de primitivas vasilhas de barro em todos os centros mais antigos de aparecimento da cabaça, por

tôda a parte, sem excepção, encontramos as particularidades de formas acima mencionadas de vasilhas de cabaça. Isto são *reliquats* não justificados pelas propriedades do novo material. Dêste modo das formas de cabaça, sem dúvida, derivaram as mais antigas obras de cerâmica do velho Egipto, Grécia, Mesopotamia, China, Perú, México e outros. A influência da forma de cabaça sobre as formas de vasilhas pre-históricas foi já várias vezes registada na ciência. Notáveis formas de cabaça possui também a cerâmica contemporânea da Europa da região mediterrânea, de tôda a região da África, América, sul da Ásia e Oceânia.

Em muitas das regiões citadas aparece contemporaneamente o uso de vasilhas de cabaça e de barro. Como já disse, a maior parte de motivos de ornamentação da cerâmica primitiva está ligada com os motivos da cabaça, provenientes principalmente do encordoamento.

OS INSTRUMENTOS DE MÚSICA, DE CABAÇA. — A cabaça teve um papel importante na origem e desenvolvimento duma porção de instrumentos de música.

IDIOFONES. — O mais simples instrumento de música de cabaça é o chocalho, cheio de sementes. Encontrámo-lo entre quasi todos os povos primitivos. A cabaça está presa em uma vara, que passa pelo eixo principal, e uma ponta da vara forma o cabo. O som é produzido pelas sementes ou pelas pedras postas dentro. Na casca fazem-se pequenos furos ou estreitas e compridas frestas. As dimensões de cabaça são 10 a 30 centímetros.

Estes chocalhos são muito generalizados na América e são usados nas danças rituais e pelos médicos-feiticeiros. Os chocalhos de mais simples construção são conhecidos no sul da África, na Nova Guiné e, como brinquedo de crianças, no sul da Ásia e

em tóda a Europa. No sul da África usam-se para a dança os chocalhos, que se amarram aos pés. No Camerun usam os chocalhos compostos de seis cabaças grandes, de comprimento de cerca de 120 centímetros. No Bammana Oriental, nas festas de circuncisão, usam-nos feitas de rodela cortada de cabaça. Enfiam-nas viradas umas contra as outras, em número de mais de dez, numa vara arqueada. As vezes a uma das rodela superiores estão presas umas varinhas de junco. Em Lagoue, na África oriental, usam as partes da casca de cabaça como espantalhos para pássaros. Aos pedaços de casca prendem-se para êste fim umas bolinhas de barro suspensas a uns cordéis. Olhando vários conhecidos instrumentos, feitos de cabaça, chegamos à conclusão de que nêles foram exploradas tôdas as possibilidades de aplicação da cabaça, como ressoador.

Vamos citar, embora levemente, os mais importantes instrumentos da cabaça. Uma estreita tabuinha de madeira dura, suspensa, solta, por cima dum orifício na casca, forma o instrumento chamado *mbira* em Babissa, e *balengue* na África. Uma combinação de vários dêstes instrumentos, com a tabuinha progressivamente de maior tamanho, numa base comum, deu a origem à *marimba* africana. A *marimba* possui mais centros de distribuição na África. Falta em Madagascar. Um instrumento parecido somente, sem os ressoadores de cabaça e tendo em lugar de tabuinhas de madeira umas lâminas de metal, está em uso na Índia e arquipélago de Sonda.

Ao mesmo grupo de instrumentos pertence a *sansa*. Por cima dum ressoador de cabaça pousa uma tabuinha com uma fileira de linguetas de madeira ou metal. Elas estão presas só numa extremidade. A *sansa* é geral no Zambeze, Congo e baixo Niger.

MEMBRANOFONES. — Tapando com um couro esticado um largo orifício da cabaça-garrafa, faz-se o tambor. O esticamento

do couro obtem-se por meio de encordoamento. Existem vários modos de tal encordoamento, próprios de certos territórios. Estes tambores são conhecidos na África e Ásia e chegam a ter tamanho considerável. Os tambores de Alfaire na África chegam a 60 centímetros de diâmetro e 40 de altura. Com tempo a casca da cabaça é modelada em madeira, argila ou metal. Passando pelo centro do couro dum dêstes tambores um cordel com um nó na ponta, obtemos um instrumento, chamado na Espanha *zambomba*. Passando a mão pela corda, provocamos uns sons característicos. Êste instrumento é conhecido no Indústão, na África e na costa do Mediterrâneo, na Europa.

De cabaça é feito também um outro instrumento conhecido na Índia sob o nome *gopiyatra*. Êle é feito dum canudo de bambu, rachado em forquilha e enfiado por cima duma vasilha de cabaça. Pelo centro do fundo da cabaça passa uma corda, que está presa a uma argola na ponta superior de bambu. Ê o instrumento de mendigos errantes.

CORDOFONES. — Com a cabaça está ligada à história de quasi todos os cordofones primitivos.

O ressoador de cabaça está ligado com todos os modos de prender e esticar a corda. Seja o arco ou uma vara direita, ou em forma de tabuinha com os suportes para as cordas nas extremidades, com um ou dois cavaletes no meio, carregando uma ou mais cordas, um canudo de bambu com as cordas de fibra natural do mesmo, ou com a corda passando paralela à vara rachada e presa no fundo da casca. A cabaça tem aplicação junto ao arco musical originando de tal modo a forma aperfeiçoada dêste. Difunde-se assim principalmente na África, na região do Cabo da Boa Esperança, até ao limite sul do Sahara, também no Brasil, na América do Sul, e na do Norte entre os povos Sonorosos. A mais simples cabaça é cortada em forma de sino e presa numa

das extremidades do arco. A presilha da cabaça pode estar em contacto também com a corda por intermédio dum laço, como tem lugar entre os Cafres, ou a corda pode passar pelo couro, que tapa o orifício da cabaça. Quando se toca, a cabaça-ressoador está encostada com a abertura ao corpo do músico, ao peito ou ao ventre, aumentando a fôrça dos sons da corda, que doutra forma se ouvem mal. Os modos de prender a cabaça ao arco são diversos. Minuciosamente fala sôbre isto Ankermann na sua obra «*Die Afrikanischen Musikinstrumente*».

Na cítara, feita de vara, *zeze* da África Oriental, e na *lo-canga* no Madagascar, a cabaça fica presa com a parte mais estreita a uma vara direita, que neste instrumento substitui o arco. O orifício da cabaça aqui está aberto e virado para baixo. A *zeze*, com tôda a probabilidade, foi trazida à África da Índia, via Madagascar. Até hoje, este instrumento, com o nome de *vina*, é um dos instrumentos predilectos da Índia. A *zeze* de Bengala possui dois ressoadores de cabaça e é tôda caprichosamente esculpida. A *kin-nari* do Madras tem três ressoadores e, às vezes, até quatro. *Zeze* africana tem só um ressoador e é de construção mais simples.

Um instrumento, quási da mesma construção que o *zeze*, é usado na Cambodja, nas ilhas pequenas de Sonda, na Sumbava, Flores e Sumba, no Celebes e nas Filipinas.

O apogeu do desenvolvimento é a grande *mahati vina*, do norte da Índia, com cinco cordas, com grandes ressoadores de cabaça. Numa outra forma de uso da cabaça como ressoador a vara passa por dentro da cabaça. O orifício da cabaça é tapado com couro e está virado contra a corda. Isto é o alaúde, o protótipo de todos os cordofones do tipo da rabeca. Mais novo que esta, o alaúde com o pescoço, é oriundo da Pérsia.

O ressoador de cabaça nos alaúdes da Índia, tendo às vezes 40 centímetros de diâmetro, possui habitualmente um suporte para

as cordas de madeira leve. Este suporte forma uma peça só com o pescoço de instrumento. O lugar, onde ligam a casca da cabaça, partida ao meio, com o pescoço de madeira, tem umas folhagens, esculpidas na mesma madeira, disfarçando esta ligação. A forma do alaúde mais freqüentemente encontrada, usada nos arredores de Calcutá, é a *kachapi-vina*, com o ressoador da cabaça-garrafa, cortada pelo eixo vertical, com a base mais larga virada para baixo. Mais raramente encontra-se o tipo *sarangui*, cujo ressoador de cabaça está virado com o pescoço para baixo. Existem alaúdes com o ressoador circular. Para este fim é usada a base duma grande cabaça, cortada horizontalmente. Este tipo chama-se *gruti-vina*. O seu ressoador possui no avêso uma cavidade central em forma de pera.

O mais típico instrumento é a *bipanchivina*, com o ressoador duma metade de cabaça dos peregrinos, cortada pelo eixo vertical. O característico estreitamento no meio das rabecas europeias é o *reliquat* da forma do ressoador feito de cabaça dos peregrinos.

Todos os alaúdes de cabaça do Industão, são feitos também inteiramente de madeira. Eles imitam exactamente a forma e a côr do primitivo ressoador de cabaça.

É preciso mencionar, que na Ásia, particularmente na China e Japão, independente da cabaça, aparece um instrumento parecido, com o ressoador feito de caule de bambu, e, nalgumas partes da costa oceânica, de casca do coco.

O ressoador de cabaça foi empregado para a construção da harpa de arco, comum numa faixa estreita na África equatorial, da costa ocidental até Vitória-Niansa, e também no sul da Ásia oriental, em Birma. Presentemente, em tôda a grande região entre estes dois centros a harpa desapareceu por completo. Existem, porém, documentos, que provam a existência da harpa no norte da África, no Egito, nas costas do Mediterrâneo, na Grécia e Es-

panha mourisca e na Ásia, na Assíria e Pérsia, no Industão, no Turquestão, no Japão e na Corêa. Bem conhecidas são as reproduções de harpa nos baixos relevos das paredes dos templos antigos da Índia. As harpas africanas e da Índia, na opinião do Sachs, deduzem-se dum simples arco ligado com um ressoador de cabaça. As harpas de Birmânia pertencem ao tipo de antigo *heteo*. Lembrem os exemplares de harpas reproduzidas nos monumentos egípcios da IV dinastia, terceiro milénio antes de Jesus Cristo.

Na harpa egípcia o pescoço está desviado do corpo do instrumento, a ponto de prender as cordas e uma peça à parte. Na Birma é também o suporte para as cordas, escondido no corpo de instrumento. No Egito, as mais antigas harpas teem os tornos para esticar as cordas. Na Birma, é geral e exclusivamente usado o mais antigo esticamento com o cordel. Aqui dão-se, sem dúvida, algumas relações mútuas. Confirmam isto também os dados lingüísticos.

A harpa do mesmo tipo, no Industão, chama-se em sanscrito *vīnū*, em indu *bīn*. Assim também o nome da harpa dos faraós no antigo egípcio é *bjnt*, *bin*, e em tebano-copto *vini*. A lira com o ressoador de cabaça aparece na região de nordeste africano desde o sul do Egito até Vitória-Niansa, na Abissínia, Somali. As cordas em número de 5 a 10 estão presas a um suporte composto de três varas, que passam pelo couro do ressoador e estão fincadas na cabaça. A lira foi trazida para o Egito no décimo sétimo século antes de Jesus Cristo, sendo então bem mais tarde do que a harpa. Numa pintura na parede do sepulcro de Beni-Hassan temos pela primeira vez reproduzida a lira, carregada por um semita, como tributo de guerra. Durante 35 séculos, como afirma Ankermann, ela não se propagou além do Vitória-Niansa. Dos antigos cordofones do velho Egito, da harpa, lira e alaúde, não se conservou no Egito nem sinal. Foram substituídos por outros instrumentos trazidos pelas novas invasões.

Não desapareceram, porém, completamente. O seu centro da difusão na África somente se mudou para o sul. Hoje ainda os Waganda, Niam-Niam e outras tribus, constroem as suas harpas do mesmo modo, como fariam os antigos Egípcios.

AEROFONES.—A cabaça-maça e a cabaça-garrafa, abertas em ambas as extremidades, são usadas para fazer trompas, em tôdas as partes do mundo. Às vezes, para obter maior comprimento de trompa, ligam a cabaça a um canudo de bambu. Um grupo à parte entre os instrumentos de cabaça é formado pelas flautas esferoidais, de pequenas cabaças de poucos centímetros, descritas por Struck na bacia do Congo. Entre os Bantu são usadas pequenas cabaças, com alguns furos circulares, dos quais um serve para soprar e outros para as modificações de tom. Na costa ocidental da região Baluba usam-se pequenas cabaças como ocarinas. Estas pequenas cabaças, redondas, de 3 a 7 centímetros, com alguns furos, chamam-se *ipili* entre os Wasongola, *campolongo* entre os Warega e *kaengere* entre os Malinga. Frobenius menciona as cabaças esféricas dos Batetela, chamadas *tchiunque*, que teem cinco furos, dos quais quatro são feitos simetricamente, em pares. Schweinfurth viu entre os Mittu as cabaças alongadas com a abertura sonora feita no pescoço, e pequeno furo para soprar na metade da parte mais grossa da cabaça.

Um instrumento parecido, dos Azande, era feito de cabaça de meio metro de comprimento e tinha o furo para soprar na parte mais estreita da cabaça. Oito a dez destes instrumentos, convenientemente combinados, formavam uma orquestra.

Livingstone menciona uma orquestra semelhante, de ocarinas de cabaça, no Manyema do norte. Struck afirma, que as formas com um ou com quatro furos para as variações de tom igualmente pertencem à cultura africana ocidental.

Os primeiros são, propriamente, os instrumentos para sinais;

quanto aos segundos, são verdadeiros instrumentos de cinco tons. Presentemente as mesmas ocarinas esféricas são feitas de barro pelos Bangala e Lulonga. Iguais instrumentos de música em forma de cabaça ou de pirâmide, como brinquedos de crianças, são conhecidos no Turquestão ocidental. Semelhante instrumento de barro é o *hsuan*, chinês, conhecido já 400 anos antes de Jesus Cristo. Igualmente neste grupo precisamos contar os exemplares antigos e modernos dos Peruanos, contemporâneos dos Caraya e Cayapo, como também os exemplares da Melanésia de Hawai. Derivados da cabaça são os brinquedos de barro, apitos em forma de passarinhos, cavalinhos e outros comuns hoje em toda a Europa.

Dêste modo a cabaça deu origem a um grupo novo de instrumentos de música, dos quais, uns persistiram como brinquedos de crianças, mudaram de material e forma, outros conservaram a forma primitiva, principalmente na África, ou, como as ocarinas de argila e de metal, espalharam-se por todo o mundo.

Não menos importante papel teve a cabaça na origem e desenvolvimento de outros tipos de aerofones. No sul da Ásia foi aplicada ao clarinete, como câmara de vento. Mostrou-se sem dúvida mais apropriada do que o canudo de bambu ou um chifre. Do centro da sua origem, o Indostão, êste clarinete espalhou-se ao longo das costas do Mediterrâneo e do Atlântico e conservou-se até hoje, com a câmara de vento de chifre, na Grã-Bretanha, Gales, como *pipe corn*, *horn pipe*, e entre os Bascos como *alboquea*.

O clarinete duplo com a câmara de vento de cabaça generalizou-se em todo o Indostão, de Pendjab até Ceilão. É conhecido como instrumento dos encantadores de serpentes. A construção dêste instrumento é muito simples e engenhosa. Dois canudos de bambu duns quinze centímetros de comprimento, colados ou amarrados juntos, teem numa das suas extremidades, metidos dentro,

os canudinhos finos com a lingüeta típica do clarinete. Com esta extremidade são metidos dentro da base duma cabaça-garrafa e ficam bem colados com cera ou resina. O tocador chega à bôca o gargalo da cabaça e, soprando para dentro, muda os dedos nos furos do clarinete. O canudo direito tem sete furos. Nêle toca-se a melodia. O canudo esquerdo tem todos os furos, com excepção dum, tapados com cera. Produz um tom contínuo, baixo. Um passo mais no aperfeiçoamento dêste instrumento é a gaita de foles. Por meio da pressão do fole pode-se obter na gaita a corrente de ar e desta maneira substituir o fatigante trabalho da bôca. A gaita de foles, provàvelmente, teve origem na Índia. Presentemente a gaita de Birma é a única representante de instrumentos, tipo de clarinete na Indochina. O vale do Bramaputra, é dado por Sachs, como limite dum tipo diferente de aerofone com a lingüeta vibrando livre. Notável é a falta de semelhantes instrumentos no Indostão, onde reina exclusivamente o tipo de clarinete. À primeira vista, êste novo instrumento, generalizado principalmente na Indochina, não difere de instrumento usado para chamar as serpentes. A diferença consiste só na construção da lingüeta. A forma típica dele é a flauta, com a lingüeta vibrante fechada com a sua parte superior dentro duma câmara de vento, feita de cabaça. Existem instrumentos, onde em vez duma flauta há duas ou três. Dêste tipo deriva um singular instrumento, largamente conhecido sob o nome de *seng*, a gaita de bôca. Trouxe esta à Europa a lingüeta vibrante, que se tornou a base principal das gaitas de bôca e sanfonas. A pátria dêste instrumento é o norte da Indochina, Chitagong, Laos, Cambodja. Aparece também em Borneo, China e Japão.

A construção do *seng* consiste na introdução dentro da cabaça-garrafa, com um alongado, de costume curvo pescoço, dalguns, até mais de dez, canudos de bambu, com as lingüetas vibrantes. Os canudos teem diferentes comprimentos, o que fixa o

tom dêles. Imediatamente acima do encastoamento na cabaça, cada canudo tem um pequeno orifício. Fechando o orifício com o dedo obtemos o tom próprio. Num moderno tipo dêste instrumento, aparecido em Laos, os canudos chegam a dois metros de comprimento. A câmara de vento de cabaça é ali, às vezes, substituída pela câmara feita de madeira, conservando, porém, a forma de cabaça. Na gaita de bôca chinesa e japonesa a cabaça foi substituída igualmente pela câmara de madeira e, nos exemplares mais modernos, até de metal em forma de cabaça.

No grupo de aerofones é preciso contar também com uma simples flauta de assobio, instrumento usado no Brasil, no Paraguaya. Uma cabaça de 6 centímetros de diâmetro, com um furo de lado, está presa a um cordel de metro. Pondo-a em movimento centrífugo, obtemos um efeito sonóro, lembrando o efeito da *churinga* australiana.

O VESTUÁRIO. — A cabaça, às vezes, usa-se como uma parte de vestuário. Na Nova Guiné, na Melanésia e na África do Sul, servem-se da cabaça como de bainha para o pénis. Na África oriental, em Mahengue, fazem dela uma cobertura de cabeça, espécie dum capacete, e ornam-na com missanga e penas. Em Wawinsa usam, como ornamento de cabeça, um boné de filó com os chifres de cabaça.

AS MÁSCARAS. — As máscaras de cabaça fabricam-se nas ilhas Hawaii. Esta máscara cobre tôda a cabeça e tem um furo comum para os olhos e o nariz. O bôrdo de baixo está ornado com uma franja de pausinhos, e o vértice com penas de cores. Na Indonésia a tribu An Asan fabrica as máscaras de cabaça com a forma de crânio humano. Na América do Sul os Huitschol fazem as máscaras duma parte da casca de cabaça. Servem para ocultar o rosto. No norte de Guatemala os índios servem-se para as danças

rituais de máscaras, feitas de cabaça, com ornamento reproduzindo a tatuagem. No México o povo Cora para a festa de primavera usa as máscaras em forma de cabeça de porco.

AS URNAS COM CARA HUMANA. — A forma da cabaça dos peregrinos chama a atenção pela sua semelhança com uma pessoa. Lembra a cabeça posta em cima dum tronco. Marcados com uns traços os olhos, o nariz e a bôca aumenta esta impressão. Em muitos países são conhecidas, como brinquedo de crianças, estas bonecas, feitas de cabaça. Antigamente não eram somente brinquedo de crianças. Na cerâmica pre-histórica de todo o mundo existem urnas com caras humanas que, sem dúvida, possuem a forma de vasilhas de cabaça e deverão ligar-se a estas vasilhas de cabaça. A forma e destino delas estão em relação com a crença da vida além túmulo. Conhecemos-las de túmulos precolombinos do México, Honduras, Perú, Colômbia, Equador, Chile e Argentina. Na África conhecem-se do antigo Egito e actualmente no Camarão e Congo. Aparecem também na Nova Guiné e muitos outros centros de cultura do velho mundo. Esplêndidos exemplares destas urnas com reprodução do apêndice superior do cabinho da cabaça, são as obras de cerâmica achadas em Troia, do segundo e terceiro período.

Ao mesmo grupo pertencem as urnas do primeiro período do ferro de Billendorf e as urnas da cultura de Lusycé.

O USO RITUAL DA CABAÇA. — Além de aplicação na vida quotidiana a significação da cabaça penetra no fundo espiritual dos povos primitivos. Na região africana serve para fabrico de feitiços, amuletos, meios mágicos de protecção contra os maus espíritos, doenças, incêndios, defende as mulheres grávidas do mau olhar, etc. Estes amuletos de cabaças enchem-se de matérias singulares e ornam-se com vários objectos dêles pendurados. Pro-

fundamente entranhada na mente humana a fé numa outra vida e em migrações de almas, achou a sua expressão em urnas com cara humana derivadas de cabaça, difundindo-se em todo o mundo.

A crença no poder mágico do efeito dos ritos celebrados lembram ao homem a ideia de fabricar de cabaça a máscara ritual. É preciso lembrar, que os instrumentos de música, na história de cujo desenvolvimento a cabaça teve papel tão importante, não serviam e não servem somente para tornar ao homem primitivo a vida mais agradável. O som dêles possui o poder de criar relações com o mundo dos espíritos. Por isso o fabrico e uso dos tais instrumentos é cercado dum cerimonial singular. Transgredir ou desviar dos costumes ligados com êle, significaria tanto, como anular o poder do processo ou causar a ira dos espíritos.

Entre os negros africanos a cabaça tem um papel importante nos contos e nas lendas, e o defunto leva para o caminho do outro mundo uma cabaça, como um objecto indispensável.

EPÍLOGO. — Resumindo tudo acima dito, vemos, que a *Lagenaria vulgaris* teve um papel muito importante na vida. Em primeiro lugar tiveram nisto influência as suas propriedades naturais. Esta planta não precisa de nenhuma cultura e não exige nenhuns cuidados. Lançada no solo a semente, tendo adequadas a temperatura e a humidade, e a terra não sendo das piores, desenvolve-se e produz os frutos. A fruta madura, depois de convenientemente preparada e seca, fornece as vasilhas naturais de várias formas e tamanhos.

A capacidade criadora do homem, em contacto com o fruto da cabaceira em tôdas as aplicações da sua casca, limitou-se a observações e conveniente aproveitamento das suas propriedades. Estas propriedades eram muitas: a grande dureza da casca, a fôrça e rigidez dela, a impermeabilidade, a má condução do calor,

a leveza, a facilidade com que se deixa trabalhar com as ferramentas duras, a multidão e a variedade de formas, a larga escala de tamanhos e capacidades; enfim, a plasticidade da casca no período de desenvolvimento.

Cada uma destas propriedades teve uma larga aplicação, causando no contacto com a vida prática a conveniente exploração ou aperfeiçoamento. A cabaça, como um produto natural de utilização imediata, de grande utilidade, penetrou muito fundo na vida do homem primitivo e encontrou nela uma muito larga aplicação. A análise de tudo isto, como também o conhecimento dos centros de origem e do alcance da difusão dos efeitos particulares da aplicação cultural da cabaça, são em alto grau instrutivos.

Convençamos-nos de que os novos trilhos da cultura não surgem de repente, casualmente, sem um plano. Antes de tudo são o resultado de muitas causas e, em primeiro lugar, são a expressão de necessidades da vida. A sua dinâmica está condicionada pela dilatação das necessidades vitais de cada grupo particular de homens. Desenvolve-se nos limites das condições naturais do meio geográfico, que marca as fronteiras de actuais possibilidades.

O homem aproveitava já nos primeiros momentos da origem da cultura os benefícios desta planta. As vasilhas de cabaça foram os seus primeiros utensílios. Conheceu-as, sem dúvida, o representante das culturas básicas: da tasmaniana, australiana, totemística, de duas classes, milhares de anos antes do aparecimento da arte cerâmica, na cultura melanésica do arco. Desta data até o dia de hoje o homem nas suas obras cerâmicas reproduz as elementares e naturais formas da cabaça.

A análise monográfica das relações culturais da cabaça abre-nos um quadro esplêndido da cooperação de povos de quasi todo o mundo. Temos ocasião de confirmar indubitavelmente, que as ideias elementares (*Elementargedanken* de Bastian) tem a sua actual importância vital.

Ao mesmo tempo podemos seguir as migrações dos efeitos particulares da cultura por todos os possíveis caminhos de penetração. A iniciativa criadora do homem exprime-se na necessidade de perpétuo aperfeiçoamento das suas obras, e na sua realização serve-se de uma capa de beleza. A arte dos povos de toda a grande região do aparecimento da cabaça acha um rico, adaptável e multiforme material nesta esplêndida dádiva de Deus, que é o fruto da *Lagenaria vulgaris*.

INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA DA FACULDADE DE CIÊNCIAS DO PORTO

Director—*Prof. Dr. Mendes Corrêa*

ESQUELETOS PORTUGUESES DO SÉCULO XVII

POR

ALFREDO ATHAYDE

Assistente de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto

Pelo sócio da Sociedade de Antropologia, sr. Ramiro Mourão, foram enviadas ao Instituto de Antropologia da Universidade do Porto umas ossadas provenientes do convento da Serra do Pilar e que se compunham de:

- 4 crânios incompletos;
- 2 ossos frontais (1 incompleto);
- 1 apófise alveolar de maxilar superior;
- 2 maxilares inferiores (incompletos);
- 3 húmeros (2 incompletos);
- 1 cúbito;
- 3 fémures (1 incompleto);
- 6 tíbias (2 incompletas).

Dos 4 crânios, o que se encontra em melhor estado de conservação, foi achado num sarcófago que tinha a inscrição seguinte:

AQUI JAZ
O R.^{mo} P.^e D.
Luiz dos Santos
Obijt Die 1^a
Sept. 1663

A uma inspecção superficial, estes crânios apresentam certa semelhança, não só quanto à idade em que morreram os indivíduos a que pertenceram, como na frontalização, saliência da glabella, contôrno da cabeça, etc. Os ossos longos, pôsto que todos tenham um aspecto robusto, já não são tão homogêneos como os crânios.

O contôrno horizontal do crânio n.º 1 é ovóide (Sergi), sendo as bossas frontais pouco desenvolvidas, havendo um osso vórmio à esquerda entre o frontal e o parietal, sendo as suturas complicadas e a coronal sinostosada nalguns pontos; a glabella é pouco saliente, o frontal pouco inclinado até ao metopion, mas depois fugidio, a apófise mastóide está bem desenvolvida e o inion é saliente, como se observa na norma lateral. A parte superior da norma occipital tem um aspecto abobadado, com a largura máxima ao nível da sutura escamosa; as suturas sagital e lambdóide estão quasi obliteradas, as linhas occipitais são fortes e as bossas parietais bem nítidas.

Das normas basilar e facial pouco se pode observar, visto ter havido perda de substância para baixo do plano opistion-nasion. A norma vertical do crânio n.º 2 tem também um contôrno ovóide (Sergi) mas menos arredondado, bossas frontais pouco desenvolvidas, suturas menos complicadas, estando a sagital quasi obliterada em tôda a extensão e a coronal em parte.

Examinada a norma lateral, nota-se que a parte frontal é semelhante à do n.º 1, o occipital mais saliente e o inion muito pronunciado.

O contôrno superior da norma occipital é mais arredondado que o do n.º 1, tendo a largura máxima mais acima, entre a sutura escamosa e as bossas parietais, e as linhas occipitais muito bem marcadas. Nenhuma outra norma se pode estudar neste crânio.

Das outras duas caveiras pouco resta; uma apenas tem pe-

quenas partes do frontal e do temporal, enquanto que à outra (n.º 3) restam pequenos fragmentos do frontal e do temporal, bem como uma porção do occipital com o *foramen magnum*.

As mandíbulas e a apófise alveolar, bem como os dentes que ainda conservam, também mostram claramente que os indivíduos a que pertenceram, tinham mais de 60 anos à data da sua morte.

Os caracteres métricos destas ossadas são:

Crânio n.º 1

Diâmetro antero-posterior máximo	182
» transverso máximo	147
» glabella-inion	176
» » lambda	182
» nasion »	182
» frontal máximo	126
» » mínimo	93?
» biauricular	130
Curva horizontal	532
» transversal	320
» sagital: nasion-bregma	144
» bregma-inion	198
» inion-opistion	55?
	397
Índice cefálico	80,7
» auriculo-transverso	82,8
» » vertical	67,0
» fronto-parietal	62,8
» » transversal	72,7
Capacidade craniana (Lee-Pearson)	1499 c.c.

Crânio n.º 2

Diâmetro antero-posterior máximo	190?
» transverso máximo	142
Índice cefálico	74,7

Crânio n.º 3

Comprimento do buraco occipital	40
Largura do buraco occipital	32
Índice do buraco occipital	80

Frontal isolado

Diâmetro frontal máximo	112
» » mínimo	93
Índice frontal	83

Mandíbulas

	N.º 1	N.º 2
Altura sinfisiana	31 ?	30 ?
Largura mentoniana	49	-
Angulo sinfisiano	77 ?	72 ?

Húmeros

	N.º 1	N.º 2	N.º 3
Comprimento máximo	301	310 ?	-
Largura da extremidade inferior	53	-	62
» » tróclea	37	-	37 ?
Diâmetro máximo ao meio da diáfise	23	23	23 ?
» mínimo » » » »	18	19	20 ?
Perímetro mínimo	65	68	69
Diâmetro ântero-posterior da cabeça	37	46	-
Altura da cabeça	40	45	-
Angulo de torção	170	-	-
Índice da cabeça	92,5	97,7	-
» ao meio da diáfise	78,2	82,5	90,7
» de robustez	21,6	21,9	-

Cúbito

Comprimento máximo	258
» fisiológico	231
Perímetro mínimo	35
Índice de robustez	15,1

Fémures

	N.º 1	N.º 2	N.º 3
Comprimento máximo	430	464 ?	441
» em posição (fisiológico)	427	462 ?	440
Diâmetro sagital ao meio da diáfise	26	34 ?	27
» transverso ao meio da diáfise	30	32 ?	32
Perímetro ao meio da diáfise	90	102 ?	96
Diâmetro ântero-posterior sub-trocantérico	27	-	27 ?
» transverso sub-trocantérico	31	-	32 ?
» sagital mínimo da epífise inferior	30	-	-
» transverso mínimo da epífise inferior	52	-	-
» vertical do colo	32	-	-
» sagital » »	26	-	-
» vertical da cabeça	47	53	44
» sagital » »	48	53	44
Perímetro da cabeça	-	163	-
Largura epicondiliana	81	-	81
Angulo de torção	14	12 ?	-
Índice pilástrico	115,4	118,8	106,2
» de platimeria	87,2	-	84,5
» da secção da cabeça	98	100	100
Estaturas calculadas	1,635	1,690	1,654

Tíbias

	N.º 1	N.º 2	N.º 3	N.º 4	N.º 5	N.º 6
Comprimento máximo	380	360	368	367 ?	-	348
»	372	353	363	356	-	340
Perímetro mínimo da diáfise	80	73	80	78	81	72
» ao meio » »	85	82	84	88	85	83
Diâmetro ântero-posterior ao meio da diáfise	32	31	32	38	30	31
Diâmetro transverso ao meio da diáfise	24	24	20	23	24	22
» ântero-posterior ao nível do foramen nutricium	37	33	35	37	34	35
Diâmetro transverso ao nível do foramen nutricium	27	26	22	22	26	23
Largura da extremidade superior	83	79	-	74	78	79
Índice da secção média	75	77,4	62,4	60,5	80	71
» de platicnemia	71	81,3	62,8	59,5	76,5	66,8
» de robustez	21	20,2	21,7	21,2	-	20,6
Estaturas calculadas	1,691	1,648	1,666	1,668	-	1,628

O crânio n.º 1, o que melhor se pode estudar, é braquicéfalo, acrocéfalo, bastante hipsicéfalo e estenometópico. Mas a sua braquicefalia deve ser accidental, pois que o diâmetro ântero-posterior máximo pouco se afasta da média do português actual, enquanto que o transverso máximo a ultrapassa bastante; e êste facto repete-se nos outros diâmetros medidos nas mesmas direcções. Isto é, tôdas as larguras excedem a média portuguesa.

Pelos caracteres métricos e descritivos se vê que os ossos deviam ter pertencido a indivíduos fortes, corpulentos, que morreram em idade avançada.

Por indicação do sr. dr. Artur de Magalhães Basto quisemos identificar o crânio n.º 1, pertencente ao P.º Luís dos Santos, pelo Rol dos cônegos regrantes de S.º Agostinho, de D. Gabriel de S.ª Maria; infelizmente êste rol não abrange o ano de 1663.

Na falta de melhor documento histórico com indicações da vida que diàriamente faziam estes religiosos, consultamos a regra da Ordem, que nos foi amavelmente cedida pelo sr. Armando de Matos.

Da sua leitura não se pode concluir que os cônegos regrantes tivessem uma vida despreocupada que lhes permitisse tratar só do bem-estar das suas pessoas; se a Ordem não era das mais rigorosas, também, cumprida a regra, não era muito folgada.

Pareceu-nos, pois, que ainda o melhor documento que tínhamos, era o citado Rol que, examinado com atenção e cuidado, nos deveria dar a explicação dos caracteres antropológicos afins, que os restos dos esqueletos dos frades do convento da Serra do Pilar tão claramente apresentavam.

E, ao percorrê-lo, freqüentemente encontramos referências aos monges como estas: *de grande corpo; muito velho; proporcionado e grandes forças; era o mais bem disposto homem; grande gordo; viveu muitos anos; chegou a ancião; passou de ancião; era já velho; 50 anos de hábito; 60 anos de hábito; 80 anos;* e outras que nos

dão indicações da corpulência forte e da idade avançada em que morriam em geral os membros desta comunidade.

E é mais raro depararmos com indivíduos *pequenos de corpo, de fraca compleição, ou que morreu de tísico, etc.*

De dois manuscritos em poder do sr. Ramiro Mourão, também se infere que a vida neste mosteiro não era difícil e que os seus moradores ainda dedicavam algum tempo ao exercício físico; pois que além da *sua cerca que consta de horta, pomares, com pedaço de vinha, terra de pinhal e mato, vezes de castanho, e carvalho, e terras de pão,* tinham também *jôgo da bola.*

Por estes documentos e ainda por se saber que os indivíduos pertencentes a esta Ordem eram em geral das melhores famílias do reino, podia prever-se uma certa homogeneidade de caracteres derivada da classe social e da vida em comunidade.

Mas o Rol dos cônegos regrantes de S.º Agostinho ainda nos pode fornecer mais elementos se o examinarmos a outra luz.

Aproveitando as alusões aos últimos quarenta monges falecidos de que êle fala, e separando aqueles para os quais não há dúvidas sôbre a sua corpulência forte e idade avançada, dos que eram fracos e morreram cedo, dos indivíduos de que não são dadas indicações a êste respeito, vê-se que os fortes aparecem numa maioria de 65 0/0; e, se collocarmos em cada grupo de fortes e fracos metade dos duvidosos, a percentagem sobe a 77.

Analisando cada ano separadamente, nunca aos cônegos de *fraca compleição* corresponde mais de 50 0/0 dos falecimentos. Êste Rol refere-se a todos os membros da Ordem, vivendo portanto em diferentes mosteiros; dêle se pode deduzir que a média anual de óbitos era de 2,67 e geralmente entre os 60 e 80 anos de idade.

Estes números corroboram o resultado das investigações feitas nas ossadas e portanto permitem-nos formular as seguintes conclusões:

1.^a — As observações antropológicas feitas nas ossadas dos cónegos regrantes de S.^o Agostinho do século XVII, do Mosteiro da Serra do Pilar, conduzem a resultados próximos das medidas do português actual.

2.^a — Tratava-se de indivíduos fortes e robustos, de estatura média e que morreram em idade avançada.

3.^a — Estas conclusões estão de acôrdo com o que se deduz do Rol dos cónegos regrantes de S.^o Agostinho, de D. Gabriel de S.^a Maria, e doutros documentos.

BIBLIOGRAFIA

R. MARTIN — *Lehrbuch der Anthropologie*, 2.^a ed., Iena, 1928.

A. A. MENDES CORRÊA — *Os povos primitivos da Lusitânia*. Pôrto, 1924.

A. A. MENDES CORRÊA — *Estudos de Etnogenia portuguesa (Crânios braquicefalos)*. « Anais Sc. da Fac. de Medicina do Pôrto », vol. IV, n.^o 2. 1918.

D. GABRIEL DE S.^a MARIA — *Rol dos cónegos regrantes de S.^o Agostinho*, in vol. XI do « Boletim da 2.^a classe da Academia das Ciências de Lisboa ».

Constitutiones canonicorum regularium congregationis Sanctae Crucis collimbriensis a Pio Papa VI. In forma specifica approbatae, et confirmatae. Olisipone Anno M.DCC.LIV.

INSTITUTO DE ANATOMIA DA FACULDADE DE MEDICINA DO PORTO

Director — Prof. Dr. J.-A. Pires de Lima

O ÍNDICE DO BURACO OCCIPITAL NOS PORTUGUESES

POR

FERNANDO DE CASTRO PIRES DE LIMA

As medidas do buraco occipital nos portugueses fôram objecto dum estudo por parte do ilustre antropologista Ferraz de Macedo (1) que, em 1892, publicou um trabalho notável que contém numerosas mensurações tomadas em 494 crânios de portugueses do sexo masculino.

Em 1925 Aurélio Fernandes (2) estudou as correlações entre o índice do buraco occipital e o índice cefálico. Baseou-se nas mensurações realizadas em 154 crânios de indivíduos do Norte de Portugal e concluiu que, perto de metade dêles, eram megasémios.

Concluiu mais que não havia qualquer correlação entre aqueles dois índices.

Daquela data em diante, não conheço nenhum trabalho em que fôsse retomado desenvolvidamente o assunto. Apenas alguns antropologistas portugueses se ocuparam, incidentalmente, das dimensões do buraco occipital, sobretudo em indivíduos das nossas colónias.

Aproveitando a valiosa colecção craniológica do Museu do Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina do Pôrto, redigi esta nota, relativa às mensurações do buraco occipital em cem

crânios de homens e cem crânios de mulheres, todos identificados e provenientes dos cemitérios do Pôrto. Pertencem todos a indivíduos de mais de 25 anos, pois que rejeitei os crânios de indivíduos de menor idade, e portanto incompletamente desenvolvidos. A técnica seguida por mim foi muito simples; para as mensurações, utilizei unicamente um compasso de correção.

No Quadro I resumo os comprimentos e larguras, máximos e mínimos, nas duas séries:

QUADRO I

	SÉRIE ♂	SÉRIE ♀
Comprimento máximo	41	41
Comprimento mínimo	30	29
Largura máxima	39	35
Largura mínima	27	25

Depois, servindo-me das tábuas de Karl Fürst (3), tirei a média do diâmetro ântero-posterior e transverso nos duzentos crânios. Obtive, para os ♂, valores compreendidos entre 103 e 73 e para as ♀, entre 100 e 75.

Em seguida, estabeleci a seriação dos índices, segundo a técnica de Martin (4) e Frassetto (5). No Quadro II indico os valores que encontrei para cada sexo:

QUADRO II

	SÉRIE ♂	SÉRIE ♀
M	86,60	84,83
Em.	± 0,384	± 0,357
σ	5,7	5,3
Eσ	± 0,32	± 0,36
Mediana	88	87,5
Classe de > frequência	89 e 91	83

Segundo Martin (4), as oscilações individuais das medidas absolutas do buraco occipital são relativamente grandes e vão, na maior parte dos grupos, desde o comprimento de 30 mm. até 40 mm. e desde a largura de 23 mm. até 38 mm.

Na minha série, juntando os dois sexos, os comprimentos vão de 29 a 41 e as larguras de 25 a 39.

Segundo o autor alemão, as diferenças sexuais das medidas do buraco occipital não são apreciáveis, o que foi confirmado por mim.

No Quadro III arqueei, por ordem crescente do índice do buraco occipital dos crânios de indivíduos do sexo masculino, tôdas as séries publicadas num quadro de Martin (4), juntando-lhe os índices médios de tôdas as outras séries que conheço, sobretudo na literatura antropológica portuguesa.

É curioso verificar que as medidas tomadas nas três séries de crânios portugueses [Ferraz de Macedo (1), Aurélio Fernandes (2) e o autor] são perfeitamente uniformes, pois as médias dos índices dos crânios de indivíduos do sexo masculino vão de 85,6 (A. F.) até 86,6 (P. L.).

QUADRO III

MEDIDAS E ÍNDICES DO BURACO OCCIPITAL (MÉDIAS)

Regiões e povos	Comprimento		Largura		Índice	
	♂	♀	♂	♀	♂	♀
Angola (6)	37,18	34,66	28,9	28	74,9	
Bochimanos (7)	37	35,14	28,6	29,43	77,19	83,88
Gricquas (8)	37,18	34,66	28,9	28	77,86	80,80
Hotentotes (9)	36,31	38,5	28,62	30,5	78,89	79,29
Ost-Tschechtschen (4)	37,1			27,3		79,4
Neolíticos da Suíça (11)	—			—	79,4	83,2

Regiões e povos	Comprimento		Largura		Índice	
	♂	♀	♂	♀	♂	♀
Tirolezes (4)	—	—	—	—	79,49	
Sul de Moçambique (10) .	—	—	—	—	79,63	
Sudras da Índia Port. (12).	36		29		80,5	
Mossumbes de Angola (13)	37,3		32		80,7	
Buriates (14)	36,8		30,4		80,7	
Moçambique (14)	—	—	—	—	80,85	
Suíços (Danis) (4) . . .	36 35,9	36,66	29,33	30,4	30,33	81,9
Egípcios (18)	36,3	34,8	29,7		28,8	81,6
Telênguetes (4)	36,2		29,6		82,1	81,5
Kalmuckes (4)	36,8		30,2			82,4
Baschkiren (4)	35		28,9			82,5
Japoneses (4)	36,5	36,5	30,3		26,5	83,4
Chineses (4)	35,6		29,6			83,4
Chátrias da Índia Port. (15)	—	—	—		83,5	82,1
Kalmuckes (4)	—	—	—		83,6	79,2
Nova Guiné (18)	36,3	35,6	30,4		30,1	83,9
Guiné Portuguesa (16) . .	36,9		30,3			84,1
Bávaros (18)	37,6	36,1	31,5		30,2	84,1
Indo-portugueses (12) . .	36,4	28,5	29,2		29	84,4
Australianos (4)	35,5	34	29,9		29,3	84,9
Romenos (4)	35	34	31,6		27	85
Suíços (Wallis) (4) . . .	35,7	34,5	30,4		28,6	85,1
Ainos (4)	35,7	33,7	30,2		28,9	85,1
Antigos pompeianos (4) .	—	—	—		85,2	83,9
Torgutes (4)	36,2		30,5			85,5
Portugueses (A. F.) (2) . .	—	—	—		85,61	84,74
Portugueses (F. M.) (1) . .	35,37		30,39			85,94
Portugueses (P. L.) . . .	38,39	34,82	32,87		29,40	86,6
Timorenses (17)	34,66		30			86,8
Maoris (4)	—	—	—			88
Paltacalo-indianos (4) . .	32,8	35,2	29,3		28,5	88
Ranes da Índia Port. (12).	—	—	—			88,8
Antigos bávaros (4) . . .	34,1	35,2	30,3		29,8	88,8
Malaios (4)	34	32,6	30,3		28,5	89,1

Como se vê, a minha série masculina é megasémia, enquanto que a série feminina é mesosémia, da mesma forma que a rica série masculina de Ferraz de Macedo (1) e as duas séries de Aurélio Fernandes (2). O português é, pois, megasémio, ou está no limite da mesosemia.

Dizem alguns antropologistas que o índice do buraco occipital é mais alto, em geral, nas raças inferiores.

O exame do Quadro III faz-me discordar dessa opinião. Os índices mais baixos correspondem exactamente aos Negros.

Pelo contrário, as médias dos índices dos portugueses continentais aproximam-se das dos malaios. Não nos honra nada a companhia, nem ficaríamos desvanecidos se o nosso índice fôsse mais baixo e nos levasse ao cimo do Quadro, para as vizinhanças dos pretos que estamos empenhados em civilizar.

Parece-me, portanto, que o índice do buraco occipital, por si só, terá um diminuto valor etnológico.

BIBLIOGRAFIA

- (1) FERRAZ DE MACEDO — Crime et criminel. Lisboa, 1892.
- (2) AURÉLIO FERNANDES — Sobre uma correlação anatómica nos crânios portugueses (estudo osteométrico). *Tese da Faculdade de Medicina do Pôrto*, 1925.
- (3) KARL FÜRST — Index-Tabellen zum anthropometrischen Gebrauch. Iena, 1902.
- (4) MARTIN — Lehrbuch der Anthropologie, zweite Auflage. Iena, 1928.
- (5) FRASSETTO — Lezioni di Antropologia, sec. ed. Milano, 1918.
- (6) J. A. PIRES DE LIMA, HERNANI MONTEIRO e CONSTANCIO MASCARENHAS — Contribuição para o estudo antropológico do Angolense. *1.º Congresso de Medicina tropical da África Ocidental*, Luanda, 1924.
- (7) PITTARD — Contribution à l'étude craniologique des Boschimanés. *L'Anthropologie*, 1929.
- (8) PITTARD et DUBOIS — Contribution à l'étude craniologique des Gricuas. *L'Anthropologie*, 1927.
- (9) PITTARD — Contribution à l'étude craniologique des Hottentotes. *L'Anthropologie*, 1928.
- (10) J. A. PIRES DE LIMA e CONSTANCIO MASCARENHAS — Contribuição para o estudo antropológico de Moçambique. *Arquivo de Anatomia e Antropologia*, IX, 1925.
- (11) PITTARD — Deux nouveaux crânes humains des cités lacustres en Suisse. *L'Anthropologie*, 1906.
- (12) CONSTANCIO MASCARENHAS — As castas da Índia. *Tese da Faculdade de Medicina do Pôrto*, 1924.
- (13) MENDES CORRÊA — Sobre três crânios de Negros Mossumbes. Pôrto, 1915.
- (14) LUÍS DE PINA — Materiais para a antropologia de Moçambique. *Arquivo de Anatomia e Antropologia*, XIV, 1931.
- (15) MENDES CORRÊA — Sobre três crânios da Índia portuguesa. *Anais Scient. da Faculdade de Medicina do Pôrto*, III.
- (16) J. A. PIRES DE LIMA e CONSTANCIO MASCARENHAS — Populações indígenas da Guiné portuguesa. *Arquivo de Anatomia e Antropologia*, XIII, 1930.
- (17) J. A. PIRES DE LIMA e CONSTANCIO MASCARENHAS — Contribuição para o estudo antropológico de Timor. *Arquivo de Anatomia e Antropologia*, IX, 1925.
- (18) PETROFF — Untersuchungen über den Flächeninhalt der Foramen occipitale magnum und die Schädelkapazität der Menschen. *Anthropologischer Anzeiger*, 1/2, 1931.

VÁRIA

Congresso Internacional de Antropologia em Paris

Como se decidiu na última sessão do Congresso de Portugal de 1930, realizou-se em Paris em Setembro findo a quinta assembleia geral do Instituto Internacional de Antropologia, que foi também a continuação do XV Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Prehistórica iniciado em Coimbra e Pôrto no ano anterior.

A sessão de abertura efectuou-se no dia 20 de Setembro na *Cité des Informations* da Exposição Colonial Internacional de Paris. Presidiu o sr. Paul Doumer, presidente da República Francesa, que era ladeado pelo marechal Lyautey e srs. Petsche, sub-secretário das Belas Artes, Marin, presidente da I. I. A., Verneau, conde Bégouen e outras individualidades.

Na véspera realisara-se na Escola de Antropologia uma sessão preparatória do Conselho de Direcção do I. I. A.

Na sessão inaugural, usaram da palavra o sr. Louis Marin, os delegados da Argélia, da Alemanha, da Argentina, da Bélgica, de Cuba, da Espanha, dos Estados Unidos, da Grécia, da Holanda, da Itália, da Jugoslávia, da Polónia, de Portugal, da Roménia, da Suíça e da Tchécoslováquia, os representantes das algumas corporações científicas, entre as quais a Sociedade de Geografia, o conde Bégouen, e, por fim, o sr. Petsche, em nome do Governo Francês.

Trocaram-se saudações cordiais e pôs-se em relêvo o interesse da Exposição Colonial. O delegado do nosso país pronunciou em francês a seguinte alocução:

«Tenho a honra de trazer ao Congresso as saudações e os votos mais cordeais do Governo Português, da Faculdade de Ciências do Pôrto e da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. Os portugueses não esqueceram a demonstração duma simpatia particular para com o seu país, que foi dada no ano último com a escolha de Coimbra e Pôrto para sede da reunião

anterior dêstes congressos. Mas felicitam-se também por verificarem que a realização da presente sessão em Paris, durante a Exposição Colonial, lhes permite recordar perante vós, perante tôdas as nações, os esforços de Portugal desde muito para o conhecimento de terras e de raças desconhecidas, para a colonização racional de muitas dessas terras e para a civilização benéfica de muitas dessas raças.

As descobertas geográficas portuguesas dos séculos XV e XVI colocaram os nossos exploradores em presença de povos cuja existência era ignorada na Europa. Os nossos autores dessas épocas falam dos caracteres físicos e psíquicos de tais povos. Os próprios *Lusiadas*, a nossa epopeia nacional, que é também um poema cheio de sentimento universalista, fazem, por exemplo, uma descrição curiosa do primeiro contacto dos nossos navegadores, de Europeus, com os Bochimanes-Hotentotes das costas africanas meridionais.

Estamos gratos à França, a esta nação tão rica de glória espiritual, pelo acolhimento excelente que faz, nesta ocasião, aos congressistas estrangeiros. Mas somos-lhe também devedores, como portugueses, da oportunidade que nos proporcionou, com êste Congresso e com a Exposição, para a afirmação do interesse secular de Portugal pelo conhecimento da terra e das raças humanas.

Como a França em relação às suas colónias, Portugal não exclui, de modo algum, da família nacional os indígenas dos seus territórios de além-mar. Não só os considera colaboradores voluntários e úteis da prosperidade da nação, como ardentemente deseja identificá-los, sem excepções, em deveres e direitos, com os cidadãos da metrópole. Acertadamente, a Antropologia ensina que há diferenças psicológicas e sociais profundas entre as raças humanas. Mas essas diferenças não significam em raça alguma uma incapacidade definitiva e total de assimilação civilizadora e de progresso.

Estas verdades estão no espírito e no coração dos franceses, como dos portugueses, e inspiram as suas políticas coloniais. Recordando-as no princípio dêste Congresso Antropológico que se efectua na pátria gloriosa de Broca e de Boucher de Perthes, cabe acentuar o papel essencial que pertence à Antropologia no estudo das origens e das faculdades do homem e das suas raças, em todos os esforços sérios para o aperfeiçoamento moral, para a utilização económica e para a felicidade dos seres humanos».

Num intervalo da sessão houve música, cantos e dansas-malgaches. Finda a sessão, reuniu a assembleia geral do XV Con-

gresso e dos membros do I. I. A., tomando, entre outras, as seguintes resoluções que fôram votadas por aclamação:

1.^a—Designação dos Professores Leite de Vasconcelos e G. Sergi como presidentes honorários, e do Prof. Pittard, como presidente efectivo do Congresso.

2.^a—Fusão das assembleias gerais do I. I. A. com os Congressos Internacionais de Antropologia e Arqueologia Prehistórica.

Esta última questão, que fôra tratada já na reunião de Portugal em 1930, perdera muito da sua acuidade visto, entre aquela reunião e a de Paris, ter sido pelos elementos divergentes do I. I. A. fundada uma nova série de Congressos Internacionais, os Congressos de Ciências Pre- e Protohistóricas. Entretanto, em várias sessões, o Conselho do I. I. A. se ocupou da regulamentação da fusão referida e das reformas a introduzir no estatuto do I. I. A. de modo a que nenhuma nação ali tenha preponderância sobre as outras.

No dia seguinte, em 21, iniciaram-se os trabalhos das secções, na Faculdade de Medicina e, excepcionalmente, a 2.^a secção (Prehistória) no Museu Permanente das Colónias Francesas na Exposição Colonial. Os trabalhos das secções prosseguiram nas manhãs seguintes, até sábado, 26.

Houve durante o Congresso visitas oficiais a vários pavilhões da Exposição, entre os quais o pavilhão português, onde aos congressistas foi oferecido um Pôrto de Honra pelo nosso Comissariado, sendo, num brinde cordial, recordado pelo sr. Marin o acolhimento do ano anterior no nosso país.

Houve também na Exposição, nas noites de 23 e de 26, respectivamente, uma *soirée* indochinesa e uma *soirée* africana, com dansas, música e teatro indígenas. Para essas festas fôram facultados bilhetes de admissão a muitos congressistas.

Em 24 realizou-se uma excursão às grutas prehistóricas e aos cemitérios gauleses do Marne, em 25 houve uma visita ao Museu de Etnografia do Trocadero, sob a direcção do Prof. Rivet, e em 26 efectuou-se uma excursão a St. Germain-en-Laye, para visita do Museu de Antiguidades Nacionais, onde os congressistas fôram recebidos pelo conservador, sr. Salomon Reinach. Em seguida a esta última visita houve um chá oferecido pelo I. I. A. no Pavilhão Henrique IV.

A segunda e última assembleia geral realizara-se em 25 na Escola de Antropologia, sob a presidência do Prof. Pittard. Nessa sessão, foi designada Varsóvia para local do próximo Congresso.

Um banquete, oferecido pelo I. I. A., reuniu os congressistas no dia 27 no restaurante Batouala, da Exposição Colonial. Foi

uma festa animadíssima, em que usaram da palavra o Presidente, Prof. Pittard, que se referiu a Portugal em termos muito efusivos, o conde de Vogüé, em nome do *Comité* da Exposição, o Professor Giovanni Marro, em nome dos congressistas estrangeiros, M.^{me} Absolon, em nome das senhoras presentes. No banquete tomaram parte cêrca de 200 convivas.

O labor científico nas secções foi intenso e variado. Mais de 200 comunicações fôram apresentadas ao Congresso. Um grande número delas referia-se naturalmente a assuntos coloniais. A repartição em 5 secções que funcionavam simultâneamente, tornava impossível acompanhar a exposição de todos os trabalhos, mas foi possível ajuizar da importância de alguns. Certos assuntos suscitaram debates mais vivos, como, por exemplo, na secção de Prehistória, a eterna questão das «pedras-figuras», não sendo adoptados os votos que alguns sugeriram num sentido favorável à origem artificial destas. O estudo apresentado na secção de Antropologia física, sôbre o ôsso temporal, pelo Prof. Sergio Sergi mereceu o maior interêsse dos assistentes. Foi muito aplaudido, na última sessão, o *film* do Prof. Absolon, sôbre as suas escavações na estação de caçadores de mamutes de Vistonice (Morávia). Também despertou interêsse a comunicação tecnológica do engenheiro alemão F. Herig, sôbre o trabalho manual prehistórico. É impossível, nesta curta resenha, mencionar muitos outros trabalhos que fôram justamente apreciados.

Concluiremos registando apenas que no Congresso tomaram parte os portugueses srs. drs. Alberto Souto e Henrique de Miranda, tenente Afonso do Paço, Almiro do Vale, José António dos Santos e o autor destas linhas, sendo, porém, apresentadas também comunicações dos srs. drs. Luís de Pina, Barros e Cunha, Serpa Pinto, José de Pinho e D. Fernanda Matos Cunha.

Eis os títulos das comunicações portuguesas de que tivemos conhecimento:

DR. LUÍS DE PINA — A morfologia do crânio português.

IDEM — Estudo sôbre a morfologia do crânio egípcio.

DR. BARROS E CUNHA — Sôbre o crânio dum soba quioco de Saurimo (Lunda).

DR. R. DE SERPA PINTO — Sôbre o tumbiense de Angola.

IDEM — A prehistória da África portuguesa.

TENENTE AFONSO DO PAÇO — As indústrias paleolíticas e mesolíticas da provincia do Minho (Portugal).

JOSÉ DE PINHO — O grande taboleiro de xadrez na arte prehistórica portuguesa.

ALMIRO DO VALE — Vestígios prehistóricos na estação arqueológica de Nandufe.

D. FERNANDA MATOS CUNHA — A mentalidade do camponês de Barcelos.

MENDES CORRÊA — As novas escavações em Muge.

IDEM — As inscrições de Alvão, Parada e Lerilla.

MENDES CORRÊA.

Nótulas asturienses

III

Ao estudar a estação de Ancora acentuamos a analogia da sua indústria com outras pertencentes ao paleolítico, tanto portuguesas como do sul de Espanha, sugerindo a possibilidade duma origem galaico-portuguesa para a cultura dita «asturiense». Não escondemos as dúvidas que ainda pairam sôbre a fixação cronológica da indústria «ancorense», cujo esclarecimento se deverá basear em ponderados estudos geológicos. No desejo de contribuir para êsse fim, continuamos a registar o movimento arqueológico sôbre o assunto e algumas observações pessoais (1).

PORTUGAL — A descoberta das estações paleolíticas dos arredores de *Elvas*, nas margens do Caia, pelo eng. agr. Lerenó Antunes, constitui uma das mais interessantes contribuições dos últimos anos para o conhecimento de Portugal pre-histórico. A revelação de «picos» tipologicamente asturienses, parece favorecer a hipótese duma origem meridional para as indústrias ancorense e asturiense. Guiados pelo descobridor foram visitadas as estações de *Comenda*, *Monte Campo*, *Alfarófia*, terraços de *Botafogo* e *Arronches* (descoberta pelo Ab. Breuil) em Setembro de 1931, pelo prof. Joaquim Fontes, P. Alphonse Luisier, P. Eugénio Jalhay, eng. Alves Costa e pelo signatário.

Aos srs. tenente Afonso do Paço, A. Viana e Tomaz Simões Viana deve-se a continuação de investigações no Minho, que alargam notavelmente a área das estações já estudadas. Pelo tenente Afonso do Paço foi comunicada à Associação dos Arqueólogos a existência dum concheiro em *Carrêço*, de cuja exploração se ocupará. Temos conhecimento duma estação de tipo paleolítico no

(1) «Trabalhos da S. P. A. E.», iv. Porto, 1928-30, pp. 5, 175 e 303.

alto Minho, onde iniciamos o estudo conjugado dos terraços fluviais e marinhos (1).

A presença do ancorense no *Pôrto*, de que já eram prenúncios os achados de quartzites em *Manhufo* e *S. Braz*, ficou assente com a exploração duma nova estação junto ao Farol da *Boa Nova* (Leixões). Esta estação tem ainda o interesse de se observar no local uma praia levantada (2), de cuja descrição nos ocuparemos ao tratar da indústria lítica recolhida, que é de tipo conhecido. Em face destes achados consideramos ancorense a estação da *Ervilha* (Castelo do Queijo), até aqui suposta do paleolítico antigo, que também fica situada numa praia elevada (3).

GALIZA — Prosseguiram as investigações dos srs. P. Eugénio Jalhay e M. F. Costas; publicando o primeiro o resultado da excavação dum concheiro em *Pasaje* (Camposancos. A Guardia), constituído por *Patella vulgata*, *Mytilus edulis* e *Trochus lineatus*.

Para M. Costas continua muito duvidosa a existência do paleolítico galaico-minhoto. O prof. Santa-Olalla considera o asturiense desta região como dando «a sensação de ser mais recente do que o cantábrico; ou talvez, mais precisamente, que o asturiense do Minho abaixa o *optimum* postglaciar, e continua até uma época muito tardia, constituindo quicá um verdadeiro neolítico (?), cronologicamente, com sobrevivências». Não é esta a opinião do P. Jalhay, que, como já notamos, considera a indústria galega e minhota mais antiga do que a cantábrica.

IRLANDA — Mr. C. Blake Whelan descreveu uma indústria irlandesa, duma praia elevada de 25 pés, comparando-a com o

(1) Cons.: H. Lautensach, *Morphologische Skizze der Küsten Portugals*. Ein Landeskundlicher Ausschnitt. Sonder. aus «Sonderbd. der Zeit. der Ges. fuer Erdkunde zu Berlin». 1928, pp. 296-346.

(2) A. Nobre, *Étude géologique sur le bassin du Douro*. Extr. des «Mémoires de la Soc. Malacologique de Belgique», XXVII. 1892. Bruxelles, 1893; A. Nobre, *Traços geológicos das praias do Pôrto*. «Boletim do Atheneu Commercial do Porto», II anno, n.º 5. Pôrto, 1892, p. 129.

(3) F. A. de Vasconcellos Pereira Cabral, *Estudo de depósitos superficiais da bacia do Douro*. Secção dos Trabalhos Geológicos de Portugal. Lisboa, 1881; F. de V. Pereira Cabral, *Résumé d'une étude sur quelques dépôts superficiels du bassin du Douro*. Présence de l'homme, vestiges d'action glaciaire. «Compte-rendu de la IX^e Session du Congrès Int. d'Anth. et d'Arch. préhistoriques». Lisbonne. 1880. Lisbonne. 1884, p. 155; Joaquim Fontes, *Instruments paléolithiques des environs de Porto*. «Bull. de la Soc. Portug. des Sc. Nat.», VII. Lisboa, 1915, p. 17 e «Comun. da Com. do Serviço Geológico de Portugal», XI. Lisboa, 1917, p. 1; H. Obermaier, *Fossil man in Spain*. New-Haven. 1924, p. 199; *Collections de préhistoire du Service Géologique du Portugal*. Lisboa, 1930, p. 4, etc.

«asturiense português». Para o prof. Reid Moir os picos pertencem à categoria morfológica dos «rosto-carinates» (1), não se relacionando com êles a indústria irlandesa.

ÁFRICA MERIDIONAL — O Ab. H. Breuil, numa conferência realizada no Instituto de Paleontologia Humana, concluiu que «apesar da distância, a evolução da idade da pedra no sul da África seguiu um caminho sensivelmente idêntico nas suas linhas gerais ao do norte da África, da Europa ocidental e meridional, da Ásia menor e da Índia». Considerando definitivos os princípios da classificação do paleolítico sul-africano em *old*, *middle* e *late stone age*, refere a esta última divisão alguns instrumentos de tipo campinhense ou asturiense (por convergência) da facies de *Smithfield*, que falta na Rodésia e se encontra na parte oriental da Colónia do Cabo, «indústria grosseira mais ou menos comparável à do asturiense dos Cantábricos e que se encontra numa região costeira».

BIBLIOGRAFIA — Esta publicação continua a efectuada nos *Trabalhos* (IV, pp. 178 e 305), e que, em grande parte, foi reunida no II fascículo da *Bibliografia da Pré-história Portuguesa*:

LXXXI — ARANZADI (Telesforo de), BARANDIARÁN (J. M.) y ÈGUREN (E. de) — *Exploraciones de la Caverna de Santimamiñe* (Basongo: Cortézubi). 2.^a Memória. *Los niveles con cerámica y el conchero*. 114 págs., 76 figs. e 41 lám. Bilbao. 1931.

LXXXII — BOSCH GIMPERA (P.) — *Le néo-éolithique en Europe occidentale et le problème de sa chronologie*. (Revue anthropologique. XL, p. 244. Paris. 1930).

LXXXIII — BREMER (W.) — *Notes on some objects in the national collection of irish antiquities*. (Proceedings Royal Irish Academy. XXXVIII, sect. C, n.º 2. Dublin. 1928).

LXXXIV — BREUIL (H.) — *Observations sur la question de l'hiatus entre le paléolithique et le néolithique*. (L'Anthropologie, XXXI. Paris, 1921, pp. 349-354).

LXXXV — BREUIL (H.) — *Premières impressions de voyage sur la préhistoire sud-africaine*. (L'Anthropologie, XL, n.º 3. Paris, 1930, p. 209).

(1) J. Reid Moir. *Pre-paleolithic man*. Ipswich. 1919; J. Reid Moir. *Tertiary man in England*. Repr. from «Natural History», XXIV, n.º 6. New-York. 1924, pp. 636-654. Ver na bibliografia referências directas a Portugal.

LXXXVI — BURKITT (Miles C.) — *A newly-discovered transition culture in north Spain. Asturiense industry of N. Spain.* (Prehistoric Soc. of East Anglia, IV, n.º 2, 1923, p. 42).

LXXXVII — BURKITT (M. C.) — *South Africa's past in Stone and paint*, p. 6. Cambridge. 1928.

LXXXVIII — BURKITT (M. C.) — *Notes of a journey through North-west Spain and Portugal.* (Prehistoric Society of East Anglia, VI, pp. 247-248. 1931).

LXXXIX — COSTAS (Manuel Fernández) — *Notas en col do asturiense na bisbarra d'A Guardia.* Campaña de 1929. 10 págs. e 15 figs. Sep. de Nos. A Cruña. 1930.

XC — JALHAY (E.) — *Un nuevo conchero prehistórico descubierto en Galicia.* (Boletín de la Com. Prov. de Mon. de Orense, VIII, n.º 189, p. 425. Orense. 1929).

XCI — JALHAY (E.) — *Algumas notas sobre o Asturiense da Galiza.* (Asociación Española para el Progreso de las Ciencias. Congr. de Barcelona. 1929, VIII, p. 191. Madrid. 1930).

XCII — LE PONTOIS (Bénard) — *Le Finistère Préhistorique.* (Publications de l'Institut International d'Anthropologie, n.º 3. Paris. 1930).

XCIII — LERENO ANTUNES — *Paleolítico de Elvas.* (O Archeologo Português, XXVII, p. 182. 1925-1926. Lisboa. 1929).

XCIV — LE ROUZIC (Z.) — *Carnac. Fouilles faites dans la région.* Hlot de Er-Yoh (Le Mulon). Vannes. 1930.

XCXV — MENDES CORRÊA (A. A.) — *Vorgeschichtliche Wanderungen durch die iberische Halbinsel.* «Forschungen und Fortschritte», 7 Jahrg. n.º 24. Berlin. 1931. p. 321.

XCXVI — MENGHIN (O.) — *Weltgeschichte der Steinzeit.* Wien. 1931. Tratado fundamental para o estudo do paleolítico.

XCXVII — OBERMAIER (Hugo) — *Die diluviale und altalluviale Steinzeit der Pyrenaeenhalbinsel nach dem Stande unseres derzeitigen Wissens.* (Sonder. aus «Spanische Forschungen der Görresgesellschaft», Erste Reihe, 3. Band. Münster in Westfalen. 1930. s. 1-20. Abb. 4).

XCXVIII — PAÇO (A. do) — *Pesos de rede e chumbeiras.* (Nos. VIII, n.º 78, p. 108. A Cruña. 1930).

XCXIX — PAÇO (A. do) — *O paleolítico do Minho.* (Comunicação ao XV Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Prehistórica, Coimbra-Pôrto. 1930).

C — PÉQUART (M. et S. J.) — *La nécropole mésolithique de Tévéc. (Morbihan).* (L'Anthropologie, XXXIX, p. 373. Paris. 1929).

CI — REID MOIR (J.) and BURCHELL (J. P. T.) — *The Asturian industry of northern Ireland.* (Man. XXXI, N.º 177. London. 1931, p. 170 e N.º 239, p. 236).

CII — SANTA-OLALLA (J. M.) — *Anuario de Prehistoria Madrileña.* I. Madrid. 1930, p. 161.

CIII — SERPA PINTO (R. de) — *Nótulas asturienses.* II. (Sep. dos «Trabalhos da Soc. Port. de Antropologia e Etnologia», IV, p. 303. Pôrto. 1930).

CIV — SERPA PINTO (R. de) — *Observations sur l'asturien du Portugal.* (V Congrès International d'Archéologie, Alger. 1930).

CV — SERPA PINTO (R. de) — *Bibliografia do asturiense. Bibliografia da Prehistoria Portuguesa.* II. (Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Pôrto. 16 págs. Pôrto. 1930. Reproduzido na «Portucale», III, n.º 17, pp. 336-344. Pôrto. 1930).

CVI — SERPA PINTO (R. de) — *Sur le miolithique en Portugal.* (Congrès de l'AFAS, Nancy. 1931).

CVII — SIMÕES VIANA (T.) — *Breves considerações acerca do asturiense em Viana do Castelo.* 1929 (Inédito).

CVIII — VEGA DEL SELLA (Conde de la) — *Las cuevas de La Riera y Balmori. (Asturias).* (Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas, Mem. n.º 38. Madrid. 1930. 116 págs. e 58 figs.).

CIX — VIANA (A.) — *Estações paleolíticas do Alto-Minho.* («Portucale», III, n.º 15, p. 189. Pôrto. 1930).

CX — WHELAN (C. B.) — *The tanged flake industry of the River Bann, County Antrim.* (The antiquaries journal, X, n.º 2, p. 134. 1930).

CXI — WHELAN (C. B.) — *The flint industry of the northern irish (25 foot) raised beach: a preliminary study of its relation to the asturian industry of Portugal.* (Journal of the Royal Anthropological Institute, LX, p. 169. Londres. 1930. V. análise detalhada: Com. Octobon. «Bulletin de la Société Préhistorique Française», XXVII, n.º 10, p. 456. Paris. 1930; e Reid Moir. «Man.» XXXI, 177. 1931.

CXII — WHELAN (C. B.) — *The asturian industry of northern Ireland.* «Man.» XXXI, N.º 238. London. 1931, p. 236.

Pôrto. Novembro de 1931.

R. DE SERPA PINTO.

Conferências no estrangeiro

A convite da Junta de Educação Nacional, foi o prof. Mendes Corrêa, director da Faculdade de Ciências da Universidade do Pôrto e presidente da nossa Sociedade, encarregado de fazer uma série de conferências em vários centros universitários da França, Bélgica e Alemanha.

Em 10 de Abril partiu o prof. Mendes Corrêa para França. Coube a primazia à Universidade de Toulouse, onde, na Faculdade de Letras, fêz aquele professor uma conferência sobre «As migrações pre-históricas através da Península Ibérica».

Súmulas de parte desta conferência se podem lêr no *Forschungen und Fortschritte* (ano VII, n.º 24, pág. 34), e no vol. IX, páginas 309-311, de *Le Mois*, publicação que em cada mês nos dá a síntese da actividade intelectual no mundo.

Nas Faculdades de Letras de Grenoble e Lille, e na Faculdade de Ciências de Lyon, voltou o prof. Mendes Corrêa a tratar das migrações pre-históricas. Nesta última Faculdade recebeu em 3 de Novembro as insígnias de Doutor «honoris causa».

A primeira conferência realizada em Paris, foi-o na Faculdade de Direito, e versou «O estudo do criminoso em Portugal». Na Escola de Antropologia de Paris fêz em seguida o mesmo professor uma conferência sobre as migrações pre-históricas.

Depois, por iniciativa da Sociedade de Morfologia de Paris, fêz o prof. Mendes Corrêa na sala Cauchy da Sorbonne uma conferência intitulada «A morfologia humana e a arte».

No Palácio da Justiça de Bruxelas, sob os auspícios da União Belga de Direito Penal e da Sociedade de Antropologia de Bruxelas, efectuou uma nova conferência sobre o estudo do criminoso em Portugal.

Passando à Alemanha, dirigiu-se o prof. Mendes Corrêa a Berlim, onde, a convite do eminente físico prof. Planck, insigne presidente da Sociedade Imperador Guilherme, foi hóspede da Harnackhaus, Dahlem, núcleo central daquela sociedade. Ali, numa conferência no anfiteatro Helmholtz, da Harnackhaus, ocupou-se novamente das migrações pre-históricas através da Península Ibérica. Em Munich, onde foi também muito bem acolhido, não pôde o prof. Mendes Corrêa realizar a sua conferência, por esta ter sido fixada para uma data em que ele estava já comprometido com outras conferências em Bruxelas e Paris.

A nossa Sociedade congratula-se evidentemente com o êxito desta missão do seu presidente, que em meado de Maio estava de regresso ao Pôrto.

S. J.

I Congresso Internacional de Ciências Prehistóricas e Protohistóricas

Um grupo de especialistas de vários países, reunido em fins de Maio último, em Berne, resolveu, por proposta do prof. Breuil, inaugurar uma nova série de Congressos Internacionais, na qual se tratará da Prehistória e Protohistória e de matérias doutras disciplinas que lhes sirvam de auxílio ou de base.

A primeira reunião destes Congressos realizar-se-há em Londres em 1932, sendo o *Comité* de organização presidido por sir Charles Peers, presidente da *Society of Antiquaries* de Londres, e tendo como vice-presidente o prof. J. Myres, antigo presidente do Real Instituto Antropológico da Grã-Bretanha e Holanda.

A cota de inscrição é de uma libra esterlina. Todas as comunicações devem ser endereçadas à secretaria do Comité Organizador Britânico, Sociedade dos Antiquários, Burlington House, Piccadilly, London, W. 1.

Portugal está já representado nos *Comités* honorário e permanente dos novos Congressos, aos quais desejamos os melhores êxitos.

M. C.

Lutuosa

A ciência arqueológica francesa registou em poucos meses a perda de três das suas mais eminentes individualidades: O marquês de Baye, o decano Felix Durrbach e Adriano de Mortillet. Num tão curto lapso de tempo perdeu a arqueologia três dos seus valores mais justamente reputados.

O marquês de Baye faleceu em Junho, com 78 anos de idade. Era o explorador ilustre das importantes estações e necrópoles do Marne, em França, mas fêz também investigações notáveis fora do seu país, como por exemplo no Cáucaso. Estava na Rússia quando triunfou a revolução bolchevista, tendo sido encarcerado, mas, graças à intervenção de M.^{me} Trotsky, directora dos Museus do Estado, foi pôsto em liberdade, tendo trabalhado ainda nalguns museus russos. Regressou à sua Pátria numa longa e penosa viagem, mas de todos os incómodos e privações sofridas o seu organismo ficou ainda vitorioso. O marquês de Baye era um dos raros sobreviventes do Congresso Antropológico de 1880, de Lisboa, havendo recebido ainda uma saudação do Congresso de 1930, realizado em Coimbra e Pôrto. Conservo cartas suas, anteriores

a este último Congresso, nas quais fala com saudade e elogio da terra portuguesa.

O prof. Felix Durrbach era decano da Faculdade de Letras de Toulouse. Nasceu em 1859 e faleceu em Maio último. Membro da Escola de Atenas, foi-lhe confiada pelo Instituto de França a publicação das inscrições de Delos. Era um epigrafista e helenista insigne. Liga-me à sua memória uma gratidão comovida e íntima. Quando em Abril passado fui a Toulouse fazer uma conferência na Faculdade de Letras, já êle se encontrava de cama, para desta não sair senão para a sepultura. Sabedor das recomendações especiais e instantes que êle fizera, como o ilustre reitor Dresch e outras amáveis personalidades, para que me fôsse feito o melhor acolhimento, fui a sua casa deixar um cartão de cumprimento e agradecimento, mas, informado da minha presença, êle mandou-me chamar ao seu quarto porque quis conhecer-me pessoalmente e conversar comigo. Guardo dessa conversa afável e sugestiva — que abreviei o mais possível para o não fatigar mais do que êle se encontrava — uma recordação profunda. Os meus conhecimentos médicos permitiram-me formular o prognóstico mais sombrio, e enterneceu-me ouvir daquele sábio, cuja vida se ia apagando, as palavras mais cordeais. Dias depois, em Paris, tinha a notícia, já esperada, do seu falecimento, mas esta notícia, então ainda prematura, antecipara-se pouco tempo sobre a verdadeira.

Adriano de Mortillet, filho de Gabriel de Mortillet, era o herdeiro dum nome glorioso na ciência pré-histórica e, êle mesmo, um pre-historiador ilustre. Possuía uma importante colecção, que foi vendida a Museus estrangeiros.

À memória de tão eminentes individualidades, especialmente daquelas que tiveram mais estreitas relações com os investigadores portugueses e com o nosso país, dirijo, com a minha homenagem pessoal, a da nossa Sociedade.

* * *

Em 20 de Maio último falecia em Florença o prof. Aldobrandino Mochi, catedrático de Antropologia, Etnologia e Paleontologia na Universidade daquela cidade italiana. Discípulo e sucessor de Paolo Mantegazza, manteve naquele importante centro científico as gloriosas tradições do Mestre insigne. Deixa uma vasta obra antropológica e paleontológica que lhe confere o justo título um dos postos mais distintos na Antropologia italiana.

Ainda ultimamente se ocupara da doutrina de Fischer e Giuffrida-Ruggeri de que o homem moderno apresenta modifica-

ções e caracteres devidos a um processo análogo ao que determina a morfologia especial dos animais domésticos. Mochi combatia essa tese, e, se nos podem surgir dúvidas sobre o assunto, nem porisso deve deixar de se reconhecer a amplitude da sua documentação e o critério científico que o orientava. Tem também especial interesse os seus estudos sobre os Arabes, sobre populações da Eritrea, sobre paleontologia argentina, etc.

O prof. Mochi apresentou à Sociedade Italiana de Antropologia e Etnologia várias comunicações sobre subdivisões e fácies do paleolítico superior em Itália, concluindo pela necessidade da revisão das concepções correntes sobre a homogeneidade desse período em Itália e sobre a sua diferença global em relação ao mesmo período da Europa ocidental. Também se ocupou largamente do campigiense italiano, não o considerando uma sobrevivência local do paleolítico nem um período neolítico primitivo, mas um neolítico em que se continham já os germens do neolítico superior e do eneolítico. De muitos outros assuntos de Antropologia e Paleontologia humana tratou em publicações várias.

Nasceu em Castel Pulci, perto de Florença, duma família nobre livornesa. Doutorou-se em Florença em 1899, e ocupou a cátedra de Mantegazza após a morte deste (1910).

Lançou as bases do Instituto Italiano de Paleontologia Humana e, com L. Loria e E. Modigliani, do Museu de Etnografia Italiana. Coordenou as colecções do Museu Nacional de Antropologia e Etnologia, para o qual obteve uma ampla instalação no Palácio Nonfinito.

Conheci o prof. Mochi em Roma no Congresso dos Americanistas de 1926. Encontrámo-nos logo em seguida em Florença, onde, com a colaboração dos profs. Nello Puccioni e Livio Cipriani, organizara uma bela homenagem a Paolo Mantegazza. Era uma personalidade científica de grande prestígio. À Sociedade Italiana de Antropologia e Etnologia, de que foi presidente, e aos professores referidos, significo neste momento a nossa solidariedade no seu desgosto por tão grande perda.

M. C.

REVISTA BIBLIOGRÁFICA

MAC-AULIFFE, CONSTANTIN, MONCHANIN, VALENSIN, LÉTARD, CUÉNOT, LÉONET, MAYET, PHILIP, PETIT — *Hérédité et Races* — 1 vol., Juvisy (sem data).

O grupo lionês de estudos médicos, filosóficos e biológicos reuniu num volume uma série de artigos de autorizados especialistas a respeito dos aspectos mais instantes dos problemas da hereditariedade e das raças. Como muito bem faz notar no prefácio o dr. René Biot, caminha-se, nesta colectânea, da biologia à medicina e à psicologia, e, de aí, à sociologia e à moral, mantendo-se uma unidade profunda através de meras divergências superficiais, e visando todos os capítulos as mesmas perspectivas: o cuidado da dignidade da pessoa humana.

A hereditariedade em geral é tratada por Létard; a questão da hereditariedade dos caracteres adquiridos é versada, com a sua notória competência, por Cuénot, que, como se sabe, se pronuncia pela negação dessa hereditariedade; Mac-Auliffe ocupa-se, com larga demonstração, da hereditariedade patológica, Leonet da hereditariedade psicológica normal e mórbida; o advogado Claude Petit e o professor de teologia Albert Valensin tratam a questão da hereditariedade, em especial o ponto de vista eugénico, a seu turno como sociólogo e como moralista; o dr. Lucien Mayet, o coronel Constantin e o prof. Philip estudam as raças, sucessivamente sob os aspectos da Antropologia física, da biologia e da psicologia, e da sociologia e política (racismo e gobinismo) — três estudos feitos com mestria e com superioridade de vistas. Emfim, uma síntese do rev. Monchanin sobre a origem do homem, impregnada das ideias do P.^o Teilhard de Chardin e de Edouard Le Roy, serve de fecho a este volume.

Trata-se dum livro digno da mais ampla divulgação e no qual as tendências espiritualistas do grupo que o organizou, não desvirtuam nem omitem, na sua precisão, os múltiplos factos objectivos, antes os tomam como base científica das suas conclusões.

MENDES CORRÊA.

A. A. MENDES CORRÊA — Os grupos sanguíneos na genética — «Anais da Faculdade de Ciências do Pôrto» sob a direcção de F. Gomes Teixeira. Extr. do tomo XVI. Pôrto, 1931.

Em um folheto de 30 páginas, o autor, também já conhecido entre os especialistas que se consagram ao estudo da sorologia, expõe de modo claro e com o apoio do cálculo, a crítica das fórmulas e interpretações relativas à repartição dos grupos sanguíneos, como critérios da determinação químico-biológica dos indivíduos e das raças. É sobretudo devido à iniciativa e exemplo do sr. prof. Mendes Corrêa que em português figura já nutrida bibliografia sobre este assunto, mas é principalmente nos seus trabalhos de investigação e de crítica que a sorologia, neste ponto de vista, apresenta entre nós uma culminância grande.

Neste folheto ocupa-se o autor em particular do esquema de Bernstein, já comentado noutros trabalhos, entre os quais figura um em *l'Anthropologie*, t. XXXVI, 1926 (*Sur les prétendues races sérologiques*). Para tornar bem claro e compreensível o sistema de ideias acerca da constituição dos grupos sanguíneos, recorda o quadro de Jansky e as correspondências e símbolos de Dungen-Hirsfeld, que dizem respeito ao conceito hereditário destes grupos, em que se reconhece a exactidão das leis de Mendel, aplicadas aos animais. Faz depois a comparação com o esquema de Bernstein, cuja crítica estabelece, sobre análise matemática, formulando uma série de objecções, todas elas logicamente deduzidas e às quais o rigor daquele método confere segurança bastante. Análogamente procede com o sistema do professor japonês Furuhashi, que estudou a distribuição hereditária dos mencionados grupos em milhares de casos e que se considera análogo ao esquema de Bernstein. Não escapa também a este profundo exame o esquema de Melkich, posto que de menor importância. Conclui o autor, após a sua lúcida exposição, que as observações dos fenómenos relativos a semelhantes agrupamentos sorológicos se harmoniza com a teoria e o cálculo, que é apenas um método demonstrativo.

A sorologia dos grupos é um capítulo da Biologia que importa muito à nossa espécie e em que as regras da genética mendeliana têm surpreendente confirmação.

Este notável trabalho, em que se resume de forma engenhosa e clara a questão palpitante de interesse das determinações sorológicas, é fundamentado em quantidade de documentos e citações bibliográficas, que lhe dão enorme valor.

BETHENCOURT FERREIRA.

BARBOSA SUEIRO — Sur la transmission héréditaire de l'epicanthus lateralis — In «Arquivo de Anatomia e Antropologia», vol. XIII, Lisboa, 1929-1930, págs. 583-586, 3 figs.; Note sur la basalité du sacrum chez les portugais, id. id., págs. 586-589, 3 figs. e 1 gráfico; Sobre a úvula bifida, id. id., págs. 589-594, 1 fig.

O A. propõe o nome de «epicanthus lateralis» a uma prega que por vezes aparece no ângulo externo dos olhos como que prolongando a pálpebra superior para baixo, prega que estuda numa família de Lisboa, e nessa família transmitida por hereditariedade.

Como consequência da criação do nome de «epicanthus lateralis» propõe também que a prega interna do olho que é conhecida pela designação simples de «epicanthus» passe a chamar-se «epicanthus medialis».

No segundo trabalho estuda a basalidade em 200 sacros masculinos e 190 femininos, sacros que observou nas colecções do Museu Bocage, (Fac. de Ciências de Lisboa — Colecção Ferraz de Macedo) e do Instituto de Anatomia da Fac. de Med. de Lisboa.

Ao contrário de Radlauer que achou para os europeus uma maior frequência de hipobasalidade, o dr. Barbosa Sueiro encontrou para os portugueses (os dois sexos reunidos) homobasalidade, embora no sexo feminino predomine a hiperbasalidade.

Sobre a úvula bifida é a descrição dum caso de bifidez parcial da úvula. Faz considerações sobre a frequência desta anomalia, que é certamente menos vulgar do que alguns autores afirmaram. Tenta explicar esta má formação por perturbações durante o desenvolvimento embriológico. Menciona a opinião de Xavier da Silva segundo a qual esta disposição da úvula seria um estigma de heredo-sifilis embora no caso presente a reacção de Wasserman fôsse negativa e não haja sinais de sifilis herdada ou adquirida.

SANTOS JÚNIOR.

EGON FRHR VON EICKSTEDT — Untersuchungen an philippinischen Negrito-Skeletten — Extr. de «Zeitschr. f. Morphol. u. Anthropol.», vol. XXIX, fasc. 2 e 3. 1931.

É um estudo muito detalhado de dois esqueletos de negritos existentes no Museu de História Natural de Viena, apresentado como mais uma contribuição para o esclarecimento do problema dessa raça humana.

O autor observou os caracteres descritivos e métricos do crânio, coluna vertebral, sacro, tórax, cintura escapular e extremidades superiores e inferiores, e trata de relacionar os resultados obtidos para fixar a posição dos Negritos dentro dos agrupamentos humanos conforme já indicou na sua nota «Die Negritos und das Negrito-problem» (Vide «Trab. Soc. Port. Antr. Etn.», vol. IV, pág. 210).

É mais uma valiosa contribuição para o estudo do problema dos Negritos que o autor também estudou *in loco*.

A. ATHAYDE.

DR. LOTHAR LOEFFLER — Röntgenschädigung der männlichen Keimzelle und Nachkommenschaft — Extr. de «Strahlentherapie», vol. 34, 1929.

Depois de estudar as condições externas para que a célula sexual humana seja influenciada pelos raios X, analisa o autor o problema de baixo do ponto de vista eugénico, bem como o efeito da mesma radiação sobre os géns e as observações feitas até agora no homem e na mulher.

Em seguida apresenta o resultado dum questionário dirigido a todos os indivíduos que trabalham em radiologia, separando os médicos dos técnicos, físicos e engenheiros.

O autor conclui por afirmar que ainda estamos longe de poder dar uma resposta à pergunta se os raios X são prejudiciais à descendência dos indivíduos expostos à sua influência, e que para a poder obter, é necessário deixarmos elementos aos vindouros. É por isso que apresenta este estudo como um princípio a que se seguirá um trabalho de maior envergadura.

A. A.

S. FRÓES ABREU — Na Terra das Palmeiras (Estudos brasileiros) — I vol. ilust., Rio de Janeiro, 1931.

Os índios do Maranhão agrupam-se em dois tipos: os *Tupis* e os *Gês*. O autor estudou minuciosamente, numa sua viagem ao Maranhão, os caracteres somáticos, psíquicos e sociais dos *Quajáras*, pertencentes ao primeiro grupo e muito espalhados naquele território, e dos *Canelas*, pertencentes ao segundo grupo e hoje fixados em parte dos campos do planalto maranhense, entre as

nascentes do Alpercatas e o rio Corda, em número não superior a 500 indivíduos. São nítidas as diferenças entre os dois agrupamentos estudados, quer no ponto de vista físico, quer nos pontos de vista psíquico, linguístico e social. Tem particular interesse as considerações do ilustre professor brasileiro sobre as relações entre os índios e os brancos da região, muitas vezes prepotentes e cruéis para com aqueles, explicando-se assim certos episódios sangrentos da história local.

O estudo antropológico e etnográfico é antecedido duma substancial explanação sobre a geologia, mineralogia, flora e fauna do Maranhão, fechando o livro com uma conscienciosa síntese sobre a história demográfica, social e económica da respectiva população.

Ilustrado amplamente e apresentado, num prefácio curto mas sugestivo, pelo eminente prof. Roquette Pinto, o volume *Na Terra das Palmeiras* honra a literatura científica brasileira e põe mais uma vez em evidência as qualidades de observação, a vasta cultura e o zelo investigador do sr. Fróes Abreu.

M. C.

BERTA NIGGLI — Anthropologische Untersuchung in Zürcher Kindergärten mit Berücksichtigung der sozialen Schichtung — Dissertação de doutoramento — Zurich, 1930.

A autora apresenta um estudo muito detalhado do desenvolvimento das crianças dos jardins da infância de Zurich, tendo em consideração a classe social dos pais.

A maneira cuidada e minuciosa como estão estudados todos os caracteres antropológicos observados e ainda algumas correlações entre os mesmos caracteres, dá a este trabalho um grande interesse dentro da antropologia infantil.

Seleccionadas as medidas que mais convinhem para a orientação a seguir, foram observadas 646 crianças, sendo 346 rapazes e 300 raparigas, entre os 4 e 7 anos de idade. Sobre 39 medidas foram calculados cerca de 45 índices. O total foi dividido em 5 grupos por idades e 4 segundo a classe social. Todas as seriações foram feitas com rigor, estando reproduzidas em belos gráficos as linhas empíricas da variação dalguns caracteres.

As conclusões a que a autora chega, são muito interessantes e por isso não queremos deixar de traduzir algumas que se seguem:

O acrómio é sempre um pouco mais alto que o suprasternal. A altura relativa do tronco diminui devagar com a idade.

A relação entre a distância biacromial e a altura do tronco mantém-se geralmente constante durante o crescimento.

O comprimento do fémur apresenta aumentos consideráveis; cêrca de $\frac{1}{4}$ do crescimento total.

O índice de corpulência diminui com a idade.

O comprimento da cabeça cresce muito mais rapidamente nos rapazes do que nas raparigas.

A largura é também maior mas com diferenças de valores muito menores.

E dentre os resultados colhidos tomando em consideração a classe social:

Relativamente à estatura as classes melhor situadas ultrapassam as outras.

O péso corresponde em tôdas as classes à estatura.

O perímetro torácico apresenta valores semelhantes nas duas classes.

O índice de corpulência é maior nas crianças mais novas das classes abastadas, mas diminui muito mais rapidamente, apresentando as crianças mais velhas das outras classes valores maiores.

Não podemos deixar de felicitar a autora e o prof. Schlaginhauffen por êste trabalho que muito honra o Instituto de Antropologia da Universidade de Zurich.

A. A.

L. FRANCHET — Etude d'ethnographie agricole — Les survivances préhistoriques — Extr. da «Revue Scientifique», Paris, 1921.

Êste trabalho do eminente investigador francês enumera sobrevivências prehistóricas curiosas na utensilhagem e costumes agrícolas da região da Béauce, França, especialmente pelo que diz respeito ao descasque das árvores. Êste far-se-ia desde o neolítico, atribuindo Franchet essa utilização a certas peças líticas dessa época, como depois sucederia com vários instrumentos em pedra, metal e osso de épocas subsequentes.

Poucos cientistas relacionarão com tanta sagacidade a prehistória com a etnografia actual. Franchet não se limita a descrever secamente os documentos, antes procura interpreta-los com comparações felizes. O seu método tem-no conduzido a conclusões originais e meritórias.

M. C.

F. LÓPEZ CUEVILLAS y F. BOUZA BREY — La civilización neoneolítica gallega — Sep. del «Archivo Español de Arte y Arqueología», núm. 19, Madrid, 1931, 21 págs., 20 figs. e 1 mapa.

Os autores são dois galegos ilustres que à arqueologia da sua pátria teem dedicado esforço inteligente numa série de bons trabalhos que desde há anos veem publicando. O trabalho que analisamos, constitui uma bela síntese sôbre a cultura neo-eneolítica galega.

Começam os AA. por fazer a história da laboriosa investigação que tem versado esta tão interessante como rica época da prehistória galega, analisando depois o número e a situação das necrópoles dolmênicas; a seguir vem o rol das pinturas e gravuras existentes nos esteios dalgumas antas galegas, e o inventário dos diferentes objectos que em excavações feitas nas mesmas se teem encontrado. São cheias de interesse as considerações relativas à quasi identidade existente nessa época entre a cultura do Minho e da Galiza marcando uma verdadeira cultura galaico-minhota bem distinta da do sul do Douro. Os dois últimos capítulos versam respectivamente o vaso campaniforme e o cobre, e as relações marítimas com a Bretanha.

S. J.

Catálogo dos Castros Galegos — Fasc. IV. Bisbarra de Melide — «Publicacións do Seminario de Estudos Galegos». Santiago, 1931.

As secções de Prehistória e de Etnografia e Folclore do Seminário dos Estudos Galegos, respectivamente dirigidas pelos eminentes investigadores Florentino Cuevillas e Vicente Risco, continuam a tarefa meritória de inventariar e descrever os numerosos castros da Galiza, não esquecendo, a par das indicações topográficas, arquitectónicas, métricas e arqueológicas, tudo o que pode interessar ao seu folclore e a sua bibliografia.

Na área em questão foram catalogados nada menos de 39 castros. Valiosas considerações gerais constituem o epílogo do importante trabalho que honra a ilustre colectividade galega e que muito folgaríamos fôsse imitado relativamente ao território português.

M. C.

ANTÓN FRAGUAS FRAGUAS — **O Culto ós Mortos** — Retallo dunha conferencia pronunciada no Ateneo de Vigo o día 9 de Maio de 1931. «Nós», Publicacións Galegas e Imprenta Hortas, 20. Santiago.

Valioso trabalho etnográfico em que o ilustre investigador sr. Antón Fraguas Fraguas discute com grande brilho alguns aspectos do culto dos Mortos no folclore galego.

Estudo muito curioso, para nós portugueses, pela enorme semelhança que existe entre a maneira como os galegos e os minhotos encaram o simbolismo da morte.

De todos os assuntos tratados neste estudo seja-nos permitido destacar as quadras populares, pois que há em Portugal canções absolutamente iguais às citadas pelo autor.

Em resumo: opúsculo que merece ser lido por todos aqueles que se dedicam a assuntos de etnografia.

F. C. PIRES DE LIMA.

PADRE FRANCISCO MANUEL ALVES — **Chaves — Apontamentos arqueológicos** — (Conferência lida em Chaves na noite de 22 de Novembro de 1930). Gaia, 1931, 56 págs.

A inauguração da série de conferências que a Comissão Instaladora da Biblioteca e Museu Regional de Chaves se propôs realizar, foi, e muito acertadamente, confiada ao insigne erudito trasmontano e ilustre Director do Museu Regional de Bragança, o Rev. Reitor de Baçal, Padre Francisco Manuel Alves, orgulho da província que lhe foi berço, e o qual ali tem trabalhado inteligentemente uma vida inteira em assuntos de história e de arqueologia.

O presente trabalho, edição da Câmara de Chaves, é, como o sub-título o indica, uma série de apontamentos arqueológicos, uma espécie de rol onde as velharias de Chaves e terras vizinhas são anunciadas por quem com tanto carinho e interesse delas foi tendo conhecimento dia a dia.

Castros, com suas lendas de moiras encantadas, sepulturas cavadas na rocha, penedos baloiçantes, petroglifos e inscrições, lendas, crendices e várias notas folclóricas, de tudo isto trata um pouco o ilustre Director do Museu Regional de Bragança.

A publicação de que damos a resenha, compreende ainda os discursos que nessa ocasião fôram ditos pelos srs. Presidente da Câmara Municipal de Chaves, pelo Director da Biblio-

teca Erudita de Chaves, pelo sr. dr. Francisco de Barros Ferreira Cabral Teixeira Homem em nome da Comissão Instaladora da Biblioteca e Museu Regional de Chaves e pelo Director do Arquivo Distrital de Bragança.

S. J.

ALBERTO VIEIRA BRAGA — **Curiosidades de Guimarães — III Montarias** — (Subsídios históricos e etnográficos), sep. da «Rev. de Guimarães», Famacão, 1931, 70 págs.

Continuando a série de publicações que, sob o título genérico de «Curiosidades de Guimarães», se propôs realizar o distinto etnógrafo sr. Alberto Vieira Braga, dá-nos agora, a seguir ao trabalho versando «Malta de salteadores — Uma quadrilha de nomeada» (Vd. «Trab. Soc. Port. Antr. e Etnol.», vol. IV, pág. 439) um estudo sobre a origem e disposições reguladoras das montarias dos lobos e outros animais daninhos.

O novo trabalho compreende os seguintes capítulos: Início e origem das montarias aos lobos — Nomeação de coudeis e Monteiros-mores — Representações e agravos contra as nomeações dos Monteiros-mores — Regimento dos Monteiros-mores das montarias dos lobos, e mais bichos das comarcas do Reino — Preparativos e abalada para as montarias aos lobos — Montarias de cerco e caça de fôjo — Montarias à raposa.

Desde 1258, a várias das 106 freguesias que havia no termo de Guimarães, era imposto o *currere lupum* à maneira dos tributos e direitos reais da *voz, calúnia e fossadeira*.

Volvidos séculos passou para as Câmaras Municipais a superintendência na organização das montarias e nomeação dos coudeis e monteiros-mores.

O A. transcreve e comenta muitos documentos dos séculos XVII, XVIII e princípio do século XIX que àquele assunto dizem respeito.

À parte histórica segue-se a parte etnográfica, na qual o A. publica alguns dos costumes que ainda hoje, a cada passo, se observam nas povoações serranas do Minho e Trás-os-Montes, quando é abatido um lobo.

É cheio de brilho o capítulo sobre os «preparativos e abalada para as montarias aos lobos», nas quais, a-pesar-de toda a prudência, «¡quantos corpos ficariam, esfrangalhados em rasgar cerval de dentuças afiadas e rijas, carnes e farrapos, pelos piques duros do mato revelho!»

S. J.

HERMANN LAUTENSACH — Portugal — « Geographisches Jahrbuch ».
Vol. XLV, pp. 178-203. 1931.

O ilustre professor de Giessen, a quem já se devem importantes estudos sobre o nosso território (V. *Trabalhos*, IV, p. 314), dá neste volume do Anuário Geográfico uma completa lista bibliográfica da actividade portuguesa em matéria geográfica nos últimos quinze anos.

Num primeiro grupo são indicadas 29 publicações periódicas especializadas; no segundo distribuem-se por dezassete parágrafos 178 estudos relativos à generalidade dos territórios, e no terceiro 78 estudos dedicados a cada uma das províncias continentais e insuares.

Por nada termos de semelhante entre nós, mais valioso se torna o excelente instrumento de consulta organizado pelo professor Lautensach.

R. DE SERPA PINTO.

JAIME LOPES DIAS — Em defesa do «folklore» nacional — 23 págs.
Ed. do A. 200 exs. numerados. Famalicão. 1930.

O ilustre autor da *Etnografia da Beira* (Ver *Trabalhos*, IV, p. 22) teve a satisfação de apresentar o Orfeão de Castelo Branco na sua estreia no teatro da mesma cidade, figurando no programa numerosos *cantares* recolhidos na sua obra.

Neste discurso, agora publicado, é exaltada a música regional, traduzida quer nas canções religiosas pelo Nascimento, Janeiras, Alviçaras, Bemdito e Calvário; quer acompanhando quadras amorosas, ou patrióticas como esta:

Senhora do Almortão,
Minha tão linda arraiana,
Voltai costas a Castela
Não queirais ser castelhana.

R. S. P.

TENENTE AFONSO DO PAÇO — Usos e costumes, contos, crenças e medicina popular — Sep. Rev. Lusitana, vol. XXVIII, Pôrto, 1930, 19 págs.

Registo etnográfico relativo ao Minho, ao Alemtejo e ao Algarve, onde o A. nos fala de procissões, casamentos, feiticeiras,

crenças várias, e nos dá uma boa mão cheia de medicações com que o povo julga remediar tantos males.

Pena é que o A. não haja colhido, ao menos na própria «Rev. Lus.» onde o seu trabalho se publicou, alguns elementos bibliográficos que viriam, certamente, valorizar a colectânea etnográfica de que damos notícia.

S. J.

HENRIQUE DE VILHENA — A expressão física da cólera na literatura — 2.^a edição. Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina de Lisboa. 1931.

São já conhecidos e apreciados os volumes publicados pelo autor em matéria de Filosofia, com que tem enriquecido a literatura, sobre assuntos que se relacionam com as Ciências médicas. O facto de ser o sr. prof. H. de Vilhena lente na Academia das Belas Artes de Lisboa, explica-nos a origem e o motivo desta obra de profunda e vasta investigação.

O escritor, que não deixa o ponto de vista científico, trata aqui, ao mesmo tempo das alterações somáticas e fisiológicas produzidas pela cólera, as quais se encontram sob expressões literárias bem diversas nas grandes epopeias de todos os tempos, nas tragédias clássicas e modernas, nos poemas e nos romances, na profusão admirável das obras timbradas pelo génio de escritores célebres, cuja prosa ou cujos versos permanecem sem prejuízo do tempo e, assim como as telas ou as gravuras de mestres, fornecem documentação valiosa para representação dos chamados *estados d'alma*, e para fixar em traços indeléveis, melhor do que artificiosas descrições, as mudanças psíquicas impressas pelas grandes emoções.

Se o assunto é tentador para o psicólogo, não o é menos para o anatómico e para o fisiologista, sequer para o antropologista, e devemos dizer com justiça que êle encontrou no prof. H. de Vilhena todos os requisitos para bem o encarar e pôr em fóco, manejando com extrema facilidade os elementos de crítica que o seu vasto saber proporciona em abundância, manifestando copioso material de erudição.

A *expressão da cólera*, que para outros tratadistas se tornaria árida, ganhou no autor que analisamos, o vigor e a variedade de tintas, a elegância e a arte, que já lhe conhecemos como qualidades peculiares. É uma obra que merece ser lida pelos que cultivam as Ciências, mas especialmente pelos que prezam as excelen-

tes e invulgares peças literárias, que sobredouram os assuntos filosóficos, doutro modo hostís para os curiosos.

Sentimos não dispor de espaço para fazer demorada análise da presente edição.

B. F.

DR. FERREIRA DA FONSECA — Estudos médico-sociais sôbre a protecção a menores anormais e delinquentes — Lisboa, 1930.

O sr. dr. Ferreira da Fonseca foi durante muito tempo médico do Refúgio da Tutoria da Infância, situado no bairro da Senhora da Graça, em Lisboa, e aí fêz parte do pessoal dirigente e do tribunal apropriado para julgamento dos menores delinquentes. Foi mais tarde, e muito justamente, nomeado director dessa instituição, que entre nós tem prestado excelentes serviços, sendo que esta, como outras similares do país, constitui excelente modelo, tanto entre nós, como para o estrangeiro, a respeito da correcção de menores anormais e delinquentes. Nesta instituição o autor conseguiu, após longo período de observação e de análise psicológica dos pupilos da Tutoria, fixar certo número de princípios e de normas para o estudo desta população muito especial e estabelecer o sistema de protecção para os seus membros, tanta vez mal nascidos e tarados, sem reflexão nem educação, e filhos de pais também degenerados e enfraquecidos pelo vício e pela miséria.

Por isso a obra do sr. dr. F. da Fonseca representa não simplesmente a obra doutrinária, como a do P.^o António de Oliveira, por exemplo, mas o saber experimental prolongado em estágio suficientemente longo para traduzir a autoridade de quem, com tanta clareza e discernimento, expõe os factos que interessam à vida daquele estabelecimento e aos métodos de observação e tratamento a que os menores do Refúgio são sujeitos, no intuito de operar a sua reabilitação e de lhes conseguir o amparo e o apoio moral, após o período de reclusão.

São, portanto, muito interessantes, no ponto de vista das ciências antropológicas, os factos de que trata este relatório, e particularmente os métodos apresentados para observação e estudo dos menores delinquentes, bem como a exposição dos meios de regeneração aplicados na Tutoria e ainda sôbre etiologia dos actos delinquentes na criança e a profilaxia adequada para os evitar.

B. F.

Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia

NA FACULDADE DE CIÊNCIAS

PORTO

SUMÁRIO:

DR. EUGENJUSZ FRANKOWSKI:

A Cabaça (Pág. 113).

ALFREDO ATHAYDE:

Esqueletos portugueses do século XVII (Pág. 137).

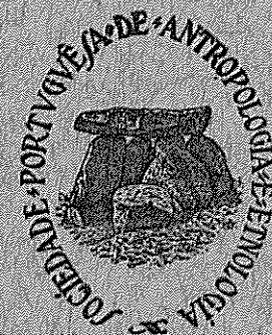
FERNANDO DE CASTRO PIRES DE LIMA:

O índice do buraco occipital nos portugueses (Pág. 145).

Vária:— Congresso Internacional de Antropologia em Paris (MENDES CORRÊA); Nótulas asturienses (R. DE SERPA PINTO); Conferências no estrangeiro (S. J.); I Congresso Internacional de Ciências Pre-históricas e Protohistóricas (M. C.); Lutuosa (M. C.) (Pág. 151).

Revista bibliográfica:— MAC AULIFFE, etc. (165); MENDES CORRÊA (166); B. SUEIRO (167); EICKSTEDT (167); LOEFFLER (168); FROES ABREU (168); NIGGLI (169); FRANCHET (170); CUEVILLAS & BOUZA BREY (171); CATÁLOGO DOS CASTROS (171); FRAQUAS (172); F. M. ALVES (172); VIEIRA BRAGA (173); LAUTENSACH (174); LOPES DIAS (174); A. DO PAÇO (174); H. DE VILHENA (175); F. DA FONSECA (176).

TRABALHOS DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA



VOL. V—FASC. III

SUBSIDIADO PELA JUNTA DE EDUCAÇÃO NACIONAL

PÓRTO. 1932

Herman ten Kate

(UM AMIGO DE WENCESLAU DE MORAIS)

POR

A. A. MENDES CORRÊA

Professor-director do Instituto de Antropologia da Universidade do Pôrto

Em Fevereiro de 1931 extinguiu-se em Cartago um dos mais ilustres antropólogos holandeses, o dr. Herman ten Kate. A lutuosa notícia chegou ao meu conhecimento muito tardiamente — quasi um ano depois. Logo formei tenção de consagrar algumas páginas duma revista portuguesa da especialidade a breves notas biográficas do extinto que constituissem uma devida homenagem à sua memória. Digo devida porque, além do seu valor como cientista dêste ramo de estudo, o dr. ten Kate interessara-se vivamente pelos trabalhos portugueses de Antropologia, especialmente pelos do núcleo antropológico portuense, e, numa correspondência volumosa que com êle troquei desde 1917, repetidas vezes manifestára a sua profunda amizade e admiração por Wenceslau de Moraes, o grande escritor português, com quem conviveu longamente no Japão, onde os dois fôram cónsules dos respectivos países.

O interêsse dalgumas passagens dessa correspondência é grande para Portugueses, aparecendo-nos ali a personalidade do eminente holandês com traços que movem, com o justo aprêço, a viva simpatia de todos nós. Assim, a uma breve notícia biográfica e bibliográfica que, com escassos elementos, dou a seu

respeito, juntarei, como complemento digno de atenção carinhosa, alguns extractos de cartas suas que religiosamente guardo.

Pessoalmente, sou devedor de muita gratidão a H. ten Kate. Foi êle um dos primeiros antropologistas estrangeiros com quem estabeleci relações e que mais carinhosamente acompanharam, com o seu interêsse, seus estímulos e seus conselhos, a minha humilde actividade de cientista. Já desapareceu, há anos, também, na negra voragem da morte, outro gentilissimo espirito a cuja memória devo reconhecimento por igual motivo: o talentoso professor de Nápoles, Giuffrida-Ruggeri, do qual tantas vezes me tenho justificadamente ocupado em trabalhos meus.

Nunca lhes falei de viva voz, nunca os vi. Mas as suas obras, a correspondência que trocámos, as fotografias que dêles recebi e que figuram nas paredes do Instituto de Antropologia da minha Faculdade, aproximaram-nos, a ponto de nos conhecermos e nos estimarmos como se de muito longe viesse um convívio directo e permanente entre nós.

Com quantas pessoas nos acotovelamos diariamente, com quantas pessoas falamos diariamente, que nos são indiferentes como não eram para mim estes homens cujas órbitas de existência e de actividade fôram traçadas a tantas léguas da nossa terra, dum terra que um nunca viu e de que o outro guardou apenas a recordação de duas escalas rápidas por Lisboa, nas suas viagens por mar.

*

* *

O dr. Herman Frederic Carel ten Kate foi um grande viajante. Doutorado em medicina e filosofia em 1882 na Universidade de Heidelberg, onde defendeu uma tese sôbre craniologia dos mongolóides, foi-lhe dado ensejo de visitar quási todo o globo,

havendo desempenhado funções científicas e consulares em vários pontos.

Antropologista físico, sòlidamente preparado por mestres como Topinard e outros, dotado duma grande actividade e duma lúcida visão dos problemas desta ciência, nunca, nas suas longas viagens, perdeu a oportunidade de estudar as populações mais variadas. Índios da América do Norte, como Iroqueses, Pimas, Papagos, Zuñis, etc.; Índios sul-americanos, como Arawks, Caribs, Araucanos, Tehuelches, etc.; numerosas tribus indonésias, entre as quais indígenas de Celebes e Timor; Japoneses; diversas populações da Melanésia e Polinésia (Tonga, Tahiti, etc.); algumas populações hindustânicas, australianas e africanas — eis um rápido inventário do vasto pecúlio de observações que êle reuniu durante as suas viagens e que utilizou para trabalhos numerosos, constantemente citados pelos autores com o aprêço que bem merecem pela escrupulosa técnica seguida e interpretação segura dos factos.

Mencionemos alguns, entre êsses trabalhos: *Matériaux pour servir à l'Anthropologie de la presqu'île californienne* («Bull. et Mém. de la Soc. d'Anthr. de Paris», 1884); *Sur quelques crânes de l'Arizona et du Nouveau Mexique* («Rev. d'Anthr.», Paris, 1884); *Sur les crânes de Lagoa Santa* («B. et M. de la Soc. d'Anthr. de Paris, 1885); *Notices anthropologiques du Musée Royal d'Ethnographie de Leyde* (Leiden, 1886); *Observations anthropologiques recueillies dans la Guyana et Venezuela* («Rev. d'Anthr.», Paris, 1887); *Contribution à l'Anthropologie de quelques peuples d'Océanie* («L'Anthr.», Paris, 1893); *Contribution à la craniologie des Araucans argentins* («Rev. del Museo de la Plata, 1893); *Een en ander over Anthropologische problemen in Insulinde en Polynesie* (1894); *Anthropologie des anciens habitants de la région Calchaquie, République Argentine* («Anales del Museo de la Plata», (1896); *Die Pigmentflecken der Neugeborenen* («Globus», Braunschweig, 1902); *Matériaux pour servir à l'Anthropologie des Indiens de la République Argentine* («Rev. del Museo de

la Plata», 1904); *Die Beurteilung Japans in Europa* («Politisch-anthropologischen Revue», Leipzig, 1905); *Notes détachées sur les Japonais* («B. et M. de la Soc. Anthr. de Paris, 1908); *Observations au sujet des «Recherches anthropologiques sur la Basse Californie» par le Dr. P. Rivet* («L'Anthr., Paris, 1911); *Die Verspreiding van den Schedel-en Neusindex in de Timorgroef in Polynesie* («Tidjschrift van het Kon. Nederl. Aardrijkskundig Genootschap, Leiden, 1915); *Dynamometric observations among various peoples* («American Anthropologist», 1916); *Mélanges anthropologiques* («L'Anthropologie», Paris, 1913-1917); *Notes d'anthropologie sud-américaine* («Journal de la Soc. d'Américanistes de Paris», 1924); *Osservazioni sulle macchie turchine congenite nei ragazzi tunisini ed algerini* («Rivista di Antropologia», Roma, 1927) (1); etc.

Pode avaliar-se por esta nota forçosamente lacunar, na qual omiti as numerosas notícias biográficas e bibliográficas (como as referentes a trabalhos portugueses), o esforço considerável e extenso, desenvolvido pelo falecido antropólogo. O seu labor diz respeito a uma área enorme. Não me ocorre o nome doutro antropologista físico, cujos trabalhos tenham incidido sobre tantas e tão afastadas populações, crescendo o facto dêsses estudos terem sido, quasi sempre, feitos *in loco* e não sobre observações alheias, sobre esqueletos enviados ou sobre representantes de grupos étnicos em Exposições Coloniais ou em oportunidades semelhantes, na Europa.

Quando conservador da secção antropológica do Museu de la Plata (Argentina), H. ten Kate pôde, por exemplo, estudar anatómica, fisiológica e psicológicamente alguns índios araucanos e fogueiros, que vieram a morrer naquele Museu e que, na sua

maior parte, eram prisioneiros do Governo Nacional, arrancados violentamente aos seus países. Não é sem emoção que se lêem as passagens do trabalho de ten Kate em que se descreve a nostalgia dos pobres índios (os quais, aliás, quando estavam embriagados, eram geralmente para temer) e em que se alude à dôr vivíssima que êles sofreram ao separarem-nos dos filhos, para distribuírem estes por famílias argentinas.

Escreve ten Kate: «Inacayal (chefe dum grupo araucano), nos seus acessos de cólera surda, chamava *gringos* aos próprios argentinos, e dizia: *Eu chefe, filho desta terra, brancos ladrões... matar os meus irmãos, roubar os meus cavalos e a terra que me viu nascer, depois prisioneiro... eu desgraçado!* Nestes momentos, o seu rosto reflectia a maior tristeza.

«Muitas vezes, a uma palavra de Inacayal, todos se reuniam em tórno dêle. Homens, mulheres e crianças, formando um círculo estreito, entoavam um canto muito lúgubre. Isto durava às vezes uma hora.

«Quando, no dia seguinte, M. Beaufils perguntava a Inacayal o que significavam aqueles lamentos, êle respondia-lhe que a recordação da sua terra natal os entristecia. Até ao seu último momento, Inacayal tinha sempre guardado a esperança de realizar êste desejo...» Desejo, decerto, de voltar ao seu país.

Neste caso, os exemplares estudados eram prisioneiros que, na expressão de ten Kate, «o Governo argentino julgara bom civilizar à sua maneira». Mas, na última Exposição Colonial, por exemplo, muitos dos indígenas faziam parte de *troupes* que corriam mundo, exibindo-se, sob a superintendência de empregados. A selecção de que tinham sido objecto, não visava a organização duma série antropológica *suficiente* para determinar os tipos médios ou dominantes, mas a apresentação de tipos curiosos para o vulgo. Assim uma pequena série de neo-caledónios que se exhibiram perante o Congresso de Antropologia de Paris, nas suas

(1) Vd. minha notícia dêste estudo nos «Trabalhos da S. P. de A. e E.», t. IV, pág. 211.

temerosas dansas guerreiras, que evocam os seus velhos costumes de antropofagia, continha nada menos de duas mulheres albinas. É de presumir que, em contrário do que se dá com uma tribo americana de albinos, que fôram supostos índios brancos (1), o albinismo não seja dominante nas mulheres canaques. Mas é um atractivo para a curiosidade pública, que o empregário não desprezava.

Dos trabalhos de ten Kate, alguns referem-se a populações sôbre as quais não há outras publicações antropológicas. Quem quer que tenha de se ocupar da antropologia dos índios da América, das populações da Oceânia, etc., não pode deixar de ter em conta a contribuição valiosa que para o seu conhecimento forneceu o illustre cientista neerlandês. O que mais directamente interessa os Portugueses são os seus estudos sôbre timorenses, a que largamente me referi em 1916 nos meus trabalhos *Timorenses de Okussi e Ambeno* (2) e *Antropologia timorense* (3), neste último sobretudo. E, se a coordenação das observações de Fonseca Cardoso, a que procedi e de que dei os resultados no primeiro daqueles trabalhos, me permitia algumas divergências em relação aos pontos de vista de ten Kate, a verdade é que, dum modo geral, estes eram duma segurança rara, duma perfeita clarividência.

Ten Kate observou, não só alguns timorenses da porção holandesa da ilha, mas também alguns Belos da área portuguesa. Com razão, o illustre antropólogo, seu compatriota, prof. Kleiweg de Zwaan, acentua, num estudo de conjunto sôbre a antropologia

(1) R. G. Harris, *The San Blas Indians*, « Amer. Journ. of Phys. Anthrop. », IX, Washington, 1926.

(2) « Anais da Acad. Politec. do Pôrto », XI, Coimbra, 1916.

(3) « Revista dos Liceus », Pôrto, 1916.

daquelas paragens da Australásia (1), que as investigações de ten Kate autorizaram êste autor a afirmar legitimamente que a linha divisória traçada por Wallace para as raças humanas do Arquipélago Índio era em parte inexacta e decerto mal definida.

As estações mais prolongadas de ten Kate fôram na Argentina e no Japão. Em 1902 já se encontrava neste último país e ali se estabeleceu demoradamente, com pequenas interrupções, sem dúvida atraído por essa terra de encanto, como Pierre Loti, Wenceslau de Moraes, Lafcadio Hearn, e tantos outros. Mas por fim abandona-a, ao contrário do nosso admirável narrador dos exotismos orientais. Êste último, sem perder a saudade da Pátria, mas vivendo como um japonês, deixa Osaka, onde era côsul de Portugal, e vai, acompanhando piedosamente as cinzas da *musumé* bem amada, isolar-se, até à morte, em Tokushima, numa casinha japonesa, na devota soledade da sua viuvez.

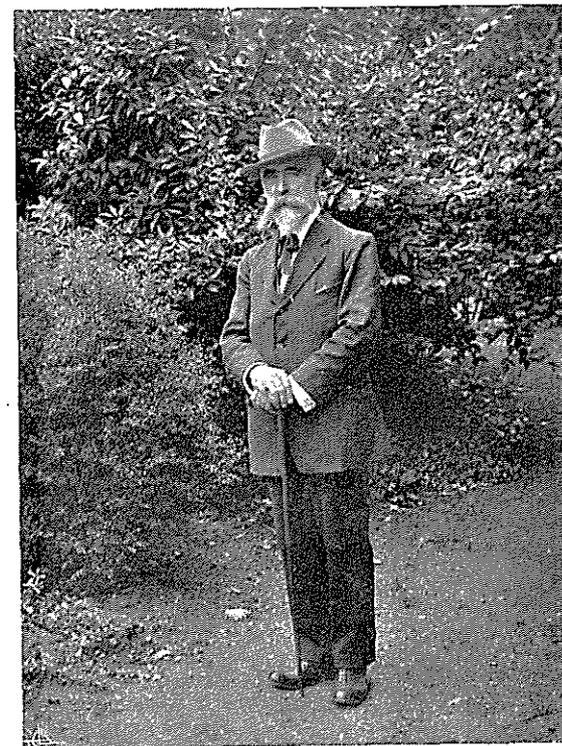
Desde que abandona a terra nipónica, em 1919, após, também, a morte da espôsa e aposentando-se do cargo consular que exercia, H. ten Kate, de saúde abalada, de ânimo quebrado pelo desgosto sofrido, vai primeiro para a Suíça, depois para a Itália, para a Holanda, para a África do Norte, aonde regressa por fim depois de estadas na Córsega, na Itália, nos Pireneus Orientais. Não pára, levando até quasi aos seus últimos dias a vida errante que estava no seu temperamento. As razões por que não voltou à sua terra natal senão uma vez, dá-as na correspondência de que adiante reproduzirei uns excertos. Também nela fala da irmã que muito estimava e cuja morte, em certa altura, o desprende ainda mais da terra. Na África do Norte, onde sente para os seus incó-

(1) J. P. Kleiweg de Zwaan, *Physical Anthropology in the Indian Archipelago and Adjacent Regions* « Kon. Akad. van Wetenschappen—the history and present state of scientific Research in the Dutch East Indies », Amsterdam, 1923.

modos um alívio que não experimentava na Europa, vagueia constantemente, entre Argel, Tunis, Sousse, Bône, Cartago, a Kabilia. É um nómada que sente sem cessar essa necessidade de partir, de viajar, de iludir com o exótico, com a novidade, com o movimento, o seu mal estar, a sua tristeza, o seu enervamento, fugindo à monotonia da permanência, do habitual, ou, na expressão de Morand, à sua própria sombra... Essa tendência, êsse impulso é admiravelmente desenhado por um jovem escritor português, de talento, o sr. Osório de Oliveira, num volume *Geografia literária*, recentemente publicado. Ali se mostra também como à febre quási alegre de partir se opõe a desilusão de chegar...

Decerto que, nos últimos anos da sua vida, o nomadismo de ten Kate encontra um motivo nos seus sofrimentos físicos. Ele procura o lugar mais propício às suas melhoras. Mas o seu passado mostra que a tendência à vida errante lhe está na massa do sangue, é constitucional nêle, e se manifesta até ao curto período de imobilidade forçada que antecedeu a imobilidade definitiva da morte.

Mas a sua correspondência traduzirá melhor do que tôdas estas notas biográficas a sua personalidade moral. A personalidade científica, essa, aparece desenhada com forte relêvo na sua obra. H. ten Kate, se a sua modéstia o não tivesse inibido de se erguer às amplas sistematizações, possuiria de direito um lugar ao lado de viajantes sábios como Humboldt e Ratzel. Se, por temperamento e não por falta de visão, preferiu manter o seu labor intelectual num âmbito menos subido, nem porisso deixa de ser uma notável figura da ciência contemporânea. A vastidão da área a que se estendeu a sua proba tarefa investigadora, o valor intrínseco desta, fizeram legitimamente de ten Kate um dos mais ilustres antropólogos do nosso tempo.



Herman ten Kate

*

* *

A correspondência, que conservo, de ten Kate, distribui-se entre 25 de Fevereiro de 1917 e 8 de Agosto de 1929. Consta de cerca de 50 cartas e postais, escritas em óptimo francês que o eminente cientista manejava tão bem como a sua própria língua e o alemão.

É interessante que êle esmalta muitas dessas cartas com expressões latinas, italianas, espanholas e mesmo portuguesas. Conhecia, de facto, o português, como se verá, das suas estadas na América espanhola e em Macau, do convívio com Wenceslau de Moraes e pela leitura das obras dêste. Esta tendência poliglota coaduna-se com a sua vida ambulatória.

A primeira carta (25-II-917) que dêle recebi, é ainda de Kobe (Japão). Agradece os meus trabalhos sôbre Timor, que, em vista das citações dos seus estudos sôbre o mesmo assunto, eu lhe oferecera, e logo fala de Wenceslau de Moraes:

C'est avec une vive satisfaction que j'ai reçu et lu les deux mémoires sur l'anthropologie de Timor que vous avez eu l'amabilité de m'envoyer. Je vous en remercie beaucoup.

Les « Timorênses de Okussi e Ambeno » constituent une (1) contribution à l'anthropologie de la grande île. Quant à l'« Antropologia Timorense », je constate qu'au sujet de l'ethnogénie des Timorais vous n'êtes pas tout à fait d'accord avec moi. Le dernier mot sur cette question n'est pas dit. C'est pour cela qu'il est vraiment regrettable que le capitaine Fonseca Cardoso est mort.

Sachant l'espagnol, j'ai pu comprendre vos travaux sans grande difficulté. D'ailleurs, lorsque votre envoi est arrivé, je venais justement de terminer la lecture d'« O Bon-Odori em Tokushima », « Caderno de impressões intimas » de mon ex-

(1) Permito-me, por motivos compreensíveis, suprimir tôdas as referências elogiosas com que a bondade de ten Kate me honrou.

cellent ami Wenceslau de Moraes — le Pierre Loti portugais. Cet ouvrage a paru antérieurement, comme vous savez, dans le « Comercio do Porto ».

Je me permets de vous envoyer ci-jointes, sous pli recommandé, des brochures de ma main se rapportant à des sujets anthropologiques.

Pendant la durée de la guerre mon adresse sera aux soins du Consulat des Pays-Bas à Kobe.

Agréer, etc.

Em postal de 12 de Março, de Kobe, comunica-me a remessa, por *via América*, dos seus trabalhos e renova o agradecimento das memórias sobre Timorenses. São linhas escritas « à tout hasard », dadas as dificuldades de comunicações motivadas pela guerra.

Em 10 de Junho agradece, em termos amáveis, outros envios de trabalhos, e escreve:

J'ai noté avec plaisir les aimables paroles à mon sujet dans le n.º 6, tome XXVII, p. 609, de *L'Anthropologie* et je vous en remercie.

Só em Fevereiro do ano seguinte volta a escrever-me de Kobe « puisqu'on n'est sûr de rien par le temps qui court, à cause des sous-marins ». Vem agradecer-me a oferta do meu trabalho *Sobre uma forma craniana arcaica* que a sua benevolência qualifica o mais agradavelmente possível, bem como os trabalhos anteriores. Em 14 de Abril de 1919 agradece a primeira parte da *Osteometria portuguesa* e mostra amável interesse pela continuação deste meu trabalho. É a sua última comunicação de Kobe.

A notícia de que, por minha proposta, fôra eleito sócio correspondente da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, já não o encontra no Japão. Em 22 de Fevereiro de 1920 escreve-me, já de Glion (Vaud), Suíça:

Ma nomination comme membre correspondant de votre Société m'a très agréablement surpris. Vous trouverez ma lettre de remerciements ci-incluse. Je regrette que cette bonne nouvelle ne me soit parvenue que hier. C'est la faute de la poste japonaise. Peu de temps avant mon départ du Japon, en Mai je crois,

je vous ai écrit; non seulement pour vous informer du changement de ma demeure, mais aussi pour vous remercier d'un travail que vous m'aviez envoyé.

Quant à ma contribution aux Trabalhos de votre Société que vous sollicitez, je crains qu'il n'en peut être question que dans un avenir assez lointain. Depuis la mort de ma femme, survenue il y a presque un an, et ma propre maladie à la même époque et, après, je me sens un homme brisé. C'est pour cela que j'ai quitté l'Orient et je ne me remets que très lentement.

Pour quelques mois encore je serai ici, en Suisse. Après, l'on peut toujours m'écrire aux soins de M. A. de Graaf, dr. en droit, à Utrecht, Pays-Bas.

C'est curieux que j'allais justement écrire à Porto, pour demander à Monsieur Bento Carqueja s'il avait des nouvelles de mon cher et très estimé ami l'ex-capitaine de frégate Wenceslau de Moraes à Tokushima. Depuis Juin 1919 je n'ai reçu ni lettre ni carte de lui, ce qui m'inquiète beaucoup. Probablement que M. Carqueja, étant en relation avec l'auteur de *O Bon-odori*, *Ko-Hara*, etc., pourra me renseigner. J'attendrai encore jusqu'à la fin de ce mois-ci.

J'ai lu récemment votre travail sur l'ethnogénie des Portugais dans le « Journal » de Hrdlicka. Vous saurez qu'il se trouve actuellement en Chine. Je l'ai vu à Washington en Août dernier.

Agréer, etc.

Esta carta mostra que ten Kate tinha deixado o Japão em meados de 1919 e viera para a Suíça, pela *via América*. Nela se manifesta inquietação pela falta de notícias de Wenceslau de Moraes. Mas essas notícias chegam, como consta da sua carta de 17 de Abril, escrita também de Glion:

Recevez, je vous prie, mes remerciements pour votre très travail sur la formation des races. Je l'ai parcouru déjà en me réservant une lecture plus approfondie.

À mon avis aussi, il ne faut pas attacher trop d'importance à l'influence du milieu. C'est absolument vrai ce que vous dites: « que se conservam ignoradas as causas directas duma infinidade das variações somáticas do grupo humano » (p. 27).

Avez-vous reçu ma lettre du 22 Février dans laquelle j'ai remercié la Société d'Anthropologie etc. de Porto pour ma nomination comme membre correspondant? Voici pourquoi je vous demande cela. Il y a six semaines environ le bruit faisait ronde que le Portugal était de nouveau bouleversé par une révolution et que les voies postales étaient interrompues. En effet, une lettre que j'avais adressée, il y a un mois, à M. Bento Carqueja, rédacteur du « Comercio do Porto », est restée sans réponse aucune.

Je lui demandais des nouvelles de mon cher ami M. Wenceslau de Moraes, l'écrivain bien connu à Tokushima. Depuis le mois de Juin 1919 je n'avais reçu

aucun signe de lui. Mais hier, heureusement, une longue lettre du Japon m'est parvenue, me disant que l'exilé et sage portugais de là-bas se portait bien. Donc, dès à présent une réponse de M. Carqueja est devenu superflue.

Je viens de lire dans le dernier numéro du « Journal » de Hrdlicka qu'on vous a nommé professeur ordinaire à l'Université de Porto.

Toutes mes félicitations sincères.

Agréez, etc.

Em 16 de Junho seguinte, formula-me, ainda da Suíça, um pedido de estampilhas do correio e faz curiosas considerações sôbre o nepotismo político de que eu me queixara, em virtude de factos da minha vida oficial que não desejo rememorar:

Permettez-moi de venir vous demander une faveur.

Un ancien professeur de la Faculté de Médecine à Zurich, qui m'a rendu, ou plutôt à ma sœur, de grands services, est un collectionneur enthousiaste de timbres poste.

Il lui manquent les timbres portugaises de haute valeur, soit du ci-devant royaume, soit de la république, y compris les colonies. Il serait heureux de les posséder. Avec « haute valeur », je veux dire le prix *postal* officiel, non pas la valeur commerciale. Est-ce que par hasard vous pourriez me procurer ces timbres-là? Je vous serais très obligé si vous pouviez rendre heureux notre distingué collègue suisse. Il va sans dire que les frais éventuels seront à ma charge.

Dans votre lettre du 28 Avril, vous vous plaignez du népotisme politique. Je crois que ce mal existe un peu partout, surtout en France et aux Amériques (E. U., Argentine, etc.). Je me souviens de l'expulsion de Topinard de l'Ecole d'Anthropologie, en 1889, un vrai scandale, et de bien d'autres actes honteux.

Cependant, j'espère sincèrement que votre nomination est devenue un fait accompli.

Agréez, etc.

Um postal seu, de 13 de Julho de 1920, escrito de Glion, anuncia-me a oferta de vários trabalhos da sua autoria, alguns antigos, que efectivamente recebi, acusa a recepção do 2.º fascículo dos trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia, no qual a memória de Leite de Magalhães sôbre os indígenas de Timor « o interessou particularmente » como era natural, e aguardava a remessa dos selos para o amigo de Zürich. A 23 já estes

ali tinham chegado. Nessa data, escreve-me ten Kate, ainda do cantão suíço de Vaud, mas tendo já deixado Glion por Chailly-sur-Clarens:

Nos envios postaux se sont évidemment croisés. Je vous remercie pour les timbres poste que j'ai fait parvenir à mon ami à Zürich, ainsi que le catalogue. Malgré toute la peine que je me suis donnée, il m'est impossible de savoir ici l'équivalent de 28,62 écus portugais. Veuillez me renseigner à ce sujet. Le mieux serait peut-être d'exprimer le montant en livres sterling, qu'on convertira en argent suisse et je réglerai ma dette.

Au besoin, mon *aficionado* à Z. se mettra directement en relation avec le marchand de timbres à Porto.

J'espère que les tirages à part sont arrivés en bon ordre. J'ai quitté Glion pour toujours. Jusqu'à nouvel avis mon adresse est comme suit: Hotel Mury, Chailly-sur-Clarens, Vaud, Suisse.

Recevez, cher confrère, avec mes remerciements renouvelés, etc.

Como, por motivo da dificuldade que me trouxera a guerra, à aquisição dum exemplar do *Lehrbuch* de Martin, dado à estampa precisamente em 1914, propus a ten Kate liquidar a sua conta pelo envio desse livro, cuja compra afinal só pude efectuar alguns meses depois, graças ao prof. Schlaginhaufen, de Zürich. A resposta de ten Kate, em 13 de Agosto de 1920, evoca mais uma vez o nome de Wenceslau de Moraes, referindo-se ao seu livro *Traços do Extremo Oriente*, e estabelece um paralelo interessante entre Martin e Topinard que define a sua preferência pela originalidade e pelo entusiasmo do segundo, contraposto à frieza metódica, sem alma, do primeiro, cujo mérito aliás justamente reconhece:

En réponse à votre lettre du 1^{er} de ce mois, j'ai le plaisir de vous informer que j'ai écrit à mon libraire à La Haye de vous envoyer directement, affranchi, par la poste et pour mon compte, le *Lehrbuch der physischen Anthropologie*, de R. Martin. Je vous prie de me faire savoir quand vous l'aurez reçu. Cet ouvrage étant fort cher (je ne me souviens pas ce qu'on m'a fait payer dans le temps), il y aura en effet un excès assez considérable sur les 28,62 escudos dont vous

m'avez signalé l'équivalent présumé en £. Cependant, je ne desire pas que vous me rendiez cet excès en argent.

En place, je vous serais reconnaissant si vous pouviez me procurer un exemplaire, vieux ou neuf, n'importe, de *Trazos do Extremo Oriente*, de Wenceslau de Moraes, paru il y a peut-être une vingtaine d'années. L'édition étant épuisée, ni l'auteur ni mon libraire n'ont pu me procurer un exemplaire. Je suppose néanmoins que chez des antiquaires à Porto ou à Lisboa il y aura toujours moyen de dénicher un vieil exemplaire des *Trazos* pour un prix modeste. Si l'on ne peut plus trouver ce livre, vous m'obligeriez beaucoup par l'envoi d'un certain livre par un écrivain portugais très connu, paraît-il, dont le titre traduit est, je crois, *Lettres de Macau*. Le connaissez-vous ? J'espère que ma demande ne vous dérangera pas trop.

Quant au *Lehrbuch*, c'est un manuel indispensable pour tout anthropologiste moderne qui s'occupe de travaux pratiques, mais là s'arrête, à mon avis, son mérite quoique déjà grand. Le *Lehrbuch* n'est guère comparable aux *Éléments d'Anthropologie générale* de mon vénéré maître Topinard, malgré que cet ouvrage date de 1885. Le gros bouquin de Martin est le produit sans âme d'un vrai *Schulmeister* méthodique et froid, sec comme les sables des hauts plateaux péruviens. L'ouvrage de Topinard par contre émane d'un esprit original, d'un chercheur enthousiaste, doublé d'un historien émérite. Les deux livres se complètent heureusement.

Recevez en attendant, etc.

A carta seguinte alude à questão da compra do livro e, como eu lhe tivesse anunciado a minha ida a Paris para a reunião inaugural do Instituto Internacional de Antropologia e preguntado se lá o encontraria, encara com uma filosofia de legítima superioridade o «esquecimento» a que se supõe votado. Essa carta faz alusão à doença da sua irmã mais nova:

Villa «la Romaine», Baugy sur Clarens, Vaud, le 23 Septembre 1920.

Monsieur et confrère:

J'ai le regret de vous informer que le livre de Martin est épuisé. La lettre ci-incluse de mon libraire à la Haye en fait preuve. Par contre, j'ai déjà commandé l'autre ouvrage que vous désiriez avoir: Ratzel, *Anthropogéographie*. On vous l'enverra directement, mais quand, — je l'ignore.

Ce n'est que par votre lettre du 25 Août, et plus tard par les journaux suisses, que j'ai eu connaissance de la réunion, à Paris, pour la fondation d'un Institut International d'Anthropologie. Il paraît que ceux qui ont pris l'initiative de ce mouvement ignorent mon existence. Au moins je n'ai reçu ni invitation ni convocation. Au soir de la vie, cela ne vaut plus la peine de se fâcher de cet oubli

peu mérité. Il n'y a qu'à hausser les épaules philosophiquement. Je vous dis cela seulement pour vous expliquer pourquoi je ne suis pas venu à Paris. D'ailleurs la maladie très grave de ma sœur cadette m'en aurait empêché.

Mon adresse, jusqu'à nouvel avis, est indiquée ci-dessus. Bonne chance. Recevez, etc.

Sobrevém-lhe mais um golpe: a morte da irmã. Fala-me dêsse desgosto na sua carta de 12 de Novembro, na qual se refere também à sua necessidade de fugir ao frio e à bruma «mesmo do Léman» e alude ao «esquecimento» do I. I. A., que entendi do meu dever remediar com uma carta ao prof. Georges Hervé. Emfim, para liquidação das contas, propõe-me a obtenção, em Portugal, de larvas de *Tenebrio molitor*:

J'ai bien reçu vos lettres du 2 et du 30 Octobre dont je vous remercie. Je n'ai pas pu vous répondre plus tôt à cause de la mort de ma sœur survenue ici il y a près de trois semaines. Le coup est très dur pour moi, mais comme la maladie de la pauvre était inguérissable, il est mieux ainsi.

Sauf l'imprévu, je resterai à Baugy jusqu'au 15 Décembre; après, j'irai probablement au Lago Maggiore, car je ne puis plus supporter le froid ni la brume, même du Léman.

Quant à l'oubli, à mon égard, des fondateurs de l'Institut International d'Anthropologie, vous êtes peut-être dans le vrai, mais enfin on ne sait pas. Je n'ai rien reçu de M. Hervé relatif à cette question. N'insistons pas. Après tout, je reste qui je suis sans ou avec cette docte compagnie internationale.

Je suis heureux de savoir l'ouvrage de Ratzel en vos mains, mais regrette que *Trazos* de mon ami de Moraes reste introuvable. En tout cas, mille remerciements pour la peine que vous vous êtes donnée.

Ci-jointe la note de mon libraire relative à l'*Anthropogéographie*, qui coûte fl. 14, soit environ 27.0 fr. suisses. Comme je vous devais 28.62 escudos = £ 1.9.9 = environ 31.80 fr. suisses, la différence en ma faveur est de 4.60 fr. s. environ. C'est bien le compte, n'est ce pas ? Au lieu de me rembourser cette somme minime, je vous prie de bien vouloir rendre un petit (on peut-être *Grand*) service à la science biologique. Voici ce que c'est.

Un naturaliste hollandais qui depuis plusieurs années s'occupe de recherches génésiques relatives à l'hérédité et à la variation des insectes, me demande de lui fournir des larves vivantes du coléoptère *Tenebrio molitor*. Il lui en faut de la région située au sud de la ligne géographique Bordeaux-Odessa et c'est surtout du Portugal qu'il en désire. C'est pour cela, cher confrère, que je vous serais très obligé si vous pourriez procurer à ce chercheur 50 à 100 larves de *Tenebrio* (ver

de farine, mealworm, Mehlwurm). On peut les envoyer *directement* aux Pays-Bas par la poste. Chaque boulanger en a, je suppose, à Porto ou Vizeu comme ici. Ces «vers» ont la vie très dure. En les mettant dans une boîte avec un peu de farine et de biscuit, ils supporteront fort bien le long voyage de cinq ou six jours.

Le nom du dit naturalist est S. A. Arendsen Hein. Il demeure à Utrecht (Pays-Bas), 17, Emmalaan.

Veuillez joindre à votre envoi un petit mot en me nommant. Je vous remercie d'avance,

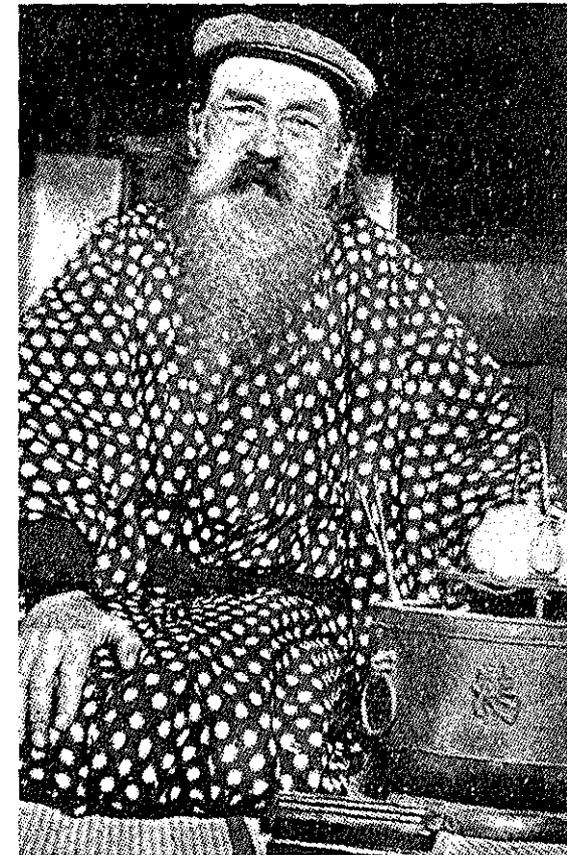
Je serai heureux de recevoir la suite de votre *Ostéométrie portugaise.*

Abre-se uma lacuna na sua correspondência até 24 de Maio de 1922. Mas eu não me esqueçera do seu pedido das larvas e, até Março de 1923, troquei várias cartas com Arendsen Hein e fiz-lhe alguns envios de «bichos da farinha». Simplesmente, nunca consegui nos armazens de farinhas do Pôrto e de Vizeu exemplares da espécie desejada. Eis o postal de ten Kate, de 24 de Maio, já endereçado de Meran, Itália, para onde fôra após uma parte do inverno na Holanda, na sua Pátria:

Voilà bien longtemps que je n'ai pas lu de vos nouvelles. D'ailleurs, il y a un an environ, je crois, que les publications de la Société d'Anthropologie de Porto, dont j'ai l'honneur d'être membre correspondant, ne me sont pas parvenues. J'en ignore la cause et je le regrette. Auriez-vous l'obligeance de m'envoyer un petit mot ici, à l'adresse sus-indiquée, ainsi que les publications que vous jugerez bon à m'envoyer? Je serai encore ici jusqu'à la fin de Juin. Après, je vous donnerai mon adresse en Hollande où j'ai passé une partie de l'hiver. Lors d'une visite à M. Kleiweg de Zwaan, nous avons parlé pas mal de vous.

Agréez, etc.

Em 16 de Junho nova carta de Meran, acusando a recepção duma carta minha de 31 de Maio anterior e renovando a manifestação do seu interêsse pelos trabalhos da Sociedade e meus. Nessa carta, uma das mais interessantes para nós, responde à minha pergunta sôbre a possibilidade duma sua visita a Portugal, e aproxima a sua personalidade da do seu amigo Wenceslau de Moraes, dizendo-se como êle — de quem utiliza as próprias expres-



(Grav. cedida pelo Comércio do Pôrto)

Wenceslau de Moraes

sões em português—um «João Ninguém», que «vive no marasmo e no mundo da saúde», aguardando apenas «a viagem da morte». Mas, se «a era das viagens passou» para êle, pensa em deixar Meran, em ir «quelque part» para os Alpes tirolezes, e depois... «c'est l'inconnu». Reproduzo grande parte desta longa carta:

Je suis bien aise d'apprendre que vous travaillez toujours. Pour moi, l'ère des voyages a passé. Ma santé est assez mauvaise. Les longs trajets me fatiguent et étant donnée la condition actuelle de mes finances, voyager est beaucoup trop coûteux, comme d'ailleurs la vie en Hollande. Donc, pour le présent je resterai en Italie. Je serai probablement encore trois semaines à Meran; ensuite j'irai quelque part dans les Alpes tyroliennes du sud-est. Après, c'est l'inconnu: «carpe diem»!

J'aurais bien envie de visiter le Portugal et de faire votre connaissance et celle de M. Bento Carqueja, mais hélas je ne puis pas. Deux fois, j'ai fait des escales à Lisbonne et j'en ai gardé un bon souvenir. Actuellement, je ne suis qu'un «João Ninguem» ne vivant que dans le marasme et «no Mundo da Saudade». Ce Monsieur «Ninguem» n'ira plus à Timor, ni à Macau, ni à La Plata. Le seul grand voyage qu'il compte faire c'est «a viagem da morte». Ce sont là des expressions de mon excellent ami, Senhor Wenceslau de Moraes. Je suis toujours en relation avec lui.

Le dernier chapitre en préparation de mon travail en hollandais «Par terre et par mer» aura pour sujet mes visites au sage et à l'ermite de Tokushima, soit le sus dit Dom Wenceslau.

Je serais heureux d'avoir de vos nouvelles, quand le cœur vous dit de m'en donner. Mon adresse permanente, que j'y sois ou que je n'y sois pas, est chez mon cousin, le Dr. A. de Graaf, 61, Willem Barentsstraat à Utrecht, Pays-Bas.

Cependant, si vous pouvez, envoyez-moi vos imprimés ici, avant mon départ pour les solitudes alpestres.

Salutations distinguées et tous les bons voeux

de seu muito dedicado

H. ten. Kate.

Ao alto interesse afectivo desta carta cujo final transcrevi na íntegra, nem sequer falta a expressão portuguesa «de seu muito dedicado» sucedendo aos cumprimentos em francês e antecedendo a sua assinatura!

Não é menos interessante a carta de 5 de Julho em que me permito apenas suprimir as suas palavras excessivamente generosas a respeito dos meus trabalhos (entre os quais aludia então especialmente ao *Homo*) e do meu ensino que apreciava sobre um relatório impresso que lhe enviei. As suas bondosas apreciações foram por êle consignadas também em análises várias que inseriu no Boletim da Sociedade Neerlandesa de Geografia, na revista holandesa «Mensch en Maatschappij» e na «Scientia», de Milão, com considerações sobre a actividade antropológica em Portugal e no Pôrto, que não podem deixar de ser gratas aos Portugueses, como são as suas referências e a sua amizade ao «diabo branco» de Tokushima:

Je suis très touché de votre bien aimable lettre en portugais du 28 Juin. J'en ai parfaitement bien compris le sens, mais je regrette d'être incapable de vous répondre comme il faudrait en votre belle langue lusitane.

Mille fois merci pour vos bonnes paroles et pour l'intérêt que vous voulez bien montrer au sujet de mon sort. Si je viendrai jamais en Portugal, — *chi lo sa?* «Bohemio incorrigível» comme je suis, tout paraît possible, mais cela ne serait pas de si tôt. En quelques jours, j'irai chercher un peu de fraîcheur dans les montagnes boisées à l'est de Trento. Exilé quasi-volontaire, I am trying to make the best of a bad job, et si, quelque part, la mort viendrait me surprendre, je saluerai «sua apparicao com um sorriso».

Vous voyez, j'ai toujours «mon frère de rêve» (le mot est de Pierre Loti) Wenceslau de Moraes devant les yeux. Cela n'est pas étonnant puisque je suis occupé à écrire — griffonner plutôt — mes impressions de trois visites à Tokushima. Si jamais mon livre paraît, à moins que ce serait une œuvre posthume, vous aurez un exemplaire.

J'ai à vous accuser réception de deux envois d'imprimés, arrivés successivement. Je vous en suis très reconnaissant. J'enverrai les doubles à l'Institut ethnologique à Utrecht et je garderai les autres. Je me suis mis à les lire.

S'il y a lieu, il se pourrait que j'écrive un petit article d'ensemble sur votre envoi, y compris les *Trabalhos da Sociedade*, dans le recueil d'une société dont notre confrère M. Kleiweg de Zwaan est l'un des pivots. Je vise la Société néerlandaise de géographie.

Je me rends parfaitement bien compte des difficultés à se procurer des bichos da farinha. M. Puccioni à Florence, auquel je me suis adressé aussi, a du

se heurter aux mêmes difficultés, puisque ma demande n'a pas eu de résultat. Moi-même, à Locarno, il y a 1 1/2 an, j'ai eu toute la peine du monde à me procurer des *bacchi di farina*.

Mais c'est avec satisfaction que j'ai vu les nombreux descendants de mon envoi de larves à Utrecht, au laboratoire de M. Arendsen Hein qui s'occupe de recherches sur l'hérédité.

Moi, de mon côté, je fais aussi os melhores votos pour la continuation fructueuse de votre carrière scientifique déjà si inaugurée il y a quelques années. Moi, je ne suis qu'un *vecchio* touchant, espérons-le, à sa fin.

Veillez présenter mes respects à M. Bento Carqueja. En vous remerciant de nouveau et en vous saluant, je vous prie de croire, etc.

Nesta carta êle define perfeitamente a sua personalidade, com tantos pontos de contacto com a do seu «irmão de sonho», Wenceslau de Moraes, cujas expressões êle mesmo adopta. «Boémio incorrigível», «exilado quasi voluntário», «trying to make the best of a bad job», «*vecchio* touchant, espérons-le, à sa fin», neste poliglottismo variegado, ten Kate afirma, como o nosso compatriota, que, quando a morte vier surpreendê-lo, êle saudará a sua aparição com um sorriso. E tem sempre Wenceslau de Moraes diante dos seus olhos.

A nossa correspondência continua activa em 1923. Só de Janeiro guardo uma carta e dois longos postais seus. Passou para Levanto, para a *Riviera* italiana, e continua a falar-me dos meus trabalhos, das suas análises dêstes, das investigações de Arendsen-Hein sobre a hereditariedade nos *Tenebrio molitor*, dizendo-me ainda ter recebido um «bilhete» de Wenceslau de Moraes, «sempre em o mesmo estado d'esprit». E acrescenta que isto interessará o sr. Bento Carqueja.

Na sua carta de 24 de Janeiro de 1923, alude com espírito á dificuldade que eu tive em conseguir quem me traduzisse as suas análises, em holandês, dos meus trabalhos, e acrescenta:

Je vous remercie aussi pour votre éloge de Giuffrida-Ruggeri et l'envoi du dernier numéro des «Trabalhos» G. R. était, sans doute, un anthropologiste de

mérito, mais jugeant d'après le peu que je connais de ses travaux, je ne partage pas certaines de ses opinions. D'ailleurs, vous-même l'avez critiqué dans «Homo», je crois.

Tout récemment, j'ai vu votre portrait dans une publication anglaise sur l'état actuel de nos connaissances anthropologiques de l'Archipel Indien par M. Kleiweg de Zwaan, qu'il vous a envoyé aussi sans doute. Vous y avez du voir aussi «ma triste figure antediluvienne» pour emprunter un mot à Alexandre von Humboldt. Merci de l'intérêt que vous manifestez à mon sujet. Je vais mieux qu'à Meran, seulement, je souffre toujours plus ou moins de troubles de la circulation sanguine, de névraстhénie et d'insomnie.

Je parcours, j'habite, «tous ces beaux pays» surtout par économie. Depuis quelques années je ne puis plus vivre dans ma patrie à cause de la cherté et puis le climat ne me convient pas.

Je suis encore à Lévant par apathie, puisque souvent le mieux est l'ennemi du bien, et d'ailleurs, dans mon *status praesens*, les longs voyages me fatiguent. C'est pour cela je crains cher confrère, que votre beau pays — entrevu deux fois en faisant escale — ne me verra jamais... C'est écrit.

Je mets la dernière main à mon «Par terre et par mer», presque terminé. Je vous souhaite beaucoup de succès avec votre «Ostéométrie portugaise».

Recevez, etc.

A «triste figura ante-diluviana»... era, facilmente se imagina, a dêle. Cabelos brancos um tanto raros já; longo bigode branco; barba branca, triangular; magro; olhar profundo; fronte larga; rosto adelgacando-se para baixo—o retrato de ten Kate dava-lhe porventura alguma semelhança fisionómica com o *ketó-jin*, com o «selvagem branco» de Tokushima, com o nosso Wenceslau de Morais. Simplesmente, embora dizendo-se, como êste, «gasto de intuitos e de fôrças», ten Kate não descurara, como êle, a «grenha» e a barba, nem adoptara o boné cinzento, o fato amarrotado, largo e poeirento, que o nosso escritor descreve no *Barril do lixo do cemitério de Chiyo On-ji*. Algum tempo depois, ten Kate enviar-me-ia um seu retrato, em corpo inteiro, cuja similitudine gravura acompanha estas notas.

Em 17 de Fevereiro escreve-me ainda de Levanto mostrando satisfação por que eu tenha encontrado quem amavelmente haja traduzido a análise dos meus trabalhos (o sr. Christian Brücher)

e por que eu «tenha ficado contente com ela». Acusa a recepção da quarta parte da minha *Osteometria portuguesa*, que considera um «trabalho enorme», etc., e pelo qual me envia bondosamente, no próprio italiano, *complimenti*. Fala ainda das larvas do *Tenebrio molitor*, e acrescenta:

Je suis en train de rédiger de vieilles notes sur l'anthropologie sudaméricaine (Goajiros, Arowaks et Lengoes) qui paraîtrait j'espère dans le Journal des Américanistes à Paris. Le ms. de mon bouquin touche à sa fin. Si jamais je le verrai imprimé, vous aurez un exemplaire et M. Brücher vous traduira ce qui se rapporte à Macau et à Tokushima. Mais peut-être que vous en dormirez d'ennui.

Recevez, etc.

Abre-se um parêntesis até Julho do mesmo ano (1923). Ten Kate desloca-se para o sul, para as proximidades de Roma, para Castel Gandolfo, nas margens do lago de Albano. Em 2 dêsse mês escreve-me:

Il y a fort longtemps que je n'aie eu de vos nouvelles. N'avez vous jamais reçu un article sur la côte chinoise que je vous ai adressé de Lévant? Comme j'y parlais de Macau, je croyais que mes impressions de votre colonie là-bas vous intéresseraient. C'est par M. Sergio Sergi que j'ai appris que notre collègue Costa Ferreira est mort en Moçambique. Une perte douloureuse par l'anthropologie portugaise. Pendant un mois j'ai fait des recherches bibliographiques à l'Istituto d'Antropologia à Rome, où j'ai revu beaucoup de vos publications. Je suis en train d'achever un article sur l'anthropologie sudaméricaine que Rivet va publier. Et que faites vous d'intéressant? Et les Trabalhos? Je resterai ici sur le lac d'Albano jusqu'à la fin de Septembre. L'atmosphère de l'urbs aeterna est insupportable dans cette saison. Mais à C. G. il fait mieux. Auguri et saluti distinti. Toujours bien à vous,

A morte de Aurélio da Costa Ferreira sugere-lhe, como sugeriu a muitos outros antropologistas estrangeiros, palavras de pesar. Costa Ferreira visitara o Instituto de Sergi em Roma. Foi por Sergi filho que ten Kate soube a triste notícia do falecimento. «Da Costa», a quem se refere a carta seguinte, de 23 de Agosto,

é Aurélio da Costa Ferreira, sôbre o qual eu publicara um elogio proferido na Sociedade de Antropologia:

Excusez moi, je vous prie, si je ne vous ai pas répondu plus tôt. Votre bonne lettre du 9 juillet gisait depuis longtemps dans ma portefeuille, mais la lourde atmosphère, causée par le *sirocco*, et la grande chaleur me privaient de toute énergie. Mille remerciements tant pour votre lettre que pour votre envoi des trois articles: *da Costa, de Cerralbo et Novas Discussões*. Je les ai lus à mon aise et je vous fais mes compliments. Votre critique des doctrines de G. Sergi et de Sera démontre encore une fois de plus votre en ces matières de l'évolution humaine.

En effet, établir des hypothèses sur des hypothèses ne sert à rien qu'à embrouiller la science. Comme on l'a dit de la métaphysique, c'est déraisonner sur une chose que l'on connaît pas. En général, «quem pode pensar nisso sem sorrir?» Et j'ai souri.

J'inclus un bout de journal relatif à l'homme préhistorique. Qu'en pensez-vous? Vous êtes bien aimable de me dire que les *Trabalhos* «seraient bien honorés» de ma collaboration. Mais je n'ai encore qu'un seul article (relatif aux Japonais) en vue et je l'ai promis, il y a longtemps déjà, à Hrdlicka. Cet article ne sera peut-être jamais écrit puisque les données manuscrites sont enterrées dans une malle qui se trouve en Hollande. Quant aux larves de *Tenebrio molitor*, vous rendriez un service de plus à la science si vous pouviez en envoyer à M. Arendsen Hein. Il vous donnerait tout le «credit» — comme disent les Anglais — possible. Bonne chance. Si Dios quiere y la S.^a Virgen, je serai ici jusque la fin de Septembre. Après, je l'ignore. Mon correspondant à Utrecht, M. de Graaf, saura toujours mon adresse.

Agréez, etc.

«Quem pode pensar nisso sem sorrir?» Era uma pergunta que eu formulava no meu trabalho *Novas discussões sobre a origem do homem*, depois de mostrar que a aplicação a dois esqueletos portugueses do método empregado por Sera para demonstrar a origem polifilética das raças humanas, conduzia a estabelecer a filiação dum desses portugueses no orangotango e a do outro no gibão... «Et j'ai souri», respondeu com razão o ilustre holandês.

Em 1 de Outubro, uma longa carta, de Castel Gandolfo. Troca de fotografias; alusão à minha divergência doutrinária com o venerando prof. Giuseppe Sergi, a quem, aliás, me ligam, como

a seu ilustre filho, uma verdadeira amizade e sincera admiração; referência a uma proposta minha de tradução do seu artigo *Sur la côte chinoise*, que infelizmente não encontro agora entre os meus livros, de-certo extraviado; referências à viagem de Hrdlicka na Europa, ao *Pithecanthropus* e à calamidade do Japão, que felizmente poupou Tokushima — eis os assuntos variados dessa carta:

Supponant que vous êtes de retour à Porto, je répons à votre aimable lettre de Vizeu du 13 Septembre. Tous mes remerciements, aussi pour les photographies que vous avez eu la gentillesse de m'envoyer.

Le groupe de famille me rappelle des groupes de familles italiennes qui sont en villégiature ici, aux bords du beau lac d'Albano. Je me permets de vous faire parvenir ci-incluse une photo de moi, faite l'année dernière par un officier japonais.

Je comprends que M. G. Sergi n'était pas content de votre critique, mais *che vuole?* Dans la science, il faut exclure le sentiment, comme dans les affaires.

Mais M. Sergi, très agé, est un érudit et très aimable avec moi, comme d'ailleurs son fils Sergio, auteur de «*Crania habessinica*». Vraiment, vous me faites trop d'honneur en me proposant de traduire mon article «*Sur la côte chinoise*» pour les *Trabalhos*. Mais je trouve que cet article n'entre pas du tout dans le cadre de ce recueil. Ce ne sont que des souvenirs, des impressions, des esquisses, empruntés à mon *Caderno* de voyages, le dernier datant de 1905, je crois.

Il n'y a pas de science *sensu stricto* dans ce griffonnage; peut-être un peu d'ethnographie et de géographie, mais bien peu.

Donc, je vous conseille de ne pas défigurer les *Trabalhos* par le radotage d'un vieux hollandais.

J'apprends que Hrdlicka, qui fait un voyage en Europe pour étudier les questions de l'homme fossile, a vu E. Dubois.

Je doute fort que H. ait pu examiner les restes du *Pithecanthropus (erectus?)*, puisque le dit Dubois les garde depuis 30 ans comme un avare ses trésors, sans permettre qu'un autre y jette un coup d'oeil. Et notre gouvernement, dont ce fossile est la propriété, laisse faire!

La calamité du Japon m'a vivement impressionné et j'attends avec inquiétude des nouvelles de certains amis. Kobe est sauf, comme d'ailleurs Tokushima, la demeure de W. de Moraes.

Recevez, etc.

Devo dizer, a propósito do *Pithecanthropus*, que ten Kate parecia adoptar o meu ponto de vista de que os restos de Trinil, até nova ordem, deviam desdobrar-se por dois tipos: *Homo cf. sapiens* e *Pithecanthropus (erectus?)*. Ten Kate, na sua carta, escre-

veu, como eu propus, *Pithecanthropus (erectus?)*, e não *Pithecanthropus erectus*. Hoje, com a descoberta do Pithecanthropo de Peking (*Sinanthropus pekinensis*) hesito naquele ponto de vista. Mas não é assunto a tratar agora. Devo apenas registar que, em 1927, Dubois mostrava em Haerlem, aos membros dum Congresso de Antropologia de Amsterdam, de que fiz parte, os restos do *Pithecanthropus*, que descobrira em 1890, e fazia-nos sôbre êles uma conferência. A sua attitude, justamente criticada pelo seu compatriota, modificara-se, pois.

O recorte de jornal italiano a que se referia ten Kate na sua carta, dizia que o dr. Bartles encontrara vestígios de tuberculose óssea nas vértebras dorsais dum esqueleto humano da idade da pedra, encontrado numa gruta de Heidelberg.

Passam-se meses. Ten Kate escreve-me, em 27 de Setembro, então de Nápoles:

Il y aura bientôt dix mois que je n'ai reçu signe de vie de vous ni «Trabalhos». Qu'est-ce que vous devenez? Je serai à Naples... jusqu'au mi-Novembre. Après je retournerai probablement en Afrique. Je serais heureux d'avoir vos nouvelles. Etiez-vous à Prague?

Salutations cordiales de bien votre

H. ten Kate.

Não estive no Congresso de Praga, onde êle também não esteve. Assim lhe respondi, num postal ilustrado da região em que passara as minhas férias. Ainda de Nápoles, ten Kate escreve-me em 30 de Outubro:

Je vous remercie pour votre carte ainsi que pour vos deux articles, sur l'Origine de l'homme et sur Homo taganus. C'est avec plaisir que je recevrai votre nouveau livre «Os povos primitivos da Lusitania» et les «Trabalhos». Vraiment, vous êtes infatigable! J'attends toujours, depuis 16 mois, la publication d'un article dans le Journal d'I Soc. d. Améric. de Paris et la fin de l'imprimerie de mon bouquin de voyages. Cela marche à pas de limaçon. Je retourne en Afrique (Tunis) pour chercher la chaleur qui commence à me manquer ici. Encore

3 semaines environ et je file. Avec moi, toujours idem, si ce n'est que je me détache de plus en plus du monde. Une bonne partie de son «progrès» m'est infiniment odieux. — Mon adresse «permanente» est à *Utrecht* chez le Dr. A. de Graaf. Il fait suivre tout ce qu'il reçoit pour moi, tout en risquant que des envois se perdent en route, imprimés surtout. Quel joli pays, ces bords du Mondego, où vous avez passé vos vacances. Salutations cordiales et tous les bons voeux de votre dévoué,

Vai para Tunis, continua a sua vagabundagem, cada vez mais desprendido do mundo, «odiando» uma boa parte do «progresso», como diz na comunicação anterior. Em 8 de Dezembro já me escreve de Tunis, dizendo-se cheio de ocupações e preocupações, mas afirmando que, apesar de não poder fazer muita coisa, está disposto a ocupar-se dos *Povos primitivos da Lusitania*, na «Scientia», de Milão. Em 14 de Janeiro longa carta, em que a sua bondade acolhe o melhor possível aquele meu livro. Como a redacção da «Scientia» lhe ia enviar um exemplar dêste e êle já possuía o que lhe ofereci, pergunta-me se pode oferecer aquele ao R. P. Delattre, «bien connu par ses savantes recherches à Carthage», que êle conhece pessoalmente e que foi o eminente organizador do Museu Lavigerie. Fala ainda dos «Trabalhos» que não tem recebido, e, como eu lhe tivesse dito ter estado com gripe, conclui afectuosamente a sua carta:

Omnia fausta pour 1925 et ne soyez pas imprudent comme tant d'autres qui sont en convalescence de la grippe.

Em 27 de Fevereiro já deixara Tunis. Escreve-me de Sousse (Tunísia). Agradece os «Trabalhos» e o estudo do dr. Valença sôbre a frente nos Portugueses, efectuado no meu Instituto e sôbre o qual promete escrever mais tarde. Como a «Scientia» lhe não enviara o exemplar dos *Povos Primitivos* que êle destinava ao P.^e Delattre, aconselha-me amavelmente que remeta o livro a êste erudito, para Cartago. Fala, nessa carta, do P. Delattre, com

os seus 75 anos, acompanhando, no dizer dos jornais, arqueólogos americanos no Saará, o que êle julga improvável. Fala também do Museu Lavignerie. E continua:

Quoique vous n'avez pas besoin d'une introduction, vous pourriez tout de même mentionner mon nom au P. Delattre que je connais personnellement, grâce à son ami le Dr. Nicolle, directeur de l'Institut Pasteur à Tunis. Faites donc comme bon vous semble.

Je suis toujours en retard en ce qui concerne ma revue de votre livre pour «Scientia», pour des raisons multiples. Le temps affreux avec des vents violents à Hommameb m'a rendu tout travail impossible. Etant donné mon état, il faut que j'aie un milieu qui me convient pour pouvoir travailler. Mais cette revue sera faite, — non dubito quin. Je ne quitterai pas Gabès où j'irai prochainement sans avoir tenu ma promesse. Peut-être en parlerai je également dans le journal de la Société de Géographie néerlandaise, dans le quel j'ai analysé «Homo» dans le temps, comme vous vous souviendrez.

Ma prochaine adresse sera à *Gabès, poste restante, Tunisie*. La vie ne m'est possible qu'au soleil et dans la chaleur.

Agréez, etc.

Como a «Scientia» sempre lhe remete o exemplar do livro, ten Kate apressa-se a comunicar-mo no dia 28. Em 17 de Março, já de Gabes, escreve-me de novo. «C'est fait», a análise do meu livro está expedida para Milão:

C'était une rude tâche, étant donnée ma connaissance imparfaite du portugais et puis être forcé de ne pas dépasser 600 mots! J'ai reçu votre lettre du 8-iii. Merci. On m'a envoyé «Sumula de Trabalhos de l'Institut d'Anatomie». Je ne sais pas qui je dois remercier pour cette publication. Veuillez le faire de mon nom. Le P. Delattre aura votre livre quand je le verrai. Le temps ici est très mauvais, comme en Hollande, une véritable plaisanterie. Aussi bien retourner à Tunis où il y a plus de ressources pour un intellectuel. La nomination de Sergi me fait grand plaisir. Il la mérite. Salutations,, etc.

Em postal de Junho de 1925, diz ter recebido «l'intéressant travail sur l'anthropologie des Angolais par MM. Pires de Lima, Monteiro et Mascarenhas». Pede-me para agradecer esta oferta, em seu nome, aos seus autores. Mostra-se aborrecido com a de-

mora na publicação da análise dos *Povos* na «Scientia» e pergunta se o P. Delattre me acusou a recepção do exemplar que lhe deu em Abril.

A análise dos *Povos Primitivos* em holandês aparece primeiro do que a da «Scientia», o que, em carta de 2 de Novembro de 1925, ten Kate me comunica, maguado com a redacção da «Scientia». Nessa mesma carta diz ter estado cêrca de dez semanas gravemente enfêrmo:

C'est à Ain-draham, au pays des Khroumirs, que j'ai été infecté de paludisme. Quoique étant en convalescence (j'ai quitté l'hôpital il y a peu de temps) les hématozoaires ont fait de terribles ravages. Toute idée de continuer mes recherches en Tunisie m'est devenue odieuse. Aussi, je compte partir pour Rome quand mon état le permettra. Vous seriez bien aimable de m'y envoyer un petit mot.

Quoi de nouveau chez vous? Et les Trabalhos? J'espère que tout marche bien.

Vous verrez par ma revue de votre livre que je demande pourquoi vous semblez ignorer la race ibéro-insulaire de Deniker comme facteur ethnogénique de la Lusitanie. Est-ce que ces Ibériens se confondent avec les Méditerranéens ou quoi? Je serais heureux de le savoir.

Recevez, etc.

Como outr'ora em relação à etnogenia de Timor, ten Kate não concorda com alguns meus pontos de vista expressos nos *Povos Primitivos*. Di-lo na carta, di-lo nas suas análises. Alongaria demasiado estas notas expondo as divergências, que, de resto, não o inibem de ser gentilíssimo sempre.

Em fins de 1925 está na Córsega. Escreve-me de Ajaccio em 30 de Dezembro:

Ce n'est qu'aujourd'hui que je trouve l'occasion du répondre à votre très appréciée lettre en portugais que j'ai reçue à Tunis.

J'ai également reçu les fascicules que vous avez eu l'amabilité de m'envoyer. Comme toujours, je les ai lues avec grand intérêt. Je dirai quelques mots au sujet de «O significado genealógico do Australopithecus, etc.» dans notre nou-

velle revue des sciences anthropologiques «Mensch en Maatschappij». Je partage vos vues, d'une manière générale au moins.

Quant à l'hypothèse de Rivet (pp. 19 et 37), au moins relativement aux Australiens, je la trouve absurde. . . . Peut-être le seul argument bien fondé est l'existence, dans certaines régions de l'Amérique, d'une ancienne race ayant les caractères ostéologiques mélanésiens (Lagoa Santa, Ecuador, péninsule californienne). J'étais l'un des premiers, qui en 1884, ai appelé l'attention sur ce fait curieux (Bull. Soc. d'anthrop. Paris 1884 et 1885). . . . Les tâches bleues indiqueraient l'affinité des Malaïo-Polynésiens et des Américains. Ces tâches, je les ai constatées chez des Singalais, des Arabes, des Berbères, des Juifs, etc.!

La rédaction de «Scientia» a daigné me faire savoir que l'analyse de votre bouquin, écrite en Mars 1925, ne paraîtra qu'en Mars 1926. Elle est raide, celle là!

Certes, vous mentionnez la race méditerranéenne dans «Os Povos», mais songez que Topinard, Deniker, G. Sergi et d'autres désignent sous ce nom des races qui ne sont pas absolument identiques avec votre race méditerranéenne. Pour moi, cette question n'est nullement tranchée. Il y a des races, ou sous-races, méditerranéennes. Mon long séjour en Tunisie me porte à le croire.

À Rome, j'ai salué les Sergi, padre e figlio, de votre part. À Rome, le froid était terrible. Ici, dans l'île de Beauté, j'ai trouvé la chaleur et le soleil que je cherche toujours. C'est en Tunisie que j'ai attrapé la fièvre paludéenne. J'en suis guéri, mais je souffre encore des suites: fatigue, nervosité. Je serai ici — inch' Allah — jusqu'au printemps. Tous mes bons vœux pour 1926. Recevez, etc.

Criticando nesta carta as comparações lingüísticas de Rivet, ten Kate dizia, aliás, com justiça, ser este ilustre antropólogo «um homem de valor».

As notícias agora espaçam-se cada vez mais. Da sua parte é a doença, o cansaço, o «marasmo» que lhe ilaqueiam progressivamente a actividade. Da minha parte, é a multiplicidade crescente de ocupações, viagens, serviços oficiais, que me inibe duma assiduidade, que me seria grata, na nossa correspondência. Só em 4 de Maio de 1926 êle responde a uma carta minha de 26 de Março anterior. Escreve de Alger:

Votre bonne lettre du 26 Mars m'est bien parvenue, mais je n'ai pas voulu y répondre avant d'être fixé au sujet des deux analyses que j'ai faites de vos travaux; et puis j'attendais toujours, jusqu'ici en vain, le dernier numéro des «Trabalhos».

J'ai constaté avec plaisir que vous appréciez l'analyse dans le «Tijdschrift» et «Scientia» de votre «Os Povos». Mais cet éloge est tout à fait naturel. J'ai constaté également, mais avec regret, que la rédaction de «Scientia» n'a tenu aucun compte de mes corrections dans l'épreuve d'imprimerie. J'en ai reçu deux dont l'une a été renvoyée par moi *recommandée*. Quelques fautes typographiques stupides sont restées malgré moi.

On me fait attendre *une année* avant d'insérer mon analyse, sans un mot d'explication, et tout cela soi-disant pour 5 fr. le page imprimé, lequel stupéfiant honoraire ne m'est jamais parvenu. Si dévinais «Scientia e Ca» voudrait me payer 100 fr. le mot, je refuserais.

Quant à mon analyse de votre «Anthropithecus etc.» (1), écrite en janvier, elle ne paraîtra qu'au mois de juin dans «Mensch en Maatschappij», un nouveau recueil hollandais. Là, vous me trouverez un peu moins «aimable». Ça et là, il me paraît que votre sens, habituellement si froidement critique, voire sceptique, s'égare un peu dans le domaine des chimères. Excusez-moi cette franchise. Elle ne prouve que le grand intérêt que je prends à vos travaux.

Me voilà à Alger depuis une vingtaine de jours. Grâce à l'excellente Bibliothèque que l'on trouve ici, j'espère être à même de terminer mon travail sur les Tunisiens. Je tacherai de rester ici aussi longtemps que possible. Carpe diem et horam. Les voyages me fatiguent trop et il faut que je profite du temps qui me reste pour mener à bonne fin que j'ai entrepris.

Je n'irai pas à Rome; je n'aime pas les congrès. Cela me ferait bien plaisir de vous y voir, ainsi que plusieurs autres savants que je connais et que j'estime, mais il y a trop de sacrifices.

Ma santé va comme si, comme ça. Il y a des jours que je me sens très fatigué et que je suis incapable de travailler. Mais je suis dur à la souffrance et, sauf l'imprévu, ma vieille carcasse ne claquera pas de sitôt.

Un article de moi sur les tâches bleues congénitales chez les enfants tunisiens a paru en avril dernier dans «Mensch en Maatschappij», mais malheureusement, je n'ai pas de tirage à part à vous offrir. Dans la même revue mon analyse de MM. Pires de Lima et Mascarenhas sur les crânes timoriens a paru.

Veillez me faire parvenir le dernier numéro des «Trabalhos», qui devraient paraître, je crois, en Mars. Mon adresse est à Alger a/s du Consulat des Pays-Bas, 8, rue Ménerville.

Tous mes bons vœux. Je vous salue cordialement.

Bien vôtre

H. ten Kate.

Ten Kate, ao contrário doutros ilustres americanistas, não aceitou a minha hipótese dum povoamento primitivo da América

(1) É lapso. O título é «Australopithecus, etc.».

do Sul pela via antártica. «Votre sens, habituellement si froidement critique, voire scéptique, s'égare un peu dans le domaine des chimères» — escreve êle com uma franqueza que nada me maguou. Acrescenta que não vai a Roma ao Congresso de Americanistas, onde estive e que lhe enviou uma merecida saudação.

Ainda antes do Congresso, em 2 e em 27 de Agosto de 1926, me escreve novas cartas, em que me fala da sua saúde, se interessa pela Faculdade de Letras do Pôrto, faz observações curiosas sôbre a bioquímica das raças, se refere aos Congressos, e alude a uma carta que recebeu de Wenceslau de Moraes, levando «sa vie d'hermite et sage à Tokushima», mas sentindo-se envelhecer. Eis parte da carta de 2 de Agosto:

J'ai bien reçu dans le temps votre bonne lettre en portugais que j'ai parfaitement bien comprise sans toutefois pouvoir vous *écrire* en votre belle langue. J'espère que depuis le 14 juin, la date de votre lettre, les conditions se seront améliorées. Vraiment, ce serait trop injuste de supprimer la Faculté de Lettres et de forcer les autres mesures vexantes dont vous parlez. Oxalá que l'orage ait passé et que désormais vous ayez la tranquillité.

Si je ne vous ai pas répondu plus tôt c'est que jusqu'au au milieu de juillet j'étais très occupé à terminer mes recherches dans les bibliothèques et les polycliniques indigènes. Après cette date, c'est le long sommeil d'été. Ces efforts contenus m'ont assez fatigué et dégoûté pour un temps d'écrire quoique ce soit. Mais, j'ai fait une excursion d'une dizaine de jours dans les montagnes au-dessus de Miliana et de Blida, mais malheureusement, je n'ai pas pu supporter l'altitude de 1100 à 1500 m. Dans quelques jours, je vais essayer le bord de la mer à Tizirt, au nord de la Grande Kabylie. Vamos saber. Alger même m'est devenu odieux et je n'y passerai certainement pas l'hiver.

La question berbère m'occupe toujours et elle est, malgré les travaux de Collignon, de Bertholon et Chantre, nullement tranchée. Ce qui est certain pour moi, c'est que deux des types berbères ne sont que des Ibéro-insulaires (Deniker) et des Méditerranéens, deux races qu'il faut bien distinguer. Quant aux Arabes, je n'hésite pas à dire, qu'au point de vue somatique, il n'y en a que très peu en Algérie et en Tunisie. Serai je à même de mettre toutes mes notes en bon ordre? Je ne sais pas; je ferai mon mieux et «ultra posse nemo obligatur».

À mon grand ennui, mon analyse de votre «Australopithèque» etc., écrite en janvier, n'a pas encore paru dans la nouvelle revue néerlandaise «Mensch en

Maatschappij». J'ai réclamé de nouveau et la rédaction m'a assuré de l'insérer dans le numéro d'octobre.

Est-ce que vous irez au Congrès des Americanistes à Rome en Septembre? Moi, je n'irai pas, malgré les instances de mes bons amis Sergi, père et fils.

A carta de 27 é nos seguintes termos:

Votre bien aimable lettre de Vagos du 2 courant m'est parvenue ainsi que, successivement, cinq brochures de votre main. Je vous en remercie cordialement. Je n'en ai pas encore fini complètement la lecture, mais j'ai appris déjà assez pour constater, une fois de plus, l'énorme somme de travail que vous êtes à même de fournir. La question de la biochimie des races et des individus m'intéresse plus particulièrement. Voilà un vaste champ d'étude pour l'avenir. Reste ce qu'un jour, j'en suis convaincu, on nommera la psychochimie ou psychodynamie des races et des individus. En d'autres termes, je crois à la radioactivité physico-psychique humaine, variant selon les races primordiales. Si j'étais jeune, je m'occuperais surtout de ces questions là.

Je regrette de ne pas pouvoir réciproquer vos envois de mémoires originaux. De mon dernier travail, sur les tâches bleues chez les enfants tunisiens, je n'ai reçu qu'un nombre de t. à. p. très restreint. D'ailleurs, c'était en hollandais. J'ai fait beaucoup de nouvelles observations sur ces tâches à Alger, mais j'en ai déjà promis la primeur à la Società Romana di Antropologia, sur la demande de mon excellent ami Sergio Sergi que vous irez voir sous peu. Mais plus tard peut-être je pourrais vous donner, pour notre Société de Porto, un résumé de mes vues «Sobre as populações da Argélia e da Tunisia», problème extrêmement compliqué comme le noeud gordien. Cependant, le temps qu'il fait ici actuellement n'est guère favorable au travail intellectuel.

Décidemment, l'été en Afrique manque de charme. Mon séjour à Tizirt-sur-Mer m'a réussi aussi peu que mes séjours dans la montagne. Le mieux, pour le moment, c'est de se tenir tranquille. Après un mois, vamos saber. Pour le présent, je me sens abattu et l'idée d'un Congrès me donne le frisson. Cela n'empêche pas que je regrette infiniment de ne pas vous y rencontrer, vous et quelques vieux amis d'Amérique que je serais certain de rencontrer à Rome.

Hier, j'ai reçu, après un long silence, une lettre de votre distingué compatriote Wenceslau de Moraes. Il mène toujours sa vie d'hermite et de sage à Tokushima, mais il se sent vieillir et affaiblir, ce qui est tout à fait naturel à 73 ans.

Je vous souhaite feliz viaje et vous prie d'agréer etc.

De Bône, em 18 de Outubro, escreve-me a agradecer a saudação que, num postal, lhe enviei, com vários colegas, da necró-

pole etrusca de Cere, onde fui de visita por ocasião do Congresso de Americanistas, e pergunta se gostei da estada em Itália.

Em 28 de Janeiro de 1927, agradece e retribui—agora de Tunis—os meus votos de bom ano, e diz que a sua saúde vai «passablement bien» mas o *frio excessivo* há mais de seis semanas «não lhe convem». «Je ne sais plus où aller—escreve—sinon aux vrais tropiques». Ainda algumas palavras de amável interesse pela publicação da 2.^a edição do *Homo*. A êste volta a referir-se em carta de 25 de Fevereiro, datada da Villa Tanit, Cartago, carta em que alude à revolução militar no Pôrto, à sua permanência a dois passos das ruínas de Cartago, à morte do grande antropólogo francês Manouvrier:

Votre aimable carte postale de Madrid m'est parvenue. J'en conclus que ma carte du 28 janvier, de Tunis, n'a pas été reçue par vous. En effet, *Homo*, m'a été envoyé d'Alger. Mais tout cela ne fait rien; j'ai reçu votre cadeau dont je vous remercie très cordialement. Sans avoir lu d'a — z, jusqu'ici, la nouvelle édition, que l'ai feuilletée à plusieurs reprises et j'ai constaté que, cette fois-ci encore, vous avez fait un travail sous tous les rapports. Vous me faites l'honneur de me citer quelques fois et j'en suis bien aise. Par contre, je suis étonné de ne pas trouver cités les travaux de R. Lehmann-Nitsche sur l'homme préhistorique en Argentine. Au moins, jusqu'ici je n'en ai pas trouvé de trace. Je dirai un mot de *Homo* dans notre revue bimensuelle «Mensch en Maatschappij», aussitôt que je pourrai. Je vous aurais accusé réception plus tôt, mais les alarmantes nouvelles de la révolution militaire à Porto et ailleurs, me l'ont fait ajourner.

J'habite pour le présent Carthage, à deux pas d'une partie des ruines. J'y trouve le calme, si longtemps cherché: pas de vacarme et personne pour m'embêter. Malheureusement, je dois quitter ce beau gîte le 15 juin, puisqu'il sera occupé par la propriétaire. Mais, carpe diem! Je me porte passablement bien et quand je peux, je travaille. Hier, j'ai appris la nouvelle de la mort de mon vieil ami Manouvrier. Cela me fait de la peine. C'était un grand anthropologiste et un brave homme.

J'espère que ces lignes vous trouveront en bonne santé.
Recevez etc.

Abre-se depois uma ampla lacuna na nossa correspondência. Do resto de 1927 e do princípio de 1928 não encontro no meu arquivo nenhuma carta ou postal.

Em Setembro de 1927 efectuara-se na sua pátria, em Amsterdã, um Congresso Internacional de Antropologia. Esperava que êle ali fôsse, o que se não deu. Enviei-lhe de lá, com Sergio Sergi e outros colegas e amigos, um postal de saudação. Como não tivesse tido resposta, escrevi-lhe de novo em Março. De Cartago, em 23 de Abril de 1928, escreve-me dizendo não ter recebido aquele postal, falando-me nos «Trabalhos» da Sociedade e mostrando interesse pelos resultados das investigações sobre a *espiloforia*. Nessa altura, sente-se «muito bem» após um inverno penoso. Com data de 21 do mesmo mês, também de Cartago, escrevia-me o P.^o Delattre a agradecer a remessa dum meu trabalho sobre uma inscrição de Alvão, e, fazendo considerações judiciosas sobre certas tentativas de decifrações de inscrições, dizia com autoridade que a minha brochura sobre a inscrição de Alvão «aidera à confirmer l'authenticité des pièces trouvées à Glozel».

Em 1 de Setembro, ten Kate escreve-me de Amélie-les-Bains (Pireneus Orientais). Reservando naturalmente a sua opinião sobre Alvão (em que, ao contrário do P.^o Delattre, não está informado), faz considerações particularmente interessantes sobre o meu trabalho *O problema eugénico em Portugal*:

J'ai bien reçu les deux brochures que vous avez eu l'amabilité de m'envoyer. Ayant quitté Carthage définitivement, votre envoi ne m'est parvenu qu'avec beaucoup de retard. J'ai lu vos brochures avec intérêt et je vous en remercie.

Quant à Alvão, je n'ai pas d'opinion là-dessus, n'étant pas au courant de la question. En ce qui concerne le problème eugénique en Portugal, c'est autrement intéressant, et en outre, très grave. Vous avez bien fait d'exposer la triste vérité et de conseiller de remédier à cet état de choses. En France, je constate depuis des années la même chose. Des symptômes de dégénérescence, un peu partout, mais surtout dans l'armée. Beaucoup de soldats actuellement sous les armes, même dans l'armée d'Afrique, sont d'une constitution piteuse. Vraiment, c'est honteux et ridicule. Et je ne vois pas de remède. Vos frères gallois sont très insoucians. La prochaine guerre, en dépit de ce brave Kellogg, et ce sera finis Galliae. Vous la verrez encore, cette fin, pas moi.

Parmi les populations indigènes des villes en Algérie et en Tunisie, au fond berbère, la proportion de dégénérés physiques et psychiques est plus grande encore.

Quoi de nouveau au sujet des tâches bleues congénitales chez les enfants portugais? Cette question, comme vous le pensez bien, m'intéresse particulièrement.

Comme je ne sais pas encore où j'irai après Amélie, je vous prie de m'adresser désormais et toujours chez M. A. de Graaf à Zeist, province d'Utrecht, Pays-Bas. Il sait toujours où je suis.

Agrérez, etc.

Em 8 de Outubro já está em Nabeul, Tunisia. Escreve-me nessa data:

J'ai reçu votre . . . brochure sur le Serpent, totem des proto-Lusitaniens que j'ai lue avec plaisir. Je me demande toujours comment vous trouvez le temps d'exécuter tant de travaux divers. Pour moi, ces temps sont finis. Je suis ici pour me remettre un peu d'une crise d'urémie qui m'a surpris à bord il y a une 15-aîne de jours. Si je n'en meurs pas, je tâcherai de trouver un gîte près de Tunis, mais plus jamais à Carthage. Mon adresse est au Consulat des Pays-Bas, à Tunis. Excusez la brièveté de mon accusé-réception.

Tous les bons voeux, etc.

É curiosa a sua insistência em que não voltaria a Cartago. Voltou afinal e lá morreu.

Nesse ano nada mais registado do que um seu postal de 30 de Outubro de 1928, de Tunis, em que diz ter recebido um fascículo dos «Trabalhos» da Sociedade, que elogia, e ter deixado «definitivamente» Cartago em meado de Junho. Em seguida, mostra interesse por uma análise minha do seu trabalho em italiano sobre manchas azues sagradas, que me oferecera pouco antes e me sugeriu um estudo análogo nas crianças portuguesas recém-nascidas, estudo que foi realizado na clínica obstétrica do prof. Morais-Frias e apresentado pelo dr. Gonçalves de Azevedo, Filho, e por mim, ao Congresso Antropológico de 1930.

Novo hiato de cerca dum ano. É de 8 de Agosto de 1929 e de Castel Gandolfo a sua carta. Voltara à Itália. Fala da sua doença e, nesta carta — a última que dele guardo — refere-se à doença, à provável morte de Wenceslau de Morais:

Je viens de recevoir fasc. II du vol. IV des *Trabalhos* où j'ai lu avec plaisir votre aimable revue de mon article sur les tâches bleues. Je vous en suis très obligé et je vous en remercie.

J'espère vivre assez longtemps pour lire le résultat des recherches du prof. Morais Frias sur les *spilophores* portugais.

Et que faites-vous? Il y a fort longtemps que je n'ai pas vu des vos travaux, ni reçu de vos nouvelles. Quant à moi, tout récemment, je me suis remis à la rédaction de mes notes sur les indigènes, y compris les juifs, de la Tunisie. L'hiver passé, j'étais assez souffrant et même ici il y a des jours que des troubles de circulation sanguine et urémiques m'empêchent tout travail. Je suis ici pour l'été, au bord du lac d'Albano. Sauf l'imprévu, je pense retourner en Afrique, une fois les grandes chaleurs passées.

Je n'ai pas encore vu les professeurs Sergi. Il me tarde de les visiter et de voir le Néanderthal qu'on a trouvé près de Rome il y a quelques mois.

N'est ce pas M. Bento Carqueja qui a publié dans le temps certains écrits de mon ami M. Wenceslau de Moraes? M. Carqueja sait-il que l'auteur du *Caderno* est gravement malade depuis l'automne dernier? Peut-être même que la mort l'ait enlevé déjà. Etant inquiet, je m'étais adressé au Consul de Portugal à Kobe. D'après ce que celui-ci m'a écrit, je n'ai plus d'espoir. Mais je suis certain que votre illustre compatriote déraciné a salué ou saluera la mort « avec un sourire », comme il dit quelque part dans son *Caderno*. J'aurai perdu en M. de Moraes un ami fidèle dont la *saudade* me restera très chère.

Vous me feriez bien plaisir avec un petit mot, ici à Castel Gandolfo.

En attendant, etc.

Ainda vê o crânio neandertaliano de Roma, admiravelmente estudado por Sergio Sergi. Mas não torno a receber as suas notícias. De Agosto de 1929 a Fevereiro de 1931, data da sua morte, não me torna a escrever. Mas voltara à África, voltara a Cartago, porque aí morre, seguindo por poucos meses à sepultura o seu amigo Wenceslau de Moraes.

Talvez a doença — depressão nervosa e diabetes — o fôsse progressivamente inibindo de escrever. Talvez o maguassem os meus agora prolongados silêncios, justificados com a minha colaboração nos trabalhos de organização do Congresso de Antropologia de 1930 em Portugal, e com mil outras ocupações prementes.

Saudoso amigo, a quem nunca falei de viva voz, a quem nunca apertei a mão afectuosamente, mas com quem convivi, a distância, por uma correspondência frequente de doze anos e atra-

vés dos seus outros escritos! Como me penaliza que tenha porventura tido, nos últimos meses da sua vida, a impressão, aliás errônea, de que também eu o esquecera! Escrevendo estas notas e reproduzindo parte da sua correspondência, não me sinto aliviado do remorso dum tão longo silêncio com êle!

De facto, não o esquecera. Citara-o merecidamente no trabalho sôbre a mancha sagrada nos recém-nascidos portugueses. Colocara o seu retrato no meu laboratório universitário. Sabendo-o errante, ignorava para onde deveria escrever. Diziam-no em Paris «l'Homme qui n'est jamais là où est sa dernière adresse». Mas sinto pesar, imaginando que no hospital ou no seu «bungalow» de Cartago, onde a morte o veiu colher aos 73 anos, lhe teria faltado talvez o conforto das palavras de amigos. Não o creio, porém. No seu nomadismo, êle ia-os encontrando por toda a parte. Se, conhecedor e amigo dos Índios da América, êle era o único europeu que fôra, numa honrosa eleição, feito membro da «Society of American Indians»!

O seu primo, dr. A. de Graaf, em resposta a uma carta minha, informou-me obsequiosamente de que o período de doença propriamente dito que antecedeu a sua morte, durou apenas algumas semanas. Antes, êle ainda tivera fôrças para trabalhar em Cartago nos seus estudos antropológicos.

A carta do dr. A. de Graaf chegou às minhas mãos quando já estava impressa a primeira parte dêste artigo. Assim, tenho de fazer algumas rectificações e aditamentos ao que nessa parte ficou escrito. O dr. de Graaf informa-me de que ten Kate nasceu em 21 de Julho de 1858 em Haia e era duma família de artistas, tendo a princípio feito estudos de belas artes e só depois enveredando para a geografia, ciências naturais e medicina. Doutorou-se de facto em Heidelberg mas primeiro em filosofia (1885) e só dez anos depois em medicina, tendo realizado antes desta última data várias viagens científicas, como uma em 1884 com o

príncipe Roland Bonaparte à Lapónia e Escandinávia, e outras à Córsega, Estados-Unidos, México, Venezuela, Canadá, Argélia, ilhas da Sonda, Austrália, Polinésia, Argentina e Paraguay, estando nalguns pontos mais do que uma vez. Depois de concluido o seu curso médico, volta à Argentina e daí segue em 1897 para a ilha de Java, onde vivia sua irmã mais nova.

Em 1898 parte para o Japão, onde se conserva até 1919 com intervalos vários. Aí casa em 1906 com uma japonesa, Kimi Fujii (*Glicínea*), de família distinta e, segundo o meu correspondente, uma pessoa encantadora, que o acompanhou à Europa uma vez e noutras viagens. Mas em 1919, como já foi dito, *Glicínea* morre e ten Kate abandona o Japão. Uma rectificação necessária ao que escrevi: ten Kate não teria sido consul. Exerceu a medicina no Japão, como antes noutros países.

Da sua família, sobrevivem alguns primos e sobrinhos (filhos de 2 irmãs já falecidas). Êle distinguia com muita estima uma sobrinha M.^{lle} Serrurier, doutora em letras, e os primos dr. A. de Graaf e H. Pierson, todos residentes na Holanda. No cemitério «Kramm» em Cartago, os dois primos referidos mandaram colocar sôbre a sepultura de ten Kate uma placa tumular em mármore com os nomes do extinto e sua espôsa, datas do nascimento e da morte, e esta legenda: «em nome dos seus amigos H. D. Pierson, A. de Graaf». Julgo poder incluir-me entre aqueles cuja saudade os sinatários desta legenda interpretaram na sua homenagem piedosa.

*

* *

Todos os Portugueses cultos verão com simpatia êste homem de ciência que conviveu afectuosamente com o eremita de Tokushima, classificando-o de seu «amigo fiel». Porém Wenceslau de Moraes enraizou-se junto das cinzas de duas mulheres que amou

com a paixão forte de que é capaz um Português. Sem «trocar a alma» (como pretende o meu ilustre amigo dr. Fidelino de Figueiredo) êle sentiu o encantamento do Japão, no qual, aliás, verificou por fim com um certo desapontamento que nunca conseguira passar dum estrangeiro.

O drama psicológico do seu amigo dr. Herman ten Kate, é menos sentimental, se bem que a sua partida do Japão tivesse tido por causa a morte da espôsa, senhora japonesa, que lhe dera 14 anos de felicidade no lar: ou um não fôsse um poeta, mesmo como prosador, e o outro um sábio. Ou um não fôsse português, e o outro holandês.

Ten Kate é um glorioso vagabundo intelectual, que, exilado voluntário da sua Pátria como Wenceslau de Moraes, conserva até ao fim da vida, através de tôda a sua insatisfação e da sua doença, o culto da ciência, das conquistas positivas do estudo, embora aquecidas ao calor da emoção. Também escreveu trabalhos literários e era duma família de pintores e poetas, tendo-se consagrado mesmo à pintura na mocidade. Mas foi sobretudo cientista e atraíam-no as viagens com intuitos científicos. E, a ajuizar por um seu artigo de 1905 sôbre o Japão, não se deixou enfeitiçar por êste país, que aliás admirava, nem se iludiu sôbre a sua condição de estrangeiro naquelas paragens. Não o deslumbrou, como a Moraes, o *Dai-nippon*, a despeito do seu consórcio feliz com uma japonesa.

Era sua opinião que a Europa se enganava supondo que a alma japonesa se europeizava, quando afinal ela é irreductível à psicologia das raças brancas, e de europeu o Japão só aproveita certos aspectos da cultura material e exterior, especialmente os progressos da técnica militar...

E, porque se não identificou psicologicamente com o Japão, ten Kate abandona-o quando perde a mulher e envelhece, e vem para o ocidente continuar a sua vida errante, à espera, tranquila-

mente, da morte inevitável. Nas suas cartas, diz-se um «velho holandês», vivendo, como Wenceslau de Moraes, no «mundo da saudade», mas nunca essa saudade se refere ao Japão do qual raro fala, a não ser, por exemplo, inquieto pela sorte de amigos quando uma calamidade assola aquele país.

Assim, na verdade, Wenceslau de Moraes e Herman ten Kate, não fôram, apesar de tudo, como êste pretendia, «irmãos de sonho». Diferenças de temperamento, de orientação mental, mesmo étnicas. Mas compreenderam-se porque o cientista, friamente metódico, era entretanto acessível às sensações de arte e à chamadas comoções e dos entusiasmos — e fôram amigos. A amizade e a consideração que ten Kate mostrava pelo nosso compatriota, enobrece-lo-iam a nossos olhos, se tôda a sua vida intelectual e científica não fôsse já um altíssimo título de nobreza.

É interessante que a última carta que dêle recebi, coincidia com a época aproximada da morte de Wenceslau de Moraes. Poucos meses lhe sobreviveria. O seu amigo português lá ficou no cemitério de Chiyo on-ji, perto de cinzas amadas de *musumés*, cujas almas, nas horas longas da sua saudade, vinham, em noites negras, iluminar-lhe a entrada da sua casita de papel, transformadas em pirilampos fugazes e rutilantes...

«O Japão foi o país — escreveu o nosso compatriota — onde eu mais vivi pelo espírito, onde a minha individualidade pensante mais viu alargarem-se os horizontes do raciocínio e da compreensão, onde as minhas forças emotivas mais pulsaram em presença dos encantos da natureza e da arte. Seja pois o Japão o altar dêste meu novo culto — a religião da saudade — o último porcerto a que terei de prestar amor e reverência».

Ten Kate abandona os encantos nipónicos pelas belezas alpestres, pela calma doce e azul da *Riviera* italiana, pelas margens do lago de Albano, pelas costas da Argélia e da Tunísia.

«Os japonófilos e japonómanos esquecem — escrevia êle em

1905 como nórdico prático — que os amarelos seus amigos de hoje se tornarão seus inimigos amanhã. Não vêem que com suas néscias lisonjas os fazem ainda mais orgulhosos e atrevidos do que já são. É preciso manter alto o prestígio da raça branca».

Vem êle, pois, morrer muito longe do Japão — dêsse Japão exótico, inassimilável e altivo que o não conquistara — contemplando talvez do leito de doença, as ruínas da velha Cartago, em que bem se simbolizaria o seu cosmopolitismo errante que já odiava certos « progressos »... E, entretanto, a sua imaginação de enfermo povoaria essas ruínas porventura com as pequenas *musumés*, graciosas e de mãos perfeitas, com a sua querida *Kimi Fujii*, e evocaria talvez *Salammbô*, de beleza radiosa, salvando, com sacrifício suprêmo, de inimigos impuros o véu misterioso de Tanit.

O véu da densa púnica seria assim a névoa subtil que embaciou o olhar saudoso do moribundo. E, sôbre aquela terra em que o Baal sanguinário devorou tantas vidas sacrificadas, mais uma vida se extinguia, immobilizando-se emfim para sempre alguém que cruzou o globo em tôdas as direcções, que atravessou todos os meridianos, que percorreu todos os cantos da Ecúmena, permanentemente ansioso de conhecer os povos e as raças, e que, tendo acalentado no seu coração affectos puros de família, amizades dedicadas, a fidelidade à sua Pátria e à sua estirpe étnica, amou dum modo particular a ciência que tão útilmente serviu.

OLARIAS DE MUGE

(NOTAS ETNOGRÁFICAS)

POR

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR

A indústria caseira extraordinariamente conservadora, aferada às velhas usanças de fabrico e de modelos, é nesse sentido influenciada por múltiplos factores. O modo de ser das gentes, as condições climáticas, a natureza geológica das terras, a própria paisagem, não são estranhas a essa influência, e constituem outros tantos elementos vivificantes de tal indústria, dando-lhe individualidade que é mantida quasi inalterável através dos tempos.

É extraordinária a influência exercida pela tradição sôbre o nosso povo.

O trasmontano lavra as suas terras com o arado primitivo. Em muitas regiões do país o carro de bois é ainda de feição primeva, de eixo móvel acompanhando o movimento do rodado.

A indústria caseira de fiação e tecelagem do linho e da lã é velhinha de muitos séculos.

As habilíssimas tecedeiras de Urros, Meirinhos e doutras povoações trasmontanas, com lã de ovelha fazem lindíssimas colchas e tapetes, pelos mesmos processos que há séculos se faziam. A olaria não constitui excepção à regra, permanece quasi imutável na rigidez dos velhos moldes transmitidos de pais a filhos.

O venerando prof. Joaquim de Vasconcelos a ela se refere

nêstes têrmos ⁽¹⁾: « a olaria, arte incomparável, dotada de memória admirável, que mantém sem estampas, sem guia, vivendo ao desamparo, com uma simples iniciação patriarcal na família, ás mais puras tradições duma arte ancestral que enfeitiça e seduz o crítico mais exigente ».

Na verdade é admirável essa arte plástica. É extraordinário o sentimento de equilíbrio e de proporções com que o povo modela ao sabor do sentimento estético que o anima, a bilha que há-de refrescar a água com que se dessedenta no pino do verão e a panela em que coze as berças do seu minguado caldo.

Cada centro oleiro tem os seus modelos que os rústicos ceramistas afeiçoam de mãos espalmadas acariciando o barro mole com a meiguice de mãos enamoradas ao tocar de leve um rosto fresco de moçoila.

Seria interessante colher e registar de norte a sul do país em pequenas monografias, notas etnográficas dos diferentes centros oleiros, de molde a podermos ter ao fim um, por assim dizer, catálogo da olaria popular portuguesa. Alguma coisa há já feito, é certo, mas muito mais resta para se fazer.

Hoje damos o nosso contributo no que diz respeito a um centro oleiro ribatejano: o de Muge.

*

* * *

O barro que ali empregam é de duas qualidades. O *barro forte* é explorado em plena charneca, a 3 km. de Muge, em terrenos da casa de Cadaval. O *barro frouxo* fica-lhes mais à mão,

(1) Joaquim de Vasconcelos, *Pelas vias da Arte e das Indústrias trasmontanas*, in « Ilustração Trasmontana », vol. 1, Pôrto, 1908, pág. 26.

vão buscá-lo a terrenos da Junta, logo às portas de Muge, num sítio a que chamam o Rocio. Tanto um como outro vem para a olaria às carradas.

Para amassar misturam-se duas partes de barro forte e uma de barro frouxo ⁽¹⁾.

Doseadas as duas qualidades de barro, procede-se à trituração do mesmo, partindo-o a martelo no pavimento térreo da olaria. Depois de reduzido a bocados pequenos, êle vai curtir para o *barreiro*, grande recipiente semi-circular, com paredes argilosas que uma corda reforça, encostado à parede da oficina. Uma vez atirado para o *barreiro* borrija-se com água que o vai embebendo a pouco e pouco.

O barro assim humedecido ali fica a *compor* até ao dia imediato. Depois é amassado a pés. Êste serviço é feito por um rapaz que tira a pasta argilosa do *barreiro*, a deita no chão, e ora com o calcanhar, ora com a planta do pé, a vai pisando em círculos, que se alargam constantemente. O enorme disco que resulta é cortado aos pedaços rectangulares, que outro rapaz continua a amassar à mão, ao mesmo tempo que procede à escolha para

(1) Charles Lepiêrre no trabalho intitulado *Estudo Chimico e Technologico sobre a Ceramica Portuguesa Moderna*, Lisboa, 1899, ao estudar as argilas de Santarem e circunvizinhanças, diz-nos a pág. 61:

« Em *Almeirim* fabrica-se louça commum vidrada ou não, para lume ou água; fabrico muito pouco importante, louça sem ornamentos. Em *Mugem* e *Alpiarça*, o mesmo que em *Almeirim*. Em *Santarem* produz-se a louça de barro vermelho vidrado ou não, alguma com ornamentos rudimentares. Ao todo três oficinas, etc., etc. ».

Na pág. 62 dá a análise de duas amostras de argila de Muge que transcrevemos:

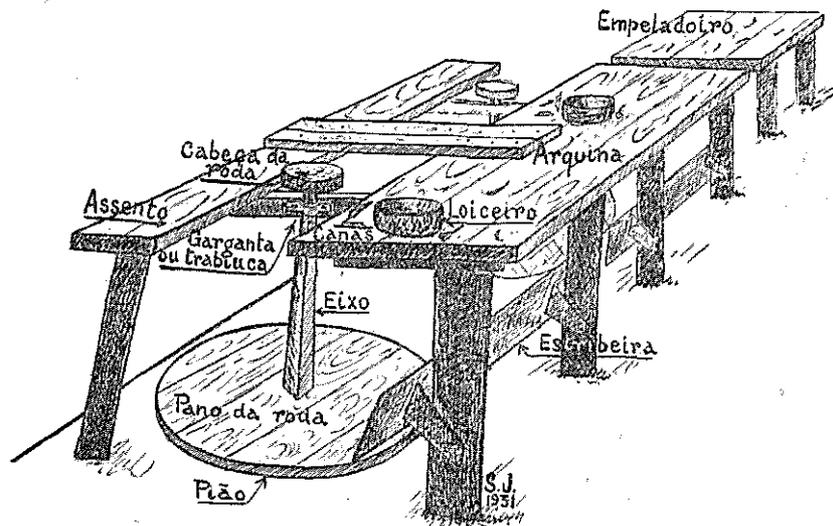
1.^a — Côr primitiva = lousa; côr depois de calcinada = cinzento muito claro; não tem carbonatos; residuo por levigação 34 0/0; e acrescenta: Esta argila que deve a sua côr a matérias orgânicas é bastante plástica.

2.^a — Côr primitiva = amarelo-alaranjado; côr depois de calcinada = tijolo até cinzento escuro; não tem carbonatos; residuo deixado por levigação 48 0/0.

A primeira refere-se ao barro forte; a segunda ao barro fraco.

tirar as raízes e os *caroços* (porções que se não derregam nem a poder de quanta água lhes caia em cima).

Finda a *escolha*, junta-se o barro em pilha. Dela cortam porções maiores ou menores consoante as dimensões da peça a que se destinam, porções que levadas ao *empeladoiro* (pequeno estrado ou mesa situada ao deslado da roda), ali são amassadas à mão e depois afeioadas em troncos cilindro-cônicos, as *pélas*. De cada *péla* sairá uma peça de louça.



Tão habituados estão já a talhar as pélas, que estas lhes saem do tamanho desejado. A tal ponto assim é, que numa série de *quartas* de determinado lote, tôdas as vasilhas ficam sensivelmente com a mesma capacidade.

E se não fôra — dizia-me o inteligente oleiro e proprietário da oficina — o que o barro *minga* no *enxugo* e depois no forno, podiam fazer-se vasilhas sempre dum volume certo.

As pélas feitas vão para a roda (fig. 1). A *roda* e a *arquina* são duas partes dum todo. A *arquina* é, por assim dizer, a armação

que mantem e sustenta a roda, e da qual faz parte um estrado ou mesa onde o artista tem o *loiceiro* (vaso de barro com água onde estão, o bordador, a linha e as canas, para o *feitio*), as pélas e a loiça verde que vai modelando.

O loiceiro pousado na arquina à frente do oleiro serve-lhe para lavar e molhar as mãos e depois humedecer as peças. Um barro fino que nêle se deposita, — a *lambuje* — é ótimo para as asas.

A roda fixa-se pela parte mais alta do eixo a um entalhe semicircular do bordo da *arquina* por intermédio duma peça de madeira entalhada igualmente em semicírculo e a que chamam *trabiuca* ou *garganta* (1).

A *trabiuca*, para que o atrito seja reduzido, é enchumaçada com asparto molhado em borras de azeite.

A roda, de origem multiseular, obedece ao sabido tipo comum, e é formada por um largo disco circular e horizontal, o *pano da roda*, que é atravessado pelo *eixo*. Este, na parte mais alta, sustenta um disco circular pequeno, a *cabeça da roda*. A extremidade inferior do eixo, o *pião*, gira sôbre uma pedra.

Para dar maior altura à cabeça da roda o oleiro sobrepõe-lhe uma péla que espalma, — é a *alpiota* que bem se vê na fig. 3, est. I. Em cima da alpiota coloca uma *fôrma*, disco de madeira de tamanho variável consoante a natureza da peça a modelar. A fôrma pode servir para transportar a vasilha moldada para o *enxugo*.

O primoroso escritor dr. Manuel Monteiro, no seu trabalho

(1) Rocha Peixoto, in *Sobrevivência da primitiva roda de oleiro em Portugal*, «Portugália», vol. II, pág. 74-87, ao falar da roda usada pelos oleiros de Vila Sêca e Corujeira (concelho de Amarante), descreve-a assim: «Este aparelho, ordinariamente de carvalho, raro de noqueira (Baião), compõe-se dum estrado rectangular, o *trabal* ou *trabúlo* do centro do qual se ergue um eixo, o *quisso*, para o alto. Em torno dêste mover-se-há o *tampo* ou *tabuão*, grande disco, etc.»

sobre *A loiça de Miranda do Corvo* (1), descreve assim e admiravelmente o trabalho do oleiro.

«Para transmutar em loiça o pedaço informe da massa posta sobre a cabeça (*), o oleiro instala-se no *assento*, firma um pé na esteveira (**), com o outro faz rodopiar o torno por destros e fortes impulsos intermitentemente comunicados à folha (***), e então abre o barro, ou seja, mergulhar os dois polegares na argila para dela arrancar imperturbavelmente as lindas galbas tradicionais. Com rapidez emerge o embrião da peça, desenvolvendo-se e afeiçoando-se ao capricho das mãos do torneiro, que em sucessivas tiradas, ora se afastam ora se unem durante a gestadora marcha ascensional, dirigida com certas solitudes artísticas» (2).

Com as *canas* o fabricante alisa os perfis e afeiçoa o bôjo das peças. Os bordos das vasilhas são especialmente cuidados, alisando-os o artista com auxílio dum pedaço de cabedal fino, o *bordador*.

Outro dos acessórios do oleiro de Muge é o *rodízio*. Para rodízios servem as rodas dentadas de velhos candieiros de petróleo, relógios, etc., montados num eixo metálico ou de cana.

Terminada a peça, se a desejam ornamentar, encostam-lhe o rodízio e fazem rodopiar o tórno com um impulso brando, resultando, como consequência da impressão dos dentes da roda dentada, uma fiada de pontinhos a tóda a volta da vasilha.

Os restantes ornatos são, uns incisos, feitos com as *canas* ou com o *penteador*, outros, como se vê com freqüência nos bordos dos vasos para flores, são em relêvo.

(1) «Portugália», vol. II, págs. 432-433, Pôrto, 1908.

(2) A descrição que transcrevemos ajusta-se às olarias de Muge, exceção feita dos nomes de algumas peças da roda, que vão seguidos de asteriscos para referir a designação equivalente dada em Muge. (*) = *cabeça da roda*; (**) = *estribeira*; (***) = *pano da roda*.

A fig. 2 representa o penteador e o tipo de ornato que com êle desenham

Ao fabricarem peças em série, para que elas resultem sensivelmente iguais, usam uma vara de madeira, a *medida*, com 8 entalhes, da qual se servem para marcar os oito tamanhos das quartas, regular a capacidade dos alguidares, etc.

Verificadas as dimensões duma peça em fabrico por meio da *medida*, e para não estarem constantemente a repetir a mensuração servem-se da *bitola*. Esta é constituída muito simplesmente por um pedaço de cana espetado num bloco de barro sobre a arquina.

Inclinada a cana até ao bôrdo da primeira peça modelada, tódas as outras attingirão dimensões sensivelmente iguais quando os seus bordos tocarem na *bitola*. Para que os bordos não sofram desgaste ao roçarem pela cana, esta é envolvida por um pouco de barro comprimido com a mão.

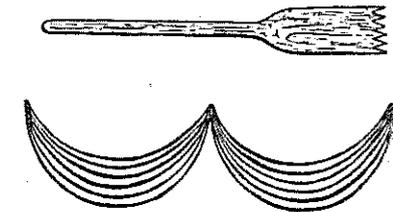


Fig. 2

As vasilhas largas, como os alguidares, são moldados, partindo não da péla, mas de duas peças — o *fundo* e o *enchente* — previamente trabalhadas. O fundo é um disco que, como o próprio nome indica, será o fundo do alguidar, e é tirado em série duma péla alta. O enchente, de forma cilíndrica, vasado, é adaptado sobre o fundo e vai formar as paredes.

Modelada a peça tomam um pedaço de fio delgado, a *linha*, e com êle separam aquela passando a linha tensa rente à cabeça da roda, que fazem girar suavemente.

Depois de *asada*, a peça é colocada em frente, na *arquina*. Dali segue para o *enxugo* que se obtém, pondo as loiças em tábuas que formam prateleiras, onde a loiça vai secando.

Depois de seca a loiça vai a cozer ao fôrno.

As peças que desejam vidrar são polvilhadas com zarcão. O barro simples vidrado só tira a côr de mel. Para obter um vidrado nas outras côres é necessário um banho prévio de barro preto.

O fôrno ocupa, êle só, uma dependência da oficina, é de factura cuidada, e a parte mais alta da abóbada quási topa no telhado, que por cima da bôca dá passagem à chaminé.

A bôca do fôrno é ampla, dá entrada para uma câmara circular abobadada cujo pavimento, o *crivo*, é construído de tijolo e apresenta um certo número de orifícios dispostos em série que estabelecem a comunicação com a câmara inferior, a *caldeira*, onde se queima a lenha.

Ao enfornar, a loiça não é imediatamente colocada sôbre o *crivo*. Antes dispõem-se a pino uns tubos de barro com cêrca de 30 cm. de alto e de paredes espessas — os *burros* — distanciados uns dos outros o comprimento dos respectivos *telhões* que depois de assentes formam uma espécie de grade em xadrez, onde se vai dispondo às camadas a loiça a cozer. Feito isto, a bôca do forno é tapada com tijolo e barro deixando apenas uma abertura estreita no alto do *tapadoiro*.

Acesa a *caldeira* — é necessário manter o lume durante umas 18 horas, tempo médio para obter uma boa cozedura.

O aquecimento faz-se, primeiro com *carrasca*, (*casca de pinheiro*) e depois com rama de pinheiro, ali designada por *sama*, *maravalha* ou *carumba*, ou com *metanos* (feixes de lenha miúda de sôbro, azinho, salgueiro, pinho ou carvalho). Quando a labareda, que sai pela abertura estreita deixada no tapadoiro, é branca, a fornada está cozida. Então com uma pá de madeira deitam um pouco de *carrasca* sôbre a loiça. A *carrasca* arde completamente e vai, como afirmam, dar côr à loiça.

Passadas 24 horas abre-se a *bôca do forno* e a loiça é arru-

mada até que seja carregada em carros, barcos ou vagões para ser depois vendida.

Eis a nota dalgumas das peças fabricadas na olaria de Muge: açucareiros (vidr.) ⁽¹⁾, alcatruzes, alguidares (vidr.), asados (vidr.), bilhas (o mesmo que quartas), bilhas de segrêdo, boiões (vidr.), bolos ou bandulhos (pesos de rêde), búdios (para moínhos de vento — assobio), bules (vidr.), cafeteiras, canecas (vidr.), chávenas (vidr.), chocolateiras, coelheiras, fogareiros, frigideiras, garrações (vidr.), infusas (quarta n.º 1), jarras (vidr.), manilhas, migalheiros, panelas (de uma e de duas asas), púcaros, perfumadores, quartas ⁽²⁾ (8 lotes: a n.º 1 tem a capacidade de 1 litro, a n.º 8 cêrca de 20 litros), saladeiras ou tijelas de orelha (vidr.), sifões, tijelas de tender (para padejar o pão de milho), tijelas de orelha ou saladeiras, talhas, tachos, tijolos, telhas, tijoleiras, vasos ⁽³⁾.

(1) Como muito bem se compreende, tôda e qualquer vasilha pode ser vidrada. Aquelas que porém mais freqüentemente o são, levam a indicação especial.

(2) Carolina Michaélis, *Algumas palavras a respeito dos púcaros de Portugal*, Coimbra, 1921, pág. 40: «As quartas ou quartinhas — assim chamadas por levarem a quarta parte do pote de seis canadas — serviam para mulheres, quási sempre negras, venderem água nas ruas da capital».

(3) Nas gravuras 7 e 8 da est. III damos o mostruário dalgumas formas cerâmicas de Muge. Na fig. 7 da esquerda para a direita temos: no 2.º plano, asado para adoçar azeitona, quartas ou bilhas, (números 8, 6, 4, 2 e 1), vaso; no 1.º plano, asado para mel (vidr.), vasos (para acácias), garração (vidr.), cafeteira (vidr.) e quatro tachos.

Na fig. 8, seguindo também da esquerda para a direita, temos: no andaime ou prateleira superior, vaso de argola (vidr.), asado para mel (vidr.), garração (vidr.), asado grande para mel (vidr.), bule (vidr.), garração (vidr.), açucareiro (vidr.), vaso de laço com bicos (vidr.); na prateleira do meio e no segundo plano, quartas ou bilhas, números 8, 6, 4, 2 e 1 e cafeteira; por diante das quartas e encostadas a elas, duas saladeiras, n.ºs 3 e 2; no primeiro plano da prateleira do meio, panela (vidr.), púcaro (vidr.), infusa, chávena (vidr.), jarra (vidr.), caneca (vidr.), chávena (vidr.), açucareiro (vidr.), infusa, jarra (vidr.), bule (vidr.), caneca (vidr.); no chão, fiada posterior, vaso, búdio (assobio para moínho de vento), asado para azeitona, manilha (tubo para canalização de água), vaso; à frente, tijela da casa (para limpeza), vaso (para acácias), tacho (vidrado por dentro), alcatruz, vaso (para eucaliptos), fogareiro e sifão.

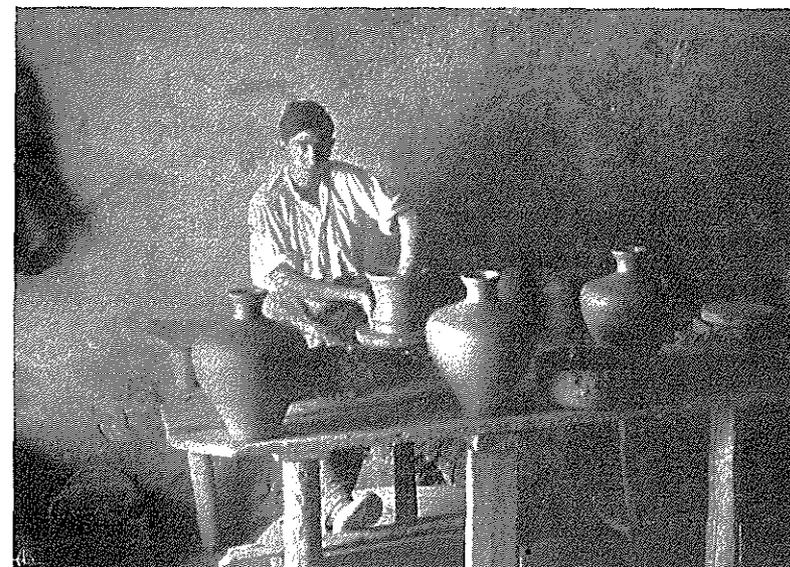
Resta-nos dizer da importância do centro oleiro de Muge; importante não propriamente pelo número de olarias, que são apenas duas, mas pela quantidade e variedade de objectos de uso comum e doméstico ali manufacturados. No concelho há mais duas oficinas de cerâmica em Marinhais, mas são mais pequenas e menos importantes do que as de Muge. A olaria de Muge abastece muitas povoações do concelho e concelhos circundantes, enviando os produtos ali manufacturados, quer pela via ordinária em carroças (1) e caminhetas, quer pela via fluvial, quer ainda pelo caminho de ferro carregando às 1.500 e 2.000 bilhas em cada vagão.

Além de prover às necessidades locais, as olarias de Muge enviam os seus produtos para Alenquer, Alhandra, Alverca, Benfca de Almeirim, Benavente, Canha, Carregado, Castanheira do Ribatejo, Foros de Salvaterra, Póvoa de Santa Iria, Sacavém, Salvaterra de Magos, Samora, Santo Estevão, Sobrelinho, Vendas Novas, Via Longa e Vila Franca.

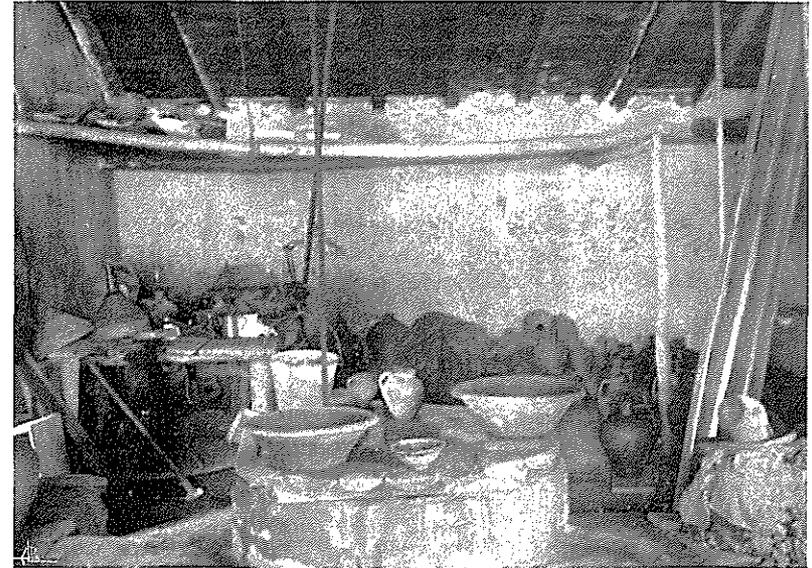
(1) Ao bom colega, Dr. Rui de Serpa Pinto, devo a amabilidade de algumas notas por ele colhidas na sua estada em Muge no verão de 1931. Assistiu à embalagem e carregamento de loiça e apurou que a contagem dos vasos, ao carregar as carroças, era feita aos lotes de dez — carulhos — sendo os vasos pequenos destinados principalmente aos viveiristas para cultura de eucaliptos e acácias.



Cliché do Dr. Rui de Serpa Pinto
Fig. 3—Trabalhando na roda com alpiota

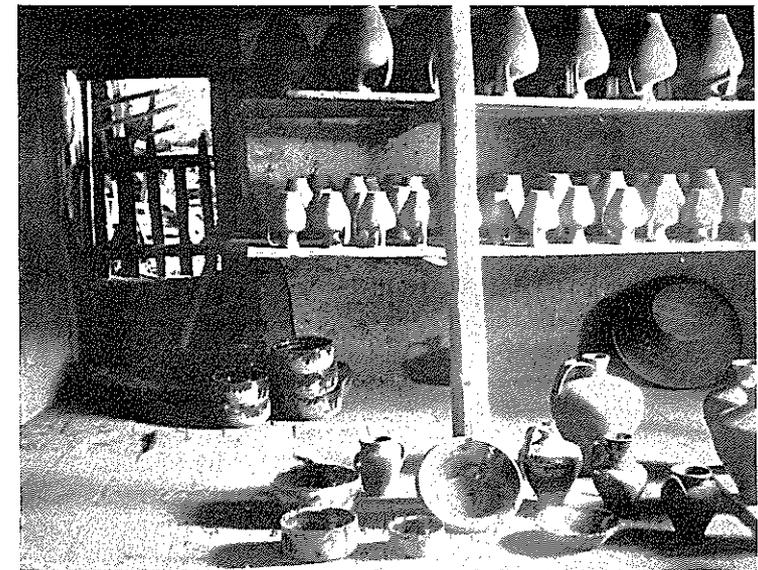


Cliché do autor
Fig. 4—Fabricando quartas. Sôbre a arquina três por asar



Clichê do autor

Fig. 5 — Um canto da oficina.
No primeiro plano o poço que fornece água para amassar o barro



Clichê do autor

Fig. 6 — Loiça no enxugo

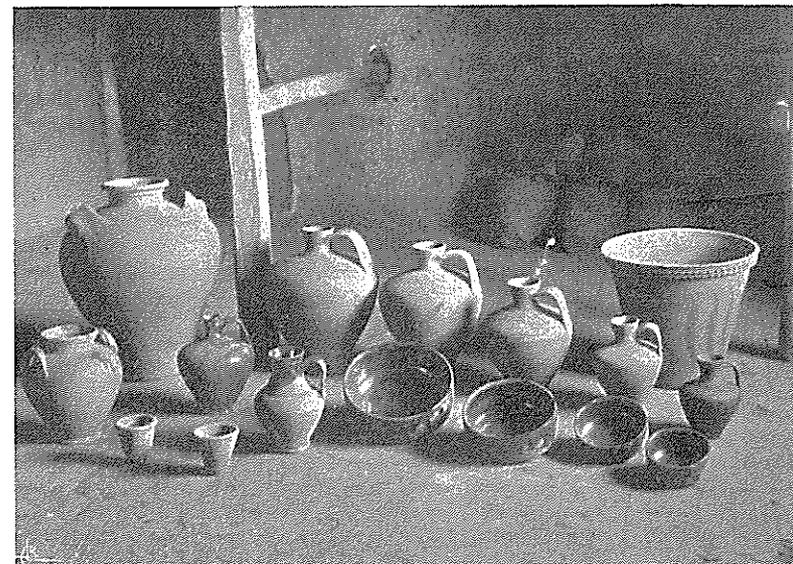


Fig. 7—Mostruário das olarias de Muge

Cliché do autor

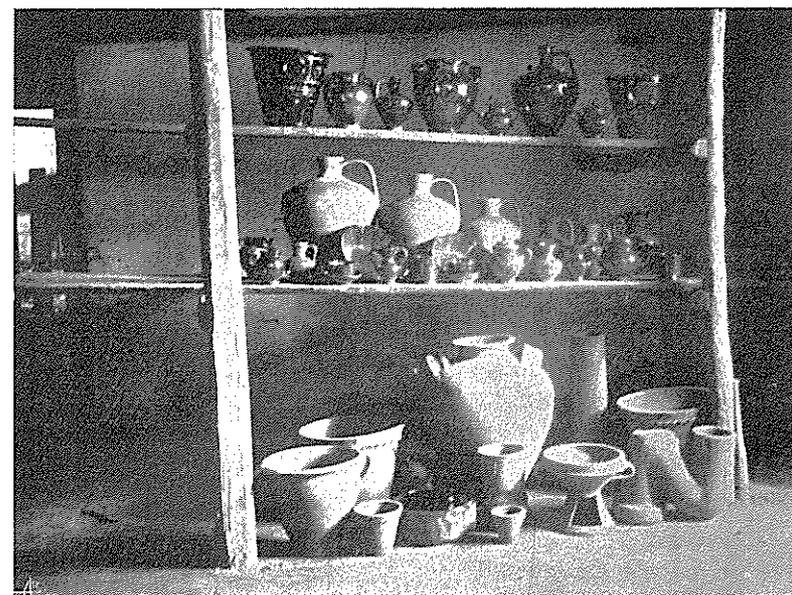


Fig. 8—Mostruário da loiça de Muge

Cliché do Dr. Rui de Serpa Pinto

A TRADIÇÃO POPULAR DO TREVO

NÓTULA ETNOGRÁFICA

POR

ARMANDO DE MATOS

As notas que vão ler-se sobre o trevo, como motivo etnográfico, não são mais do que a razão inicial do estudo que um dia desejo levar a cabo.

Com este pequeno núcleo de referências, pretendo somente ir marcando o interesse que se encontra na cuidada observação do significado do trevo ⁽¹⁾, perante a alma e o sentir do nosso povo.

Não há terra de Portugal, desde a charneca alentejana até às serranias do norte, onde o trevo não tenha o seu culto, onde a juventude o não lembre nos seus amores, onde todos, enfim, lhe não prestem um pouco de atenção.

Com êle se praticam lembranças, velhos costumes, antigas usanças, já tão distantes que ninguém facilmente lhes dá sua origem. A documentar esta asserção, basta recordar que já entre os druidas o trevo era o emblema do solstício da primavera ⁽²⁾.

O conjunto das tradicionais superstições de que êle é motivo, não somente entre nós, como também na memória doutros

(1) Sobre as diversas espécies de trevo que se encontram em Portugal, veja-se: *Flora Portuguesa*, de A. X. Pereira Coutinho; e *A Flora Portuguesa*, de Gonçalo Sampaio. Qualquer delas aponta 39 espécies do género *Trifolium*, da família das *Phaseolaceae*. Há ainda o *trevo de água*, que é uma *Gentianaceae*, além dos *trevos azedos*, que são *oxalidaceae*. Informa o prof. dr. Gonçalo Sampaio que há mais uma espécie de trevo, há pouco descoberta em Trás-os-Montes.

(2) *Medicina cimrica antiqua*. Londres, s/d, por Henry S. Wellcome, pág. 37.

povos (1), constitui na sua maioria um empolgante rosário de velhíssimas reminiscências, pois o trevo, em muitas das práticas que provoca, sugere-nos antigos povos, com suas passadas civilizações.

É o trevo erva de virtude, e tanto que

«Tôdas as ervas são bentas
Na manhã de S. João...»

menos uma que a cantiga exclui:

Tôdas as ervas são bentas
Na noite de S. João,
Tôdas as ervas são bentas
Só a serpentina não. (2).

Por vezes, a idea estende-se, e das ervas em geral, passa o dizer do povo para os vegetais em especial, como se vê aqui:

Tôdas as ervas são bentas
Na manhã de S. João,
Só a figueira maldita
Por seus pecados é que não (3).

(1) Com referência ao Tirol, por exemplo, lê-se nos *Ensaio Etnográfico*, de J. Leite de Vasconcelos, vol. I, pág. 70 (Esposende — 1891), na nota 55: «Au Tyrol, on croit encore que celui qui trouve un tréfle à quatre feuilles pendant les feux de la Saint-Jean, peut opérer des enchantements. (I, v. Zingerle, Sur les Superstitutions du Tyrol). Cit. par A. Maury, *La Magie, etc.*, pág. 165, not. 2».

Na Galiza — lê-se na «Revista Lusitana», (vol. 7.º, pág. 228) — também se encontram tradições populares referentes ao trevo, atribuindo-se-lhe virtude misteriosa e mágica em negócios de amor. Também lá se cantam quadras alusivas, como esta:

Herba do trebo, meniña,
Herba do trebo, rapaza,
Herba do trebo, meniña,
Herba do trebo, che naza.

(2) Teófilo Braga, *Cancioneiro popular dos Açores*, «Revista Lusitana», vol. II, pág. I.

(3) Visconde de Porto da Cruz, *Crenças, superstições e costumes do Arquipélago da Madeira*. Conferência feita na Associação dos Arqueólogos Portugueses, em 20 de Março de 1930. Vem publicada no volume VIII da «Arqueologia e História», págs. 83-129, e a quadra citada a págs. 102.

Esta razão basta, é claro, para lhe dar um papel de certo relêvo, na prática de muita costumeira. Invoca-se o seu oculto poder num sem número de casos e confia-se lhe o conseguimento de imensas coisas. É para afastar bruxedos, chamar venturas, afastar a esterilidade, atrair a riqueza, proteger os amores, livrar de doenças, dar felicidade (1), azangar os negócios dos inimigos, expulsar espíritos maus, evitar traições, provocar a obediência (2).

O trevo é preferido pelos animais — mesmo sem ser considerado como forragem rica, que é — pois a codorniz, por exemplo, à sua sombra passeia os filhos (3), a calhandra é nêle que faz o seu ninho (4), as abelhas e as borboletas preferem as suas flores a qualquer outra.

No trevo, cujo significado na simbólica amorosa é a *resignação*, há a considerar duas modalidades, a saber: o trevo próprio dito, o *trevo macho*, o trevo cujas fôlhas têm três folíolos — o que lhe dá o nome *trifolium* — e que serve para o esconjuro de malefícios e feitiçarias, e na medicina caseira cura o sarampo (5); e o trevo de quatro fôlhas, — a *erva mística* (6), — que é originado pela anomalia de, rarissimamente, apresentar fôlhas com quatro folíolos. Assim surge o *trevo de quatro fôlhas*, aquele que pela sua raridade ganhou nome e renome e que por isso é de todos ambi-

(1) Tenho em preparação uma nótula sobre a *Felicidade*.

(2) *Livro de S. Cipriano*, pág. 123. Porto, 1921. Ed. Lelo & Irmão.

(3) A. Carr e T. Delord, *A vida das flores*, pág. 251.

(4) *Id.*, pág. 202.

(5) Usa-se na Boaldeia (Viseu). Já no fim do século XVII, princípio do XVIII se encontra referência ao emprêgo medicinal do trevo. Na *Recopilação de Remédios escolhidos*, de Madame Fouquet, etc., 5.ª impressão em Lisboa, em 1712, pág. 355, vem uma receita para *purgar a Pítilta*, em que, entre outros componentes, aparece de *Tripholium branco, tres oylavas*. E ainda em nossos dias não são alheias à farmacopeia algumas espécies de trevos, como o trevo aquático (*Ményanthe trifoliata*), o trevo de cheiro (*Trifolium Melilotus officinalis*), etc.

(6) Severo Portela, «Terra Portuguesa», vol. III, pág. 49.

cionado, pela felicidade de que é portador, e que a sua pouca freqüência e o nosso humano desejo de melhores dias lhe dão. É senhor de muitas virtudes e especiais vantagens que uma tradição muitas vezes secular lhe atribui sempre. E com elas vai beneficiar o feliz que o descobre na sua humildade rente à terra, especialmente se isso acontece numa madrugada de S. João, coberto com o tradicional orvalho.

Por isso se canta:

Vamos apanhar o trevo,
Todo o trevo que há no chão;
E apanhar as orvalhadas
Da manhã de S. João.

(Viseu).

Tôdas as ervas são bentas
Na noite de S. João;
Menos o trevo de quatro fôlhas
Colhido com má tenção.

(Arcos de Val-de-vez).

Tôdas as ervas são bentas
Na manhã de S. João;
Só o trevo, coitadinho,
Fica de rastos no chão.

(Figueira da Foz) (1).

P'ra colher o trevo,
O trevo, no chão;
P'ra colher o trevo
Na noite de S. João.

(Geral).

Apanhar o trevo,
O trevo, no chão;
Apanhar o trevo
Na manhã de S. João.

(Geral).

Apanhar o trevo,
O trevo na areia;
Apanhar o trevo,
O meu amor está na cadeia (2).

(Póvoa de Midões).

Vamos raparigas
Para o campo trabalhar;
Para apanhar o trevo
Numa noite de luar.

(Gaia).

P'ra colher o trevo
O trevo, no ar;
P'ra colher o trevo
Numa noite de luar.

(Póvoa).

(1) P. Fernandes Tomaz, *Canções da Beira*, pág. 102.

(2) Do trabalho em preparação *Etnografia e Folclore da Póvoa de Midões*.

O colher a fôlha do trevo de quatro folíolos — o *trevo de quatro fôlhas* — que tão dificilmente se encontra, tem também suas fórmulas e preceitos, para que êle fique com as virtudes desejadas. Vejamos o que ensina S. Cipriano no seu popularizado livro (1):

«Na vespera de S. João, procura pelos campos uma febra de trevo que tenha quatro fôlhas. Logo que a encontrardes, fazei um signo-saimão em volta d'ella e deixai-a ficar até á noite. Quando, porem, os sinos tocarem á Santissima Trindade, voltai junto d'elle e dizei a oração seguinte. Começai por fazer o credo em cruz sobre o trevo, isto é, a dizer o credo e a fazer cruces com a mão sobre o dito trevo:

ORAÇÃO

Eu, creatura do Senhor, remida com o seu Santissimo sangue que Jesus Cristo derramou na cruz para nos livrar das fúrias de Satanaz, tenho uma vivissima fé nos poderes edificantes de Nosso Senhor Jesus Cristo. Mando ao demónio que se retire d'este logar para fora, e o prendo e amarro no mar coalhado, não perpetuamente, mas sim até que eu colha este trevo, e logo que eu o tenha colhido te desamarro da tua prisão. Tudo isto, pelo poder e virtude de Nosso Senhor Jesus Cristo. Amen.

Depois disto, apossai-vos do trevo, com que podeis fazer tudo quanto desejardes».

(1) *Op. cit.*

*

* *

É amuleto ⁽¹⁾ de amor ⁽²⁾ o trevo de quatro fôlhas. ; Quanto sonho em flor, de corações juvenis, não tem embalado a tradição do trevo!... ; Quanta ilusão não tem alimentado a sua escassa freqüência pelos prados, nos doentes de amor!...

É por isso que se acredita que tocando ou roçando três vezes pela cara da mulher desejada uma dessas tão preciosas e raras folhinhas, colhida *sem má tenção* ⁽³⁾ na madrugada maravilhosa do santo baptista, e dizendo sempre

Todo o trevo tem virtude
Na manhã de S. João,

é certo, é *infalível*, o ela vir render-se aos nossos galanteios. Ou então, pôsto sôbre a ara do altar onde se vai dizer missa, fazer casar cedo a pessoa que isso fizer e pedir para que tal suceda, entre o erguer da sagrada Hóstia e do Cálice.

Os namorados ofertam-no, ou trocam-no, se ambos o conseguem, o que é difícil, como anomalia botânica que é.

(1) «Les amulettes se formaient de quelques plantes, de quelque dessin figurés sur l'ivoire, le bois, les métaux ou les pierres précieuses». *Des erreurs et des préjugés*, J. B. Salgues. Vol. II, pág. 412. Paris, 1818.

(2) Luís Chaves, *O amor português*, pág. 50. O falar em amuleto de amor, sugere-me os antigos específicos gregos, de singulares propriedades, que visavam o mesmo. Eram êles, o coração de andorinha, que Plínio nos indica na sua *História Natural*; os miolos de grou, apontados por Eleano nas *Particularidades dos Animais*; os ossos de siba e carne de rémora, citados por Aristóteles na *História dos Animais*, etc.

(3) Usada com *má tenção*, traz a excomunhão (V. cit. *Livro de S. Cypriano*, pág. 122).

E da sua raridade, bem nos diz a cantiga:

Um trevo de quatro fôlhas
É muito raro encontrar;
Eu dei um ao meu amor
P'ra felicidade lhe dar.

(Gaia).

Há também a nota romântica do desiludido que já descrê da virtude do trevo e que o folclore nos mostra:

O trevo das quatro fôlhas
Quem no acha tem fortuna;
Eu já fui quem no achei
Inda não tive nenhuma.

(S. Simão de Novais) ⁽¹⁾.

ou

O trevo das quatro fôlhas
Quem o achar tem fortuna;
Eu fui o que o achei,
Fortuna não tive nenhuma.

(Douro) ⁽²⁾.

O solteiro que o encontre na madrugada de vinte e quatro de Junho, do santo pagão por excelência, já sabe que tudo lhe corre para casar êsse ano ⁽³⁾.

Mas mesmo fora dêsse dia, é prenúncio amoroso; e conforme o dia da semana em que foi encontrado ⁽⁴⁾, assim se lhe indica a qualidade dêsse amor que se anuncia. Se fôr encontrado a um sábadô é sinal de amor de solteiro ⁽⁵⁾, se a um domingo, amor de viúvo.

(1) Fernando de Castro Pires de Lima, *Cancioneiro de S. Simão de Novais*, n.º 80.

(2) A. Tomaz Pires, *Cantos Populares Portugueses*, vol. I, pág. 161, n.º 927.

(3) Felix Alves Pereira, «Lusa», vol. I, pág. 65, § 41.

(4) Gaia.

(5) Isto recorda os *Versos dos dias da semana*, insertos no volume XVIII,

Confia-se no trevo para o alívio e sossêgo das paixões e amores infelizes:

À sombra da malva roixa
Amores me puz a chorar;
P'ra que o trevo me dê
Alívios do seu pensar.

(Póvoa de Midões).

Portador de felicidade, o trevo de quatro fôlhas não é já sômente ao natural que tem efeito. Reproduz-se-lhe a forma, e assim se encontra em medalhas esmaltadas ao pescoço gracil das raparigas portuguesas; nas voltas de oiro das crianças; em anéis; marcando inconfundivelmente o papel de carta dos conversados

pág. 285, da «Revista Lusitana» (1915), recolhidos por Fernando Braga Barreiros. São êles:

Segunda feira te amo
Na terça te quero bem,
Na quarta por ti suspiro,
Na quinta direi por quem,
Na sexta por ti morro,
No sábadô por ti meu bem,
No domingo vou à missa,
Para ver quem me quiere bem.

Provocada por estes versos, certamente, no *Cancioneiro de S. Simão de Novais*, já citado, sob n.º 823, encontra-se a seguinte quadra:

Na quarta-feira te amo
Na quinta te quero bem,
Na sexta digo que morro
Sábado digo por quem.

Ou esta, recolhida nas *Mil Trovas*, de Alberto de Oliveira e Agostinho de Campos (Lisboa, 1903) sob o n.º DCXLIII:

Segunda-feira te amo
Na terça te quero bem
Na quarta por ti espero
Na quinta por mais ninguém.

de aldeia; em lenços de bordados vistosos que se vendem nas tendas ambulantes dos arraiais; já por lá se canta:

Bordei um lencinho branco
Com flor de trevo escariate;
Hei-de o dar ao meu amor
Dentro do meu açafate.

(Viseu).

Pelas atribuições especiais e quási exclusivas que ainda hoje o trevo representa, pelo seu hectairismo, não custa a crer que nêle se envolvam ainda restos dalguma lembrança do velho e primitivo culto fálico. A sua forma em cruz, os foliolos talhados em coração, o atribuir-se-lhe o ser *erva de virtude* — como dizia a cantiga — as tradições deixadas atrás, de *tocar*, roçar, a mulher desejada, a propriedade fecundante que se lhe assinala na prática do costume que vou apontar ⁽¹⁾, faz-nos sem dúvida pensar nêse culto primário, que era, afinal, o culto da vida, como próprio símbolo do desconhecido.

Assim, se um indivíduo quere atrair a produção dum campo vizinho para o seu, que produz pouco, pega num trevo de quatro fôlhas e na manhã de S. João, montado num cambão ⁽²⁾, dá uma volta ao referido campo, dizendo:

Aqui vou neste cambão
Na noite de S. João,
P'ra trazer atrás de mim
Pipas de vinho e carros de pão.

Esta prática é referida por Teófilo Braga ⁽³⁾, que acrescenta a isto, o uso da pessoa que vai no cambão, bater com um man-

(1) Informação amável do meu ilustre amigo o etnógrafo e arqueólogo sr. José de Pinho.

(2) Pau que serve para atrelar uma segunda junta de bois a um carro.

(3) *O Povo Português, etc.*, vol. 1, pág. 140.

gual nas medas de centeio do vizinho. Também Leite de Vasconcelos a cita (1), mas sem nela figurar o trevo (2).

*

* *

Com três ou quatro folíolos, é o trevo um motivo ornamental e decorativo grandemente difundido, mesmo já fora do campo puramente popular, e que vem de recuadas eras. Aparece nas rosáceas vazadas dos tímpanos, nos capitéis, no lavor dos pórticos — especialmente nos séculos XV e XVI; em iluminuras; a dar forma a matrizes sigilares (3); a filigranar papéis dos séculos XVI e XVII (4); a marcar os barcos de pesca; na arte popular da insculptura pastoril (5) das *cornas* e ganchos de meia; nos lenços bordados já referidos; em medalhas; nas cambolhadas de amuletos, em prata (6), que se vendem nas feiras e romarias; a relevar o meio rial grosso de Afonso V, os *pintos* ou cruzados novos, além de outras moedas; nos *sinais públicos* notariais, de há séculos (7); a rematar os braços da cruz trevada, trilobada ou de S. Lázaro; a honrar as armas dos Chermont — com três fôlhas de trevo em chefe; nas próprias cartas de jogar, em que páus é o trevo — *trèfle* dos franceses — evocando a arrogância e a insolência do

(1) *Tradições populares de Portugal*, pág. 234.

(2) *Estudo etnográfico a propósito da ornamentação das cangas e jugos dos bois no Minho e Douro*. Pôrto, 1881.

(3) J. B. Ribeiro, *Dissertações chronologicas*, vol. I, Diss. 3.ª, e D. Antonio Caetano de Sousa, *Historia Genealogica da Casa Real Portuguesa*, t. IV.

(4) Arnaldo Faria de Ataíde e Melo, *O papel como elemento de identificação*. Lisboa, 1926, fig. 48, n.ºs 101, 113, 114, 115, 117 e 126.

(5) Luís Chaves, *Op. cit.*, pág. 51.

(6) Feira Franca, de Viseu; Feira mensal, de Midões; Romaria do Senhor de Matosinhos, do Pôrto, etc.

(7) Nos livros do Arquivo da Câmara Municipal do Pôrto, por exemplo.

valete dêsse naipe; a assinalar ferraduras de cavalos, para deixarem pista ao tresmalhar (1); na indumentária militar, etc., etc.

*

* *

Afinal, tôdas estas tradições que se enredam no trevo, são nitidamente pagãs. Rescendem à natureza, à vida simples e impulsiva dos campos, cheia de verdade. É, portanto, de notar, que só uma referência encontro, em que, directamente, a tradição cristã o visa, vinda do religioso espírito do povo que a conserva em seus tombos de lembranças.

Diz-se na Beira Alta, que as manchas avermelhadas das fôlhas do trevo, fôram produzidas pelo sangue que manava dos sagrados pés do Redentor.

Para a gente daquela província — do coração de Portugal — Cristo, ao andar a sofrer a sua cruz pelo mundo, passou, *positivamente*, pelo seu torrão, a caminho do Calvário!... Se essa boa e humilde gente, o vê todos os anos, em tôdas as romarias, nos vários passos da sua paixão, no seu sofrimento e martírio de resgate e perdão, se a Êle recorre em todos os seus pezares e em tôdas as suas alegrias..., como é que Êle não havia de ter passado por ali!...

*

* *

O trevo, na sua singeleza natural, que a fôrça da tradição enobreceu, já está prêso, no seu aroma fresco e de sensações misteriosas, em pequeninos frascos de cristal, tão valiosos como jóias, que a mercância explora (2). Não é bem o seu pró-

(1) Costume australiano.

(2) É o *trèfle incarnat*. Vem a propósito recordar uns vasilhos de barro com *pés de trevo*... de quatro fôlhas!...

prio aroma, na sua fragrância selvagem e livre; é um perfume artificial, mas voluptuoso e mole. No campo, o aroma do trevo pode acordar instintos irresistíveis, mas humanos; na cidade, conservado em vidros lapidados, desperta desejos e vícios. É a influência do meio: vem da verdade para a mentira.

Quem uma vez tenha aspirado os campos de trevo florido, numa dessas madrugadas de Junho, sente a alma invadir-se-lhe de uma disposição admiravelmente grata para compreender as forças ocultas da natureza, estuante de seiva e de vida. É impressão que não se desfaz; apenas se dilui com o tempo. Ouvindo as quadras que o nosso povo canta pelas romarias e festivais, especialmente durante o mês de Junho, o mês pagão, e em que toma o tema 'do trevo, aviva-se essa grata lembrança o preciso para não esquecer mais.

Essas cantigas, selvagens como o trevo que as motiva, como êle modestas de origem, e sinceras na sua fisionomia própria, são o seu formoso cancionero.

Muitas elas são, certamente; tantas que não terão conta. Porém, só estas adreguei de topar, a mais as que atrás ficaram engalanando estas linhas desgeitosas:

Ó trevo das quatro fôlhas,
Ó trevo da má ventura;
Eu amar, eu bem te amava,
Se a fome fôsse fartura...

(S. Simão de Novais) (1).

O trevo diz que é trigo,
O trigo diz que é trevo;
O trevo diz que se atreve
A travar amores comigo

(Póvoa de Midões).

Flor do trevo se é branquinha
Cabe tôda num dedal;
Assim tu me queiras bem,
Também te não quero mal.

(Viseu).

Fui ao trevo colher trevo
Achei o trevo colhido;
E, ó trevo, não me atrevo,
A tomar amores contigo.

(S. Simão de Novais) (2).

(1) Pires de Lima, *Op. cit.*

(2) *Op. cit.*, n.º 282.

Fui ao trevo colher trevo,
Achei o trevo colhido;
Inda que eu queira não posso
Tomar amores contigo.

(*Idem*) (2).

Entre o trevo nasce o trevo,
Entre o trevo nasce a salsa;
Mais vale uma feia firme
Do que uma bonita falsa (3).

(Viana do Castelo).

Semei trevo na areia,
Nasceu-me milho miudo;
Quem semeia sempre apanha,
É bom semear de tudo.

(Póvoa de Midões) (4).

O sol logo ao nascer,
Um beijo no trevo dá;
Bem podes tu nisso ver
Como os meus beijos não há.

(Gaia).

Não me atrevo, disse o trevo,
A nascer por entre o trigo.
Eu, sem ser trevo me atrevo,
A trazer amores contigo (1).

Semei trevo no mar
Só me nasceu uma geira;
Quando nasceram os homens
Nasceu fraca sementeira.

(S. Simão de Novais) (4).

Entre o trevo me atrevo,
Entre o trevo florido;
Entre o trevo me atrevo,
A tomar amores contigo.

(Amarante).

Já lá vai o S. João,
Agora vem o S. Pedro;
Alegrai-vos raparigas
Vamos colher a folha ao trevo.

(*Idem*).

Pego num lápis e escrevo,
Uns versinhos para ti;
Há no campo um cheiro a trevo,
Que m'encanta e prende aqui.

(Viseu).

Entre o trevo nasce o trevo
Entre o trevo nascem flores;
Entre o trevo bem me atrevo
Contigo a tomar amores (5).

(1) *Mil trovas*, já citadas; n.º LXXXIV.

(2) *Id.*, n.º 708.

(3) Afonso do Paço, *Cancioneiro de Viana do Castelo*. Braga, 1928, n.º 369.

(4) *Op. cit.*, n.º 464.

(5) *Op. cit.*

(6) D. Maria Angelina Furtado de Mendonça, *Cantigas populares*, «Revista Lusitana», vol. XVI.

Apanhar o trevo,
O trevo ao luar;
Apanhar o trevo
Meu amor até casar.

(Póvoa de Midões).

Entre o trevo nasce o trevo,
Entre o trevo florido;
Não sou trevo que me atreva
A tomar amores contigo.

(Vila Real) (1).

Entre o trevo nasce o trevo,
Entre o trevo florido;
Eu não sou trevo e me atrevo
A tomar amores contigo (2).

O trevo diz que se atreve
A prender quem 'stá ausente;
Eu, sem ser trevo, me atrevo
A prender-te para sempre (3).

(idem).

(1) Augusto C. Pires de Lima, *Cancioneiro de Vila Real*, pág. 80, n.º 342. Porto, 1928.

(2) «Revista Lusitana», vol. IX, pág. 257.

(3) *Cancioneiro de Viana do Castelo*, pág. 179, n.º 877.

VÁRIA

O índice auricular nos Portugueses

Diz o sr. prof. Mendes Corrêa numa das suas obras que o índice auricular parece um elemento antropológico significativo, facto estabelecido ou confirmado por diversos autores que cita, entre os quais Schwalbe, Topinard, Poutrin, etc. (1).

Sôbre registos do antropologista português Fonseca Cardoso, aquele ilustre cientista calculou o índice auricular em 250 portugueses das províncias do Norte, para o qual obteve o valor de 55.1. Possuindo eu observações sôbre o mesmo índice em 1.250 portugueses de tôdas as províncias de Portugal (650 ♂ — 600 ♀), acho interessante apresentar a esta Sociedade os resultados que obtive no estudo desse elemento antropológico.

Eis o seu número distribuído por Províncias:

	♂	♀
Pôrto	80	68
Distrito	103	83
Trás-os-Montes	128	110
Minho	151	109
Beira-Alta	81	92
Beira-Baixa	23	23
Beira-Litoral	57	84
Estremadura	23	28
Alentejo	4	2
Algarve	-	1
Total	650	600

(1) Mendes Corrêa, *Homo*. Coimbra, 1926.

As idades dos indivíduos observados eram superiores a 20 anos; desta idade uma minoria insignificante foi estudada; as condições sociais dos mesmos eram as mais variadas (1).

Eis os resultados obtidos:

♂	♀
M = 58.43 ± 0.128	56.31 ± 0.067
σ = 4.9 ± 0.087	4.7 ± 0.067
Mediana = 60	60
Classe mais frequente = 59	56
Máxima = 77	76
Mínima = 42.	44

Se compararmos estes resultados com os que apresentou o prof. M. Corrêa, verificamos ser o índice dos Portugueses em geral superior ao dos Nortenhos do País, que é, como se viu, 55.1. Se procurarmos o índice auricular nos primeiros, fundindo as duas séries, masculina e feminina, obtem-se o valor 57.37, ainda superior ao encontrado por aquele antropologista.

Segundo o quadro que apresenta, parece que o índice auricular aumenta quando se passa de populações europeias para as africanas. Poderá apelar-se de regressão ou primitivismo o facto de aparecer um mais alto índice nos Portugueses em geral do que nos Nortenhos? Não o revelam tanto estes últimos, de índice auricular mais baixo. Se examinarmos a seriação organizada por R. Martin, vemos que, duma maneira geral, os povos europeus acusam índices que vão de 53.5 (*grandes Russos*), Worobiew, a 57.5 (*Romenos*), Pittard, enquanto que outras populações menos progressivas os revelam mais altos, desde os *Kalmuks* (57.7) Koroliow aos *Melanésios* (59.5) Topinard, *Pigmeus* (66.2) Czekanowski, e *Negros* (61.2 e 62.5) Topinard e Karutz.

Os Portugueses, quanto ao seu índice auricular, estão incluídos, portanto, no limite entre os europeus e extra-europeus (africanos, australianos, etc.). Porém, os Nortenhos de Portugal afastam-se mais destes. É curioso notar que o índice auricular dos *minhotos* do distrito de Braga (Braga, Guimarães e Fafe) por mim encontrado, é igual a 58.45 ♂ e 56.81 ♀, valores idênticos aos obtidos em Portugueses de tôdas as províncias (2); mas numa outra

(1) Agradeço reconhecido ao sr. Antero Fernandes, funcionário do Arquivo de Identificação do Pôrto, onde foram examinados os referidos indivíduos, o auxílio prestado nas mensurações respectivas.

(2) Luiz de Pina, *Contribuição para a antropologia dos povos bracarense*. Em publicação na «Revista de Guimarães».

série de 550 homens e 215 mulheres criminosos portugueses que observei na cadeia civil do Pôrto, na das Monicas de Lisboa e na Penitenciária desta mesma cidade, obtive o valor de 55.85 no sexo feminino e 55.27 no sexo masculino (1).

Que significará este facto? Devo esclarecer que grande parte dos referidos criminosos pertence ao centro e sul do País. Influências regionais?

A identificação do valor do índice auricular dos Nortenhos estudados por Mendes Corrêa e dos delinquentes que examinei não merece interpretação, pois me parece eventual, atendendo a que os Nortenhos por mim observados revelam um índice muito superior.

Esperemos novos subsídios respeitantes a cada uma das províncias portuguesas, pois entendo ser cedo para formular conclusões.

LUIZ DE PINA.

O índice cefálico nos Trasmontanos

Tendo colhido bastantes observações sobre os diâmetros ântero-posterior e transversos máximos da cabeça de 240 portugueses oriundos de diversas localidades da Província de Trás-os-Montes (125 homens — 115 mulheres), mensurados no Arquivo de Identificação do Pôrto, tenho a honra de apresentar os resultados obtidos no cálculo do índice cefálico respectivo.

Até agora, o número de Trasmontanos observados era de 134: 107 pelo dr. José Branco, em Vila-Realenses (2), 27 pelo dr. Santos Júnior em indivíduos de S. Pedro (Mogadouro) (3).

Os resultados que obtive foram os seguintes:

125 homens	115 mulheres
M = 75.19 ± 0.134	75.43 ± 1.349
σ = 2.8 ± 0.067	2.8 ± 0.674
Mediana = 76	75
Classe mais frequente = 73	77
Máxima = 83	82
Mínima = 69.	69

(1) Luiz de Pina, *A orelha nos criminosos portugueses* (índice auricular) Em publicação no 3.º fascículo do «Arq. da Rep. de Antr. Crim. do Pôrto».

(2) José Branco — Vide Mendes Corrêa, *Curso de Antropologia*. Trabalhos dos alunos, 1923. Pôrto.

(3) J. R. dos Santos Júnior, *Estudo antropológico e etnográfico da população de S. Pedro (Mogadouro)*. «Trab. da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia», vol. II, fasc. II, 1924. Pôrto.

A classificação do índice cefálico nos Trasmontanos estudados é esta:

Dolicocéfalos (até 76.9)	80.8 0/0	76.5 0/0
Mesaticéfalos (77 a 81.9).	17.6 0/0	23.4 0/0
Braquicéfalos (82 para cima).	1.6 0/0	0 0/0

Duma maneira geral, é idêntica à apresentada por aqueles dois investigadores.

Se ao número dos indivíduos que observaram juntar o referente àqueles que estudei, obtemos o total, já importante, de 347, cujo índice cefálico será, somando todos os valores encontrados pelos referidos autores e por mim, 74.66 (J. Branco=75.5; Santos Júnior=73.30). Diz o sr. prof. Mendes Corrêa que *é na Beira e Trás-os-Montes que a dolicocefalia é mais nítida* (1). Assim se verifica, atendendo a êste valor de 74.66 em 374 Trasmontanos; idêntico encontrei, contudo, nos indivíduos originários da cidade do Pôrto (2): 74.93.

Àquelas duas províncias há pois a juntar o núcleo populacional do Pôrto. O índice cefálico médio nos Portugueses é de 76.3 (Santana Marques (3) e Luiz de Pina) (4). Idêntico resultado apresentou em «La distribution de l'indice céphalique chez les Portugais selon les courbes binomiaux standardisées de Frassetto» (5).

A dolicocefalia dos Trasmontanos, Beirões e Portuenses (cidade) é pois, como se viu, mais acentuada do que nos Portugueses em geral; aqui se podem aplicar as palavras do sr. prof. Mendes Corrêa, ao referir-se a êsse facto: *no Minho e no Algarve há uma sub-dolicocefalia, resultante talvez duma impregnação mais intensa por elementos de crânios menos alongados* (6).

Ora essa possível impregnação de elementos étnicamente estranhos não se teria realizado tão marcadamente nos referidos indivíduos do Norte do país.

LUIZ DE PINA.

(1) Mendes Corrêa, *Curso d'Antropologia*, pág. 129. Pôrto. 1915.

(2) Luiz de Pina, *A acentuada dolicocefalia dos naturais da cidade do Pôrto*. Arquivo da Rep. de Antropologia Criminal e Identificação Civil do Pôrto. Fasc. 2.º Vol. 1, 1931; *O índice cefálico na população da cidade do Pôrto*. Comun. à Soc. Portuguesa de Antropologia e Etnologia, 21 de Janeiro 1931.

(3) Santana Marques. Vid. M. Corrêa. Op. cit.

(4) Luiz de Pina, *A acentuada dolicocefalia*, etc. Op. cit.

(5) Em publicação in «L'Anthropologie». Paris.

(6) Mendes Corrêa, *Antropologia*. Op. cit.

O abrigo pre-histórico de Valdejunco (Esperança)

Em fins de Setembro de 1931, como fecho duma proveitosa série de passeios arqueológicos em redor de Elvas (1), foram visitados pelo prof. Joaquim Fontes, RR. PP. Alphonse Luisier e Eugénio Jalhay, Engs. Lerenó Antunes e Alves Costa, Avelino Barradas e pelo sinatário os terraços do Caia em *Arronches*, onde o prof. Breuil descobriu em 1916 uma estação considerada cheleo-acheulense (2), e o abrigo sob rocha com pinturas pre-históricas de *Valdejunco*.

O abrigo de Valdejunco está situado num morro de quartzites ordovicianas do Monte dos Gaivões, entre a aldeia da Esperança e a fronteira, a NE de Arronches.

Com magnífica exposição a SO, apresenta-se como uma comprida fenda na parede quartzítica, visível bem de longe. A disjunção da rocha formou como que uma prateleira coberta, em declive, de pequena profundidade e altura variável (média 2 m.); no tecto, rebôrdo exterior e fundo da qual, isto é sensivelmente em três superfícies diferentes, se encontram dispersas pinturas esquemáticas a vermelho numa extensão aproximada de 10 m.

Foi D. Aurélio Cabrera o descobridor da estação, publicando o prof. Ed. Hernández-Pacheco em 1916 uma nota preliminar sobre as pinturas, acompanhada de dois desenhos e uma fotografia do abrigo (3).

Pouco depois estudou-as o ilustre investigador de arte rupestre prof. H. Breuil (4), não correspondendo no entanto em

(1) *Trabalhos*. v. 1931. p. 155.

(2) H. Breuil. *La station paléolithique ancienne d'Arronches* (Portalegre). «O Archeólogo Português». xxiv. Lisboa. 1920. p. 47; J. L. de Vasconcelos. *Objectos paleolíticos de Arronches remetidos ao Museu Etnológico pelo sr. P.º H. Breuil*. Id. p. 56; H. Obermaier. *El hombre fósil*. 2.ª ed. Madrid. 1925. p. 223; J. L. de Vasconcelos. «O Archeólogo Português». xxviii. Lisboa. 1929 (1932). p. 173.

(3) Ed. Hernández-Pacheco. *Pinturas prehistóricas y dólmenes de la región de Albuquerque* (Extremadura). «Bol. de la R. Soc. española de Hist. natural». xvi. 1916 e «Comisión de Investigaciones paleontológicas y prehistóricas». Nota n.º 8. Madrid. 1916. p. 7; Vergilio Correia. *Pinturas rupestres da Sr.ª da Esperança* (Arronches). «Terra Portuguesa». i. 1916. p. 185.

(4) H. Breuil. *La roche peinte de Valdejunco à la Esperança, près Arronches* (Portalegre). «Terra Portuguesa». ii. n.ºs 13-14. Lisboa. 1916. (1917). pp. 17-27 e 6 figs.; H. Breuil. *Les peintures rupestres de la Péninsule Ibérique*. «L'Anthropologie». xxx. 1920. p. 48. Ver reprod. ou crítica em: Mendes Corrêa. *Os povos primitivos da Lusitânia*. Pôrto. 1924. p. 182; Aarão de Lacerda. *O fenómeno reli-*

conjunto aos seus desenhos («panneaux»), notando-se, mesmo isoladamente, bastantes divergências que justificariam nova reprodução. Encontram-se todavia desenhadas tôdas as figuras, ainda que fora das posições relativas, podendo dar uma ideia aproximada do seu espaçamento e irregular distribuição um desenho de conjunto publicado pelo prof. H. Pacheco (Trab. cit. fig. 5).

Recentemente um ou mais indivíduos retocaram e pintaram novos sinais, deixando a tinta vermelha as marcas A C, e a data 19 VIII 31. Pelo interêsse do monumento necessário se torna salvaguardá-lo de novas depredações, não bastando a classificação de monumento nacional que bem cabida seria.

Relataram a tradição de terem aparecido perto dois bezerros de ouro, um homem tem mesmo por isso o apelido de «Bezerro de ouro»; e ainda agora parecem ligar as pinturas com a existência doutros bezerros de ouro, em cuja busca abriram várias covas.

Dentro do abrigo não se encontra camada arqueológica, mas no solo fronteiro, coberto de grandes pedras e um pouco abaixo do seu nível, não seria de admirar que excavações metódicas revelassem os instrumentos dos pintores de cenas de caça pre-histórica que se admiram nas paredes enegrecidas.

R. DE SERPA PINTO.

Etnografia arqueológica

I. ANTIGAS CONTAS EMPREGADAS COMO AMULETOS

No Museu Antropológico da Faculdade de Ciências do Pôrto recolhemos algumas contas avulsas, de tipo já registado em estações arqueológicas portuguesas, às quais, pelo seu aspecto especial (magia da substância) os antigos donos atribuíam grandes virtudes.

gioso e a simbólica. Pôrto. 1924. p. 231; H. Obermaier. *Albuquerque*. «Realexikon der Vorg.», I. Berlin. 1924. p. 96; *The Cambridge ancient history*. Vol. of plates. I. Cambridge. 1927. p. 17; R. de Serpa Pinto. *Petroglifos de Sabroso e a arte rupestre em Portugal*. Pubr. do Seminário de Estudos Galegos. A Cruña. 1929; J. L. de Vasconcelos. «O Archeologo Português». XXVIII. Lisboa. 1929 (1932). p. 173.

A superstição popular conservou assim, entre outras, belas contas de vidro policromo, tornando-se uma inesperada auxiliar da tão desajudada arqueologia nacional.

Segundo cremos é esta a primeira vez que entre os amuletos portugueses se registam contas desta natureza, o que nos anima a arquivá-las em ligeira nótula de etnografia arqueológica.

1) Conta de vidro policromo (azul, verde, vermelho e branco), disposto em camadas onduladas sobrepostas, como no exemplar seguinte.

Foi depositada no Museu pelo R. P. José Brenha, que a adquiriu a um guarda-fiscal, vindo do sul do país, cuja mulher a trazia ao pescoço como conta lactal.

Este tipo de contas policromas foi descrito por Estácio da Veiga (1), supondo-as trazidas do Norte de África para os conventos de Chelas e Marvila. Explicamos também o aparecimento doutra destas contas no Ribeiro de Valongo (Barroso) pela curiosidade que sempre exerceram as suas côres variegadas sobre as pessoas que, possivelmente, as encontraram em excavações fortuitas transportando-as para outros lugares. Em face destes casos achamos natural que o exemplar encontrado no Brasil, dentro duma urna funerária em Linha Grande (Rio Grande do Sul), tivesse sido levado pelos portugueses (2).

Estas contas, com outras oceladas, podem-se atribuir, com certa probabilidade, ao comércio cartaginês, com sobrevivências tão largas que chegam à actualidade ainda em uso.

Entre os amuletos de lactação figuram com frequência as contas: *conta de leite e leituário* (Alentejo), *leitão* (Suajo), *leitar* (Requião), *leitor* (adiante descrito n.º 3), *conta leiteira*, etc., que operam quer como galactágogos, quer como feitiços contra o quebranto (3).

(1) Estácio da Veiga. *Antiguidades mon. do Algarve*. IV, p. 264, est. XXXII.

(2) Childe, A. *Guia das colecções de archeologia classica*. Museu Nacional do Rio de Janeiro. 1919. V. análise *Trabalhos*, V, 1931. p. 106. Depois de composta esta nota lemos em «O Archeologo Português» XXVIII. Lisboa. 1929 (1932). p. 49 e fig. 41, num artigo do Dr. F. Alves Pereira, que estas contas parecem provir do antigo Egipto, e terão sido trazidas nas incursões dos piratas normandos (séc. IX-X) por via indirecta, tendo sido encontradas em S. Julião do Freixo (Ponte de Lima).

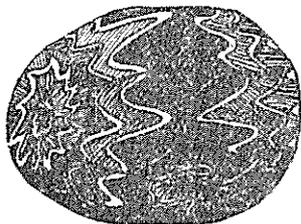
(3) Thomaz Pires, A. *Amuletos*. Portugalia. I. p. 618, e Estudos e notas elvenses. V. *Amuletos alentejanos*. Elvas. 1904. p. 17; Alves Pereira, F. *Revista Lusitana*. XXII, p. 24; Pires de Lima, A. C. *Tradições populares de Santo Tirso*. Pôrto. 1915. Sep. da Rev. Lus. XVIII. p. 17.

2) Conta policroma (V. fig.), semelhante à anterior, obtida pelo Eng. Dionísio Augusto Cunha na freguesia do Carregal, concelho de Cernancelhe. As cores do vidro eram designadas por *azeviche*, *leite* e *anil*, não tendo nome especial o vermelho.

Chamavam-lhe *quebranto*, e usava-a uma mulher ao pescoço contra os «ares» ou «quebrantos» dos seios. A prova da sua grande eficácia demonstrava-a por uma lasca que lhe falta, sinal de que o quebranto passara para a conta.

Pertence à categoria dos amuletos artificiais, que tem por fim fixar em si o mal, evitando que moleste o portador (1).

Nos amuletos em que se dá a neutralização pela matéria, figura em primeiro lugar desde tempos pre-históricos o azeviche (2),



Conta policroma «quebranto»,
de Cernancelhe. 1/4.

e, por isso, é natural que à camada azul-escura dessem este nome. Já S. Agostinho dizia em *De Civitate Dei* (cap. IX), que «o perfume do azeviche afugenta os demónios, e, trazido, desata e desfaz o quebranto...».

No nosso caso surge ainda a circunstância curiosa da designação *quebranto*, dada ao amuleto empregado contra o mesmo quebranto ou mau olhado (3). A mesma oposição aparece na designação da cura ou

antídoto (talhar e quebrar), de que temos um exemplo nesta quadra ouvida em Muge:

Minha sogra está doente,
Numa cama de flores.
Nossa Senhora a melhora.
Quebradas sejam as dores. etc.

Para completar o quadro de comparações sugerido pelo estudo de «amuletos que tem por fim fixarem em si o mal, evitando

(1) Leite de Vasconcelos, *J. Religiões da Lusitânia*. I. pp. 118 e 137; Id. *Amuletos populares portugueses*. Rev. da Soc. de Instr. do Porto. II. 1882. p. 395; Id. *Sur les amulettes populaires portugaises*. Lisboa. 1892.

(2) Leite de Vasconcelos. *Religiões*. I, p. 136.

(3) João Baptista de Castro. *Recreação Provetosa*. fol. 210, repr. Rev. Lus. XVII, p. 166; Coelho, A. *Quebranto*. Rev. Sc. Nat. e Soc. III. 1896. pp. 117 e 169; Leite de Vasconcelos, *A Figa*. Porto. 1925. p. 17; Lafaye, G. s. v. «fascinum». Daremberg et Saglio. *Dict. des antiquités*. II. Paris. 1896. p. 983; Kuhnert. s. v. «fascinum». Pauly-Wissowa *Real-Encyclopädie*. VI, 2009. Stuttgart. 1909; Cagnat. *Manuel d'archéologie romaine*. II. 1920. p. 189; etc.

que este incomode a pessoa» segundo o prof. Leite de Vasconcelos, citaremos alguns casos nacionais (1).

A fractura duma conta de azeviche, em Guimarães, era explicada «por efeito de má olhadura que nela caiu». Uma figa de S. Martinho de Bougado «estalou em dois pedaços, por ter recebido mau olhado». Na verónica de pedras, usada no Alentejo, «é crença que o espírito malévolu, pretendendo atacar a criança, fixa-se numa das pedras, e esta, partindo-se, *talha* o mal», etc.

Em Guimarães as mulheres que amamentam os filhos devem trazer consigo azeviche por causa das dadas (abcessos), que em S. Tirso são talhadas de diversos modos (2).

3) Conta branca, opalescente, de forma esférica (diâmetro 17 mm.) e da mesma proveniência da anterior. Tinha a virtude de evitar a falta de leite, havendo talvez uma superstição por analogia com a natureza do vidro, e por isso era chamada *leitor*. Um outro caso de superstição por analogia dá-se com a «conta do leite e estanca sangue», de Valpaços, que goza destas atribuições por ter metade branca e a outra vermelha (3), etc.

Colocada ao pescoço das crianças, com um bentinho de sal — o sal *quebra os quebrantos* — evita que elas adquiram os vícios do leite da mulher que as amamenta, impedindo que fiquem «augadas».

4) Pequena conta globular, de vidro esverdeado (diâmetro 12 mm.), obtida com as duas anteriores no Carregal, pelo Engenheiro Dionísio Cunha, que muito obsequiosamente as ofereceu ao Instituto de Antropologia. Tem uma falha, presumivelmente de fabrico, não sabendo a sua possuidora se era *relicário*. Encontram-se superstições idênticas em França, onde os rosários dos Santos «patenôtre de catare», guardados pelos bretões, são tidos em grande veneração e vendidos com repugnância (4).

Tanto as contas como as informações foram obtidas com dificuldade pelo nosso presado colega, e certos costumes perderam a sua primitiva significação, praticando-se hoje mais por hábito e tradição.

(1) L. de Vasconcelos. *Religiões*. I. p. 137. nota 2; Pires de Lima, A. C. *Tradições* cit.; Thomaz Pires. *Amuletos* cit.

(2) Leite de Vasconcelos. *Ensaio ethnographicos*. II. Espozende. 1903. p. 97; Pires de Lima, A. C. *Tradições* cit., etc.

(3) Vitorino, P. e Saavedra, A. *Catálogo da Exposição retrospectiva de Medicina*. Porto. 1925. p. 40. n. 119.

(4) Sébillot, P. *Le folk-lore de la France*. IV. Paris. 1907. p. 76.

Nesta singela nótula, se não registamos factos absolutamente inéditos para o estudo das superstições portuguesas, apontamos, para quem melhor saiba tratar o assunto, algumas observações etnográficas colhidas sobre peças arqueológicas perdurando ainda como amuletos.

R. S. P.

Pôrto, Fevereiro, 1932.

Cemitério bárbaro de Esmoriz

Nos primeiros dias de julho de 1931 os jornais do Pôrto noticiaram o aparecimento no pinhal do *Chão do Grilo*, em Esmoriz, dum cemitério «que em tempos muito remotos ali houve». Nas visitas ao local, situado à beira do caminho que segue para Paramos, quasi no cruzamento da estrada da Estação de Esmoriz ao Picoto, verificamos tratar-se duma necrópole de inumação da época bárbara. Compunha-se de 24 sepulturas abertas numa saibreira, a pequena fundura, que foram destruídas com a exploração (1).

As inumações eram muito pobres, não se tendo encontrado um único fragmento de vaso cerâmico ou qualquer adorno metálico. Apenas numa foram recolhidos poucos restos ósseos, e, em outras, alguns tijolos e telhas de canal e rebôrdo. As *tegulae* apresentam sulcos digitais ondulados, como as de necrópoles possivelmente cristãs de S. Tomé de Vade e Arcos de Valdevez (2) e da clássica necrópole romano-cristã de Tarragona (3).

Os caixões estavam muito juntos e orientados sensivelmente na direcção este-oeste, com as cabeceiras a poente (como no cemitério bárbaro de Alcoutão). O formato era em geral trapezoidal e excepcionalmente rectangular, com as paredes e lajes de capeamento de micaxisto local. Algumas cabeceiras eram formadas por tijolos, e, na sepultura n.º 23, o fundo estava forrado com tegulas invertidas e justapostas.

(1) Devemos muitas informações ao Rev. Ab. de Esmoriz P. António André de Lima. Em *O Archeologo Português* sairá notícia mais detalhada.

(2) *Trabalhos*. IV. p. 180.

(3) Vilaró, I. Serra. *Excavaciones en la necrópolis romano-cristiana de Tarragona*. Junta Superior de Excavaciones y Antigüedades. Mem. n.º 93. Madrid. 1928. Observação efectuada em 1929, por ocasião do IV Congresso Internacional de Arqueologia.

As sepulturas trapezoidais são do tipo reconhecido nos cemitérios bárbaros de Abujarda e Alcoutão (Cascais), Alvaizere, Germinade, Mertola, Valdevez, Viana do Alentejo (1), etc. Por estas razões, ainda que faltem dados positivos e necessários para uma classificação rigorosa, não deve errar muito a atribuição dos enterramentos à avançada época bárbara (sécs. VI-VIII?).

Na vizinhança fica o lugar de Gundezeno, topónimo germânico relacionado com probabilidade com um *Gundesindo* que figura num doc. do mosteiro de Pedroso, de 897, como doador de Esmoriz (outro topónimo bárbaro) ao mosteiro de Lavra (2). Quem sabe se ali se deve procurar o povoado a que pertencia a necrópole.

R. S. P.

Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina do Pôrto

Continuando o seu labor, bem conhecido e apreciado em Portugal e no estrangeiro, o Instituto de Anatomia tem em distribuição os seguintes trabalhos:

— Comunicações apresentadas à «Société Anatomique de Paris»:

J. A. PIRES DE LIMA, *Tumeur congénitale de la région frontale*.

IDEM, *Plis surnuméraires de flexion aux doigts*.

LINO RODRIGUES & MELO ADRIÃO, *Sur quelques variations congénitales du foie*.

LUIS DE PINA, *Observations sur l'insertion inférieure du muscle sartorius chez les Portugais*.

IDEM, *Les faisceaux épineux du muscle grand complexus*.

IDEM, *Contribution à l'étude des os sesamoïdes*.

IDEM, *Sur un cas de tendon musculaire traversé par un nerf*.

ÁLVARO RODRIGUES & SOUSA PEREIRA, *Sur les gros troncs lymphatiques de la base du cou*.

(1) Paula e Oliveira. *Antiquités des environs de Cascaes*. Comunicações da Com. dos Trab. Geol. II. p. 82; *O Arch. Port.* x, p. 18 e XI, p. 325; Girão, A. A. *O Arch. Port.* XXVI, pp. 249 e 356; Alves Pereira, F. *O Arch. Port.* x, p. 16, etc.

(2) Cortesão. *Onomástico medieval*. *O Arch. Port.* XI, p. 111.

ROBERTO CARVALHO, ÁLVARO RODRIGUES & SOUSA PEREIRA, *La mise en évidence par la radiographie du système lymphatique chez le vivant.*

LUÍS DE PINA, *A propos d'un nouveau cas de musculus sternalis chez un monstre éxencéphalien.*

LINO RODRIGUES & MELO ADRIÃO, *Anomalies des voies biliaires.*

— Comunicações apresentadas ao Congresso dos Anatomistas em Amesterdão:

SOUSA PEREIRA, *Sur les rapports des nerfs splanchniques avec les piliers du diaphragme chez l'Homme.*

ÁLVARO RODRIGUES, *Le descendens cervicalis chez l'Homme et chez les Mammifères* (quelques notes sur son évolution phylogénique).

— Artigos publicados na «Folia Anatomica Universitatis Conimbrigensis»:

LINO RODRIGUES & MELO ADRIÃO, *Variation de la veine jugulaire interne. Absence de jugulaire externe. Rameau nerveux traversant une veine.*

ÁLVARO RODRIGUES, *Nouveau procédé de montage des nerfs.*

J. A. PIRES DE LIMA & AMÂNDIO TAVARES, *Deux cas de pseudo-hermaphrodisme masculin.*

AMÂNDIO TAVARES, *Sur les formations interpariétales du crâne humain.*

— Comunicação à Sociedade de Biologia:

HERNANI MONTEIRO, ÁLVARO RODRIGUES, SOUSA PEREIRA & ERNESTO MORAIS, *Variations du taux leucocytaire après section du vague et du sympathique chez le Chien.*

— Estudos insertos no «Arquivo de Anatomia e Antropologia» de Lisboa:

LUÍS DE PINA, *Observações sobre a morfologia da orelha nos Portugueses.*

IDEM, *Materiais para a Antropologia de Moçambique.*

ÁLVARO RODRIGUES & SOUSA PEREIRA, *Disposições morfológicas dos colectores linfáticos da base do pescoço.*

HERNANI MONTEIRO, ÁLVARO RODRIGUES & SOUSA PEREIRA, *Os nervos esplanchnicos, frénico e descendente interno nos Portugueses.*

J. A. PIRES DE LIMA & CONSTÂNCIO MASCARENHAS, *Populações indígenas da Guiné Portuguesa.*

— Comunicações às Jornadas Médicas Gallegas (Vigo):

HERNANI MONTEIRO & ROBERTO CARVALHO, *Dentes no seio frontal (diagnóstico radiológico).*

HERNANI MONTEIRO, A. TAVARES & ÓSCAR RIBEIRO, *Um caso de teratoma cístico do ovário (diagnóstico radiológico).*

E ainda:

HERNANI MONTEIRO & ÁLVARO RODRIGUES, *Durch nervöse Zweige durchbohrte Venen.* «Anatomischer Anzeiger».

LINO RODRIGUES & MELO ADRIÃO, *Muscles surnuméraires de l'orbite.* «Bulletin de la Société Portugaise des Sciences Naturelles».

LUÍS DE PINA & J. RODRIGUES GOMES, *Observações antropométricas sobre a bacia na mulher Portuguesa.* «Portugal Médico».

FERNANDO PIRES DE LIMA, *Índice do buraco occipital nos Portugueses.* «Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia».

LUÍS DE PINA, *Subsídio para a história da Medicina Portuguesa do século XVII.*

IDEM, *O médico poeta dr. João Evangelista de Moraes Sarmento.* «O Tripeiro», n.ºs 2 e 3, 4.ª série, 1931. Pôrto.

HERNANI MONTEIRO, ÁLVARO RODRIGUES, SOUSA PEREIRA & ERNESTO MORAIS, *Simpaticectomia e leucocitose.* «Lisboa Médica», n.º 2, 1931.

J. A. PIRES DE LIMA, *Pigeons voyageurs syndactyles.* «Bulletin de la Société Portugaise des Sciences Naturelles», tome XI, 1930.

IDEM, *Truite à colonne vertébrale raccourcie.* «Bulletin de la Société Portugaise des Sciences Naturelles», tome XI, 1930.

* * *

O júri internacional da Exposição Internacional Colonial de Paris conferiu uma medalha de ouro ao Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina do Pôrto pelos trabalhos ali realizados acerca da antropologia das nossas colónias.

* * *

Como remate da homenagem prestada em 1927 pelo pessoal do Instituto de Anatomia ao seu director, prof. J. A. Pires de

Lima, foi entregue à Faculdade em Julho do ano findo a quantia de 5.000\$00, produto da venda de 200 exemplares da biografia daquele professor, expressamente escrita para esse fim pelo professor Hernani Monteiro; quantia que se destina à instituição dum prémio a conferir anualmente a um aluno da cadeira de Anatomia descritiva. A esse prémio foi dado o nome de Vicente José de Carvalho, criador do ensino anatómico na Escola do Pôrto.

Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências do Pôrto

O «Diário do Governo» publicou o seguinte relatório:

«Ex.^{mo} Sr. Director da Faculdade de Ciências do Pôrto. — Em cumprimento das disposições legais, devo informar V. Ex.^a de que no ano lectivo de 1930-1931 o Instituto de Investigação Científica de Antropologia prosseguiu nos seus trabalhos com uma actividade que não foi inferior à dos anos anteriores. Êle contribuiu para o Congresso Internacional de Antropologia realizado em Setembro em Portugal com as seguintes comunicações:

Do seu DIRECTOR, *L'art rupestre dans le nord-ouest de la Péninsule Ibérique.*

IDEM, *Sur quelques schémas de l'hérédité des groupes sanguins.*

IDEM, *Note sur le mobilier céramique des sépultures de l'âge du fer d'Alpiarça.*

IDEM (em colaboração com o DR. GONÇALVES DE AZEVEDO FILHO), *La tache bleue congénitale chez les nouveaux nés portugais.*

IDEM (em colaboração com o DR. ALFREDO ATAÍDE), *Contribuição para a Antropologia da Guiné Portuguesa.*

DR. ALFREDO ATAÍDE, *Un nouveau indice pour la diagnose sexuelle du crâne.*

IDEM, *Sur quelques ossements humaines préhistoriques de la grotte du Carvalhal.*

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR, *As serpentes gravadas do castro do Baldoeiro.*

IDEM (em colaboração com o prof. DR. BETTENCOURT FERREIRA), *Sobre o ofidismo em Portugal.*

RUI DE SERPA PINTO, *Cartas de Portugal pré-histórico.*

Notice sommaire sur l'Institut d'Anthropologie de la Faculté des Sciences do Porto.

Êstes trabalhos, excepto a última notícia distribuída impressa no Congresso, estão em via de publicação.

No mesmo período publicou o Instituto mais êstes estudos:

Do seu DIRECTOR, *Um caso invulgar de criminalidade infantil.* «Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia».

IDEM, *Descoberta paleo-antropológica no Transvaal.* (Idem).

IDEM, *Contribuição para a Antropologia da Idade do Ferro em Portugal.* (Idem).

IDEM, *A Nova Antropologia Criminal.* Um volume de 330 págs.

IDEM, *Nota sobre um crânio australiano.* «Anais da Faculdade de Ciências do Pôrto».

IDEM, *Os grupos sanguíneos na Genética.* (Idem).

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR, *Medicina popular transmontana.* «Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia».

IDEM, *Ruínas castrejas da Cigadonha.*

IDEM, *Pinturas megalíticas no concelho de Carraceda de Anciães.*

RUI DE SERPA PINTO, *Nótulas asturienses*, II. «Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia».

IDEM, *Petroglifos de Sabroso e a Arte rupestre em Portugal.* «Publicaciones do Seminário de Estudos Galegos».

IDEM, *Bibliografia do professor Mendes Corrêa.*

IDEM, *Nótulas ceramográficas*, I. «Arqueólogo Português».

IDEM, *Prehistória angolense*, I. «Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia».

IDEM, *Machados de bronze das margens do Ave.* (Idem).

IDEM, *Bibliografia do Asturiense.*

IDEM, *Fibulas do Museu Regional de Bragança.* «Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia».

Estão em via de publicação ainda os seguintes trabalhos:

Do DIRECTOR, *Vorgeschichtliche Wanderungen in der Iberischen Halbinsel.* «Forschungen und Fortschritte».

IDEM, *Ideas morais em criminosos e não criminosos.* «Arquivo da Repartição de Identificação e Antropologia Criminal do Pôrto».

IDEM, *L'étude du criminel en Portugal.* Conferência na Faculdade de Direito de Paris e no Palácio de Justiça de Bruxelas.

IDEM, *Les migrations préhistoriques et le témoignage de la Péninsule Ibérique.* Conferência nas Universidades de Toulouse, Grenoble, Lyon e Lille, na Escola de Antropologia de Paris e na Harnack-Haus do Instituto Imperador Guilherme, de Berlim.

IDEM, *La morphologie humaine et l'Art.* Conferência na Sorbonne, em Paris.

DR. ALFREDO ATAÍDE, *Um índice glabellar*. «Arquivo da Repartição de Identificação e Antropologia Criminal do Pôrto».

IDEM, *Sobre umas ossadas do mosteiro da Serra do Pilar*.

IDEM, *Correlação dos ângulos de torção*.

IDEM, *Considerações sobre técnica antropológica*.

IDEM (em colaboração com o DIRECTOR), *Sobre um esqueleto português do século XIII*.

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR, *Antropologia de Moncorvo*.

IDEM, *Observations anthropologiques sur les Juifs de Mogadouro*.

IDEM, *Sur quelques restes squelettiques de la grotte de Santo Adrião, Vimioso*.

IDEM, *Sobre a pedra de cobra ou pedra Bezoar*.

IDEM, *Sobre um caso de prepollex camptodáctilo esquerdo*.

IDEM, *O centro oleiro de Felgar*.

IDEM, *As olarias de Muge*.

IDEM, *As telhas do teu telhado*. Notas de etnografia.

IDEM, *O cuco nas tradições populares*.

RUI DE SERPA PINTO, *Nouvelles recherches sur le miolithique du Portugal*.

IDEM, *As fíbulas de Terroso*.

IDEM, *A cidade de Belinho*.

IDEM, *Sur le «tumbien» de l'Angola*.

IDEM, *Quelques remarques sur la taille du silex à Muge*.

O conservador-preparador do Instituto fêz a notável re-descoberta das pinturas prehistóricas do Cachão da Rapa, assinaladas no século XVIII por Contador d'Argote e que se supunham desaparecidas.

Estão em preparação vários trabalhos de investigação sobre Antropologia física, Prehistória e Etnografia.

As investigações mais importantes realizadas pelo Instituto ultimamente são as relativas aos concheiros prehistóricos de Muge, onde têm sido feitas várias descobertas. As escavações, realizadas com auxílio da Junta de Educação Nacional, foram visitadas em Outubro de 1930 por vários prehistoriadores estrangeiros e proseguirão enquanto houver meios materiais para tal.

O director do Instituto fêz em Abril e Maio, por incumbência da Junta de Educação Nacional, conferências nas Universidades de Toulouse, Grenoble, Lyon, Paris e Lille, na Escola de Antropologia de Paris, na Harnack-Haus da Sociedade Imperador Guilherme de Berlim, e no Palácio da Justiça de Bruxelas. Recebeu durante essa viagem múltiplas provas de deferência dos meios científicos respectivos, tendo visitado numerosos laboratórios, museus e institutos, tanto da especialidade como das ciências conexas.

Essa viagem será objecto de um relatório especial.

Saúde e Fraternidade.

Pôrto, 30 de Junho de 1931.—O Director do Instituto de Investigação Científica de Antropologia, *António Augusto Mendes Corrêa*.

Direcção Geral do Ensino Superior e das Belas Artes, 5 de Setembro de 1931.—Pelo Director Geral, *Ernesto Bezeza de Andrade*.

Repartição de Antropologia Criminal e Identificação Civil do Pôrto

Com muita satisfação registamos o aparecimento duma nova Revista, intitulada «Arquivo da Repartição de Antropologia Criminal, Psicologia Experimental e Identificação do Pôrto», sob a direcção do sr. prof. J. A. Pires de Lima e tendo como secretário da redacção o sr. dr. Luís de Pina.

Como é sabido, esta Repartição sucedeu ao antigo Pôsto antropométrico, criado pelo saudoso prof. Luís Viegas, antigo director do Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina do Pôrto e presidente da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia.

Já se encontram publicados e distribuídos dois fascículos da Revista, que tem sido muito bem acolhida em todos os meios da especialidade.

A lista dos trabalhos ali publicados é a seguinte:

Arquivo da Repartição de Antropologia Criminal, Psicologia Experimental e Identificação Civil do Pôrto, por J. A. PIRES DE LIMA, director da Repartição.

Os serviços de Antropologia Criminal e Identificação Civil no Pôrto, e Alguns aspectos da morfologia da orelha nos criminosos portugueses, por LUÍS DE PINA, chefe dos Serviços de Antropologia Criminal.

O índice cefálico relacionado com a criminalidade, por CARLOS LOPES, assistente de Medicina Legal na Faculdade de Medicina do Pôrto.

Contribuição para o estudo da destatuagem, por LUÍS DE PINA & CARLOS LOPES.

Estatística Criminal, por LUÍS DE PINA.

Vária.

Impressões digitais, por MANUEL VALADARES, director do Arquivo de Identificação de Lisboa.

As impressões digitais nos Portugueses, por CARLOS LOPES.

Observações sobre a implantação do pavilhão da orelha nos criminosos, por LUÍS DE PINA.

A dactiloscopia nos criminosos portugueses, por CARLOS LOPES.

Inquérito sobre as ideias morais em criminosos e não criminosos, por A. A. MENDES CORRÊA, director do Instituto de Antropologia da Universidade do Pôrto.

A propósito de raras disposições das cristas papilares digitais, por LUÍS DE PINA.

O diâmetro antero-posterior máximo do crânio é o triplo do diâmetro longitudinal auricular?, por CARLOS LOPES.

Distribuição do índice cefálico nos criminosos portugueses segundo as curvas binomiais estandarizadas de Frassetto, por LUÍS DE PINA.

Um índice da região glabellar, por ALFREDO ATHÁYDE, assistente de Antropologia na Faculdade de Ciências do Pôrto.

A distância bi-caruncular e a sua importância antropológica e teratológica, por J. A. PIRES DE LIMA & LUÍS DE PINA.

A acentuada dolicocefalia dos naturais da cidade do Pôrto, por LUÍS DE PINA.

Tatuagens, por LUÍS DE PINA.

Estatística Criminal, por LUÍS DE PINA.

Vária.

Esperamos que esta importante publicação, a que desejamos longa vida, continue a mostrar a actividade meritória da Repartição de Antropologia Criminal do Pôrto.

Arquivos do Instituto Médico-Legal e do Gabinete de Identificação

Começou a publicar-se no Rio de Janeiro, sob a direcção dos drs. Leonídio Ribeiro e Miguel Sales, directores respectivamente do Gabinete de Identificação e do Instituto Médico-Legal daquela cidade, uma revista com o título que encima esta notícia. Já temos presentes dois belos volumes, com importantes artigos originaes, conferências, cursos, noticias, etc., do maior interesse.

A apresentação dos «Arquivos» foi feita com a habitual elevação pelo ilustre professor de Medicina Pública da Universidade do Rio de Janeiro e notável escritor e académico, prof. Afrânio Peixoto.

O n.º 2 contém, entre outros excelentes trabalhos, um discurso do prof. Fernando de Magalhães sobre o aborto livre, que tinha sido defendido na Academia Brasileira de Medicina pelo dr. Portocarrero e combatido pelo dr. Tanner de Abreu. O professor Fernando de Magalhães manifesta-se também contra o aborto livre, «a menos que a sociedade não se queira dissolver, que não se queira corromper, que não queira desaparecer». Entende o prof. Fernando de Magalhães que «todo o filho é natural, toda a mãe é legítima, todo o pai é responsável».

Desejamos à nova revista tôdas as prosperidades.

M. C.

Pierre Paris

O falecimento do prof. Pierre Paris, director do Instituto Francês em Madrid e um dos principais organizadores do Instituto congénere há anos fundado em Portugal, consternou profundamente todos os que conheciam as qualidades pessoais do extinto e o seu labor científico de alto mérito. O seu livro *Essai sur l'art et l'industrie dans l'Espagne primitive* ficará como um dos trabalhos fundamentais na arqueologia peninsular.

Pierre Paris fêz ali desenvolvido estudo de documentos arqueológicos portugueses. Por este motivo e pelos seus esforços perseverantes e coroados de êxito no sentido dum estreito intercâmbio intelectual luso-francês, a Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia associou-se expressivamente às manifestações de pesar pela sua morte.

M. C.

ERRATA

No artigo «Herman ten Kate», publicado neste fascículo, saiu a pág. 196, linha 7, numa carta de ten Kate, a expressão «ma triste figure antediluvienne», quando está escrito na carta «une triste figure antediluvienne». Esta pequena correcção é indispensável, porque não faria sentido o comentário subsequente.

M. C.

REVISTA BIBLIOGRÁFICA

PROF. HERMAN LUNDBORG — *Die Rassenmischung beim Menschen*
— Repr. from «*Bibliographia Genetica*», VII, Haia, 1931.

É um belo volume de mais de 200 páginas em que o ilustre director do Instituto de Biologia das Raças, de Upsal, o prof. H. Lundborg, resume duma forma sistemática, clara e atraente o que se sabe hoje sobre os cruzamentos das raças humanas e sobre os problemas directamente relacionados com esse assunto. Pode dizer-se que o trabalho do prof. Lundborg é um manual perfeitamente actualizado de biologia racial. Uma sua versão do alemão em francês, italiano, espanhol ou português, seria aconselhada para uma divulgação maior nos países latinos.

O autor, que não se poupou a esforços para recolher todos os elementos de informação, utilizando uma vasta bibliografia, os informes directos de muitos investigadores, e os resultados das suas próprias investigações, começa por uma erudita exposição da história do assunto, em que não omite naturalmente o que se refere a cruzamentos no mundo animal e vegetal, matéria esta a que nos capítulos seguintes alude também com frequência, pelo seu evidente interesse elucidativo e comparado. Passa sucessivamente em revista os métodos de investigação e as ciências auxiliares da biologia das raças, as aquisições fundamentais sobre a hereditariedade e cruzamentos no homem e nos outros seres, a formação de novas raças, a intensificação ou empobrecimento das variações (*luxurieren* e *pauperieren*), as constituições, os factos de domesticação, a dissociação dos elementos misturados (*Entmischung*), os caracteres físicos nos cruzamentos, a importância da sorologia na Antropologia e na Genética, a capacidade de resistência dos mestiços às doenças, a prolificidade dos mestiços, os caracteres psíquicos nos cruzamentos, as relações entre as manifestações culturais e a pureza ou impureza das raças. O prof. Lundborg põe em evidência os perigos dos cruzamentos étnicos, que a história, diz, mostra terem sido factores de decadência.

As suas conclusões são no sentido de se não confinarem as investigações antropológicas em medidas antropométricas cuja

insuficiência é manifesta, mas em se estenderem essas investigações à biologia das famílias, à hereditariedade normal e patológica, ao campo da sorologia, etc. Na sua opinião todos os países civilizados deviam erigir institutos de biologia das raças, impondo-se particularmente a intensificação das investigações e das medidas de eugénica nas regiões povoadas por indivíduos originários de estirpes raciais muito diversas, como na América. Trata-se duma questão fundamental na política do povoamento e para o futuro da civilização.

Não podemos deixar de subscrever estas conclusões, devendo entretanto acentuar que nos parecem ainda mal definidas as relações entre os cruzamentos raciais e os factos culturais e sociais. Mas, precisamente por essa obscuridade, convém não se estacionar na realização do excelente programa de pesquisas que com tanta proficiência é formulado pelo ilustre professor de Upsal.

MENDES CORRÊA.

M. AUGIER — *Squelette céphalique (morphogenèse, morphologie, craniométrie)*.

Acaba de aparecer um fascículo da 4.^a edição do Tratado de Anatomia de Poirier, Charpy, Nicolas.

A obra agora dada à estampa insere principalmente uma extensa memória em que o dr. M. Augier actualiza o velho tratado, na parte que se refere aos ossos do crânio.

Por mais que uma vez tive o prazer de visitar no seu laboratório o inteligente e laborioso chefe dos trabalhos práticos de Anatomia da Faculdade de Medicina de Paris, quando êle elaborava a sua obra. Vi como êle manejava tantas dezenas de peças preparadas expressamente pelo método de Spaltenholz e como êle recorria constantemente a uma rica bibliografia em que os investigadores portugueses não eram esquecidos.

Era, pois, com ansiedade que esperava o aparecimento da nova edição da craniologia do tratado de Poirier. E vejo agora, com prazer, que o seu autor conseguiu elaborar uma obra que, no assunto, é a mais completa que existe em língua francesa e que, d'ora-avante, não pode ser dispensada nas bancas de trabalho de nenhum anatómico.

A observação metódica e o sagaz raciocínio do dr. Augier conseguiram emendar muitos erros que, por vezes, estavam con-

sagrados em trabalhos de cientistas de renome. Crítico justiceiro, se bem que benévolo, Augier rectifica muitas noções, de acôrdo com a sua longa e acurada observação.

A parte mais original e mais ampla do livro é a que se refere ao desenvolvimento dos ossos, assunto que é versado com grande largueza, de acôrdo com as observações dum material riquíssimo preparado pelo autor.

É também importante a parte que, a propósito de cada osso, se refere às suas variações, as quais são devidamente classificadas, conforme a sua origem.

O volume termina por um extenso capítulo, que se ocupa da antropologia e, sobretudo, da craniometria.

Esta obra, escrita com a clareza e rigor científico que se notavam nas primeiras edições do Tratado de Poirier, foi agora extraordinariamente ampliada, sendo os assuntos de que trata perfeitamente actualizados.

Nesta revista cumpre-me assinalar, com grande satisfação, que o dr. Augier registou na sua vasta bibliografia muitas memórias dos anatómicos e antropologistas portugueses Serrano, Costa Ferreira, Mendes Corrêa, J. A. Pires de Lima, Américo Pires de Lima, H. Monteiro, A. Tavares, Barros e Cunha e C. Mascarenhas.

J. A. PIRES DE LIMA.

E. LOTH — *Anthropologie des Parties molles (muscles, intestins, vaisseaux, nerfs périphériques)* — Varsóvia, 1931.

Dedicado a sua espôsa e colaboradora e com um prefácio do sábio prof. sr. Arthur Keith, de Londres, acaba finalmente de ser publicada a obra, já anunciada havia alguns anos, do prof. E. Loth, ilustre professor e devotado Director do Instituto de Anatomia de Varsóvia, sobre Antropologia das Partes moles.

Neste livro, aquele anatomista, — bem conhecido e apreciado no nosso meio — em cujo serviço o Assistente da Faculdade de Medicina do Pôrto, sr. dr. Luís de Pina, realizou um estágio, como bolseiro da Junta de Educação Nacional, e que colaborou conosco nos trabalhos do Congresso Internacional de Antropologia, em Portugal reunido em 1930, — aproveitando as suas próprias investigações, os trabalhos dos seus assistentes e colaboradores e as publicações numerosas, esparsas pelas revistas da especialidade, relatando investigações levadas a cabo por anatómicos de

todo o mundo, traçou, em conjunto, o estudo das partes não ósseas sob o ponto de vista antropológico.

É para nós, portugueses, grato registar que já em 1911 o ilustre anatómico lisbonense, prof. sr. Henrique de Vilhena, no seu livro sobre «Músculos subcutâneos do crânio no tipo português humilde», apresentara as directrizes que em sua opinião deviam seguir-se para futuros trabalhos de Anatomia humana que nos pudessem elucidar sobre diferenças étnicas e raciais e outras ordens ainda, o que viria dar um novo impulso aos estudos anatómicos.

O livro do prof. Loth representa uma obra de paciente investigação e laboriosa compilação e crítica, pelo que deve ser, como de facto tem sido, recebido com o maior agrado e aplauso por todos os anatomistas e antropologistas.

A secção que preenche quasi todo o volume refere-se a miologia, assunto que tem sobretudo merecido até hoje as atenções dos investigadores.

Sobre esplanchnologia, vasos e nervos, como o próprio autor nos diz, são ainda pequenas as contribuições da literatura da especialidade, para que seja lícito tirar delas conclusões de valor. Constituem, pois, ainda tentativas, aliás muito curiosas e dignas de ser continuadas.

Como refere Wingate Todd, no último fascículo do *Anatomical Record*, deve o leitor da magnífica obra do prof. E. Loth estar precavido contra alguns lapsos que escaparam naturalmente na revisão das provas, notando-se, com efeito, por vezes percentagens trocadas e elementos de estatística deslocados; lapsos que o autor facilmente corrigirá em nova edição do seu belo livro.

HERNANI MONTEIRO.

H. ROUVIÈRE — *Anatomie des lymphatiques de l'Homme* — 1 vol. de 490 págs., ilustrado com 129 figs. Paris, 1932. Masson & Co. éd.

Muitas vezes, as necessidades da clínica determinam investigações no campo das ciências puras, fazendo-as avançar consideravelmente. Foi o que aconteceu com o estudo dos linfáticos, cuja distribuição e trajecto tem uma tão alta importância na cancerologia.

A patologia e a terapêutica do cancro exigiram um trabalho vastíssimo de revisão da anatomia do sistema linfático.

Um dos centros mais notáveis de estudo da morfologia deste sistema é o Laboratório de Anatomia na Faculdade de Medicina de Paris, dirigido pelo eminente e querido professor Rouvière. Este ilustre anatómico, rodeado de discípulos que o procuravam de todos os recantos do mundo, realizou, durante sete anos, uma obra tenaz e persistente e vem agora dizer ao mundo científico como a complicada rede linfática se distribui por todos os territórios do organismo.

O livro de Rouvière não só é o fruto de um trabalho aturado do seu autor e dos seus numerosos discípulos, mas é ainda uma síntese de todas as investigações que se tem realizado sobre linfáticos em todos os laboratórios do mundo, desde o seiscentista Asélio. A imponente bibliografia compreende nada menos de 768 trabalhos.

Infelizmente foi diminuta a colaboração dos Portugueses no estudo dos linfáticos.

A anatomia, como é sabido, foi muito pouco cultivada no nosso País até aos fins do século XIX.

No Pôrto só começou a trabalhar-se em Anatomia em 1825, quando se criou a Régia Escola de Cirurgia. Três disseectores de mérito criaram um valioso museu. Foram os três primeiros professores portugueses de Anatomia: Vicente de Carvalho, Bernardo Pinto e Pereira da Fonseca. Este último publicou, em 1865, o catálogo do museu, que incluía três preparações de linfáticos, elaboradas, pelo método de Sappey, por aquele professor e pelo prof. Costa Leite, futuro Visconde de Oliveira.

Essas peças, como a maior parte das que compunham o primitivo museu, perderam-se, no período de cerca de meio século, em que os estudos anatómicos caíram em decadência no Pôrto.

O primeiro trabalho português sobre linfáticos foi a valiosa tese do prof. Maximino Correia, de Coimbra, acerca do canal torácico. Esse trabalho foi publicado em resumo nas «*Folia Anatomica Universitatis Conimbrigensis*» e é devidamente citado no livro do prof. Rouvière.

Verificando que, nos institutos de anatomia portugueses, se descurava o estudo dos linfáticos, a Junta de Educação Nacional mandou dois bolsiros seus trabalhar em tal assunto com o professor Rouvière. Foram os antigos assistentes do Instituto de Anatomia do Pôrto, drs. Álvaro Rodrigues e Sousa Pereira.

O anatómico parisiense encarregou-os de estudar os linfáticos da base do pescoço e incluí no seu livro o resultado das investigações dos autores portugueses.

J. A. P. L.

J. A. PIRES DE LIMA — *Pigeons voyageurs syndactyles* — In «Bulletin de la Société Portugaise des Sciences Naturelles», t. XI, 1930, págs. 81-82, 1 fig.; *Truite à colonne vertébrale raccourcie* — In id. id., págs. 47-48, 1 est. com 3 figs.; *Deux veaux monstrueux* — Sep. da «Folia Anatomica Universitatis Conimbrigenensis», vol. VI, Coimbra, 1931, 3 págs., 3 est. com 4 figs.; *Morfogénese e Teratogénese* — Extr. do «Arquivo da Repartição de Antropologia Criminal, Psicologia Experimental e Identificação Civil do Porto», vol. I, Pôrto, 1931, pág. 191-196; *A distancia bicaruncular e a sua importância antropológica e teratológica* — Extr. do id. id., vol. I, Pôrto, 1931, págs. 133-142.

O ilustre prof. dr. J. A. Pires de Lima, director do Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina do Pôrto, é sobejamente conhecido e apreciado pelos seus importantes trabalhos sobre o tão interessante capítulo da anatomia que é a teratologia. No primeiro dos estudos de que damos notícia, descreve o A. uma curiosa anomalia das patas dum casal de pombos correios, consistindo na presença duma membrana interdigital que ligava o terceiro e o quarto dedos de ambas as patas na pomba, só da pata direita no pombo.

Uma truta (*Salmo fario*) que figura no Museu do Instituto de Anatomia, tem uma morfologia anormal que bem se nota nas gravuras que ilustram o trabalho que sobre ela elaborou o professor Pires de Lima. Pela radiografia publicada ao lado das gravuras referidas, averiguou o A. que aquele curioso exemplar de truta devia a sua morfologia particular a quatro curvaturas anormais da coluna vertebral. Num excelente trabalho de P. D. Malloch, *Life-history and habits of the Salmon sea-trout, trout, and other freshwater fish*, London, 1912, veem publicadas a págs. 268 e 269 duas gravuras de trutas anómalas em tudo semelhantes à que o prof. Pires de Lima estudou.

O estudo *Deux veaux monstrueux* descreve um caso de notomelia ou seja a presença duma pata supranumerária, terminada por 5 unhas, e implantada no dorso duma vitela, e um caso raro de ectromelia torácica direita de que era portadora uma outra vitelinha, em que além da ausência do membro anterior direito, se registava a ausência do menor vestígio de cauda. O esqueleto da região lombo-sacrada e da região escapular desta última é ainda descrito pelo A.

A morfogénese e a teratogénese preocuparam desde sempre os homens de ciência. Desde o velho conceito que dava como

causa das anomalias e das monstruosidades a acção do diabo ou o castigo de Deus até aos modernos trabalhos de teratogénese experimental, várias teem sido as causas evocadas como agentes teratogénicos. Entre elas as perturbações das secreções internas, a que o A. se refere nas considerações gerais que faz de início, foram certamente as que maior número de partidários arregimentaram. No presente trabalho o sábio prof. dr. J. A. Pires de Lima menciona uma larga série de casos de sua observação pessoal, em que pôde averiguar a causa provável das anomalias ou monstruosidades em questão. Põe assim em destaque o valor teratogénico de certas doenças e conclui: «... é indubitável que a sífilis, a tuberculose e o alcoolismo exercem uma acção teratogénica bem nítida na espécie humana, ao menos na produção de anomalias nos membros».

Na última publicação, levada a efeito com a colaboração do sr. dr. Luís de Pina, faz-se, como o título o indica, o estudo da distância bicaruncular. São curiosas as considerações que sobre teratologia e monstruosidades respeitantes às dimensões do tractus inter-orbitário, se apresentou nas primeiras páginas. A 2.^a parte do trabalho consta de grande número de observações realizadas pelo sr. dr. Luís de Pina, não só no vivo como na caveira, em indivíduos normais, e em anormais e delinquentes, quer em portugueses quer em franceses e italianos. Estas últimas mensurações foram colhidas pelo sr. dr. Luís de Pina em Paris e Bolonha quando bolseiro da Junta de Educação Nacional naquelas duas cidades.

O total de número de casos estudados é de nada menos de 962, e mais um certo número de crânios de indígenas das colónias portuguesas, número que por lapso não vem referido.

Sobre tão larga série deduzem os A.A. várias conclusões: estabelecem a diferença entre o homem vivo e a caveira quanto às dimensões do diâmetro bicaruncular; dão para as raças inferiores e degeneradas um diâmetro biorbitário interno menor que o das outras raças; além doutras considerações sobre os valores obtidos para as séries de normais e delinquentes, concluem ainda que nenhum caso de hipertelorismo (diâm. biorb. int. = 5^{mm}) foi observado.

SANTOS JÚNIOR.

VITOR FONTES—Notas relativas ao tronco arterial braqu岸o-cefálico, artérias carótidas primitivas, tiroideias superior, inferior e de Neubauer, e algumas variações de origem de alguns ramos da crossa aórtica, no tipo português humilde—Sep. do «Arquivo de Anatomia e Antropologia». Vol. XIV, Lisboa, 1931.

Sobre observações do antigo assistente do Instituto de Anatomia de Lisboa, dr. Rita Martins, acaba o sr. dr. Vitor Fontes de publicar no «Arquivo de Anatomia e Antropologia», da direcção do illustre anatomista prof. sr. dr. Henrique de Vilhena, um extenso e bem documentado estudo acerca da disposição de certos vasos arteriais mais ou menos próximos da crossa da aorta. É, pois, este trabalho uma contribuição para a angiologia dos Portugueses, elaborado na orientação que o sr. prof. Henrique de Vilhena imprimiu às investigações no Instituto que distintamente dirige.

Foram dissecados 87 cadáveres (45 ♂ e 42 ♀) de diferentes idades (dos dezoito meses aos cento e um anos), predominando os individuos adultos, dos quais se anotaram a naturalidade, profissão e causa da morte.

O dr. Vitor Fontes estuda pormenorizadamente o comprimento das carótidas primitivas, o comprimento e perímetro do tronco arterial braqu岸o-cefálico, o nível da bifurcação das carótidas primitivas (relacionado com o bordo superior da cartilagem tiroideia), a origem da artéria tiroideia superior, a relação do cordão do grande simpático com a artéria tiroideia inferior, a artéria tiroideia de Neubauer e outras artérias tiroideias acessórias, e termina por apresentar diversas variações de origem de alguns ramos da crossa aórtica, que explica à luz dos dados fornecidos pela Embriologia.

O estudo do sr. dr. Vitor Fontes é enriquecido com numerosos gráficos, quadros e figuras e fecha com a bibliografia consultada, que compreende 73 números.

O capítulo mais extenso é o que se refere à artéria tiroideia de Neubauer e outras artérias tiroideias acessórias, de que são descritos vários casos observados, com a menção da respectiva origem, trajecto e terminação.

Não se esquece o autor, no decorrer das setenta páginas do seu trabalho, de salientar o interesse prático que as disposições anatómicas descritas oferecem na clínica, como fez por exemplo ao tratar das relações do grande simpático com a tiroideia inferior, chamando particularmente a atenção dos operadores para o valor das relações dos vasos com os nervos. Efectivamente, a cirurgia nervosa tem sofrido nos últimos anos um impulso e um

adiantamento que justificam as considerações expendidas a tal propósito pelo dr. Vitor Fontes.

H. M.

J. RODRIGUES DOS SANTOS JÚNIOR—Um caso de preplex camptodáctilo esquerdo—«Anais da Faculdade de Ciências do Porto». Extr. do tomo XVII.

Nesta memória o autor estuda um caso de hexadactilia pronunciada pela existência dum preplex esquerdo, que eleva a 10 o número de casos desta espécie reconhecidos em Portugal.

Trata-se dum dedo supranumerário, implantado no bordo radial da mão esquerda e anexado ao plex normal. O dedo anormal é dobrado em ângulo recto (camptodáctilo), havendo certa dependência funcional entre os dois polegares. O autor estudou cuidadosamente todas as circunstâncias desta curiosa anomalia, aliás não muito frequente, mas cuja disposição é diferente conforme os casos.

Como apoio documentário e bibliográfico, o autor cita os trabalhos notáveis do prof. J. A. Pires de Lima e Dubreuil-Chambardel. Uma fotografatura fornece o documento-imagem deste caso.

BETHENCOURT FERREIRA.

H. V. VALLOIS—Les empreintes de pieds humains des grottes préhistoriques du midi de la France—«Palaeobiologica». IV band. Wien, 1931.

Já nos referimos nesta revista aos valiosos trabalhos do prof. Vallois sobre impressões de pés humanos no solo das grutas francesas que são estações prehistóricas («Trabalhos da S. P. de A. e E.», t. IV, pág. 427). A presente monografia é um importante estudo de conjunto sobre as impressões averiguadamente humanas na gruta de Cabrerets (Lot), na de Ganties-Montespan (Alto-Garona) e na do Tuc d'Audoubert (Ariège).

Todas as impressões são de pés nus, e a maioria delas de crianças. Indicam nos adultos uma estatura moderada. O dedo grande não era afastado dos outros, mas, ao contrário do que sucede nos Europeus actuais, era as mais das vezes mais curto

do que o segundo dedo. Na marcha os dois pés eram colocados na posição paralela e não, como nos Europeus de hoje, em posição divergente.

O ilustre professor de Toulouse explica a abundância relativa de impressões infantis pela realização de ritos de iniciação por motivo da puberdade.

M. C.

GEORGE GRANT MAC CURDY — **Recent progress in the field of Old World prehistory** — Separata dos «Proceedings of the American Philosophical Society», 1930.

O ano de 1930 pode considerar-se como o do 1.º centenário do nascimento da Prehistória como ciência, pois foi em 1930 que o dinamarquês Thomsen aplicou o seu novo sistema de cronologia pré-histórica às colecções do Museu Nacional do seu país. Frisando este facto, o ilustre antropólogo e prehistoriador americano examina em seguida o estado dos conhecimentos sobre a correlação dos períodos glaciários com a cronologia pré-histórica, salientando os recentes progressos introduzidos por Breuil e Reid Moir, e passa às investigações sobre a idade da pedra realizadas em Fayum (Egito), na Mesopotâmia, em França (em que se ocupa sobretudo dos estudos de Peyrony na Dordogne), em Chou Kou Tien (o *Sinanthropus* de Peking), em Saccopastore (crânio neandertaliano de Roma), na Tchecoslováquia, e enfim em matéria de arte quaternária (estatuetas femininas de Irkutsk e Savignago, descobertas de L. Bégouen em Trois-Frères, bastão de comando de El Pendo, etc.), de arte neolítica na China e de arte da cerâmica ibérica (estudo de Obermaier e Heiss na colecção de Archena). Ainda são consagradas algumas páginas aos trabalhos da Escola Americana no Irak e na Palestina. Nesta última, uma camada mesolítica forneceu dez esqueletos que serão estudados por Arthur Keith. Este facto interessará todos os que teem dedicado a sua atenção aos espécimes mesolíticos da Europa, como são os de Muge.

Embora naturalmente sumária, a revista feita pelo prof. Mac Curdy é de muita importância e interesse.

M. C.

L. JOLEAUD — **Le Laboratoire de Paléontologie humaine de la Quina et les récentes découvertes préhistoriques du docteur Henri Martin, dans les Charentes** — Sep. dos «Annales de l'Université de Paris», s. d.

Desde 1905 o dr. Henri Martin vem reunindo no seu importante laboratório de paleontologia humana, em Peyrat (Charente), elementos preciosos de investigação, de que o prof. Joleaud dá neste artigo uma sugestiva resenha sumária. A parte fundamental do pequeno museu anexo a esse laboratório em que se fazem as mais interessantes investigações, é constituída pelas peças quaternárias de La Quina e de Roc, os dois principais lugares explorados pelo eminente prehistoriador.

Sucessivamente, o prof. Joleaud descreve a jazida mustierense de La Quina, (onde as escavações do dr. Martin incidiram principalmente não sobre os depósitos do interior das grutas, mas sobre os depósitos feitos ao ar livre à entrada destas, ao longo das falésias que dominam o vale), os esqueletos de La Quina, os costumes primitivos, o jazigo solutrense do Roc, o belo friso, insculpido em baixo relêvo, encontrado neste jazigo.

Segundo o dr. Martin, a domesticação dos animais remontaria ao mustierense e não apenas ao neolítico, como em geral se supõe. Essa domesticação teria começado pelo cavalo, pela rena e pelo cão. As falanges de rena encontradas em La Quina apresentariam vestígios de mordeduras de canídeos nos animais vivos. Dentes de cavalo apresentam lesões análogas às produzidas hoje pelo *tique*, mania particular dos animais atrelados.

O prof. Joleaud, que teve o prazer de mostrar aos seus alunos a documentação reunida pelo dr. Martin, salienta no seu relato cheio de interesse a importância destes centros de estudos regionais.

M. C.

A. BASTIN — **Introduction aux études préhistoriques dans le Département des Ardennes. La paléontologie du quaternaire** — Extr. do «Bulletin de la Société d'Histoire Naturelle des Ardennes». XXIII, 1928. 11 págs. e 1 mapa; **Notes complémentaires sur la paléontologie du quaternaire dans le Département des Ardennes** — Id. 1929. 16 págs. e 4 ests.

A ponderação e o método com que o A. encara o estudo científico da prehistória das Ardennes, prevendo que só dentro de vinte anos se poderão estabelecer sínteses precisas, são exempla-

res. Para que as investigações sejam convenientemente orientadas, tornam-se indispensáveis inventários regionais da natureza destes, onde são descritos achados de mamíferos fósseis quaternários de trinta e seis localidades e registada a respectiva bibliografia. É importante o estudo dos restos de *Elephas*, sobretudo a diagnose de alguns molares pelo índice laminar.

R. DE SERPA PINTO.

ANTÓNIO SERRANO — Los primitivos habitantes del territorio argentino — I vol. Buenos-Aires, 1930, 215 págs., 149 figs. e 1 mapa.

António Serrano, professor de arqueologia americana na Universidade Nacional del Litoral e Director do Museu de Paraná, no volume de que damos notícia, faz, com mão de mestre, uma excelente resenha da arqueologia argentina. Fala-nos da prehistória propriamente dita, dando-nos belas gravuras de monumentos megalíticos, de petroglifos vários, fragmentos e objectos de cerâmica, instrumentos de pedra e osso e outros utensílios prehistóricos. Fala-nos também da arqueologia histórica, baseado em alguns trabalhos que dão notícia das tribus, seus hábitos e costumes existentes ali, antes da influência civilizadora e cultural espanhola a quando da colonização e conquista.

São dignos de registo os informes antropológicos, embora apenas descritivos, que nos fornece dos vários grupos étnicos que primitivamente ocupavam o território argentino. Como o próprio A. declara, não é tarefa pronta dar uma síntese desses agregados étnicos. Baseado em documentos antigos e nos ensinamentos que a arqueologia, a etnologia e a lingüística podem fornecer, o A. estabelece dez agrupamentos étnicos para o território argentino.

Eis os nomes desses agrupamentos ou «regiones»: «diaguíta, huarpe-comechingona, atacama, omaguaca, chaco-litoral, guaraní, pampásica, araucana, patagónica e de los archipiélagos meridionales».

Cada um destes agregados étnicos é tratado especialmente em outros tantos capítulos, sob o ponto de vista da arqueologia, habitat, costumes e grau de civilização das diferentes tribus e ainda das relações étnicas e culturais entre as mesmas.

Fecha o consciencioso e belo trabalho do prof. A. Serrano, uma extensa bibliografia que compreende nada menos de 282 números.

S. J.

J. LEITE DE VASCONCELOS — Cale e Portucale — «Revista Lusitana», t. XXVIII.

Contra a opinião de Alberto Sampaio, o A. entende, baseado nos Fragmentos das Histórias de Salústio, que *Cales* (*Calem* ou *Cale* do Itinerário de Antonino) era uma *civitas* da margem direita e não da margem esquerda do Douro. O *Portucale castrum antiquum* das actas de Lugo ou a *villa de Portugal* do n.º 25 dos *Dipl. et Chartae*, que existiram na margem esquerda, teriam sido posteriores. O adjectivo *antiquum*, oposto a *novum* do castro da outra margem, não significa, na opinião do sábio fundador do Museu Etnológico, senão que a *fortificação* da margem direita era mais recente. Das duas povoações chamadas *Portucale* (como *Montemor o Velho* e *Montemor o Novo*, *Torres Vedras* e *Torres Novas*) a mais antiga seria a da margem direita. A esta, ao Porto de hoje, corresponderia a *Cales* de Salústio (*civitas in Gallacia*), a *Cale* ou *Calem* do itinerário do séc. IV, o *Portucale locus* ou *Portucale castrum* de Idácio (séc. V), o *Portucale castrum novum* das actas lucenses (séc. VIII-XI e não da época, do séc. VI). O *Portucale* correspondente a Gaia, citado nestas actas, ter-se-ia, apesar da indicação *castrum antiquum*, formado depois do séc. V, quer dizer, depois do texto de Idácio.

Não apenas como portuense que sou e a quem uma vetusta origem do seu burgo seria grata, mas como apreciador de seguras deduções históricas, li com interesse e simpatia o artigo do prof. L. de V. É assunto a que volverei breve em artigo especial, fundado em elementos novos. Estes confirmam o parecer de que se deve localizar a povoação de Cale na margem direita do Douro.

M. C.

J. LEITE DE VASCONCELOS — Povoamento de Portugal — Lisboa, 1930.

Este valioso trabalho que é um excerto da *Etnografia Portuguesa*, livro em preparação, trata da acção do governo central, desde o princípio da monarquia e mesmo desde a época astúrico-lionesa, no povoamento do nosso território, fundando povoações, concedendo privilégios, dando forais, estabelecendo coutos, erigindo castelos em *terras desertas*, etc.

Na *Etnografia*, o sábio investigador tratará também de povoações que datam dos tempos lusitano-romanos ou lusitanos, de

povoações nascidas de *villae* medievais, de povoações de origem arábica, de povoações devidas a personagens privadas, a ordens religiosas, a prelados, à agricultura, comércio e indústria, a romarias, a estabelecimentos hidroterápicos e praias de banhos, a vias de comunicação, etc.

Ajuíza-se facilmente, pelo excerto publicado, da importância fundamental do livro que o sr. prof. Leite de Vasconcelos está escrevendo.

M. C.

M.^{me} MARCELLE GEORGES VICREY — *Le Madras'en* — Sep. do «Bull. de la Société de Géogr. d'Alger et de l'Afrique du Nord» — Argel, 1931.

No fundo da planície de El-Mader, ao norte das montanhas do Aurès, a 100 quilómetros de Constantina, ergue-se no meio duma vasta necrópole um monumento cilindro-cónico, que uns chamam o «Túmulo dos Reis da Numídia», outros o «Mausoleu de Madrès», outros enfim o «Madrás'en». Esta palavra é o plural de Madrès, nome do progenitor da tribo berbere dos Madghis. Decerto o plural indicaria tôda a necrópole.

M.^{me} Vicrey (*née* Weissen-Szumlanska) descreve o monumento que é deveras curioso e que foi já objecto de várias interpretações. A autora exclui a de que se trataria do túmulo de Massinissa, mesmo a de que se trata dum qualquer monumento sepulcral. A seu vêr, Madras'en tem afinidades com as pirâmides egípcias e mexicanas e, como ela entende para estas, seria um templo iniciático de antigos cultos solares. As dimensões interiores não se compadecem com a sua atribuição a depósito de sarcófagos reais, com os respectivos mobiliários e tesouros. As sepulturas estavam em volta, como mais tarde se fizeram enterramentos em tôrno das igrejas.

Attingido pelo fogo e por outros agentes da destruição, o Madras'en teria sido, segundo a autora, objecto das mutilações mais graves, num período de exaltação religiosa, como na época de Maxêncio e dos donatistas, ou seja, no IV século da nossa era.

Abandonando a objectividade científica da primeira parte do seu trabalho, M.^{me} Vicrey lança-se numa tentativa de elucidação do mistério de Madras'en, inspirada «no amor do passado teosófico dos povos». Não há, porém, simples imaginação nas suas considerações finais sobre a morte do monumento, porque a autora procurou utilizar os «vestígios, as lendas locais e os escritos

antigos». Mas, quando na evocação feita haja sobretudo a revelação dum poder imaginativo intenso que supre com prodigalidade as lacunas dos nossos conhecimentos positivos sobre o significado do monumento em questão, nem porisso o trabalho de M.^{me} Vicrey, que revela um espírito culto e vivo, deixa de se ler com interesse e agrado, como o seu estudo sumário sobre os Inkas, baseado na memória de M. Baudin sobre o «Império Socialista dos Inkas».

M. C.

COMTE BÉGOUEN — *A travers le Hoggar* — «Bull. des Amitiés Franco-Étrangères». Toulouse, 1931.

O ilustre professor de Antropologia Prehistórica na Universidade de Toulouse descreve num artigo de inegável encanto literário as suas impressões da visita ao Hoggar, como membro da missão saariana, de que fizeram também parte F. Bénait, o prehistoriador distinto da Missão científica francesa em Marrocos, e o dr. Kossovitch, o eminente hematologista do Instituto Pasteur de Paris, um e outro, hóspedes de Portugal, como o conde Béguen, por ocasião do Congresso Internacional de Antropologia em 1930.

O conde Béguen não entra, neste artigo, em detalhes dos seus trabalhos arqueológicos no Hoggar. Dá-nos apenas as suas impressões gerais do deserto, dos oasis, das povoações, das paisagens, das populações, dos costumes. É uma súpula cheia de interesse e poder descritivo.

A exposição dos trabalhos científicos propriamente ditos tem sido feita pelo autor em conferências de grande êxito na França e na Bélgica e pelo dr. Kossovitch e Bénait em comunicações importantes ao Congresso de Antropologia de Paris. Hóspede dos barões Luis Béguen no seu acolhedor castelo da Ariège (Pirineus), em Abril de 1931, tive ensejo feliz de examinar algumas peças prehistóricas recolhidas pelo seu pai e sogro conde Béguen, por ocasião da expedição saariana. Os produtos da colheita científica realizada por esta figuraram também na Exposição Colonial de Paris. Pôde assim verificar-se o grande valor da tarefa levada a efeito no Hoggar pelo conde Béguen, por Kossovitch e Bénait.

M. C.

L. JOLEAUD — *Le rôle des singes dans les traditions populaires nord-africaines* — Extr. do «*Journal de la Soc. des Africanistes*». Paris, 1931.

O sábio naturalista dá-nos uma importante síntese sobre os vestígios, na África do norte, dum totemismo prehistórico em que o totem seria uma espécie simiana. Tradições populares, textos antigos, a distribuição geográfica dessas espécies, os achados de seus restos fósseis, são factos examinados com alta proficiência pelo eminente professor da Sorbonne, nesta memória do mais sugestivo interesse.

O autor começa por estudar as designações dos símios nos dialectos da África menor, registando interdições curiosas de vocabulário, e constata a existência de nomes de símios na toponímia norte-africana, relacionando-a com a feição totémica da topologia berbere. Em Marrocos, um velho fundo de tradições totémicas se refere ao macaco, havendo a NO do país, em plena região Djehala, uma fracção dos Ghomara que se designa *Beni Ouktha*, ou seja «filhos do Macaco». O mesmo sucede no centro da África menor, na grande Kabília, onde os símios, ainda numerosos, figuram nalgumas tradições como uma raça de homens decaídos, privados da palavra por terem incorrido na cólera divina.

A leste da Argélia e na Tunísia os símios teem desaparecido, devendo atribuir-se ao homem um papel importante nesse facto. A construção de caminhos de ferro tem feito diminuir o número de símios nalguns pontos. É interessante que a atitude das populações relativamente aos símios é diversa. Em geral temem estes animais e não lhes tocam, nem os seus nomes pronunciam. Outras não hesitavam em mata-los e serviam-se deles até para alimento. Este último facto não está em contradição com o carácter totémico das tradições relativas áqueles animais, pois haveria decerto a intenção de assimilar dêsse modo as suas qualidades, de regenerar o princípio vital do clan.

Após um excelente capítulo sobre os cinocéfalos e cercopitecos na antiga zoolatria egípcia, o autor conclui que as tradições dêsse género relativas aos símios se não circunscreviam ao Egipto, antes tinham uma extensão muito ampla e uma longínqua antiguidade na África do norte em geral.

Algumas passagens do estudo do prof. Joleaud referem-se à tradição moira sobre os símios de Gibraltar, segundo a qual os macacos conheceriam uma passagem subterrânea entre Marrocos e Gibraltar. Esta tradição foi algumas vezes apresentada como um argumento em favor da autoctonia dos símios nos rochedos de Gibraltar. Mas, para o autor, é difícil saber se êles fôram im-

portados ou indígenas. Os pareceres dividem-se. Não se trata evidentemente de discutir a regeneração conhecida dêsses macacos com a importação de casais rifeños no século XIX. O topónimo *Monkey's Cave* e a alusão no fim do século XVIII a crânios fósseis de macacos encontrados profundamente em brechas calcáreas, militarism, como a tradição moira indicada, em favor da tese da origem local. Mas, segundo Joleaud, as investigações paleontológicas modernas em Gibraltar teem fornecido muitas espécies de mamíferos, entre as quais não figuram símios, e os autores da antiguidade não falam dêstes naquela região, antes se alude, por exemplo, em Estrabão ao facto de Possidónio de Apamea, ao regressar de Cádiz, se divertir muito com a vista de colónias de símios nas costas norte-africanas. Se êle tivesse visto macacos em Gibraltar, diz o prof. Joleaud, não se surpreenderia tanto com os do norte da África. Albufeda, no século XIII, também não cita macacos na lista de animais da Andaluzia.

Ocorre-me uma possível referência antiga a macacos daquela região. O Livro I dos Reis, do Antigo Testamento, diz que as naus de Tarschisch (Tartesso) traziam ouro, prata, marfim, *macacos* e pavões reais (Vd. Schulten e Bosch, *Fontes Hispaniae Antiquae*, I, Barcelona, Berlim, 1922, pág. 157). Mas, do mesmo modo que o marfim e os pavões reais, podiam os macacos não provir daqueles sitios, tratando-se antes de produtos dum tráfico com outras regiões mais ou menos longínquas. O problema é talvez insolúvel, mas parece-me que o texto em questão pode ser invocado neste debate.

M. C.

LUÍS CHAVES — *Páginas folclóricas — III. A rosa na lírica popular* — Separata da «*Revista Lusitana*», vol. XXIX. Pôrto. 1931. 48 págs.

Temos em cima da nossa mesa de trabalho mais um estudo etnográfico do sr. Luís Chaves. Estamos em presença, portanto, dum assunto que, como de costume, é tratado com brilho e probidade pelo ilustre etnólogo português.

É o 3.º capítulo, chamemos-lhe assim, das suas «*Páginas folclóricas*» e versa o sugestivo tema «*A rosa na lírica popular*».

O autor discute, baseado em numerosas cantigas, este aspecto tão curioso do lirismo popular.

Este trabalho foi publicado na «*Revista Lusitana*». Os dois

primeiros capítulos tem por título respectivamente «A Canção do Trabalho» e «A Sinfonia das côres ou o arco-iris da gama popular», separatas da «Revista Lusitana», vol. XXI e da «Nação Portuguesa», série V, tomo II.

Esperamos com interesse a continuação das suas «Páginas folclóricas», que os cultivadores de assuntos etnográficos muito lucrarão em ler.

F. C. PIRES DE LIMA.

F. BOUZA-BREY — Nomes Galegos da *Digitalis Purpúrea* L. — Separata do n.º 95 do Boletín Nós. 1931. Publicacións Galegas e Imprenta Hortas, 20. Santiago. 4 págs.

Nota altamente curiosa em que o eminente etnógrafo sr. dr. Bouza-Brey nos apresenta e discute os diferentes nomes pelos quais a «*Digitalis Purpúrea* de Lineu» é conhecida na Galiza. Tem para nós portugueses, muito interesse. E é curioso ver que, não só na forma erudita mas também na forma popular, existe uma semelhança bastante grande na sinonímia, o que é natural, devido às afinidades do povo português e do galego.

Assim, a contrapor à «*dedalera*», como nos diz o autor ser conhecida em Castela, nós temos em Portugal, entre outros, os seguintes vocábulos: «*dedaleira*», «*digital*», «*herva dedal*» e «*herva de campainhas*». No Minho é conhecida esta planta pelo termo popular de «*triclitraque*». Na Galiza por «*belitroques*», «*estraloques*», etc. Vê-se, pelo trabalho de Bouza-Brey, que a formação destes vocábulos se fez como em Portugal, baseando-se no estalido que se ouve quando se aperta a corola da «*digitalis*» e se bate contra a palma da mão. Apenas o domínio da terminação «*oque*» das expressões populares galegas é substituída no Minho pela terminação «*aque*».

Resumindo: trabalho triplamente curioso, quer para os etnógrafos, quer para os botânicos, quer para os filólogos.

F. C. P. L.

ANTÓN FRAGUAS FRAGUAS — Do Folk-Lore de Armeses-Listanco — Separata do n.º 96 do Boletín Nós. 1931. Publicacións Galegas e Imprenta Hortas, 20. Santiago. 8 págs.

Há hoje na Galiza um importante centro de investigações etnográficas. Um curioso trabalho do sr. Antón Fraguas Fraguas, que temos presente, é uma interessante miscelânea onde são anotados e discutidos alguns aspectos folclóricos. Trata-se dum esboço que será um dia ampliado em novos trabalhos, como nos diz o autor. Neste opúsculo são versados os seguintes assuntos: O Muiño, Crencias encol das bruxas, O roubo do muiño, A esmola do San Bieito, A entrada no Ceo, O habito do morto, Doña Mariquita, Trabalingsos e Cancioiro.

F. C. P. L.

FERNANDO DE CASTRO PIRES DE LIMA — Folclore de S. Simão de Novais — Sep. da rev. de cultura «Pátria», 16 págs., Gaia, 1932.

Amplio registo folclórico de 57 orações, as mais delas eivadas de respeitoso sentimento católico. Outras, dentro ainda da simbólica cristã, são duma ironia, inocente é certo, mas jocosas na verdade.

Assim sucede p. ex. com aquela que o A. regista a pág. 13, com o n.º LV, que, por espalhada de norte a sul do país, é conhecida de toda a gente. Ei-la: Pelo sinal — bico real — comi toucinho — fez-me mal. — Se mais me dessem — mais comia — Adeus compadre — até outro dia.

Neste mesmo trabalho o A. publica ainda uma dúzia de quadras religiosas, que não tinham sido registadas no «Cancioiro de S. Simão de Novais». (Vd. «Trab. da Soc. Port. de Ant. e Etnol.», vol. IV, pág. 345).

Pena é que, dando o A. uma lista bibliográfica final, o não faça com a indicação de página, apontando quais as orações de que os diferentes autores deram já publicação, para assim poderemos ajuizar da dispersão de cada uma.

S. J.

A. VAN GENNEP — *Incantations médico-mágiques em Savoie* — Ext. de la «Revue Annecy, Lac d'Annecy et Vallée de Thônes». Annecy, 1928, 15 págs.

Neste trabalho de etnografia comparada o A. estuda alguns ensalmos da Sabóia com caracter de magia directa, pois que a sua virtude curativa reside nas palavras do próprio ensalmo, não sendo por isso necessário que os mesmos sejam proferidos por determinado individuo gozando de poderes especiais.

Faz o estudo comparativo com ensalmos semelhantes da Suíça romanche.

Os ensalmos em questão aplicam-se ao tratamento de quemaduras, hemorragias, distensões, entorses e belidas (nefeliones).

S. J.

LUÍS DE PINA — *A terapêutica provinciana de há cem anos* — Sep. do «Portugal Médico», n.º 9 de 1931. Pôrto, 1931, 8 págs.

O dr. Luís de Pina, que para a História da Medicina portuguesa tem já um largo contributo de bons trabalhos, dá-nos naquele que analisamos agora, uma síntese das drogas e receituário registados num curioso manuscrito que pelas datas nêle assentes serviu pelo menos de 1771 a 1829. É opinião do A. que êste livro foi pertença de um ou mais boticários de Guimarães, constituindo uma espécie de «*aide-mémoire* do farmacoco».

Dentre as 414 espécies ou substâncias registadas com respectivas doses no velho manuscrito e transcritas pelo A., respigamos como paño de amostra esta dúzia: Alcaçus — Bálamo católico — Barro de Estremoz — Còdeas de pão relão — Excremento de porco — Gralhas em pó — Leite virginal — Óleo de minhocas — Óleo de pedra — Sangue de crista de galo preto — Truciscos de Minho — Unguento basilicão.

Na extensa lista figuram muitas plantas ou suas raízes e fôlhas ou flores e frutos. Lá figura a «raíz de lírio roxo em pó» que me fêz recordar uma receita da autoria dum célebre barbeiro trasmontano, que sistematicamente a prescrevia para múltiplas doenças e um farmacêutico seu cúmplice aviava de pronto.

Ei-la: Raspas de lírio florentino e gêmans (sic) de ovos, uma garrafada.

Na 2.ª parte do trabalho o dr. Luís de Pina transcreve algumas das fórmulas registadas no manuscrito em questão e preceituadas por 3 médicos vimaranenses do fim do século XVIII e primeiro quartel do século XIX.

S. J.

LUÍS DE PINA, ALVARO RODRIGUES & SOUSA PEREIRA — *Relatórios das viagens de estudo* — Pôrto, 1931.

Como bolseiros da Junta de Educação Nacional, realizaram os Assistentes de Anatomia da Faculdade de Medicina do Pôrto, drs. Luís de Pina, Álvaro Rodrigues e Sousa Pereira, em 1930, uma viagem de estudo ao estrangeiro, da qual dão conta pormenorizada em elucidativos relatórios que acabam de ser distribuídos.

O dr. Luís de Pina frequentou, durante quatro meses, os serviços de Anatomia e Antropologia dos profs. Vallois (Faculdade de Medicina de Toulouse), Papillault (Escola de Altos Estudos de Paris), Anthony (Museu de História Natural de Paris) e E. Loth (Faculdade de Medicina de Varsóvia), onde colheu elementos que o habilitaram a empregar técnicas seguras nas investigações antropológicas das partes ósseas e não ósseas para o estudo do tipo português e suas modalidades.

No seu relatório descreve o dr. Luís de Pina as instalações dos serviços de Anatomia e Antropologia que visitou em Toulouse, Paris, Poznan e Varsóvia.

Os estágios dos drs. Álvaro Rodrigues e Sousa Pereira foram efectuados em conjunto, tanto em Paris como em Estrasburgo, onde trabalharam com os profs. Rouvière (investigações sobre o sistema linfático), Leriche e Fontaine (Cirurgia experimental) e Bouin (estudo da inervação das glândulas sexuais).

O dr. Álvaro Rodrigues descreve as instalações dos serviços de Anatomia de Bordeus, Paris, Nancy, Estrasburgo, Amesterdão e Bruxelas, e elucida-nos acerca da orientação e métodos de ensino daquela ciência.

O dr. Sousa Pereira relata a organização e as instalações dos serviços de Medicina operatória das Faculdades de Medicina de Bordeus, Estrasburgo, Nancy e Paris, e de Cirurgia experimental da Clínica Cirúrgica do prof. Leriche (Estrasburgo), e do Instituto do Cancro e da Faculdade de Medicina de Paris.

O estágio dos drs. Alvaro Rodrigues e Sousa Pereira terminou com uma viagem a Amesterdão, onde foram tomar parte nos trabalhos da XXV reunião da Associação dos Anatómicos, a que apresentaram comunicações.

Os relatórios dos 3 bolseiros da Junta de Educação Nacional formam um volume, profusamente ilustrado e belamente impresso, de cuja leitura ressalta o valor de quem o subscreve, motivo por que gostosamente felicitamos os seus autores, crentes de que saberão honrar, pelo seu trabalho e estudo, as tradições brilhantes da Anatomia portuense.

H. M.

JAIME LOPES DIAS — *IV Congresso e Exposição regional das Beiras. Castelo Branco* — XLVIII. 611 págs. e 169 grav. Famalicão. 1931.

O grande e excelente volume organizado pelo dr. Lopes Dias constitui não só um monumento ao *IV Congresso Beirão*, realizado em 1929 na cidade de Castelo Branco, como à série de congressos reunidos em Viseu (1921), Coimbra (1923) e Aveiro (1928), pois transcreve as conclusões das teses apresentadas aos três primeiros. Ganhando assim em unidade, apresenta abundantíssimo material para o estudo do fomento; instrução; problemas administrativos sociais e económicos; agricultura, comércio e indústria das Beiras, pois tantos eram os grupos em que se dividia o Congresso. Esta documentação valiosa ocupa a maior parte do volume (Cap. II. pp. 75-467), e dificilmente pode ser resumida. No campo da etnografia encontram-se teses sobre museus e bibliotecas regionais, por A. Viana de Lemos; Rendas e bordados da Beira, por D. M. Júlia Antunes; e Castelos, antiguidades pre-históricas, monumentos, regionalismo, etc., de H. Beça, A. Girão, F. Almeida Moreira, dr. Leite de Vasconcelos, etc.

Além do Relatório preliminar, completam a obra um capítulo sobre o Congresso, outro sobre a Exposição, referências da imprensa e índices.

R. S. P.

ARMANDO DE MATOS — *A Psicologia do «Ex-Libris»* — Edição da «Miscelânea», Oeiras, 1931.

Das legendas dos «Ex-Libris», de que é um coleccionador infatigável, depreende o A. aspectos psicológicos dos seus possuidores. Algumas divisas exigem uma interpretação, nem sempre fácil. O trabalho consciencioso do sr. Armando de Matos fornece-nos indicações interessantes sobre certas personalidades históricas portuguesas e outras contemporâneas de nomeada no nosso meio. Aspirações nobres, modéstia sincera, religiosidade, filantropia, desinteresse, mil feições morais análogas ali se desenhavam. Mas não faltam o orgulho, a falsa modéstia, o scepticismo. É uma revista curiosa de almas.

M. C.

OSÓRIO DE OLIVEIRA — *Geografia Literária* — 1 vol., Coimbra, 1931.

Este livro tem de direito um lugar na crónica bibliográfica da nossa revista e não apenas nas das revistas literárias ou dos jornais. É que, além do seu aspecto, para nós naturalmente menos interessante, de crítica sadia, lúcida, sóbria e subtil a muitos homens de letras portugueses e brasileiros, a *Geografia literária*, como o título indica, relaciona os escritores e os seus livros com os meios, tanto com os meios físicos como com os meios étnicos. É precisamente este curiosíssimo aspecto do livro que deve particularmente ser destacado nas páginas duma revista de antropologia e etnologia.

Literatura do exílio, literatura de exotismos, literatura de viagens, literatura colonial, são temas focados com brilho e poder sugestivo pelo autor, que um elegante prefácio do prof. Joaquim de Carvalho diz com justiça «um talento promissor... de compreensivo senso crítico», dêsse senso crítico que é «a flor rara dos nossos tempos passionais».

Assinalemos, pelo interesse particular que nos merecem, as suas observações sobre o dialecto e o folk-lore cabo-verdeanos, a propósito dos poetas Eugénio Tavares e José Lopes, respectivamente o poeta da Brava, que faz versos em crioulo como em português, e o poeta de Santo Antão, de quem o autor reproduz um formoso soneto sobre a dança e canções chamadas *morna*, termo que, segundo Lopes, vem do «mourn» inglês, isto é, signifi-

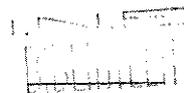
fica «dolência e pranto», a languidez, a dor da raça, etc., e não como se supõe geralmente, tepidez, «brando calor».

Sem discutir a teoria, Osório de Oliveira salienta o ambiente de compreensão e simpatia populares que os dois poetas teem em Cabo Verde. São Vicente acolheu-os há anos com uma grande manifestação popular, aos gritos de «Vivam os nossos poetas!» Era a identificação, com a arte destes, do sentir profundo do povo.

A etnologia tem na literatura um amplo campo de pesquisa e colheita. Mesmo em escritores duma cultura e tendências mais requintadas se manifestam inesperadamente virtualidades étnicas de sumo interesse.

Vivas felicitações ao sr. Osório de Oliveira pelo seu livro de tão atraente leitura e em que, de modo tão feliz, se põe em evidência um dos aspectos mais importantes da crítica literária.

M. C.



Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia

NA FACULDADE DE CIÊNCIAS

PORTO

SUMÁRIO:

A. A. MENDES CORRÊA:

Herman ten Kate (Pág. 177).

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR:

Olarias de Muge (Pág. 217).

ARMANDO DE MATOS:

A tradição popular do trevo (Pág. 227).

Vária: — O índice articular nos Portugueses (LUIZ DE PINA); O índice cefálico nos Trasmontanos (LUIZ DE PINA); O abrigo pre-histórico de Valdejunco (Esperança) (R. DE SERPA PINTO); Etnografia arqueológica (R. S. P.); Cemitério bárbaro de Esmoriz (R. S. P.); Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina do Porto; Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto; Repartição de Antropologia Criminal e Identificação Civil do Porto; Arquivos do Instituto Medico-Legal e do Gabinete de Identificação (M. C.); Pierre Paris (M. C.); Errata (M. C.) (Pág. 241).

Revista bibliográfica: — AUGIER (262); BASTIN (271); BÉGOUEN (275); BOUZA-BRIY (278); CHAVES (277); F. PIRES DE LIMA (279); FRAQUAS (279); JOLEAUD (271 e 276); J. PIRES DE LIMA (266); LEITE DE VASCONCELOS (273); LOPES DIAS (282); LOTH (263); LUNDBORG (261); MAC CORDY (270); MATOS (283); OSÓRIO DE OLIVEIRA (283); PINA (280); PINA, RODRIGUES & SOUSA PEREIRA (281); ROUVIERE (264); SANTOS JÚNIOR (269); SERRANO (272); VALLOIS (269); VAN GENNEP (280); V. FONTES (268); VICREY (274).

TRABALHOS DA
SOCIEDADE PORTUGUESA DE
ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA



VOL. V—FASC. IV

SUBSIDIADO PELA JUNTA DE EDUCAÇÃO NACIONAL

PORTO. 1932

ARTE RUPESTRE EM PORTUGAL
(ENTRE DOURO E VOUGA)

As insculpturas da serra de Cambra e de Sever
e a expansão das combinações circulares e espiralóides
no noroeste peninsular

POR

ALBERTO SOUTO

A observação geográfica da zona serrana da margem direita do Vouga, flanqueada por este rio e pelos seus afluentes Teixeira e Caima, conduziu-me em 1929, 1930 e 1931 ao estudo da sua arqueologia prehistórica.

Este compartimento montanhoso do sul do Douro e do norte do Vouga, encontra-se quasi que inédito, não apenas por falta de vias de comunicação, como poderia dar-se em desculpa, mas de facto, por falta de observadores e estudiosos que o analisassem, como eu estranhei já em 1917 num artigo do jornal de Lisboa *A Capital*.

De uma maneira genérica, referiu-se-lhe, em 1922, na sua excelente monografia sobre a Bacia do Vouga, o sr. dr. Aristides de Amorim Girão, já hoje ilustre geógrafo e professor da Universidade de Coimbra, que nas *Antiguidades Pre-históricas de Lafões*, publicadas em 1924, menciona os dois dolmens e algumas mamoadas da vertente leste da serra do Arestal, serra esta que se estende entre as vilas de Cambra e Sever do Vouga, constituindo como que um vasto e alto promontório, avançando do macisso da Gralheira sobre as colinas de Albergaria-a-Velha e Oliveira de Azemeis, e formando, na verdade, com o seu planalto de

800 metros de altitude, um grande mirante que olha para a Ria e vigia o mar.

Tôda a serra, que orogénicamente se considera como pertencente ao sistema galaico-duriense, foi semeada de monumentos megalíticos e a cada passo se nos depara ainda no toponomástico, na tradição popular e nos vestígios pré-históricos, a prova de que desde os tempos neolíticos, pelo menos, os homens fizeram dela a sua morada e nela assentaram uma vasta necrópole.

Como não podia deixar de suceder, nesta montanha do extremo ocidental da meseta ibérica, os habitantes actuais dos pitorescos logarejos que se abrigam nos seus recôncavos e se estendem pelas suas faldas, tudo atribuem aos moiros.

É o mesmo que no resto de Portugal: dolmens, mamoadas, cercados, castros, redutos, tudo para o povo é obra da moirama que por ali deixou enterradas as suas riquezas, e pelas lombas, vales e penedias, conserva ainda, sob encantamento, as suas raparigas mais formosas, condenadas a guardarem os seus oiros sob as pedras solitárias.

A mesma monomania dos restos do domínio árabe, dos penedos mágicos e dos tezoiros ocultos, fornece o fundo folclórico das lendas da região que, neste ponto, apenas confirma a regra geral de um vasto ciclo de credices populares da velha Península.

Essas lendas, porém, servem-nos de guia no rebusco dos locais de monumentos e estações arqueológicas e foi, ainda, em grande parte, guiado por elas que eu descobri muitos dos vestígios pré-históricos desta zona montanhosa que — notemos — faz a transição do rebôrdo do macisso duriense para as extremidades ocidentais da meseta e para as terras baixas da orla marítima que, a 15 quilómetros de distância, pertencem já à faxa meso-cenozóica que, do norte de Aveiro para o sul, acompanha a costa portuguesa.

Por hoje apenas darei notícia das duas estações de arte rupestre que ali descobri, advertindo, porém, que elas se encontram na proximidade de numerosas necrópoles dolménicas, verificando-se, assim, o asserto de D. Juan Cabré quando afirmou que *é bastante freqüente haver enterramentos pré-históricos nas vizinhanças dos sítios com arte rupestre estilizada.*

Porém a serra de Cambra e Sever não foi apenas um vasto cemitério.

Seis castros, três dos quais descobri, identifiquei e explorei, seis castros, pelo menos, conservam ainda no seu aro a memória irrefragável dos velhos habitantes.

Na campanha de 1929 impressionara-me o facto de somente se encontrarem os túmulos, abrigo das cinzas e morada dos mortos, e nem o mais leve vestígio da actividade habitual dos vivos que demoraram pela montanha.

Os anos de 1930 e 31 mostraram-me, nos castros que visitei, a verdade bem conhecida dos versos 195 e 196 do *Ora Marítima* de Avienus, de que

*Cempsi atque Saefes arduos colles habent
Ophiuse in agro...*

que para o caso da região, até aqui quasi que totalmente desconhecida e inexplorada, das cercanias do Arestal, se pode assim parafrasear:

Os povos lusitanos que habitaram a região montanhosa ocidental de entre Douro e Vouga, hoje pertencente aos concelhos de Vale de Cambra e Sever do Vouga, desde os tempos neolíticos até à segunda idade do ferro e até à conquista romana, habitavam em eminências fortificadas chamadas castros, como os outros povos do noroeste peninsular, ou aí se refugiavam quando atacados. Esses povos inhumavam alguns dos seus mortos em dolmens e mamoadas construídos nas chãs solitárias ou no sobranceiro

dos montes, e gravavam, nas pedras ao ar livre das encostas da serra, certos sinais cujo significado se não percebeu ainda, mas cuja importância salta aos olhos mais profanos e cuja relação com aqueles monumentos da vida e da morte dos povos primitivos é evidente e incontroversa.

*
* *
*

Os dois monumentos de arte rupestre a que me refiro, encontram-se ambos na vertente ocidental da serra, a mais de meia encosta, voltados para o céu, mas inclinados, um para o lado do mar, isto é, do ocaso; outro mais para o lado do sol nascente, se bem que quasi vertical.

Da primeira estação falei já no Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Prehistórica de 1930. Do segundo achado trago hoje a esta douta sociedade a notícia circunstanciada.

Afastadas apenas uns 10 quilómetros, as duas estações algo diferem, como veremos, nos seus sinais dominantes.

Nos Fornos dos Moiros, concelho de Sever do Vouga, dominam a espiral, os círculos concêntricos e as còvinhas; no Outeiro dos Riscos, freguesia de Cepelos, concelho de Vale de Cambra, dominam as combinações circulares, não havendo nesta última nem espirais nem grupos de còvinhas.

*
* *
*

A grande pedra insculturada de Arestal acha-se num grupo de penedos chamado pelo povo *Fornos dos Moiros*, a 700 metros de altitude. (Est. I, 1).

Fornos dos Moiros é uma designação expressiva, mas nada original e muito genérica em arqueologia prehistórica peninsular, pois que outras estações prehistóricas de Portugal e Espanha teem designações semelhantes.

O que me parece pelo exame do grupo de penedos graníticos onde se encontra este curioso exemplar de arte rupestre, é que ali existiu uma caverna, o que me foi confirmado pela pessoa que me guiou até ao local, caverna essa que teria sido formada por uma saliência ainda reconhecível na rocha principal e pela disposição das pedras do aglomerado caótico proveniente da ejeção granitóide entre duas faxas de micaxisto.

A caverna foi destruída pelos pedreiros da vizinhança, tendo apenas escapado, por milagre, a pedra insculturada que mede cinco metros de comprimento por dois de largo, exposta ao poente e mais ou menos horizontal, no centro da sua face lavrada, mas de manifesta tendência ovolar, pois como quasi todos os granitos da serra está sujeita a uma esfoliação por camadas concêntricas. Se efectivamente se tratasse de um santuário, a situação era magnífica para impressionar os espíritos: passa-lhe na frente o sol até ao ocaso, e a vista do mar ao longe e das colinas e dos campos marginais do Vouga que lhe ficam abaixo, era sem dúvida sugestiva para invocar os deuses, fazer sacrifícios ou render louvores e dirigir imprecações aos poderes terríveis ou às forças criadoras!

*
* *
*

Os petroglifos dos *Fornos dos Moiros* da encosta arestalina, ocupam uma superfície de 4^m,50 por 1^m,50 e acham-se divididos em dois campos por um sulco longitudinal profundo que corre de norte para sul.

Vêm-se ali: (Est. I, 2, e est. II, 1).

côvinhas;
 círculos simples com côvinha central;
 círculos concêntricos duplos e triplos;
 círculos simples com apêndice radial;
 círculos múltiplos com apêndice radial;
 círculos simples com apêndice tangente;
 semicírculos e arcos de círculo;
 espirais destrorsum e sinistrorsum, formando báculo;
 um círculo com cruz interior;
 a chave;
 sulcos irregulares e traços mais ou menos geométricos;
 vários sinais de classificação embaraçosa.

A nova pedra insculturada do *Outeiro dos Riscos*, Cepelos, por baixo do lugar de Gatão, na serra de Cambra, ao norte do planalto do Arestal e próximo da nova estrada de Vale de Cambra a S. Pedro do Sul, à altitude talvez de 600 metros, aproximadamente, é muito menos complicada, apresentando sinais mais simples, mas nem por isso de mais fácil compreensão (Est. II, 2).

Uma particularidade apresenta, ao contrário dos outros exemplares conhecidos das margens do Vouga e do geral dos monumentos idênticos da arte rupestre galaico-portuguesa: é quasi vertical, ou tem uma inclinação forte sobre o plano horizontal.

Divide-se em três panos separados por fracturas naturais do bloco, sendo a parte central a mais importante, com três grupos de círculos concêntricos.

A primeira figura tem três círculos concêntricos e côvinha central.

O maior diâmetro é de 0^m,46 e os sulcos circulares separaram-se uns dos outros por 0^m,10, 0^m,7 e 0^m,5.

Um pouco abaixo outra figura contém cinco círculos com

côvinha central e 0^m,66 de grande diâmetro. É um dos maiores exemplares que conheço.

Em baixo quatro círculos concêntricos cortados por um raio que sai da côvinha central e termina no círculo exterior, tendo a figura 0^m,65 de diâmetro.

Entre estas três figuras e ao lado delas no pano central vêem-se mais:

uma figura composta de côvinha e círculo simples com 0^m,16 de diâmetro;

um círculo de 0^m,23 de diâmetro com dois diâmetros perpendiculares, formando cruz;

um círculo de 0^m,33 de diâmetro com duas côvinhas e uma cavidade, que no seu conjunto dá ideia de uma figuração antropomorfa e que por isso denominei de «cara»;

dois círculos concêntricos com côvinhas sendo de 0^m,41 o seu maior diâmetro;

um círculo de 0^m,37 de diâmetro com um diâmetro horizontal e cinco raios;

uma côvinha e círculo com 0^m,14 de diâmetro;

uma figura composta de côvinha central com dois círculos concêntricos. Na coroa circular compreendida entre os dois círculos concêntricos, vê-se uma corda geométrica e três semi-raios formando sectores.

No pano do lado do norte há uma inscultura: dois círculos concêntricos com cruz central e *fossette*, de 0^m,36 de maior diâmetro.

No pano do sul, há duas insculturas de círculos concêntricos, sendo a superior composta por três círculos dos quais o maior tem 0^m,32 de diâmetro e côvinha central; e o inferior por quatro círculos e côvinha e com o maior diâmetro de 0^m,32.

No fundo deste pano há uma côvinha e ao lado esquerdo do

observador voltado para o poente, uma figura de quatro rectas, sendo duas unidas em forma de V e duas, as das extremidades, sem ligação.

Este monumento do *Outeiro dos Riscos* difere do seu vizinho dos *Fornos dos Moiros*, como disse, por não apresentar a espiral nem qualquer sulco unindo os sinais e pela regularidade geométrica das suas figuras.

Mas aproxima-se dele pela presença dos círculos concêntricos que são aliás frequentes, como é sabido, na arte rupestre do noroeste da península ibérica, isto é, na Galiza e norte de Portugal.

Segundo o sr. dr. Rui Serpa Pinto há, em verdade, círculos concêntricos em S. Martinho, Monte da Saia, Santa Marta, Sabroso e Briteiros e na Galiza, como nos afirma o sr. Cuevillas, encontra-se em 14 localidades e ainda em Argos e Santa Tecla.

Dentro da bacia do Vouga, a que pertencem as duas estações por mim comunicadas, encontrou-os o sr. dr. Aristides de Amorim Girão, no lugar de Serrazes, norte do Vouga, estação rupestre da *Pedra da Escrita*, num prolongamento montanhoso das serranias do maciço da Gralheira que separa o Vouga do Douro e que a poente termina nas mencionadas serras de Cambra e de Sever.

Nas várias outras estações rupestres do sul do Vouga, mas da sua bacia hidrográfica, descritas pelo mesmo professor, não aparecem já os círculos concêntricos nem sinais parecidos com os do Arestal e Outeiro dos Riscos.

Parece, pois, que podemos considerar o rio Vouga como o limite sul dos círculos concêntricos, pois não há notícia, que eu conheça, desses sinais ao sul daquele rio e se para lá dêle existem, são de notável raridade, contrastando com a sua frequência nas estações do norte do Vouga.

O mesmo podemos afirmar da espiral.

Martins Sarmiento disse que a «célebre espiral e outros ornatos congêneres, que Salomão Reinach confronta com as gravuras dos dolmens e Unger com as gravuras dos rochedos das Ilhas Britânicas, são vulgares nos penedos e lajes dos nossos castros, dentro e fora das muralhas, e também se encontram junto de mamoadas perto dos castros» e aponta o exemplo de Sabroso onde a exploração das mamoadas, relacionada sem dúvida alguma com essa estação, produziu algumas pontas de sílex e machados de pedra.

E refere que Unger em 1870 considerou a espiral e os entrelaços um elemento nacional da ornamentação irlandesa, elemento esse que esteve muito em uso na época pagã entre os Celtas e os Germanos, formando a decoração quasi exclusiva da mobília sepulcral da idade do bronze.

«É preciso admitir, diz Unger, citado ainda pelo ilustre arqueólogo português, que a espiral é um ornamento próprio da raça indo-céltica e especialmente dos Celtas e Germanos, dos Pelasgos e dos Persas, e que este ornamento se conservou, principalmente, entre os povos cuja civilização se manteve num estado primitivo, restringindo-se o seu emprêgo a par e passo que os povos que a empregavam desenvolviam uma cultura mais elevada.

O sr. dr. José Fortes estudou *A espiral pré-histórica e outros sinais gravados em pedra*, no n.º 10 da «*Révue Préhistorique*», de Paris, em 1907, encontrando-se uma notícia desse estudo em o número 374 da «*Portugalia*», e conclui que a espiral, as curvas concêntricas e outros sinais gravados em pedras, se encontram tanto na velha Lusitânia, como na Irlanda; que na idade do bronze houve relações pré-históricas entre estas regiões; que estes sinais se introduziram na Irlanda pela via do litoral ibérico para o noroeste.

Os srs. Florentino Cuevillas e Bouza Brey, dizem-nos, porém, que as insculpturas em espiral são pouco frequentes em Portugal e Espanha, mas que aparecem em Trega, Eiró, Briteiros, Sabroso

e Freixo, que se encontram na Bretanha e na Irlanda, abundando no Mediterrâneo Oriental e nas cerâmicas neo e eneolíticas da Boémia, oeste da Alemanha, Transilvania e Ilha de Malta, tendo sido um dos elementos decorativos mais empregados na idade do bronze.

Como se vê da meticolosa nota bibliográfica do trabalho do sr. dr. Rui de Serpa Pinto, as combinações circulares são mais freqüentes do que as espirais em Portugal e na Galiza, aparecendo também na Bretanha, Irlanda, Escócia, Inglaterra e Scandinávia.

O que, pela comunicação que fiz ao Congresso Internacional de 1931 e pela notícia de hoje, se constata é que o nosso país possui mais duas estações de arte rupestre com gravuras em que entram os círculos concêntricos, acompanhados numa pelos círculos simples e círculos com raios e diâmetros, e que possui mais uma estação com a espiral, *detrorsa* e *sinistrorsa*, aliada aos círculos e a outros sinais, como a «chave», que, segundo informes do sr. dr. Santos Júnior, aparece também no dolmen de Zêdes e nas pinturas da Pala da Moura, em Vilarinho da Castanheira, de Carrazeda de Ansiães.

*

* *

A-pesar-de ter lido já que em La Guardia as crianças brincando, ainda hoje, com utensílios de pedra, conseguem produzir verdadeiras insculpturas nos rochedos da praia, acho muito difícil que os petroglifos dos *Fornos dos Moiros* do Arestal e do *Outeiro dos Riscos* da serra de Cambra tenham sido feitos com simples instrumentos líticos.

O granito em que se encontram é duríssimo e o escopro de aço bem temperado de que me servi para limpar as insculpturas só fortemente batido conseguia abrir sinais na superfície das rochas vizinhas.

Relacionando-se, como é lícito, estas gravuras rupestres com as necrópoles dolmênicas das proximidades, tudo leva a crer que pertençam à idade do bronze, como ensina o professor Obermaier.

De facto, à clássica presunção duma grande antiguidade dos dolmens, contrapõe-se hoje a tendência assinalada pelo professor sr. dr. Mendes Corrêa, para datar os mais antigos, da fase avançada ou final do neolítico, emquanto que a cultura dolmênica se prolongaria por todo o eneolítico até ao fim do primeiro período do bronze.

Que nos dizem a êste respeito os dolmens e as mamoadas da serra do Arestal e suas vizinhanças e até que ponto podem os achados arqueológicos dêsse compartimento montanhoso esclarecer o problema?

Vejamos: em primeiro lugar nunca se encontrou qualquer vestígio do paleolítico nesta região. Em segundo, tem aparecido machados de pedra polida, cinco até hoje por mim recolhidos, um machado chato de bronze, e restos cerâmicos nos castros, que provam a idade dos metais, mesmo a idade do ferro. Ora os machados de pedra encontrados nas mamoadas ou nas suas proximidades e mesmo perdidos na serra — um apareceu, por acabar, escondido entre penedos — e hoje recolhidos no museu arqueológico municipal de Aveiro que estou organizando, êsses machados de pedra polida não poderiam, em caso algum, gravar na pedra do Arestal ou na pedra de Cambra as insculpturas que lá se vêem.

A idade dos metais, pelo menos, parece-me, pois, confirmada pelos monumentos a que me estou referindo e ainda pelo aparecimento do machado chato de bronze nas proximidades do castro do Cabeço do Aro, a 3 quilómetros apenas dos Fornos dos Moiros; dum colar de ouro perto de Rocas, da idade do bronze, e dum vaso com ornatos mamilares em Sever, que não será anterior ao calcolítico e que eu recolhi no novo museu de Aveiro.

Tentar, por minha conta, a interpretação destas gravuras no

estado actual dos nossos conhecimentos sobre a arte rupestre, seria, por certo, fazer romance e esta Sociedade não é, positivamente, uma academia de romancistas.

Siret, com a sua grande autoridade, não logrou demonstrar duma maneira convincente, na sessão do Pôrto do Congresso de 1930, que a *espiral tenha sido a imagem da vida*, bela frase e sedutora presunção para a qual até hoje, que eu saiba, se não encontraram argumentos ou provas que a validem.

Alguns autores teem querido ver em petroglifos idênticos, sobretudo nos círculos e nas côvinhas, representações astronómicas.

Estudando as pictografias das grutas cordovezas (Argentina), Clemente Ricci atribuiu aos círculos, num estudo muito recente, um significado astronómico religioso, que será de admitir talvez no caso restricto que versou das pictografias argentinas.

Parece-me difícil, porém, descobrir no Arestal qualquer correlação das gravuras rupestres com o mapa das constelações visíveis no nosso hemisfério, nem tão pouco me parece plausível para os dois casos que estou comunicando a hipótese de se tratar de quaisquer representações esquemáticas da figura humana, nem mesmo de qualquer grau de evolução de representações coreográficas como o sr. Cabré propôs, plausivelmente, em outras hipóteses.

Quis o falecido arqueólogo espanhol, sr. Calvo y Sanches ver nuns sulcos das insculpturas de S.^a Tecla o mapa do rio Minho.

Procurei qualquer semelhança entre os sulcos da pedra do Arestal e a representação gráfica dos rios da região e tive uma decepção completa, decepção que, confesso, senti também em S.^a Tecla, examinando o pretenso mapa insculpido na rocha da citânia.

A verdade é que nos escapa, por enquanto, o significado destas insculpturas. Porém o que julgo mais de admitir é a hipó-

tese de se tratar duma simbólica religiosa e de pedras sagradas, lugares de devoção ou de alta magia, ou então, com menos probabilidade, de monumentos destinados a memorar alguns factos da vida dos povos prehistóricos das imediações da serra.

Ainda hoje, como todos sabem, os povos das encostas e dos vales das nossas montanhas conservam nos píncaros dos seus montes ou nas suas esplanadas, as capelitas votivas ou os santuários das suas grandes devoções. Lá estão perto a Senhora da Saúde de Cambra, a Senhora da Lage nos confins de Arouca, a Senhora do Socorro em Albergaria-a-Velha e a Senhora da Penha, do Espinheiro, de Sever.

Alto significado deviam ter estas pedras insculpturadas para assim se acharem perdidas e isoladas na serra entre tantas outras igualmente propícias ao exercício dessa arte rupestre cujas sucessivas descobertas veem preocupando e intrigando os cultores da prehistória!

Parece-me bem que se estas insculpturas fôsem mero produto da fantasia e do capricho de qualquer habitante da montanha, outros, no correr do tempo o seguiriam, exercendo, por imitação, nas rochas vizinhas, a sua paciente, trabalhosa e inútil arte.

A raridade das estações rupestres é um argumento a favor do carácter religioso ou monumental das suas insculpturas que exigiam já habilidade de desenho e técnica de execução, braço firme, ferramenta apropriada.

*

* *

Santuário ao ar livre, como Calvo y Sanches considerou o grupo de insculpturas de Santa Tecla, monumento de façanhas guerreiras ou de grandes acontecimentos prehistóricos, pedra de práticas mágicas e supersticiosas, tentativa de escrita por signos estilizados e convencionais na época, mesmo simples produto do

trabalho voluntário de artistas prehistóricos, em qualquer hipótese, quero eu crer que estes petroglifos são manifestações de uma cultura que acompanha a chamada cultura megalítica, se dela mesma não fêz parte durante algum tempo, cultura essa que para Obermaier é a da época mais recente da idade do bronze.

Essa cultura ter-se-ia difundido por migrações ou por contactos directos e parentescos étnicos ou pelas relações económicas, como pretende Bosch Gimpera, ou, por cópias e infiltrações, como pensa Obermaier, ou de *proche en proche* como supõe Déchelette, mas indubitavelmente segue, em certa altura, a civilização dos dolmens.

De facto verifica-se, como o sr. dr. Mendes Corrêa nota, que a civilização dolmênica é uma civilização litoral e que mesmo na Península Ibérica os dolmens são mais frequentes na periferia do que no centro, devendo a sua difusão ter-se efectuado por via marítima.

Ora o âmbito geográfico da arte rupestre da espiral e dos círculos concêntricos no ocidente europeu, parece ser também apenas o litoral. No interior da Península não se encontram ou raríssimas vezes se encontram semelhantes insculpturas. D. Juan Cabré, por mim consultado em 1930, afirmou-me que tinha descoberto numerosos exemplares de gravuras rupestres no interior da Espanha, mas nunca a espiral, que constitui, salvo documentos em contrário que eu ignoro, uma particularidade manifesta do noroeste peninsular.

Examinando-se o mapa da arte rupestre do nosso país, publicado pelo sr. dr. Rui de Serpa Pinto, constata-se que as estações ao sul do Mondego são raras: umas seis apenas dispersas num território de área dupla da parte de Portugal ao norte do Mondego onde se contam já nada menos de quarenta.

Pois para o sul do Vouga não passam os círculos concêntricos nem a espiral.

Será um mero acaso?

Ninguém o dirá.

Gimpera considerou a divisória de águas entre o Douro e o Mondego, isto é, o vale do Vouga, como a linha de separação dos dois grupos de castros que êle chamou o do norte e do sul.

É possível que na arte rupestre se dê também a separação que aponto e mais relacionada com as causas que determinaram a diferenciação dos castros.

Creio ter havido um ciclo de cultura megalítica em que estes petroglifos traduziram um simbolismo especial adoptado pelos povos do noroeste e pelos da Bretanha e Irlanda, que no-la transmitiram, cultura essa que acompanhou a cultura dolmênica talvez já no seu final, mas que caminhou em sentido contrário, isto é, do norte para o sul.

«Bosch Gimpera, diz o ilustre presidente desta Sociedade, nas suas sistematizações das culturas peninsulares preenche a lacuna entre o epipaleolítico e o neolítico avançado com o asturriense e a arte rupestre. Ficaria assim a arte rupestre a testemunhar a continuidade cultural entre as duas fases aludidas. Gravuras e pinturas em rochedos e em abrigos sob rochas, constituiriam os documentos de tão longa transição, estando assim, por descobrir outros vestígios da existência humana correspondentes sem dúvida a tão extenso período».

Mas, no entender do mesmo autorizado prehistoriador, estas dificuldades resultam sobretudo da evolução dos nossos conceitos sobre o neolítico puro, pois que êste foi consideravelmente encurtado.

É que, continua o mesmo professor, o mesolítico diminuiu-o, como também a cultura dos dolmens que se supunha ser puramente neolítica e é coeva das primeiras idades dos metais.

Esta sábia e sensata explicação pode harmonizar admiravelmente a dificuldade ressaltante do facto de se não encontrarem os

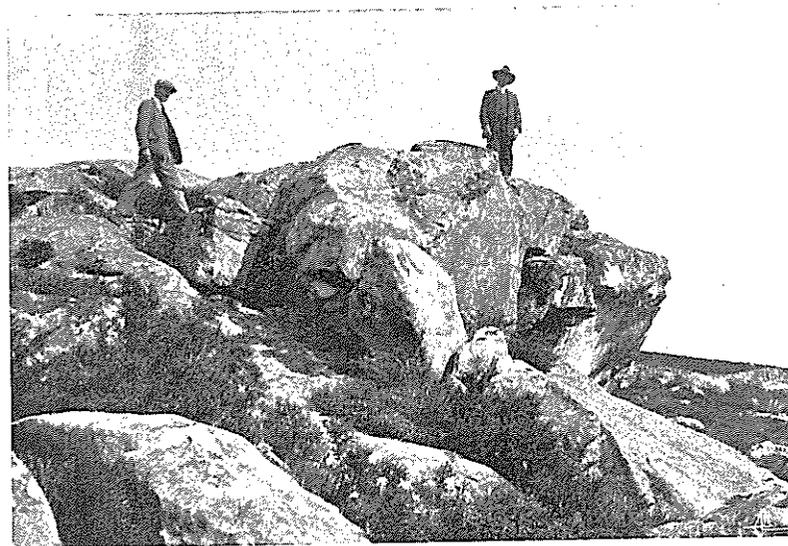
círculos nem as espirais ao sul do Vouga quando é certo que tais signos deviam acompanhar, com a arte rupestre, a cultura dos dolmens na sua expansão para o sul e interior de Portugal e de Espanha.

O ciclo rupestre dos círculos e das espirais podia ter chegado ao noroeste peninsular pelas influências marítimas da Bretanha e da Irlanda e vizinhança da Galiza, no declínio da cultura dos dolmens, em plena idade do bronze.

E assim com o têrmo dessa cultura e desuso das inhumações sob as antas e as mamoadas, teria morrido o simbolismo d'esses misteriosos signos, que não conseguiram passar o Vouga para o sul ou por caírem em desuso, ou por encontrarem na esquerda d'êste rio obstáculos étnicos ou culturais, assentes já ou vindos em invasões, que obstaram à sua expansão meridional.

As combinações circulares e espiralóides da arte rupestre, se é certo o que supponho, — que não se expandiram para o sul do Vouga e terminaram o seu âmbito geográfico nas margens norte d'êste rio, — podem constituir, assim, um novo e interessante argumento para provar as estreitas relações das populações do noroeste peninsular com as populações da Bretanha e da Irlanda, nos tempos do bronze, ou mesmo do bronze final, como pretende Obermaier.

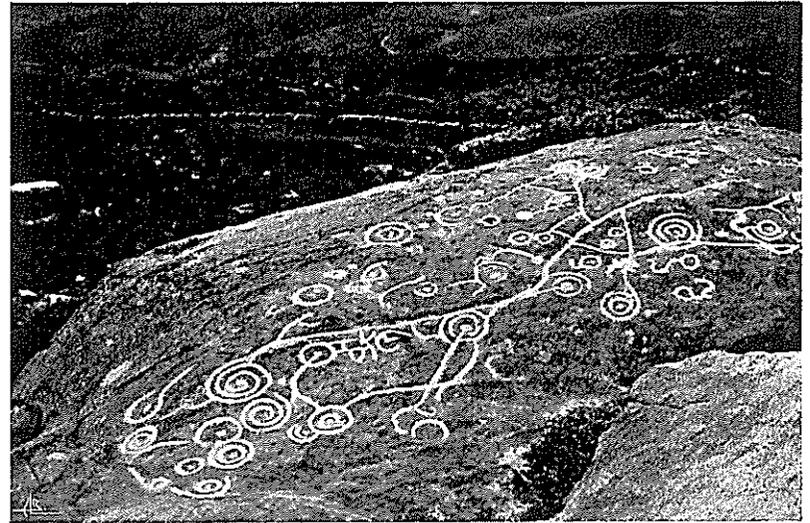
Assim outras descobertas viessem esclarecer o problema e melhores obreiros, verdadeiras autoridades, tomassem a peito a teoria que não tem originalidade porque resulta, apenas, da conjugação de afirmações e interpretações alheias e de um exame de factos que as duas estações rupestres das serras de Cambra e de Sever vieram, afinal, a revelar-nos.



1 — Aglomerado granítico dos Fornos dos Moiros visto do lado norte



2 — Insculturas dos Fornos dos Moiros



1—Pedra insculturada dos Fornos dos Moiros



2—Outeiro dos Riscos (Cepelos)

(Foto do sr. dr. Armindo de Matos)

FOLCLORE DE BARCELOS ⁽¹⁾

POR

FERNANDA DE MATOS CUNHA

Medicina

As receitas empregadas nas enfermidades vulgares são em número restrito e, por vezes, associam-se à execução de bruxedos.

Para as bichas — Para exterminar as lombrigas, que as feiticeiras sabem *talhar*, usam esfregar as costas com vinagre, o que faz aparecer no dorso umas *pontinhas brancas* consideradas *as cabeças das bichas* que se cortam à navalha de barba, numa decapitação total.

Para tirar o sol — Para aliviar os que se queixam de insolação ou febre aplicam sobre a cabeça do doente um copo com água, invertido e vedado por um pano dobrado. Quando na água se elevam bôlhas de ar, dizem que *ferve* e o doente fica bom.

Para a febre — Preparam ao lume uma papa de farelo de trigo, farinha de milho, fermento, vinagre e alhos pisados e aplicam-na em cataplasmas nas solas dos pés. A receita pode ser reduzida a farelo, fermento e vinagre, mas não é de tanta eficácia.

(1) Extracto do trabalho *Notas etnográficas sobre Barcelos*, publicação do Instituto de Antropologia do Porto, 1932.

Para o trasorelho, abscessos e espinhas—A receita empregada consiste em cataplasmas de maçã podre. Descascam as maçãs apodrecidas, tirando-lhes tudo o que ainda não está contaminado e aproveitando unicamente a parte em decomposição, que cozem no próprio suco, evitando deitar-lhe água. A papa resultante é o remédio desejado.

Para talhar a erisipela e erisipelão—Uma bruxa untava, por três vezes, com um raminho de oliveira, molhado em azeite, a região atacada, proferindo umas palavras estranhas que só ela conhecia e rezando um Padre Nosso e uma Ave Maria para concluir o tratamento (1).

Para a fraqueza—Aconselham ortigas debaixo do colchão e gemas de ovos na planta dos pés, cujo efeito salutar sem dificuldade se prevê.

Para as dores de dentes—A receita é análoga à anterior. Claras de ovos aplicadas nas extremidades dos membros inferiores aliviam os padecimentos maxilares e eliminam prontamente a dilatação das faces. Também se recomendam os escalda-pés.

Para o flato—Quando uma pessoa que perde os sentidos usa meias, tiram-lhas, esfregam-lhas nas pernas e dão-lhas a cheirar. Se a aspiração não basta para reanimar o doente, esfregam-lhas no nariz e na cara e o flato passa logo. Quando, porém, se trate de alguém que ande descalço, pedem as meias dum homem (é forçoso que as meias sejam de indivíduo masculino) e com estas procedem de igual forma.

(1) Nas *Notas de medicina popular transmontana* (Publ. do Inst. de Antropologia, Pôrto, 1929), o Dr. J. R. dos Santos Júnior menciona uma receita análoga de Moncorvo, Maçôres, e até de Barcelos.

Para acidentes e desmaios mais ligeiros—Recomendam esfregar as pernas do paciente e dar-lhe chá de cidreira.

Para a gripe—Usam vinagre na testa.

Para a inflamação dos olhos—Secam florzinhas da Alexandria (rosas), demolham-nas em água até que esta lhes tome bem o cheiro e o gôsto e lavam os olhos com a infusão (1).

Para doenças de ouvidos—Usam leite de mulher (2).

Para as dores de cabeça—Molham a testa com vinagre (3) ou com aguardente.

Para o reumatismo—Mistura-se um quarteirão de água-raz, outro de vinagre e uma gema de ovo. Depois de bem agitada esta mistura até adquirir uma uniforme aparência leitosa, aplica-se nos pontos atacados.

Para o mesmo efeito da receita anterior—São aconselháveis pensos de petróleo aquecido. Em alguns doentes causam irritação de pele, mas há quem julgue que esta é um efeito do *malzinho à sair pela pele*.

Para o crescimento do cabelo—Como a moda local ainda não condenou os cabelos ao corte decorativo, mas o seu comprimento,

(1) Esta receita é citada por António e Armando Ferreira Soares nas *Tradições médicas populares da região da Feira* (Soc. de Antropologia, Pôrto, 1927).

(2) O Dr. J. R. Santos Júnior, nas *Notas de medicina popular transmontana*, fala desta receita existente em Moncorvo. Parece encontrar-se muito espalhada por Portugal.

(3) Receita citada por Alexandre Lima Carneiro e Fernando de Castro Pires de Lima, na *Medicina Popular Minhota* («Revista Lusitana», vol. XXIX).

ao contrário, corresponde à beleza apreciada, costumam espontaneamente, antes do nascer do Sol, em dia de S. João ou de S. Pedro, e deitar êsses fragmentos capilares numa silveira de amoras. Assim como esta cresce na selvagem ornamentação dos caminhos, também os cabelos que ficaram na cabeça da respectiva possuidora, talvez por espírito de imitação, resolvem crescer fartamente e constituir uma longa cabeleira ⁽¹⁾, cuja rebeldia o pente raramente amacia.

Contra a má olhadura que tolhe as pessoas — Sôbre um caco, queimam-se com brasas, um pouco de alecrim, um bocado de arruda, excremento de boi que tenha servido para tapar o forno, um bocado de giesta da vassoira de varrer a casa, um pouco de rama sêca dos alhos, um bocadinho de *varredoiro* do forno (vassoirinha formada por uns farrapos *engalhados* num pau, utilizada na limpeza do forno), algumas fôlhas de salva ⁽²⁾ e um pouco de sal, que é o principal dos nove elementos desta mistura, pois para o mal do doente são benéficos os seus estalos em contacto com o fogo.

A pessoa que foi vítima do mau olhado deve ser defumada três dias seguidos, sendo a primeira vez a horas mortas da noite, de preferência à meia noite, o que pode ser substituído pelo meio dia; nos dois dias seguintes é indiferente a hora da cerimónia. Colocado no chão o defumadoiro, o paciente passa por cima dele, formando cruzes consecutivas e dizendo:

(1) José Diogo Ribeiro, no *Turquel Folklórico* (Alcobaça) («Revista Lusitana», vol. XX, pág. 73), conta que «o cabelo crescerá vigoroso e abundante a tôda a moça que, penteando-se na noite de S. João, enleie no ôlho terminal duma cana em crescimento o nagalho que o pente tirasse».

(2) Augusto C. Pires de Lima, nas *Tradições populares de Santo Tirso* («Revista Lusitana», vol. XX, pág. 8), reconhece que nesta localidade atribuem virtude à cidreira e à salva, servindo-se delas para defumadoiros.

Nossa Senhora pelo Egito passou,
O seu Santíssimo Filho defumou
Para cheirar
E eu me defumo a mim
Para sarar.

Assim como estou virada para o Norte,
Assim êste mal vá que não volte (*num bôrete*)
Assim como estou virada para o nascente,
Assim êste mal vá de repente.
As pessoas da Santíssima Trindade são três.
Se elas *quiser* bem *pode*.
Padre, Filho e Espírito Santo,
Êste mal vá e não *torne*.
Assim como estou virada para o mar,
Êste mal vá para não voltar.

Segue-se o Credo em cruz.

Quando se trata duma criança ou doente que não pode executar por si a cerimónia, alguém lhe pega ao colo e assim realiza a cerimónia, substituindo a frase

«E eu me defumo a mim para sarar...»

por

«E eu te defumo a ti para sarar...»

Quando a receita foi integralmente efectuada, deve deitar-se o defumadoiro ao rio, porque ninguém, sem prejuízo pessoal, lhe passa por cima, pois tal facto teria conseqüências de-veras desastrosas para o descuidado que o praticasse. A pessoa que calcar um defumadoiro adquire o mal que êle curou e que não cessará senão sob a acção dum novo defumadoiro ⁽¹⁾.

(1) M. Saintyves nos *Procédés de guérison communs aux guérisseurs européens et aux sorciers chez les primitifs* («Revue Anthropologique», Juillet — Septembre, 1928) diz:

«Pour le primitif, le malade est possédé par un mauvais esprit ou dominé par une influence maligne. Dans le peuple des pays civilisés, on trouve encore

Esta receita foi aplicada numa criança, a quem faltava o apetite e que se mirrava sem causa conhecida—sintomas infalíveis de mau olhado. As melhoras foram completas e imediatas, *como quem deita petróleo no candieiro*, comparação de que se serviu a própria mãe.

Tôdas estas receitas têm sido experimentadas com um êxito admirável que justifica plenamente a confiança que inspiram. Garantem-nas e aconselham-nas.

Arte popular

Os instrumentos musicais usados são a viola, o cavaquinho, o pandeiro e o harmónio, onde tocam músicas alegres, mas pouco variadas.

As danças bantante vivas e saltadas executam-se ao ar livre, em pequeno espaço, numa nuvem de poeira. O malhão, o vira, a chula e o regadinho representam o grande prazer coreográfico da mocidade aldeã.

Cantam freqüentemente, sempre na mesma toada monótona, improvisando com facilidade. A despeito de modernismos civilizados importados da cidade, que não é raro ouvir à beira dum rio ou na volta duma estrada, o *folk-lore* regional é rico e nele consegui colher alguns exemplares, sem selecção. Nem todos são exclusivamente barcelenses, mas atestam, pela adopção, preferências regionais e também mostram a difusão de certas quadras através do País:

une conception analogue de la maladie. Certains paysans de nos compagnes ne different pas sensiblement à cet égard des primitifs. En Bretagne, ils croient que la maladie est envoyée par Dieu, en punition d'un acte mauvais, ou produite par un «sort». Dans ce dernier cas, la maladie est une façon d'entité mauvaise ayant une quasi personnalité et l'on peut la conjurer ou l'adjurer comme on le ferait d'un esprit ou d'un diable».

- | | |
|---|---|
| 1. Quero cantar e que ouçais,
Já que falar-vos na posso.
Quero que reconheçais
Que o meu coração é vosso. | 8. Na negrura dos teus olhos,
Em tamanha escuridão,
Não há trevas, tanto luto,
Como no meu coração. |
| 2. Se o cantar desse dinheiro
Fazia por cantar bem.
O cantar não dá dinheiro,
Tudo como quere vai bem. | 9. Os teus olhos não são olhos,
São dois botões de veludo,
O que eu desejo é <i>lográ-los</i> :
Os olhos, botões e tudo. |
| 3. Quem quizer que eu cante bem
Dê-me vinho e dinheiro,
Esta minha gargantinha
Não é forja de ferro. | 10. Olhos pretos, roubadores,
Porque vos não confessais
Dos delitos que fazeis,
Dos corações que roubais? |
| 4. Preguntaste quem eu era,
Pela minha geração.
Sou de longe deste sítio,
Do lugar de S. João. | 11. Aquela menina é minha,
Aqueles olhos são meus,
Aquele corpo bem feito
Era o que eu pedia a Deus (2). |
| 5. Debaixo desta ramada,
Quem me cobre são videiras.
Tu hás-de ser meu Amor,
Quer tu queiras ou não queiras. | 12. Fui ao mar a buscar lume,
Namorei-me da fátca,
Namorei-me dos teus olhos
Logo à primeira vista. |
| 6. Debaixo desta ramada,
Quem me cobre são as fôlhas,
Os olhos que tu me <i>botas</i>
Desvia-os e não me tolhas. | 13. <i>Assubi</i> ao limoeiro,
No meio chorei uma hora.
Namorei-me dos teus olhos,
Que há-de ser de mim agora? |
| 7. Troquei os meus olhos pretos
Por outros acastanhados.
Agora todos me chamam
Amor dos olhos trocados (1). | 14. <i>Assubi</i> ao limoeiro,
Cheguei ao meio, caí.
O limoeiro é morte.
Ai de mim que já morri! (3) |

(1) Augusto C. Pires de Lima em *Tradições populares de Santo Tirso* cita uma quadra semelhante («Revista Lusitana», vol. XXI, pág. 64).

(2) Citada por Augusto Pires de Lima em *Tradições populares de Santo Tirso*.

(3) Uma quadra análoga a esta vem citada nas *Afinidades galaico-portuguesas de folclore*, do Dr. J. R. dos Santos Júnior («Trabalhos da Soc. Port. de Antropologia e Etnologia», Porto, 1929), em confronto com a quadra galega:

A subir o alcipreste
cheguei o médio e caín,
o alcipreste é a morte
i-eu para morrer nacín.

15. Oliveira do Brasil
Bota galinhos de prata.
Tomar amores não custa.
Deixá-los é o que mata.
16. Oliveira do Brasil
Bota raízes *pró* lodo.
Eu não falo de ninguém,
De mim fala o mundo todo.
17. Foste dizer mal de mim
A quem mo logo contou.
Eu sempre gosto e gostei
De quem me desenganou.
18. Toda a terra é algarvia,
Desde a alta à beira-mar.
Foste dizer mal de mim,
Quem desdenha quer comprar.
19. A maçã da macieira
Não se deve abocanhar.
É como a moça solteira,
Qu'inda espera de casar.
20. A maçã do *acipreste*
É doce e a casca amarga.
É como o amor dos homens:
Hoje pega, amanhã larga.
21. Oh! *Acipreste* do adro,
Não *assombres* a igreja,
Que bem *assombrado* anda
Quem não *logra* o que deseja (1).
22. Oh! *Acipreste* do adro,
Galheira de passarinhos,
A quem tu deste os abraços,
Dá-lhe também os beijinhos.
23. Esses teus beijos, menina,
São remédio, tem virtude.
Quando beijais um doente,
Logo lhe dais a saúde.
24. Pedi-te um beijo, còraste;
Ao segundo, já sorriste,
Ao terceiro, já mo deste,
Ao quarto, já mo pediste.
25. Dá-me um beijo, dou-te dois.
A minha paga é dobrada.
É o brio dos amores:
Pagar e não dever nada.
26. Se já estás arrependido
Dalgum bem que me fizeste,
Dá-me os beijos que eu te dei,
Que eu dou-te os que tu me deste..
27. A silva que me a mim prende
À tua janela nasce.
Nunca me a silva prendeu,
Que eu dela me não livrasse.
28. As silvas prendem co'os braços.
Quem lhe vai colher a amora.
Quando as silvas dão abraços,
Que fará quem se namora?
29. Namorados, falai baixo,
As paredes têm ouvidos.
Os segrêdos encobertos
São os que são mais sabidos (2).
30. Se eu fôsse *namorativa*
Já eu tinha um namorado.
Nem eu sou *namorativa*,
Nem tu és do meu agrado.

(1) Semelhante em *Tradições populares de Santo Tirso*, de Augusto C. Pires de Lima.

(2) Em *Tradições populares*, por A. C. Pires de Lima.

31. Se eu soubesse namorar,
Como sei tocar viola,
Já eu tinha namorado
A filha do rei mais nova.
32. Se eu soubesse namorar,
Como sei cantar cantigas,
Fazia chorar as pedras...
Quanto mais as raparigas!
33. Namorei-me do bonito,
Cuidando que era fazenda.
Agora quero comer,
Boniteza não *m'alembra*.
34. Namorei-me, namorei-me,
E não soube namorar.
Namorei-me dum vadio
Que me não soube estimar.
35. O cravo roxo nasceu
No valado duma poça.
Não há moço que mereça
O coração duma moça.
36. Não se mede a confiança
Pela fôlha do alecrim.
Já trouxeste na lembrança
A muitas antes de mim.
37. O limão é rico cheiro,
Enquanto não apodrece.
É como um Amor que é novo,
Enquanto não aborrece.
38. Tomaste novos amores,
Tomaste, que eu bem *no* sei.
Tomaste novos amores...
Da minha parte estimei.
39. Oh! Meu Amor, tu trocaste
Pano fino por baeta,
Pois tu trocaste uma rosa
P'ra casar c'uma careta.
40. Eu casei-me, cativei-me,
Troquei a prata por cobre,
Troquei minha liberdade
Por dinheiro que não corre.
41. Raparigas do meu tempo,
Chorai agora por mim,
Que eu vou dar a minha mão
Para séculos sem fim.
42. *Indas* que meu pai me mate,
Minha mãe me tire a vida,
Minha palavra está dada,
Minha mão está prometida.
43. Anda p'ra aqui um *pangaio*
De loureiro em loureiro.
Hoje casa, amanhã casa,
Pangaio sempre solteiro.
44. Loureiro loureador,
Quem te manda lourear,
Quem te manda ter paixão
Por quem nunca hás-de lograr?
45. Segurai-me, segurai-me,
Que eu quero morrer segura.
Eu queria segurar
O Amor que me procura.
46. Hei-de cantar e dançar,
Enquanto solteira fôr.
Ao *despois* de casadinha,
Quem manda é o meu Amor.
47. Amores de ao pé da porta
Não os tenho, nem espero.
Ando nesta liberdade:
Vou e venho, quando quero.
48. Amores de ao pé da porta
Amai-os a todo o risco.
Indas que a boca não fale,
Os olhos são um petisco (1).

(1) Semelhante em *Tradições populares*, por A. C. Pires de Lima.

49. Os olhos do meu Amor
São duas amendoinhas.
Fechados são dois botões,
Abertos duas rosinhas (1).
50. Os olhos do meu Amor
São duas continhas pretas,
Colhidinhos ao luar,
No jardim das violetas.
51. O meu Amor não é 'quele,
Que eu no andar o conheço.
Tem um andar miudinho
Como a fôlha do codesso (3).
52. O meu Amor não é 'quele,
Que o meu Amor traz chapéu.
É um rapaz boniinho
Como as estrélas do céu.
53. As estrélas no céu correm
Tôdas numa carreirinha,
Assim a ventura corre
Da tua mão para a minha.
54. Eu pus-me a contar estrélas
Com a ponta duma espada.
Comecei à meia noite,
Acabei de madrugada.
55. Oh! estrelinha do norte,
Agulha de marear.
És a estréla que me guia
Para ao meu Amor falar.
56. Oh! estrelinha do norte,
Espera por mim, que eu vou.
Espera mais um bocado,
Já que o luar me enganou.
57. Oh! Luar da meia noite,
Bem te podes ir embora.
O meu pai não vai p'ra cama,
Eu não posso ir lá fora.
58. Oh! Luar da meia noite,
Tu és o meu inimigo.
À porta do meu Amor,
Eu não posso entrar contigo (2).
59. Oh! que lindo luar vai
Para colher a *marcela!*
Se tu quiseres, Amor,
Faremos a cama nela.
60. Oh! Minha mãe, venha ver
A cama do meu Amor.
É dentro da meia rasa,
Coberta co'o rasador.
61. — Oh! Rosa da Alexandria,
Por onde perdeste o cheiro?
— Perdi-o na tua cama,
Debaixo do travesseiro.
62. — Maria, quero que digas
Onde repousa o teu corpo.
— Repousa na tua cama
Ou na sepultura morto.
63. Chamaste por mim, de noite;
Não falei porque dormia.
Se me quer's alguma coisa,
Fala-me agora que é dia.
64. Ai! Coração que a Deus ama!
Contigo não tenho fé.
Quero um coração inteiro,
Pois o meu inteiro é.
65. Sonhei com salsa no rio
Alecrim nos pinheirais,
A ver se êste Amor m'esquece
Cada vez *m'atembra* mais.
66. Oh! Salsa da beira-rio!
Da beira do rio, salsa!
Mais vale uma feia e firme
Do que uma bonita e falsa.
67. Meu Amor procura agrados,
Não procures formosura.
Formosura sem agrados
É viver na noite escura (1).
68. Dizeis que no mar há rosas,
Mas eu não vejo botões.
Eu só vejo caras lindas,
Mas não vejo corações (2).
69. Tenho dentro do meu peito
Dois suspiros por abrir.
Ninguem sabe o meu sentido,
Nem o que eu hei-de seguir.
70. No mar alto anda a guerra,
Eu bem ouço dar os tiros.
Eu bem ouço combater
Os teus ais co'os meus suspiros.
71. Apartar por apartar,
Antes uvas da videira.
A mim também me apartaram
Meu Amor da minha beira.
72. Quem me dera agora ver
Quem agora *m'alembrou*,
O meu querido Amor,
Que tão longe dele estou (3).
73. Os cuidados não enjeitam
Quem sofre por bem querer.
Quem se sujeita ao Amor,
Sujeita-se a padecer.
74. O meu Amor me enjeitou,
Eu me dou por enjeitada.
Agora todos me chamam
Viuva sem ser casada.
75. Coração por coração,
Amor, não troques o meu;
Que sempre o meu coração
Muito leal foi ao teu.
76. Não quero que me dê nada,
Qu'eu também nada te dou.
Não quero que o mundo diga
Que êste meu dar te enganou.
77. Meu Amor, não morras hoje,
Deixa p'ra segunda-feira.
Não quero que o mundo diga
Que morreste à minha beira.
78. Oh! Meu Amor, se tu fores,
Leva-me podendo ser.
Eu quero ir acabar,
Aonde tu for's morrer.
79. Meu Amor, por tua vida
Ou por tua caridade,
Ai! tira-me desta lida,
Leva-me para a cidade.
80. Meu Amor, se vir's cair
Flores na tua varanda,
Apanha, que são saúdaes,
É teu Amor quem tas manda.

(1) Quadra semelhante à citada por João da Silva Correia — *Migalhas etnográficas; Cancioneiro de Espáriz, distrito de Coimbra* («Revista Lusitana», vol. XX).

(2) Semelhante em *Tradições populares*, por A. C. Pires de Lima.

(3) Idem, idem.

(1) Quadra semelhante em João da Silva Correia — *Cancioneiro de Espáriz*.

(2) Parecida em *Alguns aspectos da vida portuguesa no cancioneiro de S. Simão de Novais*, por F. de C. Pires de Lima («Soc. de Antropologia», Pôrto, 1930).

(3) Com algumas alterações esta quadra aparece no *Cancioneiro de Espáriz*, de João da Silva Correia e nas *Tradições populares de Santo Tirso*, de A. C. Pires de Lima.

81. Eu pus-me a chorar saúdades
Ao pé da água que corre.
A água me respondeu:
Quem tem amores não morre.
82. Nasce avenca pelas fontes,
Pelos campos nascem flores...
Quando alegre o sol os montes,
Que fará quem tem amores?...
83. Se fores, domingo, à missa,
Põe-te em sítio em que eu te veja.
Não faças andar meus olhos
Em leilão pela igreja (1).
84. Igrejinha de Arcozelo,
Feita de pedra morena,
Dentro dela é que ouve missa
Quem me causa tanta pena.
85. Com pena peguei na pena,
Com pena escrevi um S,
Com pena mandei dizer
Ao meu Amor que viesse.
86. Com a pena do pavão
E sangue da cotovia
Hei-de escrever uma carta
Ao meu Amor, algum dia (4).
87. Chove dentro do meu peito,
Não acho recolhedor.
Chove dentro como fora
Lágrimas do meu Amor.
88. As lágrimas m'obrigaram
Ao que eu não me obriguei:
A dar água todo o ano
Para o chafariz do rei.
89. O meu Amor é barbeiro
E faz a barba ao juiz
C'uma toalha de renda,
Lavada no chafariz.
90. A amora, nestes valados,
De vermelha se faz preta.
Quem tem um Amor soldado
Anda ao toque de corneta.
91. O meu Bem não é soldado,
Mas também faz sentinela.
Leva o dia de descanso
De guarda à minha janela.
92. Não quero Amor soldado,
Que soldado não é gente.
Quero um dos comandantes,
Um capitão ou tenente (2).
93. Não quero Amor soldado,
Não é por o desprezar.
O servir o rei é honra.
Meu Amor, deixa-te andar (3).
94. Se houver de tomar amores,
Na marinha há-de ser.
A marinha é muito grande,
Tem muito onde escolher.
95. Não quero Amor ferreiro,
É caro para o lavar.
Antes quero marinheiro,
Que é bem lavado no mar (5).
96. O meu Amor é um anjo.
Deus mo deu, não o mereço.
Já mo quiseram comprar.
Anjos do céu não têm preço.

(1) Em *Tradições populares*, por Augusto C. Pires de Lima.

(2) Com pequenas alterações esta quadra vem citada em *Alguns aspectos da vida portuguesa no cancioneiro de S. Simão de Novais*, por Fernando de Castro Pires de Lima.

(3) Em *Cancioneiro de S. Simão de Novais*, por Fernando C. Pires de Lima.

(4) Em *Tradições populares*, por A. C. Pires de Lima.

(5) Em *Cancioneiro de S. Simão*, por Fernando C. Pires de Lima.

97. O meu Amor era torto,
Eu mandei-o cávacar.
Agora já tenho lenha
Para fazer o jantar.
98. Minha mãe, p'ra me casar,
Prometeu-me três ovelhas:
Uma manca, outra cega,
Outra mona, sem orelhas (1).
99. Eu vou por aqui abaixo,
Como quem não vai a nada,
Abanar uma pereira,
Qu'indas não foi abanada.
100. Hei-de ir ao Senhor do Monte,
Ao Senhor do Monte hei-de ir.
Quem vai ao Senhor do Monte,
Vai ao céu e torna a vir.
101. Quem quiser que a água corra,
Faça-lhe o rêgo bem feito.
Quem quiser ser respeitado,
Dê-se também ao respeito.
102. A cana verde, no mar,
Arreventa ao nascer.
Assim rebentam os olhos
A quem me não pode ver (2).
103. Tristezas são violetas,
Alegrias bem-me-queres.
Os homens são uns poetas,
Bonitas são as mulheres.
104. Botei um cravo no poço,
Fechado, saiu aberto.
É um regalo na vida
Enganar a quem é esperto.
105. Oh! Barcelos! Oh! Barcelos!
Oh! Barcelos! Oh! Vadio!
Botei-te da ponte abaixo,
Foste beber água ao rio.
106. Oh! Barcelos! Oh! Barcelos!
Oh! Barcelos! Oh! Traidor!
Botei-te da ponte abaixo,
Foste ver o meu Amor.
107. O anel que tu me deste
Não o dei, nem o vendi.
Botei-o da ponte abaixo,
Também te botava a ti (3).
108. O anel que tu me deste
Era de vidro, quebrou.
O amor que tu me tinhas
O anel bem o mostrou (4).

(1) Quadra citada em *Cancioneiro de Espáriz*, por João da Silva Correia e em *Tradições populares*, por A. C. Pires de Lima.

(2) Em *Cancioneiro de S. Simão de Novais*, por Fernando C. Pires de Lima.

(3) João da Silva Correia, nas *Migalhas etnográficas—Cancioneiro de Espáriz*, cita uma quadra parecida com esta.

(4) Nas *Afinidades Galaico-Portuguesas de Folclore*, o Dr. J. R. Santos Júnior menciona esta quadra comparando-a com a quadra galega:

O anelo que me deche
foi no dia do Señor
Heme grandião do dedo
e pequeniño en amor.

109. O Sol, quando nasce, inclina
Nas pedras do meu anel.
Eu também sou inclinada
Ao nome de Manuel (1).
110. Ai! Manuel, Manuel,
Manuel enganador!
Enganaste uma menina
Com palavrinhas de Amor.
111. Semeei e já colhi
O que havia de colher.
O nome de Manuel
Não é nome de perder.
112. Por António dou a vida,
Por José beijos do mar,
Por Manuel a mim mesma.
Não tenho mais que lhe dar.
113. Trazeis o cabelo atado,
Oiro por cima da trança.
Quem do oiro faz rodilha,
Ao Amor trará vingança.
114. Trazeis o cabelo atado,
Pelas costas ao comprido.
Nas ondas do teu cabelo,
Anda o Amor escondido.
115. Tu chamaste ao meu cabelo
Um ninho de passarinhos;
Eu também chamei ao teu
Gaveta dos meus beijinhos.
116. Tu chamaste ao meu cabelo
Dobadoira de dobar;
Eu também chamei ao teu
Sarilho de ensarilhar.
117. Chamaste-me moreninha.
Eu bem sei que sou morena.
Isto foi do pó da eira,
Quando eu era pequena.
118. Chamaste-me moreninha,
Moreninha e engraçada.
Mais vale ser moreninha
Do que branca desmaiada.
119. Oh! Meu Amor, se tu fores
Para o tribunal das rosas,
Apega-te às moreninhas,
Que as brancas são enganosas (2).
120. Olá, Diolinda, olá,
Olá, Diolinda, olé!
Os olhos da Diolinda
São da côr do meu boné.
121. Dei um nó na fita verde,
Outro na mais vermelhinha.
Ainda espero dar outro
Na tua mão e na minha.
122. Dei um nó na fita verde,
Outro na preta, a rigor.
Ainda espero dar outro
Nos braços do meu Amor.
123. Oh! ai! Oh! ai!
Camarões da beira-mar!
Se eu agora não namoro,
Quando hei-de namorar?
124. Adeus, que me vou embora,
Já não posso cantar mais,
Já me dói o céu da bôca
E mais os dentes queixais.

(1) Em *Tradições populares de Santo Tirso*, por A. C. Pires de Lima.

(2) Quadra semelhante em *Cancioneiro de Espáriz*, por João da Silva Correia.

125. Adeus, que me vou embora,
Para onde não te digo.
Se tu quiseres saber,
Prepara-te e anda comigo.
126. Adeus, que me vou embora,
Adeus, que me embora vou.
Eu, se vou, é porque quero,
Que a mim ninguém me mandou.
127. Boa noite, pomba branca,
Boa noite te vou dar.
Quási vai dar meia noite,
São horas de me deitar.

Destas quadras aqui reunidas, podem extrair-se algumas para um esbôço de estudo psicológico popular.

Duma maneira geral, predomina o lirismo, a ingénua canção de Amor tão simples como a dos velhos cancioneiros lusos:

Coração por coração,
Amor, não troques o meu.
Que sempre o meu coração
Muito leal foi ao teu.

A Saüdade que, no século XV, atingiu a sua melhor expressão em João Roiz de Castelo Branco (1), a Saüdade que imortalizou Bernardim, também encontra anónimos cantores:

Meu Amor, se vir's cair
Flores na tua varanda,
Apanha que são saüdades.
É teu Amor quem tas manda.

(1) D. Joam Roiz de Castel Branco, melhor do que Bernardim Ribeiro, soube dar ritmo à Saüdade medieval, tornando-se um verdadeiro precursor do Saüdosismo moderno. No *Cancioneiro Geral*, de Garcia de Resende, vol. III, pág. 134, existem estes versos dele:

Senhora, partem tão tristes
meus olhos por vós, meu bem,
que nunca tão tristes vistes
outros nenhuns por ninguém.
Tão tristes, tão saüdosos,
tão doentes da partida,
tão cansados, tão chorosos,
de morte mais desejosos
cem mil vezes que da vida,
partem tão tristes os tristes,
tão fora de esperar bem,
que nunca tão tristes vistes
outros nenhuns de ninguém.

A tristeza sentimental, desiludida e resignada dum povo que anima o ritmo dolente do fado desperta écos nas trovas populares do norte:

Os cuidados não enjeitam
Quem sofre por bem querer.
Quem se sujeita ao Amor,
Sujeita-se a padecer.

Expressões dum temperamento independente atravessam a simplicidade dos versos:

Não quero que me dê nada,
Que eu também nada te dou.
Não quero que o mundo diga
Que este meu dar te enganou.

O sentimento de dignidade pessoal também transparece na forma concisa das redondilhas:

Quem quiser que a água corra,
Faça-lhe o rêgo bem feito.
Quem quiser ser respeitado,
Dê-se também ao respeito.

Um despeito desdenhoso, que desilusões sentimentais provocam, aflora por vezes:

Tomaste novos amores,
Tomaste, *qu'eu* bem *no* sei.
Tomaste novos amores...
Da minha parte estimei.

Conceitos que a sensatez determina falam através da toada das rimas:

Meu Amor, procura agrados,
Não procures formosura.
Formosura sem agrados
É viver na noite escura.

A ironia ligeira e despreocupada interrompe a monotonia duma sensibilidade sem complicações:

Amores de ao pé da porta
Amai-os a todo o risco.
Indas que a boca não fale,
Os olhos são um petisco!

A alegria moça e sadia dos improvisados poetas manifesta-se espontaneamente no estilo jocoso ou na sátira irreverente:

O meu Amor era torto,
Eu mandei-o cavacar.
Agora já tenho lenha
Para fazer o jantar.

Outras vezes aparece o devaneio romântico nascido da própria natureza:

Oh! que lindo luar vai
Para colher a *marcela*!
Se tu quiseres, Amor,
Faremos a cama nela.

E até os mesmos temas que inspiram os grandes poetas nacionais vivem no singelo lirismo regional:

Se já 'stás arrependido
Dalgum bem que me fizeste,	Nada mais tenho teu; é linda a troca,
Dá-me os beijos que eu te dei,	Se o desejo não tens (ah! se o tivesses!...)
Que eu dou-te os que tu me deste.	De destruir os beijos que trocamos.

Eugénio de Castro.

Nas quadras barcelenses ⁽¹⁾ que coleccionei, nota-se frequentemente o paralelismo como manifestação da técnica rítmica mi-

(1) É difícil distinguir entre estas quadras as que foram improvisadas mesmo em Barcelos das que resultam da migração de cantigas que constantemente se realiza em Portugal. O que é facto é que todas estas se cantam em Barcelos.

nhota, podendo esta insistência paralelística confirmar a origem popular dos Cantares de Amigo medievais, já defendida por Leite de Vasconcelos, José Joaquim Nunes, D. Carolina de Michaelis, Teófilo Braga, etc., e representada ainda nas actuais e espontâneas composições do folk-lore português.

É tão natural a improvisação dos jovens camponeses que, quando perguntei a uma rapariga que era das melhores cantadeiras de Arcozelo como faziam versos, ela respondeu muito sinceramente:

— «É a cantar».

Para êles verso significa rima e canto, e constroem de ouvido o ritmo fácil das redondilhas, ignorando profundamente, como é lógico, qualquer noção de metrificacão.

Nomes

Se é certo que os nomes próprios individuais não se caracterizam por qualquer particularidade, repetindo apenas os mais correntes das nossas aldeias, pois os mais freqüentes são Manuel, António, José, Maria, Adelaide, Conceição, Emília, Rosa e Ana, o mesmo não sucede com as alcunhas que aparecem às vezes imprevistas e inexplicáveis.

As bruxas e feiticeiras aliam à fama gloriosa dos seus malefícios designações populares consagradas. Além da Barbuda e do Fitas já citados, também se tornou digno de especial consideracão o Enxota Diabos (1). A alcunha de Fitas, todavia, não mantém o exclusivo, pois, com o bruxo, dela compartilha um consciencioso professor de Instrucão Primária. A um apreciado *industrial* de

(1) Luís de Pina, *Bruxas e Medicina* («Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia», 1929). Refere-se a Enxota Diabos como designacão comum.

cerâmica, especializado na pintura de *mascottes*, em cujo aperfeiçoamento êle se gaba de desafiar tôda a concorrência, chamam o Pelado. O Mouro é um taberneiro *habilitado*, como esclarece a inscriçã que lhe ornamenta a *fachada do estabelecimento*. A uma mulher que alterna os dias de trabalho com outros de mendicidade concederam a designacão de Carreira Covas. O tocador de órgão das imponentes solenidades religiosas fêz a sólida reputacão de que goza com o nome de Estrugidinho. O mais notável cantador e improvisador das esfolhadas é conhecido, numa extensa área, pela denominaçã inesperada de Ruktruk. Corneta serve de alcunha ao mais completo tendeiro de Arcozelo, figura típica, sorridente, rubicunda e adiposa da curiosa fauna regional.

Os cães, maltratados e desprotegidos guardas dos lavradores, usufruem as regalias de poucos nomes, mas, por isso mesmo, extremamente espalhados. Nero, Visconde, Tejo e Chanférs (Chaufeur) aparecem vulgarmente.

O sentimento

Afirma-se que pertence ao domínio da Fantasia a Ilha dos Amores que, nos *Lusiadas*, nasce em pleno oceano para deleite dos navegadores portugueses e atribui-se a sua criaçã ao talento poético de Camões. Se não se localiza nos mares, em mais modestas pesquisas, pode vir encontrar-se em Barcelos.

As freguesias de Arcozelo e S. Veríssimo, cujos extremos entestam, são delimitadas por um ribeiro que verte no Cávado o seu insignificante volume de águas. É no leito dêsse rio que se recorta a reduzida superfície verdejante — uns 300 m² aproximadamente — da famosa ilha. Coberta por espessa e arborizada flora, oferece a todos os idílios circunvizinhos o protector encanto da sua discreta vegetacão. Todo o bucolismo apaixonado da regiã ali procura refúgio. Nomes, frases, datas, quadras, pensamentos fragmentários — escrita comemorativa que, nas próprias árvores,

o tempo lentamente apaga — atestam desabafos sentimentais do subjectivismo local e entram no folk-lore regional. Consegui decifrar algumas dessas românticas inscrições:

*Coquete dos prados,
A rosa é uma flor
Qu'inspira e não sente
Os encantos do Amor.*

Tiago
Micas

Maria
Luís

Venancio
I. C. O. 24-3-29

O amor e o trabalho tudo *vence*.

Antonieta
acabou
ingrata

Gininha meu
Amor
2-9-28

Amo-a.
Quero-lhe tanto
como a luz dos
meus olhos.
Porém o meu sonho
é *irrealisavel*.

Nos troncos lisos de esbeltos eucaliptos, desconhecidos visitantes gravaram a canivete, por vezes profundamente, para esclarecimento dos vindoiros, em letras de vários tamanhos e formatos, com diverso grau de perfeição, o lírico nome da tranqüila ínsula: Ilha dos Amores.

RELHOS, ESPICHAS E LANÇADEIRAS (1)

POR

AFONSO DO PAÇO

De todos os tempos havemos notícia de trabalhos de arte popular em que os principais peritos fôram os pastores. Em algumas localidades do nosso país onde a vida pastoril quasi desapareceu, não morreu ou definhou com ela a referida arte.

Nos arredores de Viana do Castelo, em algumas freguesias onde os pastores não existem e os povos se dedicam quasi exclusivamente à cultura dos campos, são os objectos *lavrados* de uso popular executados pelos camponeses, que também dispõem de horas vagas nas suas occupaões diárias, aproveitando umas vezes para êsses trabalhos os dias de forte invernia, roubando outras um bocadinho do domingo ao serviço do Senhor.

Os objectos *lavrados* que o homem fabrica nessa região minhota, não são para seu uso próprio, mas somente para o da mulher que, como namorada, espôsa e companheira de labuta nos campos, lhe merece carinhos especiais. Presenteia-a êle com *relhos*, *espichas* e *lançadeiras*, etc., e ela com lenços marcados, fazendo ainda o bordado das toalhas do bragal, os *bicos* (crochet) do peito de suas camisas ou tecendo saias e aventais.

Crete de que é pelos objectos de arte popular de uso feminino que podemos ajuizar do bom gosto duma região, tentarei dar uma ideia do que são os objectos acima citados em algumas

(1) Desenhos da Ex.^{ma} Sr.^a Dr.^a D. Maria João Lopes do Paço.

das freguesias dos arredores de Viana do Castelo, especialmente em Outeiro e Pêrre.

A origem de cada um dêles deve perder-se, como é de uso dizer-se, na noite dos tempos, pois como adiante veremos, dalguns há notícia mui remota.

Desde a mais alta antiguidade sempre foi, como diz a sabedoria das nações «o homem barca e a mulher arca». Ficando em casa tinha a mulher a seu mester os negócios do lar de portas a dentro e inerentes a êle a fiação e tecelagem do vestuário caseiro.

As necessidades da vida e os intensos trabalhos agrícolas levaram à modificação dêste hábito em algumas regiões do nosso país. Assim no norte acompanha ela o homem no campo ou trabalha sôzinha quando o elemento masculino falta, como acontece em algumas aldeias da beira-mar dos arredores de Viana do Castelo, onde o homem vai para longes terras ganhar a vida e ela estende então o âmbito dos domínios da sua acção ao cultivo das terras que o casal possui. Depois, havendo muitas mulheres numa família, o govêrno da casa e o preparo dos alimentos ficam em geral a cargo da mais idosa, indo as outras para a lide pesada dos campos.

Não é portanto a minhota considerada uma escrava que fica de portas a dentro. Trabalhando ombro a ombro com o homem, é considerada sua companheira e sua igual, não sentindo a sua inferioridade recebendo do marido a dádiva do pão que come e do vinho que bebe.

Os objectos lavrados acima referidos, onde abundam motivos amorosos e delicados, corações e flores, podem dividir-se em três grupos distintos:

Uns usados sòmente pela mulher fora de portas, em trabalhos de campo, como os *relhos*.

Outros para uso misto, fora de portas e dentro do lar, as

espichas, pois as lavradeiras fiam em sua casa e a caminho dos trabalhos.

Ainda um terceiro grupo podemos formar com as *lançadeiras* usadas sòmente dentro de casa, no tear.

Relhos

O seu uso, como acima disse, não é recente. D. Julian Lopez Garcia fala-nos duns instrumentos de xisto, a que dá o nome de «rellos», encontrados nas excavações da citânia de Santa Tecla (1), podendo ver-se êsses exemplares no Museu da Sociedade Pró-Monte, em La Guardia. Quando em 1929 visitei o Colégio del Passage, também lá vi alguns, tendo-me o distinto arqueólogo Padre Jalhay presenteado com um, que actualmente faz parte da minha colecção (fig. 1).

Para atar os feixes de erva que a lavradeira carrega à cabeça e que lhe dão aspecto desempenado, usam-se cordas com *relhos*. Estes são no Minho pequenos objectos de madeira de feitios variados, conforme indicam as figuras do presente estudo, que não ultrapassam um decímetro de comprimento por um centímetro de espessura.

Tem nos dicionários às vezes a palavra *relho* significado diferente do que lhe vai aqui atribuído.

Assim Bluteau diz que é o «cinto com que as mulheres nobres da Lusitânia costumavam cingir-se» (2).

O Padre Bento Pereira diz:

«O nó de rosa ou fecho do cinto a que chamam relho...»
e Brito, na *Monarquia Lusitana*, refere:

«E dado o cinto marital e agora os relhos que mulheres...»

(1) Julian López Garcia, *La citania de Santa Tecla o una ciudad prehistórica desenterrada*. La Guardia, 1927, pág. 109, figs. 65 e 66.

(2) Bluteau, *Vocabulário português e latino*. Lisboa, 1720.

Para Viterbo é « o fecho ou fivelão com que outrora se apertavam os preciosos cintos das mulheres portuguesas. O serem de figura triangular e quasi da feição dos *relhos* que ainda hoje na provincia do Minho estão em uso, dá o nome a êste ornamento da cinta ou faixa peitoral » (1).

Refere ainda Viterbo que daí veio o dizer-se: « chegar ao relho a uma mulher » ou « desatar-lhe o relho » ser sinónimo de « casar com ela . . . »

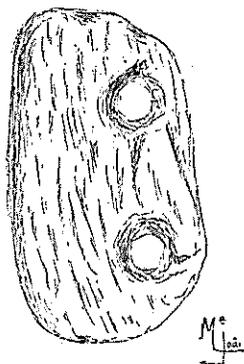


Fig. 1

Domingos Vieira atribui-lhe o significado de: « césto, cinto-maternal, *petrina* » (2).

Césto é no mesmo autor o « cinto que os poetas e pintores da antiga Grécia davam a Venus e Juno. Nêle escondia Venus os Amores e quando por êles queria render alguém, bastava cingi-lo com o césto. Era ainda de uso na antiga Grécia pelos casamentos o marido cingir a mulher com o cinto em sinal de perpétuo amor ».

« As mulheres guardavam-no depois com muita estimação, pois

(1) Viterbo, *Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram*. Lisboa, 1799.

(2) Domingos Vieira, *Grande dicionário português*. Porto, 1874.

tinha, diziam, o condão de lhes conservar enquanto vivas o amor e o affecto dos maridos, o suave encanto que une os corações dos noivos » (1).

De *petrina* diz Bluteau que é palavra castelhana, valer o mesmo que cinto e vir certamente o seu nome de cingir o peito (2).

Petrina ainda significa propriamente o peito.

Camões descrevendo o traço de Venus, diz:

« De alva *petrina* flamas lhe saiam

« Onde o menino as almas acendia » (3).

Maximiliano de Lemos diz que *relho* é o fivelão com que as senhoras apertavam custosos cintos » (4).

Para Cândido de Figueiredo é uma « pequena peça de madeira em forma de 8 que serve de fivela para segurar as extremidades de uma corda com que se ata qualquer coisa.—Do latim *rigidulos*? » (5).

Além de significar ainda certo peixe do Mondego, *relho* quiere dizer rígido, duro, inflexível, que diz as verdades nuas e cruas, sem dissimulação (6).

D. Francisco Manuel refere:

« Fallarey como mandais.

« Bom português velho, relho » (7).

No Minho, *relho* ainda hoje significa pessoa que nunca está calada, que rezinga constantemente.

(1) Id., *Op. cit.*

(2) Bluteau, *Op. cit.*

(3) Camões, *Lusíadas*. Canto II, est. XXXVI.

(4) Maximiliano de Lemos, *Enciclopédia portuguesa*.

(5) Cândido de Figueiredo, *Novo dicionário*.

(6) Domingos Vieira, *Op. cit.*

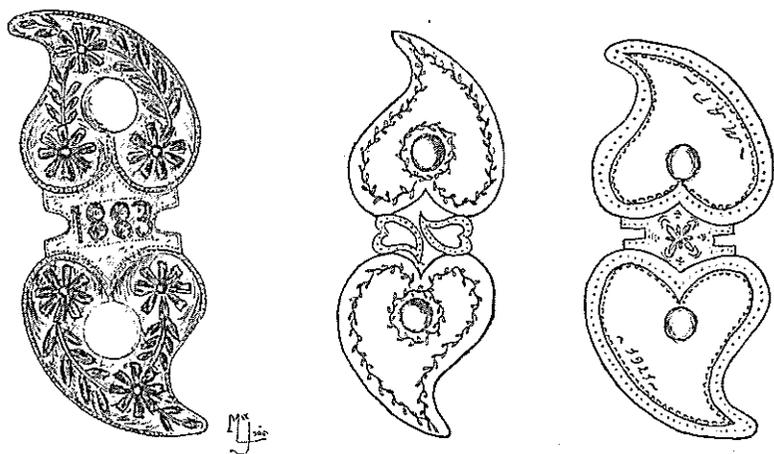
(7) D. Francisco Manuel de Melo, *Obras Métricas*, Part. I, col. II, pág. 213.

Depois destas digressões algo longínquas pelos dicionários, voltemos aos *relhos* de Outeiro e Pêrre.

Como acima disse, os feitos são variados, conforme a habilidade da pessoa que os faz e para quem se destinam.

São poucos os curiosos que os fabricam e em geral cada um dêles tem a sua moda ou estilo.

Os *relhos* das raparigas novas e casadoiras teem uns a forma de dois corações unidos, com enfeites de ramagens, grinaldas, crescentes, rosetas, etc., como os das figs. 2, 3 e 4. O primeiro



Figs. 2, 3 e 4

dêstes é o mais antigo da minha colecção (sem contar o de xisto de Santa Tecla) pois tem ao centro, além da data—1883—dum lado, as iniciais do nome da sua possuidora—SGS—do outro. Foi-me oferecido em Carreço e era pertença duma lavradeira já de maduros anos que o recebera na sua juventude como presente dum namorado de Outeiro.

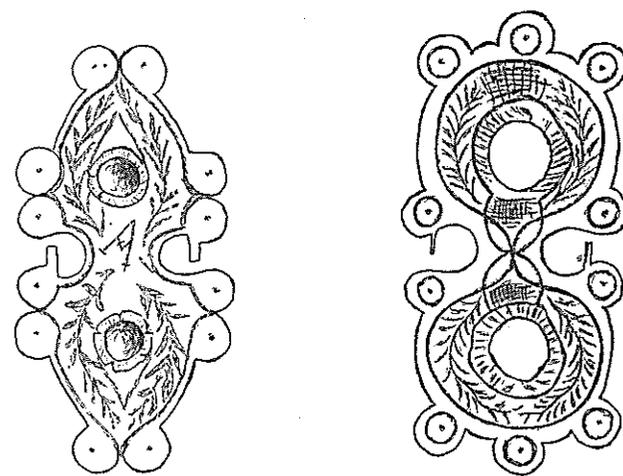
Esta forma de dois corações que ainda hoje subsiste, perdura há mais de meio século. Além de a ter visto em muitos exemplares que não possuo, é a preferida por um dos seus fabricantes

de hoje o sr. Vitorino Araújo da Preza, de Outeiro, que em 1921 me presenteou com o exemplar da fig. 4, que contém, além das iniciais do meu nome, a data em que foi feito. Ofereci-o ao meu querido Mestre e Amigo sr. dr. J. Leite de Vasconcelos, para o Museu Etnológico.

O exemplar da fig. 3 é graciosíssimo, estando os dois corações extremos ligados por dois outros de menores dimensões.

São estes os *relhos* mais perfeitos que possuo. O primeiro tem as flores abertas em baixo relêvo. O segundo e o terceiro, os desenhos gravados a ferro em braza.

Os exemplares das figs. 5 e 6 são de feitos diferentes dos anteriores, tendo à roda pequenos círculos e no interior rama-



Figs. 5 e 6

gens. O seu talhe, as mais das vezes feito a canivete, é mais imperfeito que os das figs. 2, 3 e 4.

O da fig. 7, de forma rectangular e bastante recortado, é ornamentado com ramagens, corações com flores e rectas entrelaçadas.

Uns teem dum lado a inicial A (Amor) (fig. 5) e do outro, por exemplo um M (Maria), se são presente de namorado à rapariga sua conversada. Quando se destinam a noivos ou jovens-casados, o tratamento é mais respeitoso e antepõe-se à inicial do nome um S (Senhor ou Senhora). Ex.: S. A. (Senhor António). Outros teem, como acima disse, as iniciais do nome, sobrenome e apelido, além das indicações do ano em que foram feitos

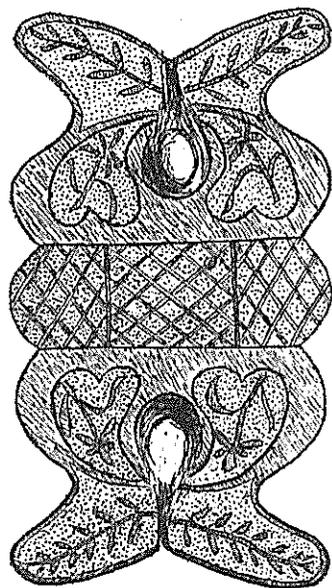


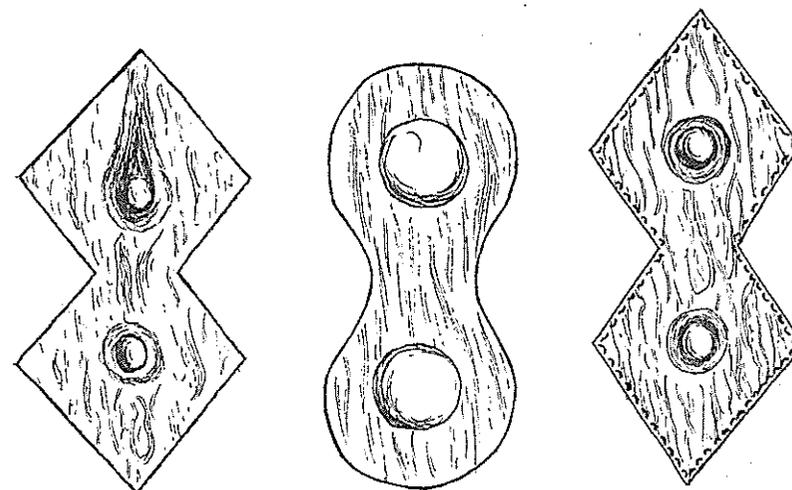
Fig. 7

O exemplar da fig. 5 tem os buracos onde enfia a corda forrados com uma delgadíssima chapa de cobre para não se desgastarem com o uso, como aconteceu aos da fig. 7.

Além destes *relhos* lavrados, há outros — os dos homens — sóbrios e sem enfeites, de linhas rectas, diríamos que fugindo para o cubismo (figs. 8 e 10), ou em forma de 8 (raros em Outeiro e Pêrre, a-pesar-de Cândido de Figueiredo atribuir esta forma a todos os *relhos* minhotos). (Fig. 9).

As velhas, pôsto que a todos inspirem os maiores carinhos, usam *relhos* como os dos homens, isto é, sem enfeites, sem as manifestações artísticas que brotam do amor do coração.

Os enfeites são quási sempre os mesmos: novos para os que começam a viver, velhos para os que descem a colina da existência. A civilização dos grandes centros ainda não deturpou esta arte rústica, batida das chuvas e dos ventos, rutilante de sol, cheia de esperança do verde dos campos, cheirando a tojo e a



Figs. 8, 9 e 10

alfazema, trabalhada a maior parte das vezes à ponta de canivete.

O *relho*, que serve para mais facilmente apertar a corda dum feixe, tem dois buracos: um, onde passa a azelha, e outro, onde enfia a ponta livre que aperta em laçada.

Estes *relhos* lavrados só os conheço à roda de Viana. Noutras regiões do país, com nomes diferentes, não passam de um pedaço de verga torcida ou de um galho curvo onde prende a extremidade da corda.

O *relho* novo bem como uma corda nova, fazem parte integrante do enxoval de uma lavradeira.

Os *relhos* lavrados são feitos de buxo, sendo os que não são enfeitados, talhados em qualquer madeira rija, mesmo em chifre de cabrito.

Espichas

A mulher do Minho fia na roca o linho e lã com que tece a roupa branca da casa, as suas saias e aventais, a faldrilha das calças do homem.

É vê-la no campo apascentando as vacas, ou andando estrada ou caminho fora, à ida e à volta do trabalho, sempre a fiar manelos sôbre manelos ⁽¹⁾.

As grandes fiadas fazem-se porém nas longas noites de inverno. A lavradeira dos arredores de Viana não fia como a de Mirandela, no fiadouro, ao ar livre, em grande arraial com fogueira ao centro e folguedos em redor ⁽²⁾. Fia em casa, à roda do borralho. Depois da ceia reünem-se as mulheres de duas ou três casas vizinhas, e enquanto falam dêste mundo e do outro, os homens jogam as cartas ou cabeceiam de sono e os serandeiros dirigem madrigais, fiam elas a sua tarefa de cêrca de uma dúzia de massarocas cada uma.

Faz parte da roca que acompanha a lavradeira para quási tôda a parte, um pequeno objecto trabalhado que se chama *espicha*, que é uma lâmina de osso perfeitamente lisa, não mais comprida que uns doze centímetros e mais espêssa que milímetro e meio, servindo para fixar a correia que aperta o manelo que é

(1) O professor J. Leite de Vasconcelos refere-se a vários trabalhos de difícil execução, feitos por moiras fiando na roca, segundo a crença popular.

(2) Vergílio Correia, *Rocas enfeitadas*. « Terra Portuguesa », vol. II, pág. 112 e segs. Lisboa, 1916.

como quem diz a quantidade de linho ou de lã que se põe duma vez na roca. (Fig. 11).

Há dicionários que nem trazem êste vocábulo no feminino, com o significado do presente estudo, como por exemplo o de

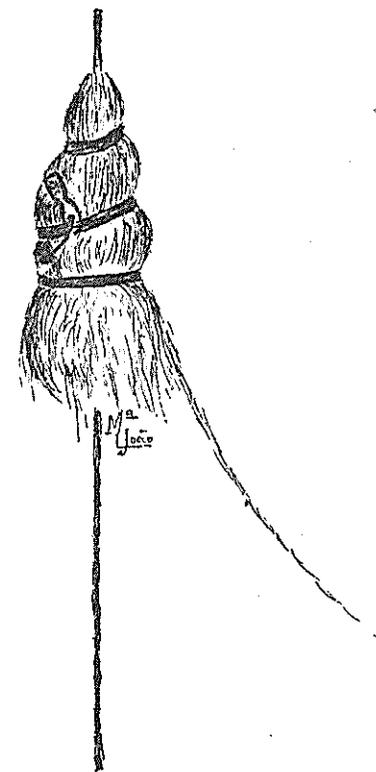


Fig. 11

Morais, onde aparece como uma porção de sardinhas ou camarões enfiados pelas guelras ⁽¹⁾. Igual significação aparece em Bluteau ⁽²⁾. Outros porém dizem que é êle um provincianismo beirão.

(1) Moraes, *Op. cit.*

(2) Bluteau, *Op. cit.*

ou minhoto, significando uma «pequena peça de osso em forma de ponta de seta, na extremidade da correia que liga a estriga à roca e que segura a mesma correia cravando-a entre esta e a estriga» (1).

No centro do país a *espicha* tem o nome de *agulheta* segundo referem Vieira Natividade (2) e Vergílio Correia (3).

Fabrica-se em Outeiro e Pêrre a *espicha* do osso maior e mais resistente do boi ou do cavalo — o femur — e são poucos os curiosos que as trabalham nas horas vagas do campo, em domingos e dias chuvosos, sendo por isso tratados com especial carinho pelas suas possuidoras.

Notamos na *espicha* duas partes distintas: uma superior, mais larga e trabalhada, cheia de abertos, que fica fora do manelo; outra inferior, mais pequena, de forma aguçada, lisa e sem enfeites que enterra no linho ou lã. Num orifício que fica à altura do começo da parte inferior, prende a correia com um nó.

A correia é uma tira de carneira preta, vermelha ou azul que ata o manelo.

Analisando mais detalhadamente a parte lavrada das *espichas*, vemos que em três delas termina na parte superior por dois galos que se tocam nos bicos (figs. 12, 13 e 14), e em outras duas por dentes de serrilha mais ou menos afastada. (Figs. 15 e 16).

A metade superior dos três primeiros axemplares é muito recortada lateralmente, e no meio cheia de abertos feitos à pua, onde abundam círculos, cruzes, triângulos, losangos, etc.

Na fig. 12 encontramos um coração, e por cima dêste podemos observar nitidamente um «signo de Saimão» para evitar que as feiticeiras quebrem o fiado. Nesta e na fig. 13 ainda podemos

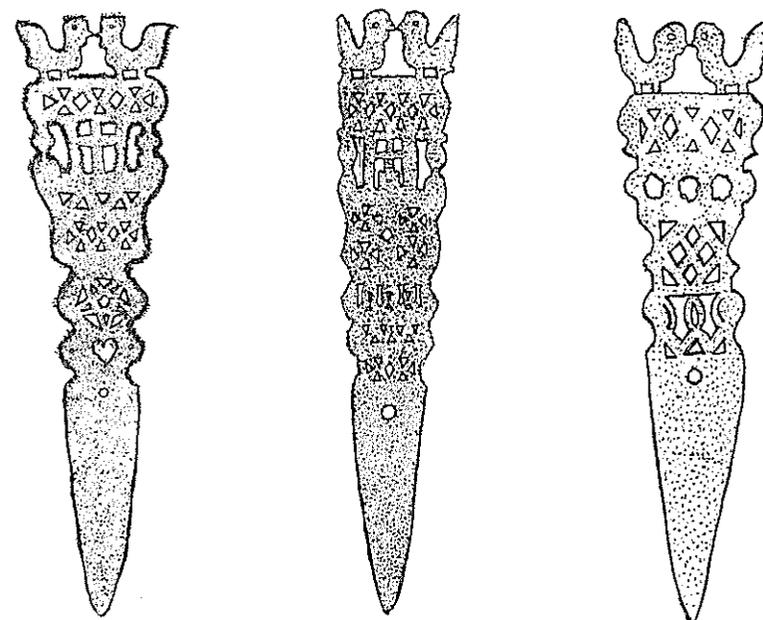
(1) Maximiliano de Lemos, *Op. cit.*

(2) Vieira Natividade, *Rocas da minha terra*. «Portugália», tomo II, pág. 638.

(3) Vergílio Correia, *Op. cit.*

distinguir uma cruz em cada, tendo a última na parte inferior uma peanha.

A fig. 15 representa uma *espicha* que pertenceu ao enxoval de uma noiva. Está enfeitada com ramagens, tem dois corações e as iniciais S. J. (Senhora Joana), indício de respeito pela sua possuidora.



Figs. 12, 13 e 14

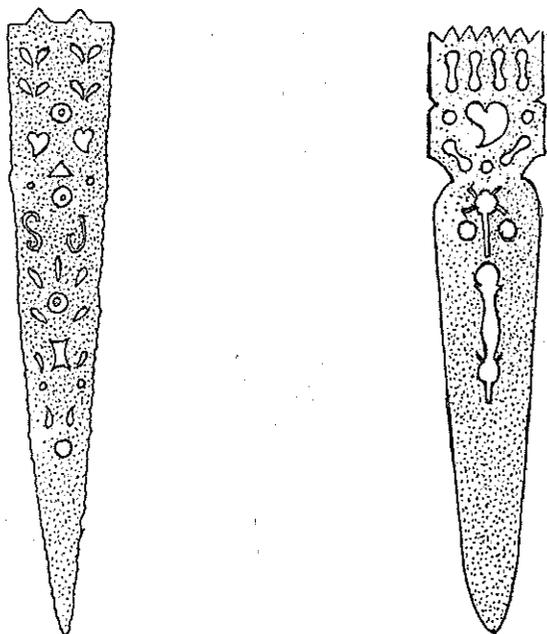
A fig. 16 tem, além dum coração, uma flôr.

Confrontando as *espichas* de Outeiro e Pêrre com as dos estudos de Vieira Natividade e Vergílio Correia, vemos algumas semelhanças de forma, mas nenhuma de ornatos (4). O material empregado também varia muito, sendo de madeira ou fôlha em Amarante, abas do Marão, Chaves e planalto de Montemuro;

(4) Vieira Natividade, *Op. cit.*

de fôlha apenas, em Penafiel e Paços de Ferreira; de estanho em Malhadas (1).

Nas *agulhetas* de Alcobaça e planalto de Montemuro trabalhadas a canivete e não à pua como as de Outeiro e Pêrre, abundam ou há quasi apenas desenhos de linhas rectas.



Figs. 15 e 16

A espécie galinácea, ou mesmo qualquer outra zoológica, não é ornato das *agulhetas* do centro do país ou *espichas* transmontanas e durienses. Os corações são mais imperfeitos e menos vulgares na Extremadura e em Trás-os-Montes (Malhadas).

Os «signos de Saimão» não teem cabimento nos exemplares estudados na «Portugalia» e «Terra Portuguesa». As iniciais do-

(1) Vergílio Correia, *Op. cit.*

nome também não existem no centro do país. Apenas Vergílio Correia as cita em exemplares de estanho de Malhadas, que também às vezes teem o nome por extenso.

As velhas, no geral, não usam *espichas* lavradas, mas uma ponta de seta de osso ou madeira, sem o menor ornato, a não ser alguma que a conserve do tempo de solteira ou de noivado.

Sendo o uso da roca de tão antigas tradições entre nós (1) pena é que não haja elementos para se saber da sua evolução e enfeites.

Fritz Kruger, que num belo estudo acêrca de *Die nordwestiberisch Wolks Kultur* (2) fala das rocas do norte de Portugal e da Galiza, não se refere ao mais belo ornamento da roca de Viana do Castelo, a *espicha*.

Lançadeiras

São frágeis barquinhas de pau de lorangeira onde embarca o fiado da trama, no mar tempestuoso do tear, em contínua borrasca pelo movimento que nas peanhas imprimem os pés nervosos da tecedeira, rapariga nova que, trabalhando, canta cantigas de amor com o pensamento do seu namorado.

Levam o fiado das canelas com velocidade vertiginosa dum ao outro lado do tear, fazendo crescer a olhos vistos o pano que há-de ser camisa, as riscas que hão-de ser saia, a faldrilha que há-de dar calças.

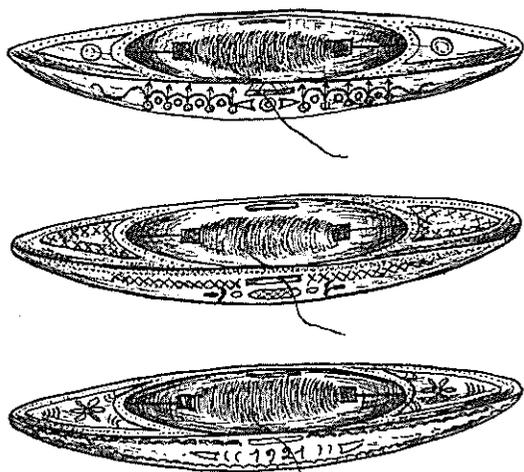
O fiado das canelas que no caneleiro foram cheias por rapazes ou raparigas em enfadonhas tarefas de 20, de 30 ou de 40, esvazia-se rapidamente pelas fendas que existem nas faces late-

(1) J. Leite de Vasconcelos, *A roca no século XVI*. «Revista Lusitana», vol. V, pág. 311. No museu de Santarém há uma estela funerária com uma roca, fuso e sarilho.

(2) Fritz Kruger, *Die nordwestiberisch Wolks Kultur*, in «Wörter und sachen». Hamburg, 1927, pág. 129.

rais ou no fundo da *lançadeira*. Esta que é levíssima como o pensamento da tecedeira, tem uma cavidade ao centro onde desenrola a canela que, sendo de cana e oca, desliza suavemente numa haste flexível, em geral de ramo de oliveira, a que chamam *verdizela*.

Objecto de uso feminino que não excede em geral dois decímetros de comprimento, não podia deixar de ser em Outeiro e Pêrre cheio de enfeites.



Figs. 17, 18 e 19

Os exemplares das figs. 17, 18 e 19 são ornamentados com crescentes, círculos, setas, pontos, rectas cruzadas e rosas.

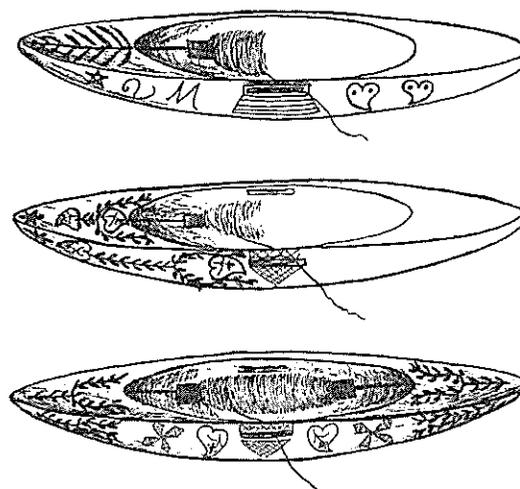
A fig. 20 ainda tem a data de 1921, ano em que foi feita.

As figs. 20, 21 e 22, duas das quais apenas desenhadas em metade por a outra parte lhe ser igual, abundam mais em motivos amorosos: corações simples ou com flores, ramos de folhagem, velas de moínhos, rectas entrelaçadas, mesmo um «signo de Saimão» para que as bruxas não entrem com o fiado. A fig. 20 tem ainda um S. M. (Senhora Maria), indicativo que se destinava a

uma noiva ou a uma jovem casada que tinha o nome da Mãe de Deus.

Vergílio Correia apresenta-nos uma *lançadeira* com *lavrados* a página 39 da sua *Etnografia Artística* ⁽¹⁾ e diz-nos que nos desenhos dos antigos teares dos tempos gregos aparecem *lançadeiras* «bastante parecidas com as actuais» ⁽²⁾.

Maximiliano de Lemos diz que a *lançadeira* também se deno-



Figs. 20, 21 e 22

mina algures *arqueada* por as suas extremidades serem arqueadas ⁽³⁾.

Morais define assim a *lançadeira*: «o instrumento do tecelão em que vai enleando o fio com que se tece o pano passando por entre os fios do ordume» ⁽⁴⁾.

(1) Vergílio Correia, *Etnografia artística*. Pôrto, 1916.

(2) Idem, *Op. cit.*, pág. 34.

(3) Maximiliano de Lemos, *Op. cit.*

(4) Moraes, *Op. cit.*

*

* *

Tôda a rapariga de Outeiro e Pêrre que se presa de boa dona da sua casa, leva quando do casamento, na sua caixa de castanho, de mistura com o bom enxoval de roupa de linho, os vestidos à lavradeira e o oiro do pescoço, um *relho* lavrado e uma corda nova com que há-de trazer das leiras a comida para os animais que a ajudam no trabalho e dão o leite; uma roca ⁽¹⁾ por estrear ⁽²⁾ com *espicha* trabalhada para fiar o linho e a lã na ida e na volta do trabalho ou longas noites de inverno; uma *lançadeira* enfeitada com que há-de tecer o bragal e o seu vestuário.

Costume antigo cuja origem se desconhece e que ainda hoje se transmite religiosamente de pais a filhos, fazendo da lavradeira uma mulher diligente e boa dona de sua casa.

Estoril. Agosto de 1929.

(1) Entre os romanos era costume oferecer à noiva uma roca nova.

(2) Diz a tradição popular que não será feliz ou morrerá cedo a noiva que levar a roca de solteira.

O índice cefálico da população do Pôrto

POR

LUÍS DE PINA

Assistente de Anatomia da Faculdade de Medicina do Pôrto
Chefe dos Serviços de Antropologia Criminal e Identificação Civil do Pôrto

(Trabalho apresentado à Soc. Port. de Antrop. e Etnol.
em 21 de Janeiro de 1931)

No desejo de contribuir com alguns estudos pessoais para a elaboração dos cânones portugueses antropológicos, encetei no Laboratório dos Serviços de Antropologia Criminal e Identificação Civil do Pôrto, da direcção do sr. prof. dr. J. A. Pires de Lima, uma série de investigações antropológicas no vivo, considerado normal, e no delinqüente. Fácil se me torna a tarefa atendendo à abundância de material que por aqueles serviços diariamente passa, quer na Secção de Identificação Civil, quer na de Antropologia Criminal ⁽¹⁾. Na primeira, os indivíduos observados são de tôdas as posições sociais e idades, de ambos os sexos, acrescentando que os pertencentes às diversas províncias portuguesas são também em grande número. Desta forma posso seleccioná-los, estudando-os por departamentos. Assim é que, de entre perto de 1.500 indivíduos já estudados, pude obter duas séries de obser-

(1) Nas mensurações praticadas nos laboratórios das 2 secções, sou auxiliado pelos funcionários deste serviço srs. Antero Fernandes e Manuel Brandão (Identificação Civil) e Urbano Cardoso, Henrique Cabral e Mário Cabral (Antropologia Criminal), aos quais agradeço o cuidado e o interesse que têm demonstrado.

vações, uma de 200 homens, outra de 155 mulheres, naturais do Pôrto, com ascendentes originários desta cidade, o que se comprova pelas respectivas certidões de idade no nosso Arquivo guardadas. São pois 355 portuenses (200 masculinos e 155 femininos), todos de idade igual ou superior a 25 anos, idade limite escolhida para afastar possíveis influências do crescimento.

Além do índice cefálico outras mensurações tenho registadas, que a seu tempo tornarei públicas, não só da população do Pôrto mas das restantes regiões do País, especialmente de Entre-Douro e Minho. O valor destas notas não está em meu mérito, mas sim no delas próprias, pois é sabido o quanto se torna difícil a obtenção de séries de indivíduos vivos como estas que apresento. A par, estou observando também nos criminosos recolhidos na Cadeia Civil desta cidade os mesmos elementos antropológicos que estudo nos indivíduos considerados não delinquentes, de forma a obter confrontos necessários para certos estudos de Antropologia Criminal, um dos fins para que foram criados os citados serviços. Possuo também nesta ocasião perto de 500 fichas antropológicas de delinquentes, as quais contêm, entre outras, observações sobre a morfologia da orelha e do nariz, índice cefálico, auricular, nasal, esquelico, estatura-braça, côr dos olhos, dos cabelos, etc., etc. Brevemente publicarei o resultado dessas observações, numerosas e sistemáticas, atendendo a que estes estudos estão muito pouco desenvolvidos em Portugal, devendo-se ao sr. prof. Mendes Corrêa o último e relativamente mais completo trabalho sobre o assunto (1).

Os 355 indivíduos naturais da cidade do Pôrto desempenham diferentes profissões: operários, agricultores, trabalhadores, estudantes, advogados, médicos, etc.

(1) Mendes Corrêa, *Os criminosos portugueses*. Coimbra, 1914.

O índice cefálico obtido nestas duas séries foi:

♂ — 74.93 Erro provável — Em = ± 0,185 Desvio padrão = σ = 2.61

♀ — 75.79 Erro provável — Em = ± 0,303 Desvio padrão = σ = 3.45

variando o seu valor entre 67 e 83 na série ♂ e entre 66 e 85 na série ♀.

Na série masculina observa-se a maior frequência do índice entre 73 e 77 (142 casos em 200), e na feminina igualmente entre 73 e 77 (102 casos em 155).

Poderemos pois classificar os índices cefálicos masculinos e femininos da seguinte forma (Martin) (1):

		♂	♀
Dolicocéfalos	X — 75.9	58 0/0	43.8 0/0
Mesocéfalos	76.0 — 80.9	40 0/0	49.0 0/0
Braquicéfalos	81.0 — 85.4	2 0/0	6.9 0/0
Hiperbraquicéfalos	85.5 — X	—	—

Para os podermos confrontar melhor com os resultados obtidos por autores portugueses em indivíduos doutras regiões, apresento o seguinte quadro, ampliando o já publicado pelo dr. J. dos Santos Júnior, e modificando assim a classificação (2):

(1) R. Martin, *Lerbuch der anthropologie*. Iena, 1928.

(2) J. R. dos Santos Júnior, *Estudo antropológico e etnográfico de S. Pedro (Mogadouro)*. «Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia», vol. II, fasc. II. 1924. Pôrto.

QUADRO I

Índice cefálico	Vila Real — J. BRANCO		S. Pedro — S. JÚNIOR		Beira Alta — M. CORRÊA		Minho — F. CARDOSO		Pôrto — L. PINA	
	N.º de casos	‰	N.º de casos	‰	N.º de casos	‰	N.º de casos	‰	N.º de casos	‰
Dolicocéfalos (até 76.9)	37	74	24	88.8	76	71	79	44.5	142	76.0
Mesaticéfalos (de 77 a 81.9)	12	24	3	11.1	31	29.0	51	46.4	46	23.0
Braquicéfalos (82 para cima)	1	2	0	—	0	—	10	9.1	2	1.0
No país — 76.3	75.5		73.30		75.3		78.1		74.93	

Com ligeiras diferenças, a média da série masculina da população citadina portuense concorda com a dos Trasmontanos (Vila Real) e aproxima-se da dos Beirões, havendo portanto uma certa afinidade entre êles e os Durienses, afastando-se êstes claramente dos tipos Minhotos e certos Trasmontanos (S. Pedro de Mogadouro).

O valor da minha média corresponde à série masculina. A média das séries ♂ e ♀ será pois 75.3, que se aproxima da dos Beirões (M. Corrêa) e Trasmontanos (J. Branco).

Podemos pois concluir que a população da cidade do Pôrto (♂) é nitidamente dolicocefala, aproximando-se assim da Trasmontana e da Beirã, em geral; ao mesmo tempo afasta-se da Minhota, claramente mesaticéfala. A Mulher portuense é um pouco menos dolicocefala.

A dolicocefalia é mais acentuada nos Portuenses que nos oriundos das demais províncias nortenhas, à excepção do núcleo populacional de S. Pedro de Mogadouro, que acusa maior percentagem de dolicocefalos. Porém, a mesaticefalia identifica-se com a dos vila-realenses, sendo a sua frequência muito maior que nos portugueses de S. Pedro de Mogadouro. Os braquicéfalos, como de resto nas outras Províncias (excluindo o Minho), são em número reduzidíssimo.

A mulher portuense apresenta os seguintes valores no índice cefálico, conforme a classificação do quadro anterior:

Dolicocefalas	até 76.9	60.6 ‰
Mesaticéfalos	77 a 81.9	36.7 ‰
Braquicéfalos	82 para cima	2.5 ‰

Emparelhados, seguem os quadros das percentagens masculinas e femininas:

Dolicocefalos	76.0 ‰	60.6 ‰
Mesaticéfalos	23.0 ‰	36.7 ‰
Braquicéfalos	1 ‰	2.5 ‰

Seja-me perdoada agora a digressão que, para necessários cotejos, tenho de fazer pelo campo das observações de outros investigadores. Fonseca Cardoso apresentou algures o seguinte quadro de índices cefálicos médios nas diferentes províncias portuguesas:

Minho	78.7
Douro (Pôrto)	76.2
Trás-os-Montes	75.2
Beira Alta	75.2
Beira Baixa	75.5
Estremadura	76.8
Alentejo	76.5
Algarve	77.1
No País	76.3

Vê-se que o índice médio por mim encontrado para a cidade do Pôrto foi de 75.3, que se afasta quasi uma unidade do indicado no quadro anterior (76.2), respeitante também ao Pôrto, aproximando-se do índice médio de Trás-os-Montes, Beira Alta e Beira Baixa. Êste resultado assemelha-se ao que já atrás ficou indicado. Se, como afirma o prof. Mendes Corrêa (1), naquelas províncias «os representantes da raça dolicocefala de Muges (tipo Beaumes-Chaudes), que constitui o fundo antropológico do povo português» se encontram «num estado de relativa pureza», podemos também pensar que o tipo portuense citadino, a-pesar-de influenciado por outros tipos provinciais e quiçá estrangeiros do norte, se conserva num estado de certa pureza étnica. Se a dolicocefalia marca êsse estado, já vimos como esta, na série masculina, é bem flagrante. A menor dolicocefalia na mulher portuense está de acôrdo com o que muitos autores referem a propósito da

(1) M. Corrêa, *ob. cit.*

diferença sexual respectiva. Assim é que, se na série de índices cefálicos apresentada por Martin (1), correspondentes a vários povos ou tipos, procurarmos essa diferença, vemos que em 72 grupos de valores masculinos e femininos se encontram:

Índice cefálico maior na mulher	33 grupos
» » menor » »	25 »
» » igual ou quasi igual no homem e na mulher	14 »

Predomina pois um índice cefálico maior na mulher, o que concorda com o que dizem diversos investigadores, entre êles Fonseca Cardoso (2). Ê curioso notar que os grupos acima citados, apresentando um tipo dolicocefalo, são aqueles em que o índice cefálico é sempre maior na mulher que no homem (só uma vez, em 8 grupos, se revela o contrário). Isto se conjuga com o que se passa no grupo português que estudei, também dolicocefalo.

Se agora compararmos o índice cefálico masculino e feminino da população da cidade do Pôrto com o de outras regiões estrangeiras, vemos que no citado quadro de Martin não existe, entre os dolicocefalos (X-75.9), grupo algum europeu. Aí se deve incluir porém o índice que estou apresentando.

Em populações asiáticas, africanas, americanas e da Oceania encontramos índices que dêle se aproximam, correspondentemente aos homens; as séries femininas são em muito reduzido número no quadro de Martin, porém podemos cotejar o índice cefálico da mulher portuense com os de estrangeiras apresentados pela Doutora E. Graffi (3); chegamos à conclusão que êle ocupa a cabeça

(1) R. Martin, *Op. cit.*, vol. II, págs. 775 a 778.

(2) F. Cardoso, *O minhoto de Entre-Cávado e Ancora*, in «Portugalia», t. I, fasc. I.

(3) E. Graffi, *Proporzioni corporee e caratteri somatici di un gruppo di studentesse dell'Università di Bologna*. «Endocrinologia e Patologia costituzionale», vol. V (nova série), fasc. IV. 1930. Bologna.

do rol, sendo o índice mais baixo nêle patente igual a 77.1 (Espanholas, Weissenberg), e o mais alto igual a 85.4 (Alemãs, Oppenheim).

Segundo os quadros referidos, as populações portuense e trasmontana de Mogadouro são as mais dolicocefalas da Europa. O prof. Paul Boncour apresentou também um quadro de índices cefálicos de diversas populações do globo, no qual inclui, entre os dolicocefalos, somente os seguintes europeus: Portugueses, Corsos e Espanhóis de Valência, com os índices respectivos de 76.8, 76.6 e 76.8, correspondentes às médias masculinas de 10, 500 e 502 indivíduos. Aqui, como se nota, são os Corsos os mais dolicocefalos europeus. Porém acho insuficiente o número de portugueses observados (autor desconhecido). O índice cefálico médio é de 76.3, número que, no entanto, concorda com aquele ⁽¹⁾.

Pena é, contudo, nada nos dizerem por vezes os diversos antropologistas sobre o número de indivíduos observados nos 2 sexos, nem tão pouco sobre a idade dos mesmos. Julgo as minhas séries suficientes — não só no que diz respeito ao número dos casos, como às idades escolhidas, que disse já serem iguais ou superiores a 25 anos — para se chegar às conclusões que apresentei.

Trabalho subvencionado pela *Junta de Educação Nacional*.

(1) P. Boncour, *Anthropologie Anatomique*. Paris, 1912.

VÁRIA

Grupo sangüíneo e tipo menstrual

(NOTA PRELIMINAR)

Não obstante a chusma de trabalhos a que tem dado margem, a individualidade do sangue envolve, ainda, pesados mistérios. O problema dos grupos sangüíneos, do mais agudo interesse para os biólogos, os clínicos, os médico-legistas, só muito tarde chamou a atenção dos investigadores portugueses ⁽¹⁾.

Utilizando as mulheres que, todos os dias, passam pelo Dispensário de «Magalhães Lemos», dei-me a procurar as possíveis relações entre os grupos hemáticos e o tipo menstrual. A nota, que hoje divulgo, resume 250 observações pessoais, conduzidas com o maior escrupulo ⁽²⁾.

Em tôdas as fichas, aponte a côr da pele, dos olhos, dos cabelos, e a estatura. Com a massa de 500 casos, estabelecerei, oportunamente, as correlações entre os grupos sangüíneos e os mencionados caracteres.

Quadro I

GRUPO SANGÜÍNEO E SURTO PUBERAL

Grupos sangüíneos	Número de casos por grupo	Idade em que apareceu a primeira menstruação						
		< 11	11	12	13 a 15	16	17 a 18	> 18
I	22	—	—	—	17	5	—	—
II	119	—	8	18	—	18	15	1
III	9	—	2	1	3	1	2	—
IV	100	—	4	14	45	16	19	2

(1) A. A. MENDES CORRÊA — *Os grupos sangüíneos na genética*, in «Anais da Fac. de Sc. do Pôrto», t. XVI, 1931, págs. 195-197.

(2) À amabilidade do Dr. ANTÓNIO FANZERES devo os soros-padrões, de que me servi, para a reacção de BETH-VINCENT.

Quadro II

GRUPO SANGÜÍNEO E DURAÇÃO DAS REGRAS

Grupos sanguíneos	Número de casos por grupo	Duração das regras				
		Número de dias				
		1 a 2	3 a 4	5 a 6	7 a 8	> 8
I	22	—	4	7	10	1
II	119	4	47	32	29	7
III	9	—	6	3	—	—
IV	100	2	44	24	28	2

Quadro III

GRUPO SANGÜÍNEO, QUANTIDADE DAS REGRAS E CICLO MENSTRUAL

Grupos sanguíneos	Número de casos por grupo	Quantidade				Ciclo	
		Pequena	Normal	Grande	Irregular	Regular	Irregular
I	22	5	5	12	—	15	7
II	119	43	31	44	1	93	26
III	9	6	3	—	—	8	1
IV	100	36	24	38	2	75	25

No grupo I (classificação de MOSS), pouco freqüente (8,8 %), a instauração menstrual verifica-se, as mais das vezes, dos 13 para os 15 anos (1); leve tendência para a puberdade tardia; o efluxo sangüíneo, com uma duração média de 5 a 8 dias, impõe-se pela sua abundância; ciclo bastantes vezes irregular.

O grupo II abrange quasi metade das observações (47,6 %). Nêle se registam bastantes casos de puberdade precoce, mas a tendência para a puberdade tardia é mais acentuada; perdas sangüíneas de 3 a 8 dias (3 a 4, na maioria dos casos), puxando, umas vezes, para a fartura, outras vezes, para a escassez; ciclo, as mais das vezes, regular.

O grupo III, muito raro (3,6 %), é ambíguo, no tocante ao estabelecimento das regras (vaga propensão para a puberdade tardia?); efusões sangüíneas reduzidas, em duração e quantidade; ciclo regular.

No grupo IV, muito freqüente (40 %), a puberdade rompe, na maioria dos casos, dos 13 para os 15 anos; indecisão, no que respeita ao volume da onda sangüínea; ciclo, as mais das vezes, regular.

Foi já publicado por G. ABRUZZESE (2) um inquérito dêste género. Os meus resultados não dizem, perfeitamente, com as deduções do A. Desconheço, para mais, a memória original e não sei, mesmo, se êle perfilha a nomenclatura de MOSS ou adopta a classificação de JANSKY.

É cedo, ainda, para tirar qualquer conclusão definitiva das relações entre o grupo sangüíneo e o tipo menstrual.

(Trabalho do Dispensário de "Magalhães Lemos".)

ALBERTO SAAVEDRA.

(1) Vem a propósito recordar o trabalho do Dr. MANOEL J. F. MORATO (*A puberdade na mulher portuguesa, estudo estatístico*, in «A Med. Contemp.», ano XLVIII, 1930, págs. 415-418), que reúne 11.820 casos (C. SACADURA, A. ROSAS & A. SAAVEDRA, MORATO). Não figuram no balanço as observações da Senhora Dr.^a D. PRIMAVERA RODRIGUES (*Perturbações menstruais nas cloróticas*. Dissertação inaugural. Pôrto, 1920).

(2) G. ABRUZZESE — *Rapporti tra menstruazione e gruppo sanguigno dal punto di vista costituzionale*, in «Riv. Ital. di Gin.», vol. v, fasc. 2, Novembro-1926 (análise de M. L. LAVEDAN, in «Gyn. et Obst.», 1929, t. XIX, págs. 137-139).

Gravuras rupestres no Brasil

O eminente académico e escritor brasileiro sr. Gustavo Barroso (João do Norte) teve a bondade de me enviar duas fotografias de inscrições rupestres encontradas por um amigo seu em rochedos da margem do riacho Pirangi, perto de Parnaíba, Estado do Piauí. Reproduzo-as juntamente em similigravura, devendo notar-se que, segundo a carta do meu obsequioso informador, uma das inscrições foi avivada com gesso para a fotografia, ao passo que na outra só foram avivados um rectângulo e duas datas que são evidentemente *graffiti* modernos. Os sinais primitivos desta última estão cercados pelo rectângulo, dêles se podendo fazer apenas uma ideia aproximada, visto que nenhuma descrição me foi fornecida.

O ilustre escritor já por várias vezes se tem ocupado, com judiciosa crítica, de petroglifos brasileiros. Assim, no jornal *A Noite*, do Rio, publicou, em 9 de Outubro de 1915, várias gravuras rupestres que descobriu nas margens do rio Fonseca, afluente do Quixeramobim, afluente do Ceará. Voltou a estampá-las em 1920 na revista «Rio-Paris» e em 1922 na «Ilustração Brasileira», naquela em artigo sob o título *Inscrições indígenas* e nesta sob a epígrafe *Os mahadeus do sertão*. Este último título é também o do extenso e documentado capítulo que no seu notável e recente livro *Aquem da Atlântida* (S. Paulo, 1931) o mesmo autor consagra aos petroglifos americanos e especialmente aos do Brasil, dos quais tratara igualmente numa comunicação ao XX Congresso de Americanistas.

O grande país é rico em documentos de arte rupestre. O sertão de nordeste, sobretudo, abunda em petroglifos, alguns dos quais aparecem revestidos dum induto vermelho. Dêles se ocuparam vários autores, multiplicando-se as explicações propostas para a sua natureza e as opiniões sôbre a sua idade. Crente no simbolismo religioso e na antiguidade remota de muitos dêles e contestando fundadamente os pareceres que os atribuem a registo de marcas de gado pelos vaqueiros modernos ou antes a simples causas naturais, o sr. Gustavo Barroso coloca-se entretanto na atitude prudente dos que entendem ser ainda cedo para explicações definitivas que ultrapassem o desprezencioso arquivo dos factos.

Dêste modo, G. Barroso dá uma ampla série de desenhos de inscrições rupestres brasileiras, muitas das quais desenhadas directamente por êle próprio, ou transmitidas pelos srs. Melquiades Borges e Sílvia Júlio.



Fig. 1



Fig. 2

Gravuras das margens do Pirangi

Fotos oferecidas pelo sr. Gustavo Barroso

Não é fácil uma sistematização de todos esses documentos. Há nítidas figurações humanas ou de animais, sinais fitomórficos, tectiformes, alfabetiformes, há sinais geométricos, representações de pés e das mãos, cruzeiros, linhas onduladas, o pé de galinha, representações prováveis de machados, símbolos solares, etc.

Como já fôra notado por Paul l'Epine e Ladislau Netto para os sinais da cerâmica de Marajó em relação à escrita egípcia e outras, não faltam algumas analogias morfológicas entre as gravuras brasileiras e as do Antigo Continente. Algumas figuras cearenses lembrariam, à primeira vista, as da arte rupestre ibérica, mas há figurações de animais aqui desconhecidos, porventura motivos florais aqui raros, e desenhos extremamente irregulares, labirínticos, indecifráveis. São muitas as diferenças, existe talvez maior heterogeneidade, e será de-certo prematura uma aproximação que não pode filiar-se em elementos tão precários. É admissível uma convergência acidental, sobretudo nos motivos mais simples, e há a considerar também a possibilidade de em certas cópias não ter sido possível a reprodução fiel das insculpturas, mais ou menos deformadas ou delidadas pela acção secular da intempérie.

Nas fotografias que o sr. Gustavo Barroso me enviou, distinguem-se com clareza apenas os sinais que fôram retocados a branco. O primeiro destes à esquerda (fig. 1) parece uma espiral, que mais uma vez se verifica não ser um tipo geométrico privativo da arte rupestre do Antigo Continente. Donnelly registara-a no New Mexico, M. Triana e Lazaro Giron em Venezuela e na Colômbia, etc.

No grupo de sinais situados na mesma figura mais acima e mais à direita, há dois, o segundo e o quarto, talvez zoomórficos, que lembram hieroglifos. Quem nos assegura que o não sejam, e os outros também? Sabe-se lá!...

Na outra fotografia (fig. 2), é presumível que o sinal da esquerda seja cruciforme, estrelado ou tetrascélico; a seguir há uma figura serpentiforme, com a cabeça para a esquerda; logo acima, talvez uma representação da face humana, com ampla cabeleira ou corôa; os restantes sinais não me sugerem interpretações mais seguras. Sem um desenho mais nítido e sem um exame directo, receio que tôdas estas interpretações sejam viciadas pela imaginação...

Nem porisso é destituída de interesse a simples apresentação destes documentos fotográficos que devo à amabilidade do sr. Gustavo Barroso.

*
* *
*

Ao nosso consócio, o ilustre eugenista dr. Renato Kehl, devo também o envio obsequioso dum artigo ilustrado da «Revista da Semana», do Rio de Janeiro, de 30 de Abril findo, em que se anuncia, com um fac-simile da respectiva capa, a próxima aparição dum livro do sr. Bernardo A. da Silva Ramos, arqueólogo brasileiro, sob o título de *Inscrições e tradições da América prehistórica especialmente do Brasil*. O artigo da «Revista da Semana» dá conta sobretudo da decifração proposta pelo sr. Silva Ramos para a inscrição da Pedra da Gavea, à qual precisamente o sr. Gustavo Barroso se referia nestes termos no seu livro *Aquem da Atlântida*: «A famosa inscrição gigante da Gavea também é por muitos atribuída a efeitos naturais, erosões, infiltrações, decomposições da rocha, etc., mas, quanto a esta nada podemos dizer, porque nos falta o conhecimento do que está gravado, o que nos sobra quanto à outra» (a de S. Tomé das Letras, em Minas, que Barroso considera de origem intencional e não natural).

Para o sr. Silva Ramos, a inscrição da Gavea é fenícia. Estaria ali em caracteres fenícios: LAABHTEJ BAR RIZDAB NAISINEOF RUZT, o que, lido da direita para a esquerda, significaria *Tyro (Tzur ou Tsur) fenícia, Badezir primogénito de Jethbaal*.

Examinei com atenção as duas reproduções antigas (de há mais de cinquenta anos) da famosa inscrição, que acompanham o artigo. Não há conformidade plena entre as duas; a mais recente é a que mais se aproxima da reprodução dada pelo sr. Silva Ramos (fig. 3). Impressiona, na verdade, a possibilidade de obter qualquer coisa com sentido adoptando a leitura como se se tratasse de caracteres fenícios. Mas nem porisso nos devemos deixar entusiasmar por essa coincidência.

Em primeiro lugar, o simples exame das reproduções, sobretudo da segunda, mostra que, como se diz no próprio artigo, a acção destruidora do tempo desfigurou alguns caracteres. Em segundo lugar, só a publicação do livro anunciado nos poderá elucidar sôbre os termos de confronto em que se baseou o autor para a leitura de cada sinal. Comparando estes com os do quadro dos alfabetos fenícios dado na fig. 127 por G. Contenau em *La Civilisation Phénicienne* (Paris, 1926), há aproximações fáceis como a estabelecida com o *tao* da direita, mas há outras dificilmente adoptáveis como a do simples traço vertical seguinte com o z

(*sajin*) ou a do 4.º sinal a contar da direita com outro *r* que não seja o hebreu. Os *aleph* finais não são também facilmente identificáveis, etc. Mas é assunto em que me não atrevo a emitir uma opinião.

Devo, porém, ainda acrescentar que, segundo o mesmo Contenau, o período da história fenícia consecutivo à morte de Jtabaal ou Jethbaal é mal conhecido, em parte legendário, e cheio de perturbações. Haverá qualquer outro facto ou texto que possa servir de confirmação a uma viagem do referido Badezir ou Baalazar, ou dos seus homens, até às costas do Brasil? Segundo a interpretação do sr. Ramos, a inscrição teria sido executada



Fig. 3—Inscrição de Gavea, segundo Silva Ramos

aproximadamente pelos anos 887-856 antes da nossa era, ou seja durante o reinado de Jtabaal, o rei sacerdote que, fazendo casar sua filha lézabel com o rei de Achale, de Israel, iniciou assim na Palestina a introdução dos cultos fenícios, que só cessariam ali com a revolta instigada pelos profetas hebreus.

A possibilidade de relações muito antigas entre o Mediterrâneo e a América é modernamente estudada, com uma reserva prudente, por W. H. Holmes (*Handbook of aboriginal american antiquities*, Washington, 1919), J. Imbelloni (*La Esfinge indiana*, Buenos-Aires, 1926) e outros autores. Não podem de-certo dar-se como averiguadas, mormente em detalhe, essas relações, mas é de reconhecer a sua grande probabilidade.

Será a inscrição da Gavea, como afirma o sr. Silva Ramos, uma prova da passagem dos Fenícios pelo Brasil? Aguardemos a publicação do seu livro para responder seguramente—se fôr possível.

MENDES CORRÊA.

Migraciones prehistóricas en la Península Ibérica ⁽¹⁾

La Península Ibérica, en los tiempos históricos, ha sido teatro de repetidos y persistentes choques entre invasores europeos y norteafricanos. En la antigüedad, fueron los cartagineses y los romanos; en la Edad Media, los visigodos y los bereberes, ya más o menos apoyados por elementos indígenas o extraños, ya incluso íntimamente fundidos con ellos. Estos pueblos invasores han dejado visibles en el suelo ibero las líneas, siempre variables y más o menos confusas, que marcaron los sucesivos contactos entre los elementos exclusivamente europeos y los que poblaban algunas regiones de Europa meridional y del borde norte del Continente africano, entre los cuales, por lo demás, existían también elementos blancos.

Desde hace mucho tiempo se ha reconocido que estos choques ocurridos en época histórica, han tenido sus precursores, mucho antes, en los tiempos prehistóricos, que se manifiestan en numerosos datos arqueológicos y antropológicos.

Aun cuando el puente de Gibraltar estaba roto ya desde el plioceno y los recursos materiales del hombre prehistórico no le permitieron hasta un tiempo relativamente tarde cruzar el mar con masas considerables de individuos, se ha comprobado la existencia de relaciones entre las civilizaciones del paleolítico inferior de la Península Ibérica, de una parte, y del Norte de África, de otra. En el paleolítico superior se pueden determinar bien, en el suelo ibérico, las áreas de las civilizaciones europeas y eurafricanas: en este tiempo, el norte de la Península está, en arte e industria, muy relacionado con Francia; mientras que el sur pertenece a la llamada civilización del capsense, del Norte de África, y se puede admitir que al final del paleolítico y en el mesolítico tuvieron lugar realmente extensas invasiones de gente del capsense en Europa occidental, que utilizaron como puente la Península Ibérica ⁽²⁾.

Estas conclusiones se fundaban sólo en datos arqueológicos y en el estudio de condiciones geográficas; pero creo haber encontrado también pruebas antropológicas. Hay que tener presente que el arqueólogo, completamente aislado, no consigue comprobar

(1) «Investigacion y Progreso», n.º 2, ano VI, Madrid, 1932. O texto em alemão saiu na revista «Forschungen und Fortschritte», n.º 24, ano VII, Berlin, 1931. É um resumo de parte duma conferência na Harnack-Haus, de Berlim, em Maio de 1931.

(2) Véase H. Obermaier, *El hombre fósil*, cap. VI. Madrid, 1925.

migraciones de pueblos prehistóricos, porque elementos de civilización pueden transmitirse lo mismo por migraciones que por la simple intromisión de elementos antropológicos o por la difusión de modelos, sin que ocurra un verdadero cambio de lugar de los pueblos. El estudio comparativo de los tipos humanos es indispensable para tener seguridad de las migraciones; pero por desgracia, los testimonios consistentes en huesos humanos son, generalmente, insuficientes o incluso faltan por completo.

Por lo que se refiere a los portadores de la civilización capsense en la Península Ibérica, por el momento sólo podemos intentar reconstruir su antropología por los huesos de Muge (Portugal). Estas estaciones, en las que he emprendido nuevas excavaciones, proporcionan una industria de utensilios que pertenece ya a la época epipaleolítica, pero que representa una prolongación de la cultura capsense. El estudio de los huesos allí encontrados hace ya tiempo, me permitió establecer que el tipo saliente, en los representantes inmediatos de los capsenses — a los que he bautizado con el nombre de *Homo afer taganus* — es distinto de los otros tipos conocidos del paleolítico y del neolítico. Por la forma de su cara (mesoplatirrinia y frecuentemente mesoprognaia), por las proporciones de sus miembros, etc., presenta elementos de afinidad con un conjunto de razas de origen probablemente ecuatorial, al que se pueden agregar otros tipos prehistóricos como el protoetíopico *Homo aurignacensis*, los negroides de Grimaldi, etc. El *Homo taganus* no es realmente protoetíopico, negroide, australoide ni pigmeoide, sino tiene puntos de contacto con estos elementos, y de ningún modo es caucásico. El intento de relacionar el dolicocefalo de Muge con el tipo de Cro-Magnon, que ha sido repetido recientemente por Vallois, no es admisible; porque el tipo alto de Cro-Magnon tiene nariz estrecha, cráneo voluminoso, cara muy ancha y otras peculiaridades muy características que no se encuentran en el *Homo taganus*. Un estudio, aunque breve, de los cráneos mesolíticos de Ofnet (Baviera), en el Instituto Antropológico de Munich, me ha permitido llegar a la conclusión, con carácter general, de que este tipo es también diferente del tipo predominante en Muge, que es aproximadamente coetáneo y pertenece a una civilización semejante.

El parentesco del *Homo taganus* con el conjunto de razas ecuatoriales antes mencionado, ofrece un llamativo paralelismo antropológico con las observaciones arqueológicas referentes al origen norteafricano de la civilización capsense en la Península Ibérica.

Seguramente elementos antropológicos del tipo caucásico o europeo han sobrevivido a estas invasiones en la Península y en

outras partes de Europa occidental. Los representantes del asturiense, cuyos instrumentos de piedra se han descubierto en las costas del Norte de España y de Portugal, fueron quizá representantes de estos tipos en el mesolítico y preneolítico. Las oleadas de ambos grupos antropológicos han avanzado y retrocedido muchas veces y se han fundido también en este crisol humano en el que se han originado las modernas razas de Europa.

Nuevas migraciones europeas y africanas entraron en la Península durante el neoneolítico (Edad de Piedra y Cobre) y en las épocas siguientes. He encontrado incluso influjos de elementos africanos en el material antropológico de una necrópolis de la Edad de Hierro en Portugal; la de Alcacer da Sal, donde excavó Vergilio Correia y comprobó numerosas importaciones de civilizaciones mediterráneas.

Debemos, sin embargo, guardarnos de considerar la Península Ibérica como exclusivamente dependiente de las grandes civilizaciones del Mediterráneo. En el Oeste, y sobre todo en el Noroeste, se puede ver por documentos indiscutibles un foco independiente de civilización durante el neoneolítico y la Edad del Bronce, que se ha desarrollado independientemente de las civilizaciones del Mediterráneo y del Oriente, y pertenece, por el contrario, al dominio de la civilización atlántica que comprendía también la Bretaña, Irlanda y quizá otras regiones de Occidente. Cuando los cartagineses y los romanos llegaron al Oeste de la Península Ibérica, encontraron allí solamente poblaciones retrasadas, cuya civilización era pobre y decadente, que no podían dar a los recién llegados ni la menor idea del esplendor ni de la fuerza creadora y expansiva de las civilizaciones anteriores de aquel país.

A. A. MENDES CORRÊA.

Porque os povos civilizados degeneram?

—Os povos de educação europeia estão em franca decadência física e psíquica por ter sido contrariada a Seleccção Natural sem que, em seu lugar, fôsse empregado outro recurso que a substituisse compensadamente.

«A causa verdadeira da decadência dos povos reside sempre em última análise na falta da seleccção natural. Esta desloca tôdas as outras causas para planos secundários». —Prof. H. W. Siemens, da Universidade de München.

«As penitenciárias, os hospícios, os asilos superlotam-se. Os mediocres avolumam-se... A percentagem dos tipos superiores restringe-se, quasi se apaga. E há quem ainda espere a salvação do género humano apelando para o céu e para o mestre-escola!...» —Renato Kehl.

Crimes: As estatísticas demonstram que os crimes teem crescido em maiores proporções do que o aumento da população. —Prof. Rodrigues Dória.

São de poucos dias as palavras de Hoover sôbre os crimes de morte e as violações da lei no país que se acha colocado no primeiro plano entre os mais adiantados do globo. Contraste chocante: ao lado da civilização requintada, uma criminalidade exagerada. Diz Hoover que «a vida e a propriedade são relativamente mais inseguras nos Estados Unidos da América do Norte do que em qualquer outro país civilizado do mundo».

Esta precariedade corre por conta de várias causas de degeneração, que teem resistido aos esforços educativos e legais. Naquele país a imigração intensa e heterogénea, a luta de competição, o urbanismo, o industrialismo e hipertrofia súbita e desordenada da economia nacional, determinaram fenómenos terríveis de desequilíbrio mental e moral. Segundo Hoover, «nos Estados Unidos mata-se todos os anos um número de pessoas vinte vezes maior que o dos que morrem por meios violentos na Grã-Bretanha, tendo em conta a densidade da população. Em relação à população, cometem-se cinquenta vezes mais roubos e se levam a cabo três vezes mais assaltos de domicílio com roubo do que naquele país da Europa».

Degeneração: Do mesmo modo que os americanos, os ingleses se acham atemorizados pela multiplicação geométrica dos degenerados e diminuição do *stock* de equilibrados. Segundo Pearson, a maior autoridade nestas questões e um dos fundadores do Laboratório de Eugenia de Londres, a classe letrada do país apresenta 1,6 de crianças para cada casal, ao passo que as classes mentalmente desfavorecidas apresentam 6,6 e os criminosos 7 filhos.

Na Alemanha, pela palavra veemente de Hans Krauss, em consequência do desfalque racial causado pela guerra, que roubou dois milhões de homens válidos, decresceu fortemente o número de indivíduos normais e produtivos. Segundo este autor, existem neste país... 30:000 alienados e 300:000 débéis mentais mentais casados. Aponta os perigos resultantes do desparalelismo entre a procriação hígida e a procriação blastofórica e degenerada, em crescente alarmante.

Defeitos físicos: Não é só no Brasil que a cacoplastia aumenta.

Um documento do Departamento Nacional do Trabalho de Washington sobre a infância de New-York e da California, compreendendo as crianças americanas de um mês a seis anos, excluídas as patentemente doentes, demonstra que, ainda assim, dentre 57:977 crianças, 17:875 apresentavam defeitos e morbidades várias: raquitismo, má nutrição, anomalia cardíaca, cárie dentária, hipertrofia das amígdalas e adenoides. Na Inglaterra, o Departamento Nacional de Recrutamento, durante a conflagração, reconheceu que sobre 2.500:000 homens de 18 a 42 anos, só 900:000 estavam fisicamente aptos para o serviço militar activo. Apenas 36 % apresentavam relativo estado de higidez.

Desordens mentais: Perante a Associação Americana de Psiquiatria, falou recentemente o dr. Walter M. English, de Brockville, Ontario, provando com estatísticas que há nos Estados Unidos, 1 milhão e 800 mil deficientes mentais, com o nível intelectual máximo do das crianças de 9 anos. Em consequência, pediu o dr. English que fôsse aprovada uma indicação sugerindo a esterilização dessas pessoas, como recurso para diminuir a percentagem de deficientes mentais naquele país, pois, segundo declarou, tal proporção vai, ali como nos outros países civilizados, crescendo de maneira alarmante.

Daquele total de 1 milhão e 800 mil deficientes mentais, 600 mil tem nível intelectual inferior a 7 anos, e esses, segundo o autor, «devem ser constantemente fiscalizados durante toda a vida. A maior parte desses casos, prossegue êle, tem uma causa comum: a hereditariedade».

(Da «Educação Eugénica»).

RENATO KEHL.

Iconografia etnográfica da viagem do dr. Rodrigues Ferreira ⁽¹⁾

A expedição dirigida pelo ilustre naturalista e viajante, dr. Alexandre Rodrigues Ferreira, o qual, tendo nascido na Baía, era oriundo de família portuguesa e, portanto, como português legítimo e excelente patriota se distinguiu, não está ainda conhecida, em todos os seus curiosos e instrutivos pormenores, ainda que as

(1) Com 16 documentos estampados a cores (Museu de Antropologia).

referências biográficas, particularmente as de Costa e Sá, de Barbosa du Bocage e de Carlos França ⁽¹⁾, dessa viagem científica ponham em grosso relêvo os resultados.

A publicação do dr. Emílio Gœldi, fundador e director do Museu Paraense, que ostenta hoje o nome dêste sábio ⁽²⁾ dá sumariamente conta dos itinerários e episódios, dos passos difíceis, dos perigos e trabalhos do esforçado explorador e de seus intrépidos e dedicados colaboradores, mas não pormenorisa alguns dos principais êxitos e descobertas de expedicionários, nem salienta o valor da sua acção e da sua obra colonizadora.

Boa parte da obra do consciencioso naturalista é desconhecida e conserva o estímulo dos inéditos para a curiosidade dos investigadores e memorialistas. Se, como disse Varnhagen (Pôrto Seguro) ⁽³⁾, os resultados da campanha ingente do dr. Rodrigues Ferreira tivessem sido publicados em tempo próprio, a Europa houvera conhecido, trinta anos antes, pelos trabalhos dêle e dos seus desenhadores, muitos factos de que só teve notícia pelos escritores estrangeiros, «que algumas vezes apenas transmitiram observações que os nossos haviam feito, deixando os seus escritos no pó dos arquivos».

Efectivamente ao estudarmos duas das colecções penosamente ajuntadas pelo sábio português para o Museu Real da Ajuda e que hoje fazem parte das velhas riquezas do Museu Bocage, de Lisboa; as Tartarugas e os Emydosaurios da exploração do Norte do Brasil (1783-1793), tivemos ocasião de verificar que algumas espécies tinham sido estudadas e determinadas pelo dr. Alexandre, vinte e cinco, trinta, quarenta anos antes de darem entrada oficialmente na ciência pelos repositórios impressos e com as signas de Spix, Wagler, Gray, Schweigger e outros.

Os resultados da *Viagem Filosófica* do dr. A. Roiz Ferreira, a qual assim foi denominada oficialmente no seu tempo, constam de 230 memórias, 8 mapas geográficos, 12 lâminas gravadas e 2 volumes in-4.º gr. de desenhos e aguarelas executados pelos desenhadores, aquarelistas do Museu da Ajuda, José Joaquim Freire e Joaquim José Codina, discípulos do Mestre João de Fi-

(1) J. M. da Costa e Sá, *Mem. Acad. R. das C. Lisboa*, v, part. II, 1918; Barbosa du Bocage, *Instruções práticas sobre o modo de coligir*, etc. Lisboa, 1862; C. França, *Doutor Alex. Rodrigues Ferreira* (História de uma Missão Científica ao Brasil no século XVIII) in «*Bol. Soc. Broteriana*», vol. 1, 2.ª sér. Coimbra, 1922.

(2) Dr. E. A. Gœldi, *Algumas notícias sobre a vida de Alexandre Rodrigues Ferreira* in «*Rev. da Soc. de estudos paraenses*», 1, fas. III, Belem, 1894.

(3) Varnhagen (Pôrto Seguro), *História geral do Brasil*.

gueiredo, que ao tempo regia a Escola de Artes do Desenho no referido Museu da Ajuda e na qual se sucederam vários artistas notáveis. Aqueles acima nomeados acompanharam ao Brasil o dr. Alexandre e ali *de visu*, sob a sua direcção, reproduziram os objectos mais notáveis pela sua forma e raridade. Artistas modestos e dedicados, conscienciosos e probos, recebiam pelo seu trabalho, mais como aprendizes, do que como artistas executantes, exígua paga, a que se acomodavam estoicamente as suas necessidades.

O *Gabinete da Ajuda*, primeiro núcleo do Museu de História Natural, fôra instituído pelo Marquês de Pombal, para instrução dos príncipes reais, mas tornára-se de-prêssa o receptáculo dos produtos coloniais que advinham das possessões ultramarinas, particularmente da promettedora e extensa colónia do Brasil.

Um ministro inteligente, Martinho de Melo e Castro, convencido da importância do reconhecimento das riquezas naturais dêsse longínquo e soberbo país, resolveu mandar proceder à exploração metódica e regular dêsse vasto domínio da corôa e, por intermédio da Congregação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Coimbra, nomeou o dr. Alexandre Rodrigues Ferreira (1778), para o encarregar da espinhosa missão, sabendo que nêle concorriam as qualidades pessoais e o saber e probidade, que fariam dêle o chefe incomparável da Missão.

*

* *

Foi esta a primeira expedição, oficialmente comandada e cientificamente dirigida, com o propósito de devassar as produções da Natureza que houvessem de ser aproveitadas nas dilatadas conquistas portuguesas de além-mar. Quási na mesma época foram promovidas outras explorações na África: A de J. da Silva Feijó, em Cabo Verde, e a de Galvão da Silva em Moçambique. Nenhuma delas teve porém a seguí-la o êxito e, ao mesmo tempo, a fatalidade que acompanhou sempre a de Rodrigues Ferreira, a qual pela diversidade de produtos e pela documentação conseguida naquelas longes paragens ⁽¹⁾ pode-se afirmar que marca

(1) A enorme extensão percorrida, nas condições mais difíceis, pelas capitãneas do Pará, Mato Grosso, Cuyabá, internando-se muito pelo alto Amazonas, dirigindo-se pelos rios S. Lourenço e Paraguay, dá ideia assombrosa do trabalho feito dum português emérito, que não obteve ainda dos seus compatriotas, de ambos os lados do Atlântico, a consagração a que tem jus, baseada sobre-

uma era de renascimento cultural e de actividade científica e artística, nos domínios da História Natural.

O explorador partiu de Lisboa, em navio fretado para o transporte da expedição, em 1 de Setembro de 1783 e chegou ao Pará em Outubro seguinte, por onde iniciou os trabalhos de reconhecimento, que compreendia as produções dos *três reinos* e em particular o estudo das populações indígenas dos países que ia atravessando. Foi dêsse estudo etnográfico, que o chefe da Missão encetou com verdadeira intuição, sôbre os núcleos do gentio que constituíam as tribus nômadas, com as quais tratou na dilatada digressão pelo interior dos sertões brasileiros, que o devotado naturalista trouxe o feixe de observações e documentos que ora nos interessam, principalmente dos índios habitantes na vasta região que tem o nome actual de Amazonia. A sua localização, os hábitos primitivos, a indumentária, as armas e acessórios, os ritos, as danças e as relações dumas com as outras, tudo isso o insigne explorador estudou com rara perspicácia e deixou descrito nos seus numerosos papéis e fêz reproduzir hábilmente pelos desenhadores que o acompanharam na tarefa arriscada, e aos quais acima fazemos referência.

*

* *

Esta documentação é relativa à parte etnográfica da viagem filosófica. Nem se pode pensar na visão antropológica, dado que ao tempo da sua efectivação, esta ciência só existia dum modo vago, entre precursores como Peter Camper e Buffon, que na sua presciência lançaram como relâmpagos as suas primeiras luzes.

As observações de Rodrigues Ferreira feitas no contacto com as tribus indígenas têm por isso a originalidade, senão o mérito científico que, mais dum século passado, possuem, no pleno domínio da Antropologia, as investigações do coronel Rondon e do prof. Roquette Pinto, realizadas também sôbre povoações dispersas da Amazônia. As descobertas do expedicionário português, com o documentário de que as dotaram os seus modestos e habíllimos colaboradores, não deixam de ter valor científico, realçado pela excelência da execução artística, como se vê das cópias

tudo no conhecimento preciso da sua obra e das suas virtudes, digno exemplo duma raça valorosa de pioneiros e descobridores, que em muito contribuíram, e nas épocas de maior perigo e obstáculo, para o alargamento da cultura intelectual e do património da Ciência.

litográficas depositadas por nós no Museu de Antropologia da Universidade do Pôrto e que fizeram objecto da comunicação à Sociedade de Antropologia, na sessão de Junho passado.

Da obra vasta de A. R. Ferreira, mas apenas conhecida de maneira fragmentária, dispersa em Portugal e no Brasil, só uma pequena parte, até hoje, se acha publicada e seria justíssimo, como alvitrou Carlos França (*loc. cit.*), que os dois países se juntassem, amigável e patrióticamente, no cumprimento do dever de dar a público a reconstrução dessa obra, a qual bem merece ser divulgada, agora que se está fazendo, em diversos lugares, a reposição histórica do esforço colonial português e a demonstração do seu alcance prático.

Estes interessantes documentos, sem dúvida feitos do natural, com escrupulosa minúcia e admirável talento de execução, revelam antes de tudo a técnica obediente dos dois artistas que faziam parte da Missão e cujos trabalhos atestam o valor dessa escola régia de naturalistas, em que os portugueses precederam a muitos respeitos os centros mais cultos da Europa.

Na série curta mas expressiva destas aguarelas e guaches de Freire e Codina estão artisticamente representados alguns tipos do gentio, que os expedicionários encontraram junto dos rios que lhes serviram de principais vias de comunicação e de acesso ao interior das regiões. Trata-se de populações que se podem considerar extintas hoje, por não haver delas nem localização, nem notícia, mas cuja existência de primitivos ficou bem assinalada nas notas etnográficas do dr. Alex. Roiz Ferreira e no documentário artístico da Missão.

A vida precária de semelhantes indígenas, sujeita a múltiplas causas de desaparecimento, principalmente em consequência das lutas guerreiras entre as tribus e com os invasores, conduz por espécie de fatalidade ao seu desaparecimento.

As estampas que fazem parte do album da viagem de R. Ferreira, vol. I (*Desenhos dos gentios e animais, etc. . . da Expedição filosófica do Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuyabá*) mostram além das características étnicas, acerca das quais não nos detemos agora, os estigmas, os adornos, os instrumentos musicos e insignias, bem como as armas gentílicas, de caça e pesca e as de arremêso guerreiro, e alguns objectos da ligeira indumentária.

Numa das estampas acham-se perfeitamente desenhadas e coloridas de violentos contrastes as máscaras com que, segundo os usos, celebram os triunfos venatórios e de pesca.

Noutras figuras encontra-se desenhado e pintado o sistema complicado de tatuagens a côres, muito comum nos índios ameri-

canos de diversas regiões. Em uma das aguarelas nota-se a coloração geral vermelha da pele pela aplicação da tinta vegetal do *Urucú*.

Entre outras, merecem notar-se certas deformações propositadas, como as do crânio, género Aztec, no gentio *Cambeba*, das margens do Rio Negro, bem assim as deformações torácicas dos *Mauás*, estigma excepcional que não fôra notado noutras raças indianas, a perfuração do nariz, dos lábios e das orelhas (*Muras*) no intuito ornamental, para a introdução de objectos heterogêneos, penas, ossos, pedaços de madeira, etc.

Quanto a ornatos, nota-se nos desenhos que era em especial nos cabelos, nos braços, nas pernas, que os selvagens retratados dispunham dos enfeites da mais exótica fantasia. Pela mesma iconografia é fácil reconhecer as armas de que usavam. Não é tão fácil, sem cotejar as notas do explorador, fazer a descrição dos diversos instrumentos musicos, que incitavam de-certo as suas danças e acompanhavam as cerimónias.

É difícil interpretar, em poucos dizeres, a complexidade de tais figuras; por isso resumimos esta notícia aos traços leves e superficiais e aos caracteres essenciais que elas apresentam, reservando para outro estudo mais detido as considerações de ordem antropológica e etnológica, que essa iconografia, não isenta de beleza, nos sugere.

BETHENCOURT FERREIRA.

Nótula sôbre o arremêso dos dentes

O arremêso dos dentes de leite, ora para cima do forno ou do telhado, ora ao lume ou à borrarheira, umas vezes atirados francamente, sem quaisquer cuidados ou regras a observar, outras sendo necessário que a operação se faça de costas voltadas, é um costume velho, largamente espalhado de norte a sul do país e também freqüente na maior parte dos povos europeus.

Sébillot (1) dá-nos uma rápida síntese dos vários processos empregados para facilitar a evolução dentária, dizendo:

«Des amulettes, dans lesquelles entrent souvent des dents d'animaux ou d'hommes, des colliers d'objets préhistoriques, de

(1) Paul Sébillot, *Le folk-lore — Littérature orale et Ethnographie traditionnelle*, Paris, 1913, págs. 228-229.

certaines pierres ou de certaines plantes, des sachets, favorisent l'évolution dentaire. On a soin de ne pas jeter les dents de lait, ce qui exposerait l'enfant à divers inconvénients, si elles étaient avalées par des animaux; on les lance dans le feu en prononçant une conjuration, ou on les lance pardessus le toit; en nombre de pays, la dent est mise dans un trou avec une formule votive qui s'adresse par fois au rat ou à la souris qui l'a creusé, et que l'on adjure de donner en échange de jolies petites dents».

A «Revue Anthropologique», órgão do Instituto Internacional de Antropologia, publicou interessantes artigos sobre tão curiosa e generalizada prática infantil, firmados por investigadores estrangeiros como Schillings (1), Saintyves (2), de Vries (3), e pelo nosso consócio e professor da Universidade de Lisboa, dr. Barbosa Sueiro (4).

Últimamente o sr. José de Pinho (5), arqueólogo e etnógrafo de muito merecimento, publicou sobre este mesmo assunto uma curiosa nota, na qual analisa e critica as opiniões dos autores atrás citados, e emite a hipótese de que o velho costume do arremêso dos dentes de leite deve ser uma sobrevivência do culto fálico, culto que, na verdade, transparece por vezes bem claramente em várias práticas, velhos usos e superstições populares (6). Seja qual for a opinião que se possa ter sobre a significação do arremêso dos dentes da primeira dentição, diremos que não é gratuita a afirmação do sr. José de Pinho, sendo até muito interessantes as considerações por êle feitas para estabelecer a sua hipótese de mais um vestígio do culto fálico.

(1) André Schillings, *A propos d'une coùtume enfantine*, in «Rev. Anthropol.», xxxix^e année, Paris, 1929, pág. 406.

(2) P. Saintyves, *Le valeur du jet magique comme rite de fécondité*, in id. id., págs. 407-411.

(3) J. de Vries, *Le jet de la dent*, in id. id., xxxix^e année, Paris, 1930, págs. 87-89.

(4) B. Barbosa Sueiro, *A propos du jet de la dent*, in id. id., pág. 400. Este mesmo trabalho vem publicado em português no «Arquivo de Anatomia e Antropologia», Lisboa, 1931, págs. 17-18, com o título *A propósito do arremêso do dente*.

(5) José de Pinho, *A propósito duma velha usança*, in «Pátria» (Revista portuguesa de cultura), vol. 1, Gaia, 1931, págs. 54-56.

(6) José de Pinho, *Algumas sobrevivências do culto fálico em Portugal*. Conferência inédita feita na Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, sessão científica de 21 de Maio de 1930.

Ainda relacionado com o culto fálico veja-se do mesmo autor, *A propósito duma velha jóia ibérica*, in «Trabalhos da Soc. Port. de Antrop. e Etnol.», vol. V, Pôrto, 1931, págs. 37-59, 4 est. com 46 figs.

Como neste assunto, e de resto em tantos outros, vogamos ainda em maré de hipóteses, e como estas serão tanto mais aceitáveis e consistentes, quanto maior for o seu carácter de generalização, daremos com a presente nótula que visa apenas o registo de algumas modalidades da prática em questão, recolhidas no norte de Portugal, uma contribuição para a resolução do problema. Este, embora com um elemento fundamental comum, deve, quanto a nós, mercê de causas e influências várias, ter evoluído neste ou naquele sentido, apresentando-se hoje consoante as regiões, com um aspecto, que pelo menos aparentemente, é bem diverso dum para as outras.

*

* * *

No Minho, Barcelos, a prática do arremêso dos dentes é muito semelhante à publicada e colhida pelo sr. José de Pinho (1) em Amarante, embora com interessantes modalidades.

Assim, a criança a quem cai um dente, de costas voltadas para o forno, atira com o dente para trás dizendo antes: *Dente fora cag. . . . na cova, venha outro p'ra casinha nova.*

O dentinho é arremessado para cima do forno, recomendando-se porém à criança, que, mal o atire, tape os ouvidos para não ouvir o cair daquele ao bater sobre qualquer dos múltiplos objectos que em cima do forno é costume arrumar.

Tenho também registado no meu canhenho folclórico o costume seguido na freguesia de Travanca, do concelho de Amarante. O dente é igualmente atirado pela criança, para trás das costas e para cima do forno, dizendo ela: *Dente fora cag. . . . na cova e m. . . . de cão na buraca.*

Em Matosinhos, arredores do Pôrto, não pude averiguar o sítio para onde o dente é arremessado, mas apenas a fórmula pronunciada, que é esta: *Dente fora cag. . . . na cova, venha outro com a Senhora da Hora.* No Pôrto e em S. Felix da Marinha (Gaia) as crianças do povo usam a mesma fórmula atirando o dente para trás das costas, mas para qualquer lugar.

Em Sinfães, Beira Douro, a criança atira singelamente com o dente para trás das costas depois de dizer: *Dente vão, nasça-me outro são.*

À amabilidade do colega dr. Luís de Pina, cultor apaixonado

(1) José de Pinho, *A propósito duma velha usança*, já citado.

e inteligente do folclore nacional, devo o informe atencioso e amigodas fórmulas que seguem, por êle recolhidas em Guimarães e em Alijó.

Em Guimarães dizem indistintamente: *Dente fora cag..... na cova*, ou mais acceadamente: *Dente fora, outro na cova*. Em Alijó o dizer é mais longo, ei-lo: *Dente fora cag..... na cova, nasce outro, este vai-se embora*.

A recordação da infância, dum amigo, funcionário superior da Universidade do Pôrto, que foi criado nesta cidade, eu devo mais esta fórmula: *Dente dentro dente fora, cag..... na cova*.

Há em tôdas estas fórmulas, ou em quási tôdas, um aspecto coprolálico acentuadamente marcado. É mesmo esta a característica que, depois do arremêso, mais vezes se encontra na prática em questão. Muitas vezes a frase é concreta, isto é, a criança dirige a sua petição a qualquer objecto ou coisa. É o caso, por exemplo, das fórmulas colhidas pelo dr. Barbosa Sueiro (1) em Lisboa e no Alentejo, que são respectivamente: *Telhadinho, telhadão, tomai este dente pôdre e dai-me um são*; e *Moirão, moirão, toma o meu dente pôdre e dá-me um são* (2).

As mais das vezes, porém, a frase é abstrata.

O sítio para onde se atira o dente é, como vimos, variável; umas vezes para cima ou para trás do forno, outras vezes para o telhado ou para a cinza, outras ainda simplesmente para trás das costas sem qualquer preocupação do lugar onde o dente possa cair.

É nossa opinião que, devendo, sem dúvida, ser tomada em linha de conta a natureza do local para onde o dente é atirado, não deve contudo ser inteiramente posta de banda a fórmula ou

(1) Barbosa Sueiro, *A propos du jet de la dent*, já citado.

(2) Jaime Lopes Dias na sua *Etnografia da Beira*, vol. I, Lisboa, 1926, a pág. 159, regista de Vale de Lobo e Idanha-a-Nova o seguinte costume: «Para que os dentes nasçam bem, diz-se ao arrancar algum: «pelheirinha, pelheirão, toma lá este dente pôdre e dá cá um são». E atira-se o dente para a cinza (Vale de Lobo e Idanha-a-Nova)».

Esta «pelheirinha, pelheirão» deve ser corrupção de pilheira que Cândido Figueiredo dá como-lugar, anexo à lareira, no qual se juntam as cinzas.

Quási todos os autores citados se referem ao facto de, em certas regiões da Alemanha, as palavras proferidas serem dirigidas ao rato ou ao morcego. Á amabilidade do colega amigo Ziller Perez, devo a fórmula que se segue, que, segundo me informou, é muito frequente em tôda a Saxónia. *Mausschen: Mausschen ich gebe dir eiuen Beenern und gib mir einen Steernern* que quer dizer, *Ratinho, ratinho dou-te um de osso e dá-me um de pedra*.

De Vries, numa nota do seu trabalho já citado, dá, para Aardenburg, na Holanda, uma fórmula idêntica, em que é invocado um morcêgo.

dizeres que acompanham ou precedem o acto do arremêso. Por isso é que nesta presente nótula pretendemos pôr em realce o carácter coprolálico que tem esta velha costumeira, ao menos no norte do país.

Como carácter fundamental e quási geral aparece o do arremêso para trás das costas. Não pode também deixar de se ligar a êste facto a significação que lhe é própria. É sobejamente conhecida a significação supersticiosa que o povo dá aos diferentes lados, direito, esquerdo, frente ou dianteira e atrás. O lado direito é o lado da fôrça, é o lado bom e forte. O lado esquerdo é o lado mau e fraco. Para diante é o futuro. Para trás o passado. Muitas práticas se fundam e baseiam num arremêso para trás das costas, quando se pretende fazer esquecer qualquer coisa, ou mesmo com outra finalidade.

É interessante, por exemplo, a prática que ouvi referir em Trás-os-Montes (Moncorvo) e que consiste no seguinte: Os rapazes quando vão tomar banho ao rio e, quando despídos e prestes a entrar na água, atiram com pedras para trás das costas para evitar as maleitas.

Em Barrocelas, concelho de Viana do Castelo, findo o banho e mal saiem para a borda, de costas voltadas ao rio arremesam duas pedras por sôbre os ombros, tapando prontamente os ouvidos para não sentirem o bater das pedras na água, e ao mesmo tempo bambolem a cabeça à direita e à esquerda com energia e repetidas vezes. Tudo isto fazem para que lhe saia a água dos ouvidos. Não ligam já qualquer significado ao atirar das pedras, mas fazem-no sempre que tomam banho.

Esta e outras práticas, como a do arremêso dos dentes podem bem chamar-se *costumeiras*, dando a êste termo a significação de superstições que entraram na prática corrente sem que o povo lhes ligue qualquer propriedade supersticiosa, totémica ou doutra natureza. São actos ou práticas que o povo realiza sem discutir ou nelas pensar, mas tão sômente pelo facto de ser costume fazer tal coisa.

Compete aos investigadores ir procurar as origens e consequente significação de tais práticas, tomando em linha de conta o conjunto de tôdas as circunstâncias e não esta ou aquela isoladamente.

Concluiremos esta nótula etnográfica repetindo que se nos afigura que a velha prática do arremêso do dente, nas várias modalidades que registamos, tem um elemento fundamental geral e comum, — o arremêso, as mais das vezes para trás das costas —, embora aqui e ali tenha evoluído neste ou naquele sentido mercê de influências e causas várias, apresentando por vezes aspectos

tão diferentes, que será difícil, não tomando em linha de conta o elemento fundamental e comum a todas elas, estabelecer uma hipótese que possa satisfazer plenamente a todas as modalidades de que tivemos conhecimento.

Universidade do Porto, Agosto de 1932.

SANTOS JÚNIOR.

Museu Antropológico do Porto

O Museu Antropológico da Faculdade de Ciências do Porto tem continuado a receber numerosas ofertas, de que damos a lista resumida, correspondente ao período de Maio de 1929 (ver «Trabalhos», IV, pág. 179) a Agosto de 1932:

1929 (Conclusão):

Do sr. Alexandre Esteves de Oliveira, dois fragmentos de escórias de fundição de Condeixa-a-Velha.

Do sr. Armando de Moraes Pinto, um machado de pedra polida de Murça.

Do sr. dr. Rui de Serpa Pinto, dois fragmentos de vasos de vidro e fragmentos de cerâmica, do cemitério luso-romano de Bicas, Vila Nova da Telha; granito de prata, fragmentos de cerâmica indígena, vidrada, «terra sigillata» e vasos de vidro (pesquisas do ofertante); dezassete contas de vidro azul e uma de vidro esverdeado das minas de *Conimbriga*, Condeixa-a-Velha (depósito); uma candeia de Vila do Conde.

Do sr. dr. Joaquim Rodrigues dos Santos Júnior, três peças de cerâmica das olarias do Felgar, Moncorvo; fragmentos de cerâmica castreja da Cigadonha, Carviçais, Moncorvo.

Do sr. prof. Mendes Corrêa, lascas e escopros paleolíticos dos terraços do Manzanares, Madrid (colheita do sr. conde de la Vega del Sella e do ofertante).

Do sr. prof. Castro Portugal, um machado de sílex do Dundo, Lunda, Angola (Missão científica a Angola, 1929).

Do sr. J. M. de Bethencourt Ferreira, cônsul de Portugal em Boston, por intermédio do sr. prof. Mendes Corrêa, fotografia do rochedo de Dighton.

1930:

Do sr. dr. António Guerra, por intermédio do sr. dr. J. R. dos Santos Júnior, um machado de pedra polida da Quinta de Mendel, Moncorvo.

Do sr. prof. Mendes Corrêa, um machado chato de bronze, com gume curvilíneo, encontrado perto da Casa dos Patudos, Alpiarça, e vasos duma sepultura da idade do ferro, da mesma localidade.

Do sr. Manuel Paciência Gaspar, por intermédio do mesmo professor, vasos de cerâmica pré-histórica e braceletes de bronze, da mesma localidade.

Do sr. Veríssimo Alves Moreira, fragmentos de cerâmica incisa da Penha, Guimarães.

Do professor italiano Rellini, por intermédio do sr. dr. R. de Serpa Pinto, amigdalóide chelense da estação de Notarchirico, perto de Venosa, Basilicata, Itália.

Do sr. eng. agr. Leren Antunes, por intermédio do sr. dr. R. de Serpa Pinto, depósito de instrumentos paleolíticos dos arredores de Elvas.

Do sr. dr. R. de Serpa Pinto, quartzite lascada de Manhufe, Matozinhos; amostras de cerâmica grega de Ampúrias, fragmentos cerâmicos dos *talayots*, idem de bronze de És Pedregar, La Grotta e Capocorp Vell (Mallorca); instrumentos de sílex de Postazzo e Prado de Los Llaneros (Madrid) — colheitas do ofertante.

Do sr. Francisco Pessanha, por intermédio do sr. prof. Mendes Corrêa, uma placa de xisto com inscrição em caracteres desconhecidos, do Castro de Lerilla, Ciudad-Rodrigo.

Do sr. C. Blake Whelan, por intermédio do sr. dr. Rui de Serpa Pinto, depósito de 63 instrumentos de sílex das praias elevadas do condado de Autrim, Irlanda.

Do sr. dr. Joaquim Rodrigues dos Santos Júnior, três brinquedos de cortiça, Foz-Tua; miniatura de um jugo, Moncorvo; machado de pedra polida do dolmen da Conselheira, Vilarinho da Castanheira, Carrazeda de Anciães (exploração do ofertante); fragmentos de cerâmica castreja, «terra sigillata» e dois trituradores manuais do Castro da Junqueira, Moncorvo; fragmentos de cerâmica e carvões de Pala da Moura, Vilarinho da Castanheira, Carrazeda de Anciães; fragmentos de cerâmica eneolítica ornamentada, do Cachão da Rapa, Foz-Tua, Carrazeda de Anciães (exploração do ofertante).

Do sr. P.^o José Augusto Tavares, por intermédio do sr. dr. J. R. dos Santos Júnior, uma colher de pastor em chifre; dois pesos

de tear de barro do Noguêdo, Felgar do Cabeço dos Carneiros, Moncorvo; um pêso de tear de xisto com quatro orifícios de suspensão e fragmentos de cerâmica castreja do monte de N. S. do Castelo, Vilarica, Moncorvo; três trituradores manuais do Noguêdo e S. Cristóvão, Cabeça Boa, Moncorvo.

1931:

Do sr. prof. M. Reygasse, colecção de quarenta e nove dispositivos de indústrias pré-históricas, do norte de África.

Do sr. dr. Rui de Serpa Pinto, machado de anfíbolite (?) polido, de proveniência desconhecida; «tessera» de barro de Guifões; um calhau lascado, encontrado numa escavação no Senhor do Padrão, Tougues, Vila do Conde; sete candeias e candieiros populares de Almeirim, Arronches, Elvas e Santarém; um azeiteiro de Almeirim; quatro ornatos de bronze com que enfeitam as cabeçadas dos machos, comprados em Elvas; duas tijelas de barro vidrado de Redondo, Alentejo, uma com legenda; duas cafeteiras de barro de Redondo; restos ósseos da Gruta de Refugidos, Cada-fais; instrumentos paleolíticos das estações de Alfarofia, Monte Campo, Comenda, Botafogo e Arronches, nas margens do rio Caia; instrumento paleolítico de quartzite de Fiães, Castro Laboreiro.

Do sr. P.^o Manuel José Afonso Baptista, conta de vidro policromo encontrada na ribeira de Valongo, Vila da Ponte, Barroso; um vaso de fabrico manual com aza e bordo partidos; fragmento dum vaso também de fabrico manual com duas saliências mamilares; vários fragmentos dum vaso com ornatos estampados e fragmentos cerâmicos diversos duma cista da Portela do Gorgorão, Vila da Ponte.

Do sr. eng. Dionísio Augusto Cunha, por intermédio do sr. dr. R. de Serpa Pinto, uma conta de vidro policromo — «quebranto»; uma conta esférica de vidro opalescente — «leitor»; uma conta globular de vidro — «relicário».

Do sr. P.^o José Brenha, por intermédio do sr. dr. R. de Serpa Pinto, um pequeno machado de fibrolite de Bragado; três contas de colar encontradas numa sepultura em Tourega, perto de Viveiro, Alentejo; uma fivela de bronze luso-romana de Telões, Vila Pouca de Aguiar.

Do sr. dr. Joaquim Rodrigues dos Santos Júnior, cerâmica incisa e um machado de pedra polida do cachão da Rapa (exploração de Setembro de 1931); cerâmica incisa eneolítica da Soutilha, Moiros, Chaves; ponta de seta triangular lâmina de sílex e fragmentos de cerâmica da exploração do dólmen de Zêdes,

Carrazeda de Anciães; machado de pedra polida e um pêso (?) ornamentado do Castelo dos Moiros do Felgar, Moncorvo; fragmentos de cerâmica luso-romana do Castelinho, Cilhades, Felgar, Moncorvo.

Do sr. dr. Henrique de Miranda, por intermédio do sr. prof. dr. Mendes Corrêa, um martelo neolítico de pedra (Maillet à rainure) dos «ateliers» de Murc (Vaucluse, França).

Do sr. prof. J. A. Pires de Lima, uma pedra ornamentada e três fragmentos de mós luso-romanas do monte de S. Miguel-o-Anjo, Santo Tirso.

Do sr. eng. Castro Portugal, três pequenos bronzes romanos de S. Bento, Terras de Bouro.

Dos srs. Francisco Raposo e Hipólito Cabaço, eólitos do Vale dos Lages, Alenquer e do Carregado; dous moldes de machado de pedra polida de Alenquer; amostras da indústria do concheiro do Casal da Prata, Camaral; peças da estação do Casal do Concelho e do Casal do Rolão, Camaral; instrumentos de sílex do castro de Ota; dois sílex do Carregado.

Do sr. dr. Artur de Magalhães Basto, cerâmica do Castro de Santa Marta dos Cortiços, Falperra.

Dos srs. Manuel e Sebastião Lages, por intermédio do sr. prof. Mendes Corrêa, machado de pedra polida da Orca do Vidoinho, Póvoa, Vila Nova de Paiva.

Do sr. P.^o António André de Lima, fragmento de fémur humano da necrópole bárbara de Chão do Grilo, Esmoriz.

Do sr. prof. Reid Moir, permuta com picos ancórensens, por intermédio do sr. dr. R. Serpa Pinto, dez instrumentos pré-históricos de Inglaterra.

Do sr. prof. Peyrony e colheita do sr. prof. Mendes Corrêa, instrumentos do aurinhacense inferior de Laugerie-Haute, França.

1932:

Do sr. dr. Luís de Pina, três peças de cerâmica pré-histórica dos arredores de Varsóvia, Polónia.

Do sr. dr. Abel Tavares, por intermédio do sr. prof. Mendes Corrêa, 38 postais de tipos e costumes timorenses.

Do sr. eng. Humberto Mendes Corrêa, um fuso de roca com desenhos em palha incrustada e fragmentos de cerâmica do castro de Sendim, Felgueiras.

Do sr. dr. Rui de Serpa Pinto, oito postais de costumes portugueses dos arredores de Lisboa.

Do sr. eng. Dionísio Cunha, um «pondus» de Peravelha, Moimenta da Beira.

Do sr. Francisco de Vasconcelos (Vilarinho de S. Romão e Lages), por intermédio do sr. prof. Mendes Corrêa, uma colhêr de pastor, de Couto de Arnelas, Barroso.

Do sr. Joaquim Pereira da Silva, dois machados de pedra polida e uma faquinha de sílex de Moselos, concelho da Feira.

Do sr. A. Santos Graça, por intermédio do sr. prof. Mendes Corrêa, fragmentos de cerâmica luso-romana, da Póvoa de Varzim.

Do sr. Armindo de Sousa Carneiro, por intermédio do sr. dr. J. R. dos Santos Júnior, um percutor de quartzite e dois machados de pedra polida da Mámoa dos Arcos, S. Pedro Fins, Maia.

REVISTA BIBLIOGRÁFICA

OLIVEIRA VIANNA—*Raça e Assimilação*—1 vol. de 235 páginas. S. Paulo, 1932.

Este belo volume, diz o A., é uma rápida síntese de alguns capítulos de duas obras mais vastas: *O aryano no Brasil* (biologia e mesologia) e *Anthropologia social* (psicologia e sociologia), em via de conclusão. Com prudência, Oliveira Vianna diz abster-se de formular categoricamente conclusões pressurosas, mas limita-se a apresentar « hipóteses de trabalho » cujo interesse aliás é inegável.

Distinguindo entre « psicologia das etnias », ramo da psicologia colectiva, ciência social — e « psicologia das raças » — ciência natural, puramente antropológica —, o A. atribui a uma confusão entre as duas expressões o justificado cepticismo existente em relação a alguns estudos de pretensa psicologia racial. Mostra a necessidade da aplicação dos métodos antropométricos, biotipológicos e biométricos a problemas importantes, como os da mestiçagem, da selecção eugénica da imigração, da aclimação, etc. Como Calverston, entende que a Antropologia pela Antropologia é tão absurda como a Arte pela Arte.

Dum alto valor é o capítulo consagrado ao *melting-pot* e à sua análise matemática. É todo um admirável programa de investigações úteis, a que o A. adiciona já alguns resultados curiosos fundados nas estatísticas oficiais, apesar das deficiências destas. Assim, verifica que o *melting-pot* riograndense absorve 4,6 % da nupcialidade geral, o paulista absorve 16,3 %, ou seja cêrca de 4 vezes mais. S. Paulo apresenta, pois, uma capacidade maior de assimilação e fusão dos elementos estrangeiros ali reunidos. Outra constatação é que, ao sul do Brasil, 76 % dos imigrantes italianos, portugueses e espanhóis se ligam com elementos que as estatísticas dão como estranhos às suas etnias, comquanto possam, de facto, ser descendentes, em 2.^a ou 3.^a geração, de elementos das suas etnias. Os japoneses são entretanto os que apresentam em S. Paulo maior índice de fusibilidade, mas cumpre notar que em enorme maioria os imigrantes nipónicos já chegam casados, tra-

tando-se portanto dum índice baseado numa reduzida minoria de consórcios.

Oliveira Vianna mostra que no sul do Brasil os varões de cada etnia estrangeira, tôdas as vezes que procuram espôsa fora do seu grupo nacional e em grupos não brasileiros, escolhem elementos das etnias mais afins da sua, pela raça e pela cultura. Assim, o português, sempre que se não fixa no seu grupo ou no grupo brasileiro, dirige-se preferentemente ao grupo espanhol (58,5 % ou seja em mais de metade dos casos), logo em seguida ao grupo italiano (32,8) e só excepcionalmente ao grupo alemão (1,4), ao austríaco (3,5) ou a outros (3,5).

Não quere o A. que os seus resultados tenham um carácter definitivo, mas nem porisso êles deixam de apresentar altíssimo interesse científico que nos cumpre salientar.

Em apêndice ao seu notável trabalho, Oliveira Vianna publica vários ensaios e notas sôbre assuntos antropológicos e demográficos. Aí figura uma resenha sôbre os modernos estudos antropológicos em Portugal, da qual me cumpre agradecer a mui benévola apreciação feita ao meu modesto esforço. Noutros ensaios são analisados o valor psico-social dos japoneses, o anti-mendelismo de Jennings, a concepção da «sociologia regional» de Mukerjee, a atitude de Pittard perante o germanismo, etc.

Não acompanho Oliveira Vianna no seu ataque ao ilustre antropólogo suíço, cujo espírito científico conheço e considero incapaz de qualquer deformação tendenciosa dos factos. Também, depois da severa crítica de Houzé, não tenho simpatia pelo emprêgo do termo *ariano* na acepção antropológica que lhe dá o A. através do seu livro. Mas como é notável êste livro, como são criteriosos os seus estudos e ensaios, como êles são demonstrativos dum belo talento, duma cultura vasta e séria e duma amplitude fecunda de vistas no domínio científico em que Oliveira Vianna é brilhante e consagrado investigador!

Raça e Assimilação desperta em nós o mais ardente desejo de conhecer os volumes que se anunciam ali e de que êste livro é, por assim dizer, a introdução ou explanação preparatória, dum raro mérito.

MENDES CORRÊA.

DR. LÉON MAC-AULIFFE — *La personnalité et l'hérédité* — 1 vol. de 291 págs. e 222 estampas. Paris, 1932.

Na seqüência dos volumes, já publicados, sôbre as origens do homem actual, desenvolvimento e crescimento, e os mecanismos íntimos da vida, o ilustre morfologista francês, dr. Léon Mac-Auliffe, dá agora à estampa um novo volume *La personnalité et l'hérédité*, que, com aqueles e com um próximo livro sôbre a personalidade, a hereditariedade e o meio, ficará constituindo a série que intitulou *A vida humana (Estudos morfológicos)*.

«Simples exposição de factos» chama o A. ao presente trabalho. Na verdade êle coordena uma multidão considerável de factos relativos à hereditariedade normal e patológica, às semelhanças raciais e familiares, ao desenvolvimento psico-físico da personalidade, etc. Mas o dr. Mac-Auliffe faz o comentário dêsses factos e, através de tôda a exposição, ressalta a sua tese — que é a da escola de Sigaud, seu mestre — de que os tipos morfológicos estão correlacionados com as tendências físiopsíquicas, predisposições patológicas, etc.

É valiosamente documentado o estudo sôbre a família Carnot e é também numerosa a documentação relativa à orelha nos músicos. Se, nalguns dos pontos versados, o nosso espírito fica em suspenso por lhe parecerem demasiado simples as relações pretendidas entre formas e as funções, nem porisso deixam de impressionar-nos certos factos como a freqüência do tipo cerebral na família Carnot. De resto, Mac-Auliffe é, dum modo geral, prudente nas suas afirmações. Prefere acumular materiais, factos. O seu senso crítico evidencia-se, por exemplo, quando põe restrições às conclusões mendelianas de Davenport, às generalizações morfológicas dos psiquiatras ou a afirmações do género da de Gustavo Le Bon pretendendo que os caracteres morais e intelectuais dum tipo nacional são tão estáveis como os caracteres anatómicos que determinam a espécie.

Não me parecem bem manifestas as semelhanças que pretende encontrar nalguns indivíduos (pp. 95-97). As influências do traje, do penteado, da atitude, etc., são para ponderar. Isto só mostra a dificuldade do problema.

Mas, em geral, o A. tem razão. E o seu livro é uma destas obras que devem estar nas bibliotecas dos biólogos, dos médicos e dos sociólogos para consulta freqüente, tão grande é o peçúlio de informações que fornece.

M. C.

JANKOWSKY, W.—*Konstitution, Körperbau und Rasse in ihrer gegenseitiger Beziehung und Abgrenzungen*—Extr. de «Anatomischer Anzeiger», vol. LXX, 1930.

Constituição, estrutura do corpo e raça são termos que em biologia teem sido empregados em acepções diferentes, e muitos autores que dêles se servem, nem ao menos explicam o que por êles entendem.

Num momento em que as investigações nestes ramos da ciência são cada vez mais intensas, torna-se absolutamente necessário limitá-los e definí-los com nitidez.

É o que o A. faz neste seu trabalho, principiando por passar em revista e discutir os termos constituição, estrutura do corpo, fenótipo, genótipo e parátipo, de que quási todos os investigadores se teem servido duma forma imprecisa e por vezes contraditória.

Para o A. a estrutura do corpo diz respeito só ao lado morfológico da constituição que por sua vez abrange as partes somática, orgânica e psíquica do indivíduo, e, portanto, inclui também a noção de raça. E como esta, a espécie, o género, etc., não são mais do que constituições parcelares da estrutura do corpo.

Encaradas estas noções com tal clareza e simplicidade, torna-se mais fácil e segura a investigação sistemática neste capítulo da Antropologia, o que era absolutamente necessário em vista do incremento que teem tomado ultimamente a actividade científica neste domínio biológico.

A. ATHAYDE.

LUÍS DE HOYOS SÁINZ—*Antropologia de los grupos sanguíneos; su estado actual y aplicaciones a España*—«Assoc. Españ. para el Progr. de las Ciencias». Congreso de Lisboa, t. I (Discursos inaugurales, 2.^a parte). Madrid, 1932.

O eminente antropólogo espanhol, prof. Hoyos Sáinz, apresentou ao Congresso Luso-Espanhol de Ciências de Lisboa, como discurso inaugural da secção de Ciências Naturais, um importante trabalho sôbre os grupos sanguíneos em geral e na Península em especial. Tendo dado contribuições valiosíssimas ao estudo dos caracteres antropomorfológicos nas várias regiões da Espanha, o

insigne investigador entendeu, com razão, não dever descurar os processos de análise antropobiológica das populações e tomou a iniciativa de investigações sorológicas no país vizinho, que até aos seus trabalhos aparecia em claro, como região inexplorada, nas cartas e estatísticas da distribuição dos grupos sanguíneos nos diferentes aglomerados étnicos.

A sua presente monografia é uma síntese muito bem feita do que se sabe da soroantropologia em geral e das investigações originais e alheias realizadas até hoje na Península. Relativamente ao nosso país, o A. tomou por base o trabalho da sr.^a D. Adélia Seirós da Cunha (Pôrto, 1926), cujos resultados foram ampliados mais tarde para o centro e sul do país pelo dr. Waldemar Teixeira.

Para a Espanha, Hoyos fêz, em 1929, 1.035 observações (cujos resultados apresentou em nota preliminar ao Congresso de Antropologia de 1930 em Coimbra e Pôrto) e em 1931 mais 357 observações. Mas entra também em linha de conta com 581 casos de Gracián, 296 de Bote, 452 de Andreu e 1.377 casos de Mazza, Piñeiro e Grifols.

Segundo Hoyos, os grupos hemáticos estão assim representados na Península, reunindo tôdas as séries espanholas e a portuguesa:

O	38,6
A	47,2
B	9,0
AB	4,3

O índice bioquímico no conjunto peninsular é de 4,87 (em Portugal, segundo Seirós, 6,10; em Espanha varia, nas diferentes séries, de 2,2 a 7,67). É um número elevado, mas mais baixo, ainda assim, do que o calculado primeiramente por Hoyos, 10,2.

O A estabelece duas novas relações centesimais, uma de A com O e outra de A, B e AB com O. Os valores respectivos na Península são 138 e 168. Calculando p , q e r , segundo as fórmulas de Bernstein, Hoyos chega aos seguintes resultados: $p=29,7$; $q=4,0$; $r=64,5$. A soma dos três valores vem igual a 98,2, o que Hoyos reputa aproximação suficiente de 100.

É especialmente interessante o esboço de discriminação de zonas hemáticas em Espanha. Os índices bioquímicos encontrados descem de 12,2 na região cantábrica a 2,2 na castelhana. A I.^a relação de Hoyos ($A \times 100 : O$) vai de 67,8 na região mediterrânea a 256 na região castelhana.

Sem dúvida, nalguns aspectos, a soroantropologia ibérica reclama novas pesquisas, porventura mesmo algumas rectificações.

Mas o esforço de Hoyos Sáinz constitui, desde já, uma sólida e séria iniciativa que merece os maiores encômios e que, com os trabalhos espanhóis e portugueses já levados a efeito, servirá de seguro ponto de partida para novos estudos, entre os quais não faltarão alguns do mesmo ilustre investigador, incansável e tenaz no seu notável labor científico.

M. C.

VERSCHUER, O. V. — *Ergebnisse der Zwillingsforschung* — Extr. de «*Verhandlungen der Gesellschaft für Physische Anthropologie*», vol. VI.

O A., um dos mais ilustres colaboradores do prof. E. Fischer no Instituto do Imperador Guilherme de Dahlem (Berlim), expõe os resultados da investigação da hereditariedade pelo estudo dos gémeos nos pontos de vista antropológico, patológico e psicológico.

É um trabalho detalhado, exacto, que certamente servirá de modelo às futuras investigações neste género sobre a hereditariedade humana.

Depois de fazer uma sucinta exposição da história e do método da investigação de gémeos, o A. apresenta os resultados dos exames minuciosos a que procedeu em cerca de 554 gémeos, analisando os caracteres da vista, nariz, ouvido, pele, cabelos, dentes, anomalias da forma do corpo, órgãos internos, doenças infecciosas, sistema nervoso, psiquismo, medidas e proporções do corpo.

Lamentamos não poder dar aqui os resultados interessantíssimos colhidos pelo A., mas o seu avultado número não é comportado pela escassez do espaço destinado a estas análises.

Tendo exposto o método, que na verdade é completo, indicamos as suas vantagens no estudo da hereditariedade humana, mostrando as dificuldades que se encontram fazendo este estudo em famílias e que são vencidas pela investigação dos gémeos.

Devemos, pois, chamar a atenção dos estudiosos para este método delineado pelo A. e que muitas vantagens traz à análise dum ramo tão importante da Biologia, como é a hereditariedade no homem.

A. A.

J. A. PIRES DE LIMA — *Novas observações de anomalias dos membros* — In «*Arquivo de Anatomia e Antropologia*», vol. XIV, Lisboa, 1931, págs. 303-316, 43 figs.; *Hypertrophie des dents incisives chez un Mus decumanus albinus* — In «*Bulletin de la Société Portugaise des Sciences Naturelles*», t. XI, Janeiro, 1932, págs. 155-159, 6 figs.

O prof. J. A. Pires de Lima, que com tanto carinho fundou, organizou e dirige o Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina do Pôrto, continua em pleno labor científico.

No último fascículo (págs. 266-267) demos notícia bibliográfica de cinco publicações do prof. Pires de Lima. Hoje daremos notícia de mais dois trabalhos.

O primeiro constitui, por assim dizer, um apêndice ao volume *As anomalias dos membros nos portugueses*, publicado em 1927.

Os múltiplos e interessantes casos que naquele livro fôram registados, devidamente classificados e discutidos, são agora aumentados com mais 36 casos assim distribuídos: 2 casos de movimentos anormais dos dedos, 1 de polidactilia transitória, 8 de preplex direito, 2 de polegar direito em pinça de lagosta, 1 de preplex esquerdo, 3 de prehallax, 3 de post-mínimos, 3 de hiperdactilia das 4 extremidades e 2 casos de polidactilia familiar; dentro das anomalias por defeito mais os seguintes: 2 casos de hipodactilia (agenesia dos polegares), 1 de hipo-sindactilia esquerda, 1 de braquidactilia, 4 de sindactilia, 1 de microdactilia, 1 de hipodactilia e sindactilia e 1 de agenesia do metacárpico e hipodactilia.

São ainda dignas de nota as considerações que faz sobre a frequência da polidactilia e da braquidactilia. Assim, de 1153 indivíduos (683 ♂ e 470 ♀) que passaram pelo Arquivo de Identificação Civil do Pôrto, só 1 homem era polidáctilo (6.º dedo na mão direita, anexo ao 5.º). Quanto à braquidactilia, na mesma série, 5 homens e apenas 1 mulher apresentam diversas formas de braquidactilia. Isto leva o A. a dizer: «*Verifica-se mais uma vez a exactidão da lei de Pieraccini sobre a maior fixidez dos caracteres normais no sexo feminino*».

O segundo trabalho é o estudo duma curiosa anomalia dentária num rato. O exemplar em questão apresentava um extraordinário desenvolvimento dos 3 incisivos que possuía. Havia agenesia do incisivo inferior esquerdo.

As alterações no esqueleto consistiam numa atrofia dos intermaxilares e dos maxilares inferiores, sobretudo o esquerdo. O professor Pires de Lima faz considerações sobre a causa determinante daquela hipertrofia dentária, concluindo: «*Peut-être des troubles*

endocrines (thyroide?) sont ils la cause primaire de toutes ces malformations».

Passa depois em revista a literatura científica, dando-nos 8 números bibliográficos sobre este capítulo especializado do desenvolvimento dentário nos roedores.

SANTOS JÚNIOR.

V. SUK AND F. ROZPRYM — **Eyebrows and eyelashes in Man—their different forms, pigmentation and heredity** (A preliminary report) — Publications de la «Faculté des Sciences de l'Université Masaryk», Brno, 1931, 10 fl. in-8.º, com fig. e diagrama.

Notaram os autores que a literatura científica não se tem ocupado da forma e pigmentação dos supracílios e dos cílios, jamais no ponto de vista de hereditariedade. Na presente memória, um dos autores reuniu 470 casos, das proximidades de Brno (Checoslováquia), que serviram de base para este estudo. Foi avaliada a frequência das formas reconhecidas, nos dois sexos e em indivíduos de diferentes idades. O autor figurou assim 12 aspectos ou formas distintas representadas na estampa que acompanha o texto.

No mesmo número de indivíduos o autor estudou a côr, as dimensões e disposições dos cílios, de que esboça 6 grupos. Sob o ponto de vista da hereditariedade conclui que a forma e a côr se não herdam conjuntamente, o que, de certo modo, se poderia prever, em virtude da lei mendeliana de independência dos caracteres. O mendelismo neste estudo, bastante original, é expresso no diagrama que o acompanha e exprime bem a distribuição dos caracteres mencionados.

BETHENCOURT FERREIRA.

ALFREDO ATHAYDE — **Um índice da região glabelar** — «Arquivo de Antropologia criminal e Identificação civil do Pôrto», fasc. II, Setembro, 1931.

A diferenciação sexual nos esqueletos apresenta dificuldades, para superar as quais se torna necessário buscar novas caracte-

rísticas resultantes da comparação de novos elementos estudados em esqueletos de indivíduos de sexo diferente.

Segundo o prof. Athayde o osso frontal é no complexo craniano a peça que reúne mais acentuadas diferenças sexuais, e merece atenção a região da glabela, que é muito importante neste ponto de vista. O autor aplica neste caso o método dos índices, para expressar por uma relação numérica o desenvolvimento glabelar, e poder, pela seriação e comparação, encontrar o índice expressivo da característica sexual. A maior saliência da glabela corresponde maior incurvação da região entre o *nasion* e o *ophrion*; divide-se a linha curva entre estes dois pontos em duas porções, que se avaliam com o *ciclómetro* de Mollison. A relação ou cociente dos números que dão aquelas porções constitui o índice do desenvolvimento da glabela, conforme a indicação do autor, que descreve o seu método e a técnica de aplicação. Um pequeno artifício converte os valores negativos em positivos. Em uma série de 59 crânios da coleção do Instituto de Antropologia, o autor obteve os números 217,5 (máx.) para o sexo masculino; 142,5 (mín.); média = $151,5 \pm 3,2$, sendo o desvio = 25,5; para o sexo feminino 157,5 (máx.); 82,5 (mín.); med. = $127,5 \pm 2,3$ e o desvio 19,4. Vê-se portanto que o desvio médio que imprime o valor diagnóstico a esta medida é muito expressivo. Nota-se também que a variação deste carácter é mais considerável, relativamente, no homem do que na mulher, o que o faz um dos caracteres diferenciais do sexo.

B. F.

NELLO PUCCIONI — **Antropologia e Etnografia delle genti della Somalia**, vol. I — **Antropometria**, I vol. de 400 págs. e numerosas estampas, Bologna, 1931; **Genti e Civiltà dell' Eritrea** — Firenze, 1932.

O eminente professor italiano, que tem publicado numerosos e importantes trabalhos sobre a antropologia das colónias italianas, nas quais tem realizado valiosas investigações pessoais, reúne no primeiro dos estudos acima indicados, os resultados antropométricos da missão Stefanini-Puccioni, em 1924, na Somalia. A publicação honra não só o autor e a Sociedade Geográfica Italiana que promoveu a missão, mas a ciência italiana. Tabelas, cartas e belas estampas acompanham a notável monografia.

Na segunda publicação, o A. faz uma breve síntese sobre a etnologia da Eritrea. Este trabalho constituiu o discurso inaugural

do ano académico no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas «Cesare Alfieri» em 16 de Novembro de 1931. Entre os antropólogos que se manifestam pela autonomia originária das populações etiópicas e os que admitem a sua origem num cruzamento entre leucodermes e melanodermes, Nello Puccioni inclina-se a favor dos segundos, acentuando que há paralelismo, por exemplo, entre as formas nasais e as línguas faladas, facto do maior interesse científico.

M. C.

LIDIO CIPRIANI—*Osservazioni antropometriche su indigeni asiatici e africani*—Extr. do «Archivio per l'Antropologia e la Etnologia», vols. LX-LXI, Firenze, 1932.

Dos resultados importantes da sua missão científica na África, missão à qual já fizemos alusão nesta revista, o prof. Lidio Cipriani tem já dado conta em várias publicações recentes, em que destacaremos, pelo interesse do assunto, a relativa aos Bochimanes da Etóscia e do Kalahari em *L'Universo* (t. XII, 1931).

O trabalho a que se refere a presente notícia, reúne as observações antropológicas feitas em Árabes do Yemen (40 observados nas tropas da Somália), em indígenas da nossa colónia de Moçambique (34 ♂ e 6 ♀), em Zulus (48 ♂ e 23 ♀) e em Batongas da Rodésia setentrional (30 ♂ e 20 ♀). Belas fotografias acompanham os quadros de medidas.

Trata-se dum trabalho de grande valor científico, que, para nós Portugueses, tem ainda o interesse especial de se referir também a algumas das nossas populações coloniais, ainda incompletamente estudadas no ponto de vista antropológico.

M. C.

PROF. V. SUK—*Anthropological notes on the peoples of Carpathian Ruthenia, with remarks on races in general and on some new methods in Anthropology (Preliminary report)*—Publications de la «Faculté des Sciences de l'Université Masaryk», redigée par Bohuslav Hostinsky, Brno, 1932.

Esta publicação faz parte da série editada pelo Instituto Antropológico da Universidade Masaryk de Brno, Checoslováquia. Trata dos resultados da viagem médico-antropológica realizada

na Ruténia dos Carpatos (Rússia sub-carpática), território que após a guerra foi integrado na nova República Checoslovaca. Dá conta de cerca de 1:800 relatórios sobre observações feitas neste sentido nas populações dessa região da Europa Central. A respeito da origem e do seu estado de civilização, estas populações aproximam-se dos povos orientais. Estão relativamente em atraso, portanto, iletradas e sujeitas a doenças e infecções de carácter grave, algumas de natureza epidémica. Estas observações referem-se a homens, mulheres e crianças de diversos lugares da região estudada geograficamente. Nelas foi também estudada a reacção sórológica. Múltiplos são nesta memória, realmente interessante, os pontos de vista orientados pela Antropologia e que seria longo discriminar. Pela aplicação do método, a exaustão do assunto é completa e recomenda-se exactamente pela sua integridade.

Acompanham esta memória um mapa geográfico, três estampas que representam os principais tipos da raça (máscaras), e extensa bibliografia.

B. F.

ALBERTO GERMANO DA SILVA CORREIA—*Les enfants et les adolescents luso-descendants de l'Inde Portugaise*—1 vol. de 178 págs. e muitas figs. Nova Goa, 1931.

Trata-se duma valiosa memória apresentada ao Congresso de Paris do Instituto Internacional de Antropologia. O sr. professor Germano Correia estudou o crescimento e os tipos morfológicos em 300 rapazes da Índia, de 10 a 21 anos, oriundos de famílias de antiga estirpe lusitana. O A., estabelecendo paralelismos dos seus resultados relativamente aos vários caracteres descritivos e métricos com os de outros autores referentes a rapazes europeus, sobretudo portugueses, concluiu por analogias com estes últimos. Muitos dos seus resultados não encontram, porém, elementos para confronto, ficando, entretanto, como materiais novos para o estudo do ritmo do crescimento e das proporções nas várias idades.

É para notar que os rapazes luso-descendentes apresentam a cabeça um pouco menos alongada do que os escolares portugueses da mesma idade nascidos na Europa, mas tem maior homogeneidade.

O prof. Germano Correia, estudando a acção dos factores meteorológicos, verificou que o crescimento em geral é mais lento

na estação quente. O papel da alimentação apareceu-lhe também evidente, pois a maior parte dos *sujeitos* observados pertencia a famílias pobres, mal alimentadas.

São importantes as suas considerações sobre a acção dos climas tropicais nas populações europeias. A seu vêr, não se observou na Índia um enfraquecimento ou uma degenerescência colectiva nos descendentes dos europeus ali fixados há cerca de dois séculos.

Valorizado com estatísticas detalhadas, gráficos e fotografias, o trabalho do sr. prof. Germano Correia é da maior actualidade para o estudo da aclimação. Justamente o pôs em evidência já o ilustre antroposociólogo brasileiro, dr. Oliveira Vianna, no seu livro recente *Raça e Assimilação*.

M. C.

A. CELESTINO DA COSTA — *As secreções internas no organismo fetal* — Sep. das «Actualidades biológicas», vol. VI, Coimbra, 1931.

Trata-se duma conferência realisada pelo ilustre professor em Abril de 1931 no Instituto de Investigação Científica Bento da Rocha Cabral. Dado o interêsse crescente que na Antropologia estão suscitando os estudos de endocrinologia, julgamos dever registar nesta revista a publicação do importante trabalho.

O sr. prof. Celestino da Costa conclui de factos averiguados em numerosas investigações sobre o assunto que os órgãos endócrinos do embrião atingem, bastante antes do nascimento, uma estrutura a que corresponde necessariamente uma actividade funcional. «O embrião, escreve, não é uma casa vazia de vida que só comece ao cortar-se o cordão umbilical... A frase de Brachet *a vida criadora das funções* aplica-se a todo o desenvolvimento embrionário».

Falando, na introdução do seu trabalho, da doutrina das secreções internas em geral, o eminente investigador diz, com grande verdade e autoridade, que ela está pejada de noções contraditórias e falsas, cuja revisão se impõe. Cita, por exemplo, o caso do «dogma da indispensabilidade das suprarrenais para a vida» o qual «vai resistindo mal» aos factos contrários averiguados recentemente pelos profs. Ferreira de Mira e Joaquim Fontes.

A notável conferência é digna da mais atenta leitura de todos os que se interessam pelos problemas mais actuais da Biologia geral e da Antropobiologia.

M. C.

PROF. V. SUK — *Ethnic Pathology (Some new aims and ways of Physical Anthropology)* — Publications de la «Faculté des Sciences de l'Université Masaryk», rédigées par Bohuslay Hostinsky, Brn, 1931.

No folheto de 16 páginas, o autor estabelece a nova via da Antropologia física, que não se preocupa somente com o estudo de forma, medidas e proporções (caracteres métricos) mas abrange nas suas observações o campo da Fisiologia e da Patologia, bem como da Psicologia, em relação às aglomerações étnicas consideradas. É principalmente à Patologia Étnica que este folheto se consagra. Pode-se dizer que o método consiste na comparação dos resultados das observações realizadas neste sentido, nas populações de raças primitivas ou incivilizadas, com as superiores, adoptando o método estatístico e o método geográfico, de modo que se encontram neste trabalho, de facto interessante e útil, as descrições geográficas, essenciais, bem como as observações dos tipos de raça e o estudo das modificações de ordem fisio-patológica, que se notam em relação com determinados factores e influências.

O autor refere-se como modelo ao trabalho do coronel médico dr. R. Mc Carrison, de Coonoor, Índia Inglesa, cujas investigações notáveis executadas neste sentido, merecem ser continuadas e estendidas a outros povos, noutras regiões, para obter maior número de elementos comparativos entre as raças inferiores ou incultas e as supercivilizadas. São dignas de nota, na verdade, as diferenças que existem entre as raças humanas no que respeita às particularidades da sintomatologia de diversas moléstias e ainda o reconhecimento da resistência do organismo aos morbos e da maneira como se comportam sob climas tão diversos, com necessidades e modos de alimentação muito divergentes. O autor apresenta em apoio da sua dissertação vários exemplos estudados em agregados de população, em que a Patologia étnica revela a sua utilidade.

A bibliografia que aduz a este respeito, é também interessante e aproveitável neste ponto de vista especial, em que a Patologia étnica se põe em relação íntima com a Antropologia.

B. F.

PROF. V. SUK — *Cabbage and Goitre in Carpathian Ruthenia (A contribution to ethnic pathology)*, com uma estampa — Reprt. «Anthropologie», Praga, 1931.

Neste trabalho resume-se a memória sobre as observações pessoais do autor, no ponto de vista da Antropologia clínica, nas populações montanhesas dos Carpatos, no verão de 1930. A Ruténia (Rússia sub-carpática), faz parte, conforme os tratados de paz, da República Checoslovaca. Trata-se do estudo de populações de costumes rústicos que vivem nas montanhas desse país e estão sujeitos, em razão de factores ou agentes diversos à doença conhecida vulgarmente por *cretinismo* (cretinismo tiroidea ou caquexia estrumipriva), por consequência de alterações anátomo-patológicas do órgão tiroideu. Estas observações foram feitas em comparação com as experiências de Mac Carrison, coronel-médico do exército inglês, em serviço na Índia Britânica (Mac Carrison, *Studies on goitre produced by Cabbage*. «The Indian Journal of Medical Research», Calcutta, April, 1931, vol. XVIII, n.º 4).

B. F.

E. HERNÁNDEZ-PACHECO — *Mouvements et dépôts sur les côtes d'Espagne pendant le Pliocène et Pléistocène* — Extr. du «Deuxième rapport de la Commission des Terrasses Plioc. et Pléist.», Florence, 1930; *El problema de las terrazas pliocenas y pleistocenas en 1931* — Memória apres. ao Congr. de Geog. de Paris. Madrid, 1931.

Tanto no litoral cantábrico como nas costas galegas, deram-se ostensivamente fenómenos de abaixamento, mas a estabilidade operou-se na actualidade, e não se encontraram ainda provas de levantamento da costa acima do nível actual do mar, durante o quaternário. Nas costas atlânticas meridionais e nas mediterrâneas da Espanha, observam-se, pelo contrário, fenómenos alternativos de levantamento e abaixamento, notando-se costas levantadas do plioceno e costas levantadas do pleistoceno no litoral sudeste, umas e outras bem caracterizadas por faunas abundantes de moluscos. O litoral do golfo de Valência faz excepção, não apresentando formações marinhas levantadas daquelas épocas.

A esta síntese sobre os terraços marinhos na Península, faz o A. seguir uma descrição pormenorizada dos diversos segmentos

da costa espanhola. Pena é que este estudo não tenha podido estender-se à costa portuguesa, sobre a qual há, de resto, investigações de Choffat e Dollfus, Lautensach, Serpa Pinto, etc.

No segundo trabalho, muito mais amplo, o prof. Hernández Pacheco, como presidente da Comissão de Terraços da União Geográfica Internacional, Comissão designada em 1926, faz um amplo relato dos trabalhos dessa Comissão e do estado actual da questão dos terraços marinhos e fluviais, sua origem e suas relações mútuas. É um trabalho importante, detalhado e cheio de actualidade. Na parte relativa à Península, o A. volta a dizer que só no sudeste se encontram terraços marinhos do quaternário, correspondentes às praias de *Strombus bubonius* (Tirrenense) e a altitudes de 0 a 40^m, notando-se pelo contrário em frente ao cabo de Creus e a Cadiz depósitos submarinos de fauna fria quaternária com *Cyprina islandica* (Siciliense?). No resto do litoral espanhol não se conhecem depósitos costeiros pleistocenos. O A. entende que a costa cantábrica estaria estabilizada desde o começo do paleolítico superior, a ajuizar pelos dados prehistóricos referentes às cavernas daquela região. Há, porém, antigas construções submergidas posteriormente, como as do templo de Hércules, no litoral atlântico meridional, perto de Cádiz.

É muito importante a coordenação que o A. procura estabelecer entre os depósitos costeiros e as aluviões interiores e terraços fluviais. A contribuição do A. e do seu filho para o estudo dos terraços dalguns grandes rios peninsulares é muito valiosa.

M. C.

M. REYGASSE — *Les âges de la pierre dans l'Afrique du Nord (Algérie)* — Extr. de «Histoire et Historiens de l'Algérie», collection du centenaire, Paris, 1931.

É uma bela síntese da história e dos conhecimentos actuais sobre prehistória da Argélia, desde o chéleo-acheuleuse ao neolítico. Tem particular interesse as considerações sobre as indústrias sbaikense, ateriense e capsense e ibero-maurusense, e sobre a arte rupestre. Nesta distinguem-se gravuras antigas, de data mal definida, e *graffiti* líbico-berberes, cuja data, relativamente recente, tem como *terminus a quo* o fim do Império Romano, em vista da ausência do elefante e aparição do camelo.

Não apareceram ainda esqueletos humanos anteriores ao capsense. Tipos negróides tem sido encontrados em estações do

paleolítico superior, do mesolítico e do neolítico. Delisle registou um esqueleto do tipo de Cro-Magnon na gruta paleolítica de Ali Bacha. Arembourg descobriu um ossuário numa estação mesolítica. Esta descoberta conserva-se ainda inédita.

Muito interessante a descrição dos Museus de Oran, Constantina e sobretudo de Argel, feita pelo A. que, como se sabe, é o director ilustre dêste último, ao qual doou mais de 100 mil peças das suas colecções africanas.

M. C.

COMTE BÉGOUEN — Des dendrites comme preuve d'authenticité et de la possibilité de travailler l'ivoire fossile. Observations présentées à propos de la Vénus II de Vistonitzé (Tchecoslovaquie) — Extr. do «Bull. de la Soc. Préhist. Française», Le Mans, 1932.

O A. faz a narrativa da discussão suscitada por uma estatueta em marfim de mamute cuja compra, em 1927, foi proposta ao dr. Bayer, director da secção prehistórica do Museu de História Natural de Viena e descobridor da Venus de Willendorf, por um moleiro de Vistonitzé, que dizia tê-la encontrado num poço do célebre jazigo. O dr. Bayer considerou-a um falso, e a mesma opinião foi adoptada por muitos prehistoriadores, confessando mesmo por fim o proponente ser o autor da fraude. Surgiram, porém, vários defensores da autenticidade da peça a despeito desta confissão que foi considerada uma «gabarola de beberrão» por ter sido feita numa taberna em estado de certa embriaguez.

As razões para essa defesa eram a existência de dendrites à superfície, a impossibilidade de esculpir o marfim fóssil, que se desfaz com o trabalho, e a uniformidade da fluorescência obtida pelo prof. Franz, de Praga, submetendo a peça aos raios ultravioletas.

Verificou-se, porém, segundo o A., que as dendrites existem em fissuras internas que o trabalho pode pôr a descoberto e, por outro lado, M. Rulisek conseguiu esculpir algumas estatuetas em marfim fóssil, embora com dificuldade. Quanto à fluorescência, entendem os drs. Skutil e Stehlik que ela não depende da superfície da peça e portanto da antiguidade dos vestígios do trabalho humano, mas da massa total dos ossos.

O A. e seu filho, o barão Luís Bégouen, puderam verificar num pedaço de marfim fóssil a existência de dendrites nas fissuras.

Numa interessante nota suplementar (*Un dernier mot sur la Vénus II de Vistonitzé — Après un voyage en Moravie*), o conde Bégouen diz ter procurado, por ocasião duma viagem à Morávia, ver a famosa peça, não o conseguindo, embora inicialmente tivesse sido bem tratado pelos partidários da autenticidade.

A posição que assume o conde Bégouen neste debate, decorre logicamente dos factos que expõe, entre os quais uma excelente comparação da peça discutida com as estatuetas aurignacenses conhecidas. É de todo o ponto crível que a peça seja falsa. E o A. tem razão em lamentar que a aparição de documentos arqueológicos no mercado suscite questões de dinheiro em assuntos em que só deveria haver serenidade científica.

M. C.

RUI DE SERPA PINTO — Nouvelles recherches sur le miolithique en Portugal — Extrait des «Comptes rendus du Congrès de Nancy», Julho, 1931, Paris, s. d., págs. 327-329.

Como o próprio A. o diz, trata-se duma descrição sumária de duas estações miolíticas portuguesas, representando uma a cultura dos amigdaloides (Âncora), outra a cultura das lâminas microlíticas (Muge).

Da primeira, semelhante à cultura asturiense do litoral cantábrico, que foi pelo A. descoberta em Portugal em 1925, em Âncora, (vd. Rui de Serpa Pinto, *O asturiense em Portugal*, «Trab. Soc. Port. Ant. Etnol.», vol. IV, Pôrto, 1928), faz uma enumeração rápida dos tipos de instrumentos encontrados e da utilização provável dos mesmos.

A última parte do trabalho é uma rápida síntese dos achados nas excavações dos kjoekenmöddings de Muge, feitas recentemente pelo prof. Mendes Corrêa, e conclui dêste modo:

«Nous sommes en présence d'une culture capsio-tardenoisienne d'origine nord-africaine, dont quelques survivances se retrouvent pendant le néolithique et dans certains dolmens. Elle a été étudiée ethnologiquement par le prof. Mendes Corrêa, qui a reconnu le dolichocephale *H. afer taganus*».

S. J.

DR. A. MORLET — *Petit historique de l'affaire de Glozel*, 1 vol. de 205 páginas, G. Desgrandschamps, éditeur, Paris, 1932; *Glozel*, extr. dos «Cahiers d'Histoire et d'Archéologie», Nîmes, 1932.

Embora, no mundo da Arqueologia oficial, o silêncio se tenha feito sobre Glozel, numa atitude a que se pretende dar a significação de que tudo está liquidado pela demonstração da falsidade dos achados glozelianos, os partidários da autenticidade não consideram dada essa demonstração e não abandonaram as suas posições no debate.

Há meses, os tribunais franceses libertaram o jovem Fradin da acusação de falsário que lhe fôra dirigida pela Sociedade Prehistórica de França, e, conquanto uma amnistia tivesse caído sobre os casos de difamação, condenaram, noutro processo, ao pagamento das custas e a um franco de indemnização requerido por Fradin o conservador do Louvre, M. Dussaud, e o jornal o *Matin* que publicara a acusação dirigida pelo ilustre orientalista ao moço camponês do Allier. Este obtivera assim inteira satisfação.

Isto não obstou a que a Sociedade Prehistórica Francesa se apresentasse paradoxalmente como vitoriosa e a que, num artigo do seu boletim, desse triunfalmente o caso como liquidado contra Glozel, de que não mais tornaria a ocupar-se.

De facto, um livro recente de Vayson de Pradenne sobre as fraudes em Arqueologia não fala de Glozel — dizem o conde Bégouen, o dr. Regnault e outros anti-glozelianos. Mas é fácil verificar que esse livro, dum dos mais notórios antiglozelianos (aliás pessoalmente muito estimável, como os outros citados), é acima de tudo um ataque indirecto a Glozel, criando o cepticismo no espírito do vulgo e tendo passagens numerosas que, segundo os próprios panegiristas, se adaptariam como uma luva ao caso de Glozel...

Entretanto o dr. Morlet, o principal defensor de Glozel, não descansa. Além duma colaboração freqüente na crónica do «*Mercur de France*» consagrada especialmente à famosa questão, tem publicado vários trabalhos de conjunto e de detalhe sobre o mesmo assunto, como são os que hoje assinalamos nesta revista bibliográfica. O primeiro é, como o seu título indica, um volumezinho em que faz uma história do debate e em que sobretudo há a ponderar os capítulos consagrados a análises físicas e químicas das peças glozelianas. O segundo é uma enumeração sumária dos principais problemas de Prehistória suscitados pelas descobertas em questão. O dr. Morlet tem sido acusado de violência polémica mas ninguém o poderá com justiça fazer perante estes dois

trabalhos que são perfeitamente serenos e o mais objectivos possível.

Há neles naturalmente referências às descobertas portuguesas de Alvão, que alguns anti-glozelianos mais encarniçados envolvem na mesma acusação de inautenticidade feita a Glozel, embora outros, como o conde Bégouen, mais serenamente, as reconheçam autênticas.

Esta questão de Alvão dará ainda para contos largos. Quando tiver tempo, farei a sua história detalhada, e ver-se-á como ao volume sobre as «*Fraudes em Arqueologia prehistórica*» deveria suceder outro sobre a «*Ignorância dos sábios em Arqueologia prehistórica*» e... em muitas outras matérias.

O recente trabalho do meu ilustre amigo, o eminente arqueólogo espanhol, D. Juan Cabré, sobre as inscrições e gravuras do castro de Lerilla (Ciudad Rodrigo), de que já me ocupei em 1929 no Congresso do Progresso das Ciências de Barcelona, vem dar novo interesse à questão de Alvão e mostrar mais uma vez que os achados da estação portuguesa não são um facto isolado e extranho na Península, como erroneamente se supôs, passando-se facilmente a acusá-los de falsos...

São contos largos que não cabem numa breve notícia bibliográfica.

O volume *Petit historique* insere um desenho do punhal inscrito da gruta de Caubéta (Bagnères-de-Bigorre), publicado recentemente pelo Comandante Rousseau. Tanto o desenho como a fotografia que obsequiosamente me foi mostrada há meses em Lyon, me deixaram uma impressão de suspeita. Mas, se as condições do achado foram rigorosas, se o exame objectivo inspirar confiança, não haverá o direito de o rejeitar. Sabe-se lá o que de extranho, singular, aberrante, aparecerá ainda aos olhos estupefactos dos investigadores da Prehistória?!

A dúvida metódica, nestes assuntos, impõe-se. Não faltam, de facto, razões para reservas prudentes, tantos são os casos de erro ou mistificação. Mas ultrapassar, gratuitamente ou quasi, essa atitude de reserva, para cair na de oposição sistemática, simplesmente porque certos aspectos dos factos são invulgares, é tão lesivo do progresso científico como a mais obscurantista superstição. Outra coisa não tem feito alguns anti-glozelianos relativamente aos achados portugueses de Alvão.

Os vegetais frescos e as fibras coradas de modernas anilinas, encontrados por Bayle e por seus colaboradores em cerâmica de Glozel, permitem duvidar da autenticidade das peças examinadas, se bem que Morlet tenha alegado o *parti-pris* de Bayle (cuja intervenção tendenciosa num processo criminal belga me foi pessoal-

mente testemunhada em Bruxelas por um ilustre criminalista) e recordado que a clorofila resiste aos séculos e que o ar de Paris pode veicular fibras de tecidos... Mas Glozel estava *suficientemente* representado na documentação tumultuariamente reunida para exame de Bayle? Não seria preferível que um exame por peritos escolhidos por ambas as partes incidisse sobre um grupo de peças escolhidas também por uns e outros? Quem não aceita esta fórmula, é porque sobrepõe obstinadamente a paixão ao puro amor da verdade ou porque, pouco seguro da sua tese e receando o desmoronamento desta, sacrifica indecorosamente a uma posição pessoal o culto escrupuloso da Ciência.

M. C.

FERMIN BOUZA-BREY — A pia megalítica de Mougás e as práticas adiviñatorias da Galiza antiga — Sep. do «Boletín de la Academia Gallega», La Coruña, 1931, 22 págs., 2 grav. e 3 figs.

O A., trabalhador incansável e cheio de qualidades já bem demonstradas noutras publicações, com o mesmo espírito de análise cuidada e senso crítico apurado que caracterizam os seus estudos, faz no trabalho presente a reabilitação dum interessante documento arqueológico.

Trata-se dum bloco de granito escavado, formando uma pia irregularmente elíptica com 2^m,75 de longo por 1^m,35 de largura. Aparecida em termo da província de Pontevedra, concelho de Oya, toma o nome da freguesia onde em 1896 foi acidentalmente desenterrada. O que torna verdadeiramente notável e arqueologicamente interessante esta pia é a inscrição que tem gravada em duas das suas faces e que pode escrever-se SILI. EORINI LACVVS HO·S.

São de-veras eruditas as considerações que faz Bouza-Brey em tôrno daquela inscrição que reconstitui assim: SILI(1) EORINI LACVVS HOS(TIIS) ou HOS(TIARUM) e cuja leitura faz da forma seguinte: *Pia de Silito Eorino para as vítimas.*

A utilização da pia de Mougás para práticas religiosas de sacrifícios e emolação de vítimas é de resto comprovada não só por várias passagens dos textos de Estrabão e Silito Itálico, passagens que o A. transcreve e comenta, como também por outros monumentos arqueológicos semelhantes encontrados na Galiza e no norte de Portugal. Dentre êles destaca-se, avultando pela sua similitude e bela documentação arqueológica, o santuário rupestre de Panóias, situado junto da cidade trasmontana de Vila Real, que foi estudado pelo sábio prof. dr. José Leite de Vasconcelos.

De passagem referirei o santuário do Castrum Baniensium (cfr. Civitas Baniensis) também situado em Trás-os-Montes (Moncorvo) e onde existem pias rectangulares em tudo semelhantes às da Panóias. (Vd. J. R. dos Santos Júnior, *As serpentes gravadas do Castro do Baldoeiro (Moncorvo — Trás-os-Montes)*, in «Comptes-Rendus do xv.º Congrès International d'Anthropologie. Portugal, 1930, págs. 413-418).

O belo estudo de Bouza-Brey, depois duma interessante tentativa em que procura qual a divindade a que a pia de Mougás serviria de instrumento de culto, termina pelas judiciosas palavras que a seguir transcrevemos:

«Resumindo, o moimento de Mougás é, verosimilmente, unha pia adicada no primeiro século da nosa era a sacrificios e ablucions rituaes en honor de deuses indixenas locais o principal dos que andaria asimilado a Marte».

S. J.

M.^{lle} E. DE MANNEVILLE — Le sanctuaire de Hal Tarxien à Malte — Extr. de rev. «Syria». Paris, 1930.

Estudo consciencioso dos templos prehistóricos malteses de Hal Tarxien e dos espólios neolíticos e das mais antigas idades dos metais, que aí fôram recolhidos pelas escavações de sir Themistocle Zammit, conservador do Museu de La Valette. A descrição architectónica e artística do monumento, alguns motivos ornamentais insculpidos (como a espiral e animais), alguns ídolos de pedra e argila, algumas peças cerâmicas (como vasos de decoração oculada e de decorações incrustadas), punhais e machados de cobre e bronze, etc., suscitam interesse. Segundo Zammit, o santuário seria um lugar de peregrinação, frequentado por navegadores de toda a bacia do Mediterrâneo. A decoração oculada, discos encimados por meias luas, lembram vasos de Hissarlik. Um desenho dum machado duplo sobre um fragmento cerâmico é parecido, segundo o A., com uma marca de ceramista cretense, encontrada num caco de Cnossos. Uma pedra com um orifício de suspensão tem gravado um sinal estranho em forma de M.

Sulcos deixados por carros prehistóricos testemunham a existência de velhos caminhos. Quanto às habitações dos indígenas, não aparecem vestígios. Pensa o A. que êles se alojariam nas numerosas cavernas. M.^{lle} de Manneville acentua a abundância de templos em Malta, em tão pequena superfície.

M. C.

HUGO OBERMAIER — *L'âge de l'art rupestre nord-africain*, in «*L'Anthropologie*», t. XLI, Paris, 1931, págs. 65-74.

O A., insigne professor na Universidade de Madrid, aborda o intrincado e complexo problema da cronologia da arte rupestre, no que diz respeito às múltiplas e variadas manifestações desta arte na África Menor.

Na esplêndida síntese que nos dá sobre tão interessante tema, o prof. Obermaier cita e analisa as opiniões de Flaman, Probenius, Boule, Solignac, Blackenhorn, Kühn, etc., na verdade bem diversas quanto à idade a atribuir às mais antigas manifestações da arte rupestre do norte de África.

Em face de tal diversidade de opiniões, o A. discute de novo o problema pondo as questões com toda a clareza e tentando resolvê-las com um raciocínio cheio de lógica.

Primeiro, baseando-se em importantes investigações prehistóricas que levaram à descoberta de numerosas estações neolíticas em regiões desérticas que hoje fazem parte do grande deserto do Sahara, o A. diz-nos: «*Il est donc indéniable que les Néolithiques vivaient au Sahara dans bien des régions actuellement inhabitables et inhabités*».

Outras eram as condições de clima que permitiram a vida naquelas paragens a uma densa população neolítica, como levam a crer os trabalhos de vários autores especialmente os do ilustre arqueólogo Reygasse que estudou importantes e numerosas estações neolíticas nas regiões desérticas do sul da Argélia.

Que as condições climáticas eram bem próprias para a vida dos animais, provam-no as gravuras rupestres, que, como o próprio A. diz, nos transportam a um verdadeiro paraíso animal, no qual se encontrariam leões, panteras, equídeos, gazelas, antílopes, avestruzes, elefantes e búfalos.

Regiões com uma fauna desta natureza deviam ser bem irrigadas e cobertas duma vegetação densa e luxuriante.

A ausência de espécies animais que naquela região tivessem vivido exclusivamente durante o Pleistoceno e em seguida tivessem desaparecido ou emigrado para a África central e austral, espécies que, satisfazendo a esta condição, houvessem sido representadas pelas gravuras rupestres, e ainda a aparição concomitante com a fauna selvagem representada, de gravuras de animais domésticos, levam o prof. Obermaier a emitir a opinião de que tais gravuras não podem ser consideradas como paleolíticas.

É termina por dizer: «*Nous ne croyons pas nous tromper de beaucoup en plaçant le début de ces manifestations artistiques à*

une époque postérieure, époque où le Nord de l'Afrique était déjà occupé par des populations de pâtres et d'agriculteurs».

S. J.

EUGÉNIO JALHAY, S. J. — *Nuevas manifestaciones de arte rupestre del Noroeste de la Península*, in «*Boletín de la Comisión Provincial de Monumentos Históricos e Artísticos de Orense*», tomo IX, n.º 199, Orense, 1931, págs. 225-235, 8 figs.

O Rev. P.º Eugénio Jalhay, autor de interessantes estudos sobre achados prehistóricos, nomeadamente de arte rupestre, tanto da Galiza como do Minho, faz no trabalho presente uma série de considerações sobre seis grupos de gravuras rupestres, cinco localizados na Galiza (Pontevedra) e o outro em termo de Caminha, não longe da povoação de Lanhelas.

Duas destas estações rupestres haviam sido já publicadas pelo A. (Eug. Jalhay, S. J. — *Los grabados rupestres del extremo sudoeste de Galicia*, in «*Bol. de la Com. Prov. de Mon. Hist. y Art. de Or.*, t. VII, n.º 167).

O A. faz para algumas das gravuras em questão uma tentativa de interpretação e cita a propósito de cada grupo outros grupos de sinais gravados paralelos ou afins (21 citações bibliográficas). Seguindo a classificação proposta por Obermaier termina por fixar a cronologia provável das gravuras estudadas, atribuindo as estilizações antropomorfas e zoomorfas ao grupo mais antigo (possivelmente bronze inicial ou eneolítico) e os gravados curvilíneos e serpentiformes, mais modernos, ao bronze pleno.

S. J.

HENRI HUBERT — *Les Celtes et l'expansion celtique jusqu'à l'époque de La Tène* — *Bibl. de Synthèse Historique*, «*L'Évol. de l'Humanité*», 1 vol. de 400 págs. e 44 figs. Paris, 1932.

Não esquecerei nunca a impressão magnífica que numa visita ao Museu de Saint Germain-en-Laye, há uns 15 anos, com outros colegas, me deixou a lição admirável que o seu conservador adjunto, M. Henri Hubert nos fez sobre as importantes colecções

de arqueologia céltica ali recolhidas. Nunca mais vi esse homem de estatura meã, de pele e cabelos claros, fino, delicado, erudito, artista, cuja competência e distinção tão fortemente nos havia impressionado a todos. Não mantivemos sequer relações epistolares, mas foi com sincero pesar que tive em 1927 a notícia da sua morte.

Anos antes, Henri Berr, o director da «*Síntese Histórica*», incumbira-lhe um estudo de conjunto sobre os Celtas e a expansão céltica, para essa importante biblioteca. Hubert aceitara o encargo e, através das suas ocupações e incómodos de saúde, cada vez mais precária, trabalhou no seu livro, ao qual, à data da sua morte, não faltavam senão alguns retoques para ser entregue à tipografia.

Três amigos eminentes de Hubert, MM. Marcel Mauss, P. Lantier e Jean Marx, entregaram-se à tarefa da revisão do manuscrito, e saiu enfim este ano o volume, que, como escreve Berr no prefácio, é o «*testamento científico*» do autor, e dá «*a um público largo, que as suas memórias douradas não atingiam, uma ideia do seu saber e do seu talento*».

Este livro é afinal um tratado sobre os Celtas, suas origens, seus caracteres arqueológicos e linguísticos, sua história e sua expansão até à segunda idade do ferro. Marca um enorme progresso sobre os estudos anteriores e, se, como artista e pensador, Hubert não veda o passo à imaginação — e ainda bem —, faz-o com prudência e critério, distinguindo justamente os factos averiguados do terreno menos sólido das hipóteses. É de notar, numa revista de antropologia, o cuidado com que Hubert evitava com razão atribuir um tipo físico único aos Celtas.

Há manifesta impossibilidade de, nesta breve notícia, frizar as passagens mais importantes desse livro tão substancial e atraente. Tem especial interesse para nós, estudiosos peninsulares, o capítulo v (Os Celtas em Espanha), mas é também muito curioso, pelas relações com a Península, a parte do livro referente ao mito das origens irlandesas, à origem ibérica dos Erainn, etc.

A bibliografia é, naturalmente, ampla e numerosa. Nela figuram trabalhos portugueses.

O livro póstumo de Hubert, embora deixando, como é de esperar em tal assunto, margem à discussão de alguns pormenores, é uma obra fundamental, é uma daquelas obras que marcam uma fase na história dum ramo de estudos.

M. C.

VICTOR FONTES — *Crianças anormais (Notas médico-psicológicas)* — Sep. do vol. XIII do «*Arquivo da Universidade de Lisboa*».

Sucessivamente, o A. estuda a história e a importância social do problema das crianças anormais; a definição, a classificação e a etiologia destas; o desenvolvimento físico e psíquico do normal e do anormal; o papel das endócrinas; a linguagem; a sexualidade; etc.

Discípulo do saudoso prof. Costa Ferreira, Vítor Fontes dedica este excelente trabalho à memória do Mestre querido. Mas presta-lhe ainda homenagem, seguindo os seus ensinamentos e a orientação que ele traçara neste domínio científico de tão alto interesse moral e social.

M. C.

LEONÍDIO RIBEIRO — *A identificação no Rio de Janeiro* — Rio de Janeiro, 1932.

O sr. prof. Leonídio Ribeiro descreve, no fim do seu 1.º ano de direcção do Gabinete de Identificação do Rio de Janeiro, a organização e instalações deste estabelecimento científico e os melhoramentos que nêlo introduziu a sua gerência. Este gabinete, em 30 de Maio de 1932, tinha 444.628 fichas dactiloscópicas arquivadas. O A. indica um certo número de medidas governativas que seria conveniente adoptar, como a identificação de todos os recém-nascidos. Profusamente ilustrado, o meticoloso relatório do sr. prof. Leonídio Ribeiro, é antecedido por um prefácio da pena ilustre de Afrânio Peixoto.

M. C.

HAVELOCK ELLIS — *Le Mariage*. Tradução por A. Van Gennep — 1 vol. de 282 págs. Paris, 1932.

O «*Mercure de França*» acaba de publicar mais um volume da série «*Estudos de psicologia sexual*» de Havelock Ellis. É, como os outros, uma excelente tradução francesa do ilustre etnógrafo A. Van Gennep.

Havelock Ellis considera a monogamia a expressão mais natural dum impulso que não pode ser satisfeito em tão boas condições sem um longo período de intimidade e comunhão mútua.

Mas protesta contra o carácter demasiado forçado da regulamentação matrimonial e contra a «protecção» às mulheres que as relega ao nível de menores. Cita a êste propósito a frase duma francesa: «—A única protecção que pedimos, é que deixem de nos proteger». Como Ellen Key, diz que «o dever duma fidelidade tão longa como a vida» é tão absurdo como seria «o dever duma excelente saúde durante tôda a vida».

Na sua opinião, é preciso modificar as leis para maior liberdade no casamento e maior severidade na paternidade e na maternidade. Como Ellen Key e miss Clapperton, entende que a união matrimonial é uma questão privada, mas «o parto é um acontecimento público que interessa a nação inteira». Com razão, nota que ao homem é mais fácil do que à mulher escapar às suas responsabilidades.

O elemento erótico do casamento não é o seu único elemento mas é de primeira importância e, como mostrou Keyserling, a ignorância da arte do amor é muitas vezes a causa de casamentos desastrosos. O *contrôle* do nascimento é essencial. O século XX, como disse ainda Ellen Key, é o século da criança.

Decerto há no curioso livro de Havelock Ellis muitas passagens discutíveis, mas é notável a sua franqueza. «Não quero estar em atrazo alguns séculos em relação aos meus contemporâneos — escreve êle. Prefiro suportar o desdém com que sempre são olhados aqueles que marcham um pouco adiante».

M. C.

P. SAINTYVES — *Apologie du Folklore ou de la Science de la Tradition Populaire* — Paris, s. d., 23 págs.

P. Saintyves, mestre de conferências da Escola de Antropologia de Paris, o qual tão belos e excelentes estudos de folclore tem publicado, dá-nos neste trabalho a conferência que, subordinada ao sugestivo título de apologia do folclore, proferiu na Sociedade Belga de Folclore.

O folclore, hoje, não compreende apenas o estudo da literatura popular, mas tudo quanto ao saber do povo diz respeito. O folclore tem pois um âmbito larguíssimo, que lhe dá foros de verdadeira ciência, a ciência da vida e do saber do povo, largo tesouro verdadeiramente inesgotável. O folclore, como afirma Saintyves, participa ao mesmo tempo das ciências históricas e das ciências naturais, portanto aquele que ao seu estudo se dedica,

deve possuir conjuntamente qualidades de historiador e de naturalista.

Para se ajuizar do interêsse dêste trabalho de Saintyves, darei os títulos dos diferentes capítulos em que o mesmo está dividido:

Le domaine du Folklore comment il s'étendit peu à peu — Dédain des générations passées pour les collections des folkloristes — Le folkloriste n'est pas seulement un collectionneur, mais un psychologue — Ses vues sur l'œuvre du peuple dans l'humanité — Le folklore n'est pas seulement une science propre à éclairer l'esprit, mais une discipline d'amour — Que la méthode même du folklore le conduit à enseigner l'amour de la patrie — La methode même du folklore nous oblige à mettre en pleine lumière le dogme de l'universelle Fraternité — Conclusion.

S. J.

XAQUIN LOURENÇO FERNANDES — *A Muller no Cancioneiro Galego* — Sep. da «Nos», n.º 98 e sgts., Santiago, 1932, 17 págs.

A mulher é sempre o tema mais cantado nas canções do povo. Ela é objecto dum verdadeiro culto, duma quasi idolatria, em muitas das cantigas que os moços cantam nas festas, romarias, esfolhadas, sempre, sem descanso, — que o povo canta ininterruptamente de manhã, à noite e pela noite dentro ao serão. E que admira que assim seja, se os adolescentes, os moços casadoiros são aqueles que mais cantam, escolhendo as cantigas que melhor quadram com o seu temperamento de enamorados, ou enriquecendo o folclore com novas cantigas que os seus corações rubros de paixão vão sentindo e suas bôcas ansiosas vão dizendo a cada passo?!

Melhor tema não podia, pois, escolher o distinto e laborioso etnógrafo galego Xaquín Lourenço. Rebuscando numa dezena de trabalhos folclóricos que o A. e outros etnógrafos galegos já teem publicados e outros ainda inéditos, apartou 182 quadras através das quais ora se elogia e rende preito às belezas, virtudes e encanto das mulheres, ora se troça das mesmas pondo em destaque a ingratição, a teimosia, a vaidade e a inconstância, atributos bem femininos na verdade.

Agrupando as quadras segundo os conceitos, tira ao trabalho o ar de rol de cantigas que teem grande número de estudos que versam êste interessante e inesgotável assunto.

São curiosas as considerações feitas pelo A. acerca dos caracteres físicos que o povo em seus cantares estabelece para a

mulher da Galiza, tentando criar por assim dizer o tipo da mulher galega, que reúne em si os atributos e encantos mais apreciados.

Neste, como de resto em todos os trabalhos dêste género, os paralelos, semelhanças ou identidades, encontrados com o folclore português são numerosas.

S. J.

AUGUSTO C. PIRES DE LIMA — *A morte nas tradições do nosso país* — In «Miscelânea de estudos em honra de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, professora da Faculdade de Letras da Univ. de Coimbra», Coimbra, 1930, 14 págs.

Colectânea etnográfica de coisas que à morte dizem respeito, e onde se registam setenta sinónimos de *morrer*, colhidos quer na linguagem erudita quer popular; algumas frases de comparação referindo-se a cadáver, defunto, morto, esqueleto, tumba, cipreste, etc.; 77 adágios; algumas orações e adivinhas. Termina o trabalho por uma série de 54 quadras, das quais destacaremos as seguintes:

No mundo para que haverá
Justiça, guerra, vingança?
O *cementério* além está,
Onde tudo em paz descansa.

Homem que vais passando,
Volta atrás e vem-me ver:
Eu já fui o que tu és,
O que eu sou tu hás-de ser.

O A., cuja erudição é sobejamente conhecida, dá a propósito de muitas dessas quadras indicação bibliográfica, variantes, apreciação crítica e filológica, etc.

Acerca da última quadra que reproduzimos diz em nota: «O tema vem tratado desde a Idade Média, e acha-se em muitos epitáfios, incluindo o composto por Gil Vicente para a sua sepultura».

S. J.

LUÍS DE PINA — *Os remédios imundós na medicina popular* — Extr. des «Comptes rendus do XV.º Congrès International d'Anthropologie de Portugal (1930)», Paris, 1931, 7 págs.

Comunicação na qual o incansável investigador dr. Luís de Pina, passa em revista os remédios imundos que o povo ainda hoje emprega no tratamento de vários males. O interesse do trabalho está em que o A. não se limita a enunciar o emprego terapêutico

de substâncias repugnantes, como urina, excrementos de animais e fezes humanas, cerumen, sangue menstrual, saliva e outras tantas coisas neste género, mas em fazer o seu estudo comparado com remédios idênticos empregados no estrangeiro, ao mesmo tempo que faz ainda o seu estudo histórico através de tratados de arte médica dos séculos XVI, XVII e XVIII. A análise histórica desta terapêutica leva o A. a dizer: «nunca façamos cruéis juízos sobre o nosso povo, que tem o direito de remeter as culpas aos nossos mais distintos, capazes e famosos colegas avoengos!»

S. J.

ALBERTO GERMANO DA SILVA CORREIA — *La vieille-Goa* — 1 vol. de 321 págs. Bastorá, 1931.

O ilustre professor da Escola Médica de Goa, dr. Germano Correia, cuja bibliografia de antropologia, climologia, nosografia e higiene é muito notável e vasta, presta neste volume uma homenagem de devoção filial a *Goa-la-dorée*, traçando a história da vetusta e gloriosa capital, do meio de cujas ruínas hoje se erguem quasi apenas alguns edificios religiosos. Más condições sanitárias, que o A. examina proficientemente, determinaram o abandono da velha cidade, em que seria interessante proceder a escavações arqueológicas metódicas.

Este livro, ilustrado e documentado, tem grande interesse histórico e nosográfico. Mas é também dotado de grande valor literário, a despeito de ser escrito numa língua que não é a do A. É que o prof. Germano Correia pôs nêle tóda a sua alma, o que dá àquelas páginas uma singular eloquência. Um capítulo é consagrado a S. Francisco Xavier, o Apóstolo das Índias e do Japão, cujo corpo é conservado na antiga capital, dando a única justificação à existência desta ainda nos tempos de hoje. Importantes peregrinações aí são feitas por tal motivo. O A. não hesita em aceitar a autenticidade das profecias e milagres atribuídos ao grande Santo, e das curas miraculosas feitas durante as peregrinações.

M. C.

V. SUK — *Anthropological Institute Masaryk University, Brno, Czechoslovakia* — Reprt. fr. «Anthropologie», Prague, 1931.

Neste folheto, o autor dá conta da organização do Instituto de Antropologia da Universidade Masaryk de Praga, fundado

em 1927 e cuja produtividade é já bastante considerável, como se depreende da longa lista de publicações feitas. A compreensão da Ciência Antropológica neste Instituto e a orientação dada aos trabalhos nêle executados, não se limita apenas ao estudo da morfologia descritiva e comparada, mas procura abranger os domínios da biologia geral, da fisiologia e até da patologia comparada, bem como o estudo dos problemas da constituição de diferentes tipos individuais e das classes sociais das nações civilizadas, em relação com os fenómenos patológicos. Encara-se nêle também uma espécie nova ou ramo novo das Ciências Antropológicas — a Patologia étnica — a ocorrência das doenças nas populações de diferentes raças e as relações dos fenómenos nosológicos com os factores influentes, como novo aspecto da Antropologia, tendo em vista também a importância destes novos pontos de vista com as necessidades práticas. Procura ainda estabelecer contacto da Antropologia com a Pedagogia, a educação física e também com a higiene escolar. Claro está que estes pontos de vista múltiplos e novos não prejudicam o estudo basilar da Morfologia — e os conhecimentos gerais relativos às doutrinas evolucionistas. Para êste vasto quadro de trabalhos o Instituto de Brno possui as instalações e os meios necessários.

B. F.

«Pátria» (Revista Portuguesa de Cultura) — Vol. I, n.ºs 1-2, Gaia, 1931, 128 págs. e numerosas gravuras.

Dirigida pelo nosso consócio sr. Armando de Matos, saú esta interessante revista que, conforme o declara o próprio director no termo de abertura, arquivará pequenos trabalhos de investigação e crítica, que digam respeito entre outros aos seguintes assuntos: etnografia, arte, folclore, heráldica, esfragística, genealogia, literatura, bibliografia, autógrafos, numismática, iconografia, paleografia e epigrafia.

Registamos os títulos de alguns artigos etnográficos: dr. Afonso Duarte, *As janeiras no Caramulo*, pág. 26; dr. Alberto Souto, *A ria de Aveiro: a estética dos seus barcos*, págs. 30-35, 8 figs.; José de Pinho, *A propósito duma velha usança*, págs. 54-56; dr. Fernando de Castro Pires de Lima, *Folclore de S. Simão de Novais*, págs. 92-105.

Além dêstes, outros muitos e interessantes trabalhos se arquivam naquela revista.

S. J.

ÍNDICE DO VOL. V

	Pág.
O XV Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pre-histórica	5
JOSÉ DE PINHO — A propósito duma velha jóia ibérica	37
A. A. MENDES CORRÊA — Contribuição para a Antropologia da idade do ferro em Portugal	61
DR. EUGENJUSZ FRANKOWSKI — A cabaça	113
ALFREDO ATHAYDE — Esqueletos portugueses do século XVII	137
FERNANDO C. PIRES DE LIMA — O índice do buraco occipital nos portugueses	145
A. A. MENDES CORRÊA — Herman ten Kate	177
J. R. DOS SANTOS JÚNIOR — Olarias de Muge	217
ARMANDO DE MATOS — A tradição popular do trevo	227
ALBERTO SOUTO — Arte rupestre em Portugal (Entre Douro e Vouga)	285
FERNANDA DE MATOS CUNHA — Folclore de Barcelos	301
AFONSO DO PAÇO — Relhos, espichas e lançadeiras	321
LUÍS DE PINA — O índice cefálico da população do Pôrto	339

Vária:

Caracteres rúnicos e caracteres ibéricos (LUÍS CARDIM)	89
As fíbulas do Museu Regional de Bragança (R. DE SERPA PINTO)	90
Instituto de Anatomia do Pôrto (LUÍS DE PINA)	95 e 251
Homenagem ao prof. Mendes Corrêa (ARMANDO DE MATOS)	98
Prof. Adolfo Schulten (R. S. P.)	99
Crónica arqueológica (R. S. P.)	100
Congresso Internacional de Antropologia em Paris (MENDES CORRÊA)	151
Nótulas asturienses — III (R. DE SERPA PINTO)	155
Conferências no estrangeiro (S. J.)	160
I Congresso Internacional de Ciências Prehistóricas e Protohistóricas (M. C.)	161
Lutuosa (M. C.)	161
O índice auricular nos Portugueses (LUÍS DE PINA)	241
O índice cefálico nos Trasmontanos (LUÍS DE PINA)	243
O abrigo prehistórico de Valdejunco, Esperança (R. DE SERPA PINTO)	245
Etnografia arqueológica (R. S. P.)	246
Cemitério bárbaro de Esmoriz (R. S. P.)	250
Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências do Pôrto	254

	Pág.
Repartição de Antropologia Criminal e Identificação Civil do Pôrto . . .	257
Arquivos do Instituto Médico-Legal e do Gabinete de Identificação (M. C.)	258
Pierre Paris (M. C.)	259
Errata	259
Grupo sanguíneo e tipo menstrual (ALBERTO SAAVEDRA)	347
Gravuras rupestres no Brasil (MENDES CORRÊA)	350
Migraciones prehistóricas en la Península Ibérica (MENDES CORRÊA) . . .	354
Porque os povos civilizados degeneram (RENATO KEHL)	356
Iconografia etnográfica da viagem do dr. Rodrigues Ferreira (BETHEN- COURT FERREIRA)	358
Nótula sôbre o arremêso dos dentes (SANTOS JÚNIOR).	363
Museu Antropológico do Pôrto.	368

Revista bibliográfica — Índice alfabético de autores :

A. C. Pires de Lima, 400; Athayde, 380; Augier, 262; Barras de Aragón, 101 e 112; Bastin, 271; Bégouen, 275 e 388; Bouza-Brey, 278 e 392; B. Sueiro, 167; Castrilli, 106; Catálogo dos Castros, 171; Celestino da Costa, 384; Chaves, 277; Childe, 106; Cipriani, 382; Cuevillas, 104; Cuevillas & Bouza-Brey, 171; Eickstedt, 167; F. da Fonseca, 176; F. M. Alves, 172; F. Pires de Lima, 279; Fraguas, 172 e 179; Franchet, 170; Froes Abreu, 168; Germano Correia, 383 e 401; Gómez-Moreno, 104; Havelock Ellis, 397; Hernandez Pacheco, 386; Hoyos Sáinz, 376; Hrdlicka, 101; Hubert, 395; Jalhay, 103 e 395; Jankowsky, 376; Joleaud, 271 e 276; Lautensach, 174; Leite de Vasconcelos, 273; Leonidio Ribeiro, 397; Loeffler, 168; Lopes Dias, 174 e 282; Loth, 263; Lourenzo Fernandes, 399; Lundborg, 261; Luquet, 111; Mac Auliffe, 108, 165 e 375; Mac Curdy, 270; Manneville, 393; Matos, 283; Mendes Corrêa, 110 e 166; Morlet, 390; Niggli, 169; Obermaier, 394; Oliveira Vianna, 373; Osório de Oliveira, 283; Paço, 174; «Pátria», 402; Pina, 280 e 400; Pina, Rodrigues & Souza Pereira, 281; Pires de Lima, 266 e 379; «Presença», 112; Puccioni, 381; Rellini, 105; Reygasse, 387; Rouvière, 264; Saintyves, 398; Santos Júnior, 102 e 269; Serpa Pinto, 389; Serrano, 272; Suk, 382, 385, 386 e 401; Suk & Rosprym, 380; Vallois, 269; Van Gennep, 268; Verschuer, 378; V. Fontes, 268 e 397; Vicrey, 274; Vieira Braga, 173; Vilhena, 175.

BIBLIOTECA

Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia

NA FACULDADE DE CIÊNCIAS

PORTO

SUMÁRIO:

ALBERTO SOUTO:

Arte rupestre em Portugal (Pág. 285).

FERNANDA DE MATOS CUNHA:

Folclore de Barcelos (Pág. 301).

AFONSO DO PAÇO:

Relhos, espichas e lançadeiras (Pág. 321).

LUÍS DE PINA:

O índice cefálico da população do Porto (Pág. 339).

Vária:— Grupo sanguíneo e tipo menstrual (ALBERTO SAAVEDRA); Gravuras rupestres no Brasil (MENDES CORRÊA); Migraciones prehistóricas en la Península Ibérica (A. A. MENDES CORRÊA); Porque os povos civilizados degeneram? (RENATO KEHL); Iconografía etnográfica da viagem do dr. Rodrigues Ferreira (BETHENCOURT FERREIRA); Nótulas sobre o arremesso dos dentes (SANTOS JÚNIOR); Museu Antropológico do Porto (Pág. 347).

Revista bibliográfica:— ATHAYDE (380); AUGUSTO C. PIRES DE LIMA (400); BÉGOUDEN (388); BOUZA-BREY (392); CELESTINO DA COSTA (384); CIPRIANI (382); GERMANO CORREIA (383 e 401); HAVELOCK ELLIS (397); HERNANDEZ PACHECO (386); HOYOS SAINZ (376); HUBERT (395); JALHAY (395); JANKOWSKY (376); LEONÍDIO RIBEIRO (397); LOURENÇO FERNANDES (399); MAC AULIPPE (375); MANNEVILLE (393); MORLET (390); OBERMAIER (394); OLIVEIRA VIANNA (371); «PÁTRIA» (402); PINA (400); PIRES DE LIMA (379); PUCCIONI (381); REYGASSE (387); SAINTYVES (398); SERPA PINTO (389); SUK (382, 385, 386 e 401); SUK & ROZPRYM (380); VERSCHUER (378); V. FONTES (397).